A CABANA

DO

PAI THOMAZ.

II.

PARIS.

IMPRESSO POR W. REMQUET & Co

rue Garancière, n. 5.

A CABANA

DO

PAI THOMAZ

OU

A VIDA DOS PRETOS NA AMERICA.

ROMANCE MORAL

Escripto em inglez por Mrs HARRIETT BEECHER STOWE,

e traduzido em portuguez

POR FRANCISCO LADISLAU ALVARES D'ANDRADA,

Bacharel em Bellas-Lettras, e em Philosophia pela Universidade de Paris, Socio da Academia das Sciencias, Bellas-Lettras, e Artes d'Orléans, Membro da Sociedade dos Antiquarios de França, da de Estatistica Universal, etc.

TOMO SEGUNDO.

PARIS

REY & BELHATTE, MERCADORES DE LIVROS,

Quai des Augustins, 45.

1853

T. II. p. 61.

Achavão-se assim em presença uma da outra duas crianças, representando o mais elevado e o mais infimo gráo da escada social.

A CABANA

DO

PAI THOMAZ.

CAPITULO XVIII.

Experiencias, e opiniões de Miss Ophélie.

Muitas vezes, em seus innocentes pensamentos, o nosso amigo Thomaz, feliz na escravidão, comparava a sua sorte á de José no Egypto; e, a dizer a verdade, á medida que o tempo corria, e que mais se apreciavão as excellentes qualidades do pobre preto, o paralello entre José do Egypto e Thomaz se tornava mais saliente. Adolpho havia sido encarregado até então de fazer as compras para a casa, e como elle era, pelo menos, tão prodigo como seu senhor, o dinheiro corria como agua pelas suas mãos. Thomaz, pelo contrario, acostumado durante muitos annos a considerar como seus proprios os interesses de seu senhor, havia notado, não sem uma impaciencia que lhe custava a reprimir, as extravagantes e superfluas despezas da casa, aventurando por vezes uma timida observação, com esse modo tranquillo e indirecto particular aos escravos. Saint-Clair incumbia-o de tempos a tempos d'algumas compras; mas admirado da sua intelligencia,

e da sua aptidão, em breve depositou n'elle toda a sua confiança, encarregando-o exclusivamente da mórdomia da casa.

— Deixa Thomaz socegado, e a mim tambem! — diz um dia Saint-Clair, respondendo aos queixumes d'Adolpho, que deplorava a perda de suas antigas attribuições. — Tu sabes perfeitamente o que queres comprar; mas Thomaz sabe o prêço das cousas, e o que ellas custão. Se a tua gerencia continuasse, não sei se a minha fortuna, apezar de grande, não faria um dia naufragio!

Investido assim da confiança d'um senhor negligente, que dava as notas do Banco ás mãos cheias, e que recebia o trôco sem nunca contar, Thomaz podia engana-lo fácilmente, e, sem a sua perfeita probidade, fortificada por principios religiosos, talvez tivesse succumbido á tentação. Mas longe d'isso, os seus escrupulos d'honradez augmentavão em proporção da illimitada confiança que se lhe testimunhava.

Não tinha acontecido o mesmo com Adolpho: irreflectido, amante das suas commodidades, entregue a si mesmo por um senhor, que achava mais commodo deixa-lo fazer o que quizesse do que ensina-lo, havia chegado ao ponto de confundir completamente as noções do meu e do teu entr'elle e seu senhor. As cousas tinhão ido tão longe, que Saint-Clair mesmo se havia d'isso apercebido. Tinha demasiado bom senso para não comprehender que era injusto e perigôso tratar assim os seus servidôres; uma espécie de remorso, causado por esta negligencia, mas demasiado fraco para produsir n'elle uma mudança decidida, o perseguia sem cessar. Infelizmente, esse remorso produsia sempre uma reacção no mesmo sentido, e fechava os olhos ás mais graves faltas de seus escravos, porque era obrigado a confessar que, sem a sua nimia negligencia, elles as não commetterião.

O sentimento com que Thomaz contemplava seu senhor, joven, bello, alegre, mesmo um pouco aloucado, era uma curiosa mistura de fidelidade, de respeito, e d'anxiedade pa-

ternal. Não podia dissimular-se o que ninguem ignorava, isto é: que seu senhor nunca lia a Biblia, nem ia á Igreja; que escarnecia das cousas as mais sérias; que passava as noites do domingo no theatro; que frequentava as sociedades d'uma reputação duvidosa, os *clubs*, e as cêas, mais amiudadas vezes do que devia. De tudo isto, Thomaz concluia comsigo mesmo que seu senhor não era christão. Por cousa alguma d'este mundo elle quereria communicar a outrem esta sua opinião, que era para elle um objecto de continuas orações, quando á noite vinha para o seu quarto, pedindo ferverosamente ao céo a emenda de seu tão bom senhor. Todavia, Thomaz não deixava de aventurar alguma palavra, quando achava occasião. Por exemplo, n'um dos domingos de que fallámos, Saint-Clair, convidado por alguns amigos para um alegre banquete, tinha d'ahi sido condusido em braços, depois das duas horas da noite, n'um estado que revelava claramente a victoria dos appetites physicos sobre a natureza intellectual. Tinhão-no entregado aos cuidados de Thomaz, e de Adolpho; mas este, acostumado a taes accidentes, rio da simplicidade de Thomaz, que todo afflicto de vêr assim seu senhor, passou a noite inteira ajoelhado ao pé d'elle, em ferverosas orações.

— Que me queres tu mais, Thomaz? diz Saint-Clair, que, assentado no seu gabinete, acabava de lhe entregar o dinheiro necessario para os gastos da casa. — Não estava tudo em regra, por ventura? ajunta elle, vendo que Thomaz ficava immovel.

— Recêio que não, senhor! respondeo Thomaz, com ar grave.

Saint-Clair deixou cahir o jornal que tinha na mão, e olhou para Thomaz fixamente.

— Vamos, Thomaz! que ha de novo? Pareces tão triste como um caixão de defuncto!

— Estou triste, sim, senhor! Sempre pensei que o senhor seria bom para com todos!...

de tudo em sua casa; mas não lhe tinha dito a verdadeira causa d'essa desordem.

A's quatro horas da manhã do primeiro dia da sua regencia, ja Miss Ophélia estava de pé, e havendo feito a sua cama, e arranjado o quarto, como o havia invariavelmente feito desde a sua chegada, ao grande escandalo da escrava encarregada d'esse serviço, dispôz-se a attacar os armarios, e os gabinetes de que tinha as chaves.

A despensa, a rouparia, a baixella, a cosinha, e a adêga, tiverão n'esse dia uma terrivel revista. Cousas que jazião ha muito tempo nas trévas viram a luz, e os principados e potencias d'essas regiões inferiores começaram a estremecer, havendo por toda a parte murmurios, e quasi revoltas, contra « essas senhoras do Norte. »

A velha Dinah, cosinheira em chéfe, até então verdadeira soberana na sua repartição, não podia conter a cólera, vendo-se ameaçada de perder alguns dos seus privilégios. Nenhum barão feudal dos tempos da Magna-Carta ressentio tão vivamente uma usurpação da Corôa.

Dinah era uma personagem d'esse género, e seriamos injustos para com a sua memoria, se a não fizessemos conhecer um pouco ao leitôr. Havia nascido essencialmente cosinheira, como mãi Chloé, porque esse talento é natural na raça Africana; mas, no em tanto que Chloé era uma cosinheira sábia e methodica, Dinah era um génio, que se tinha desenvolvido por si só, e que, como todos os génios em geral, era audaz, obstinada, e excentrica no supremo gráo.

Semelhante n'isso a certa classe de philosophos modernos, Dinah votava um profundo despreso á logica, e á razão, qualquer que fosse a sua forma; refugiando-se sempre na certeza intuitiva, e ninguem a tirava d'ahi! Eloquencia, authoridade, explicações, tudo era baldado; cousa alguma podia persuadi-la a mudar, ou a modificar, no que quer que fosse, a sua maneira de proceder.

A mãi de Maria tinha-se visto obrigada a ceder, e Miss Mary, como Dinah lhe chamava sempre, mesmo depois do seu casamento, tinha igualmente achado a submissão mais commoda do que a lucta. Dinah havia pois continuado a exercer o poder supremo, o que se lhe tornava muito fácil, conhecendo perfeitamente, como ella conhecia, essa arte diplomatica, que consiste em combinar as maneiras mais agradaveis e submissas com uma extrema obstinação.

Dinah não possuia em menor gráo a sciencia, e a arte da fabricação de desculpas, sendo para ella um verdadeiro axioma, que uma cosinheira nunca podia fazer nada mal. Ora, como n'uma cosinha do Sul esta personagem tem sempre á roda de si abundancia de victimas sobre quem faça recahir qualquer peccado ou falta, não tinha grande difficuldade em manter-se inteiramente immaculada. Se alguma cousa não ia bem no jantar, Dinah achava logo cincoenta excellentes razões d'escusa, e era incontestavelmente a culpa de cincoenta individuos, a quem não poupava as censuras, e os ralhos.

É forçôso porem confessar que raras vezes acontecia deixarem de ser perfeitas as producções culinarias de Dinah. Posto que as suas manipulações fossem particularmente longas e complicadas, e sem nenhuma espécie de calculo, quanto ao tempo e ao lugar; posto que álem d'isso a sua cosinha apresentasse ordinariamente a mesma apparencia d'ordem que se observa sobre um navio no momento da manobra para occorrer a uma subita tempesdade; posto que em fim houvesse para cada utensilio tantos differentes lugares como havia de dias no anno; com tudo, havendo paciencia, tinha-se por fim um bom jantar, preparado de modo a satisfazer o epicurista mais difficil.

Erão horas dos acostumados preparativos do jantar. Dinah, a quem era necessario tempo para as suas reflexões, achava-se ainda assentada no chão da cosinha, de cachimbo na bôca, envôlta n'um expesso fumo de tabaco, entregue ás suas ins-

pirações, e invocando as musas domesticas para as suas producções d'esse dia.

Um exercito de moléques havia occupado depois d'algum tempo differentes posições na cosinha em tôrno do seu general em chéfe, occupados uns a esburgar ervilhas, outros a lavar batatas, outros a depennar differentes aves, etc.

De vez em quando a soberana administrava prompta correcção a qualquer delinquente com uma enorme colher, fazendo assim tremer todos esses demoninhos pretos, que ella julgava terem vindo ao mundo só para lhe obedecerem, e lhe pouparem os passos, segundo a sua expressão.

Miss Ophélia, depois de haver examinado com seu ôlho escrutadôr e reformador as diversas repartições da casa, penetrou n'esse momento na cosinha. Ja varios rumôres havião informado Dinah do que se passava, e resolvida a guardar a defensiva, e a sustentar a todo o custo as sãs tradições, estava igualmente determinada, posto que abstendo-se de combate em forma, a oppôr-se a qualquer innovação, ou attaque á sua authoridade.

A cosinha era mui grande, com uma vasta cheminé á antiga. De balde Saint-Clair havia querido introdusir ahi alguns d'esses tão commodos fogões modernos; nenhum conservadôr, nenhum antiquario, poderia mostrar-se mais zelôso do que Dinah, em proteger os embaraços consagrados pelo tempo.

Quando voltou do Norte, Saint-Clair, admirado da ordem e da regularidade que reinavão na cosinha de seu tio, tinha provido abundantemente a sua de tudo o que podia facilitar a Dinah a imitação de taes virtudes. Mas todo esse augmento de gavetas, de caixas, e d'armarios, só tinha servido a augmentar os esconderijos para as rodilhas, para os pentes, para os chinellos, para as flôres velhas dos chapéos, e para outras miudêzas, que fazião as delicias de Dinah.

Quando Miss Ophélia entrou na cosinha, Dinah não se levantou; continuou a fumar no seu cachimbo com uma su-

blime tranquillidade, sem perder de vista nenhum dos movimentos do inimigo, posto que parecesse occupada d'outra cousa. Miss Ophélia começou por abrir um renque de gavetas.

— Para que serve esta gaveta, Dinah? — pergunta ella.

— Serve para toda a qualidade de cousas, Miss.

Com effeito, o seu conteudo era d'uma extrema variedade.

Miss Ophélia tirou d'ahi primeiramente um bella toalha de mesa adamascada, cheia de nodôas de sangue, e que tinha evidentemente servido a embrulhar a carne crua.

— Que é isto, Dinah?

— Meu Deos! Miss, não podia encontrar uma rodilha, quando isso me veio á mão... Pu-la de parte para a lavadeira, e ahi está porque ella ahi se acha.

Que negligencia! pensou Miss Ophélia.

E continuou com a investigação regular da gaveta.

Encontrou depois um raladôr, e duas ou tres noses muscadas; achou mais: um livro de canticos methodistas, differentes lenços d'assoar sujos, um novello de lã, e uma meia começada a fazer, um cachimbo, e uns poucos d'embrulhos de tabaco picado, alguns biscoitos, dois pires de porcelana dourada com pomada, um ou dois chinellos velhos, um bocado de flanella embrulhando umas poucas de cebôlas, varios guardanapos adamascados, algumas grosseiras rodilhas da cosinha, e enormes agulhas de dar passagens, em fim, uma quantidade de jornaes rasgados, por cujas rasgas sahião differentes ervas que elles continhão, e que se espalhavão pela gaveta.

— Aonde é que põe as muscadas, Dinah? diz Miss Ophélia, com ar de quem pede interioremente a Deos que lhe dê paciencia.

— Mas... quasi por toda a parte, Miss; tenho algumas n'essa chavena quebrada, e outras n'aquella pratelleira.

— Aqui estão outras!

— Sem duvida; pu-las ahi esta manhã, porque gosto de ter ás cousas á mão... Vamos, Jak, que estás tu ahi a bocejar?

Eu t'o direi, deixa estar! ajunta ella, dando um formidavel coque com a sua colher na encarapinhada cabeça do delinquente.

— E que é isto? diz Miss Ophélia, mostrando-lhe um dos pires com pomada.

— É a minha pomada; pu-la ahi para a ter á mão.

— Pois serve-se de pires como estes para isso?

— Estava com tanta pressa, que não sabia o que fazia... mas hoje mesmo tinha tenção de os limpar.

— Aqui estão dois guardanapos adamascados!

— É para irem á lavadeira.

— Pois não tem outro lugar aonde ponha a roupa suja?

— Sim, o senhor comprou uma caixa para isso; mas eu gôsto de fazer as minhas massas sobre a tampa, e de ahi metter outras cousas, de modo que não é facil estar sempre a abri-la.

— E porque não faz as suas massas no lugar proprio para isso?

— Porque é aonde pônho a louça suja, e nunca ahi ha lugar para nada.

— Mas devia lavar a louça logo, e pô-la no seu lugar!

— Lavar a louça! exclama Dinah, cuja biles começava a esquentar-se, e a fazer-lhe esquécer algum tanto as suas estudadas maneiras. — Tomára saber o que é que as senhoras entendem do serviço? Quando é que os senhores terião o seu jantar, se eu me pozesse a lavar a louça, e a pôr tudo em ordem? Em todo o caso, Miss Mary nunca se intrometteo com isso!

— E que querem dizer estas cebolas embrulhadas em flanella?

— Sim senhora! é agora ahi o seu lugar... Ja eu me não lembrava que as tinha ahi posto! São algumas cebolas que escolhi para o guizado do jantar.

Miss Ophélia pegou n'um dos papeis esburacados contendo ervas secas.

— Era melhor que Miss deixasse tudo isso aonde está,

gósto de saber aonde tenho as minhas cousas quando preciso d'ellas.

— Mas para que são estes buracos no papel?

— É para fazer sahir por elles o pó das hervas.

— Não é o pó só que sahe, são ellas tambem que se espalhão pela gaveta.

— Por certo que se hão de espalhar, remechendo tudo assim! Se Miss me quizesse deixar fazer em socêgo a minha limpêza acostumada, veria depois como tudo estava em ordem; mas em quanto alguem está á roda de mim, não sei fazer nada. Vamos, Sam! para que é que dás esse assucareiro á criança?

— Vou passar em revista a cosinha, e pôr tudo em ordem *uma vez;* incumbo-lhe de *manter* sempre essa mesma ordem, tem entendido, Dinah?

— Meu Deos! Miss Phélia! pois isso é trabalho de senhoras? É a primeira vez que vêjo tal cousa! a minha velha senhora, e Miss Mary nunca o fizerão ao menos, e não vêjo que necessidade ha de tal!

E pôz-se a marchar pela cosinha, com ar de majestade indignada, no em tanto que Miss Ophélia emparelhava, e arrumava a louça, vazava n'uma só uma duzia de tijellas de porcellana transformadas em açucareiros, reunia os guardanapos e as toalhas, para mandar tudo á lavadeira; lavava, esfregava, arranjava tudo com as suas proprias mãos, com uma rapidez e uma destreza que deixavão Dinah embasbacada.

— E é assim que fazem as senhoras do Norte! fortes senhoras essas! dizia Dinah a alguns dos seus satéllites. Quando é o meu dia de limpeza, a minha cosinha está em tanta ordem como outra qualquer; mas não quero que me venhão desarranjar!

Para sermos justos para com Dinah, devemos dizer que em épocas regulares ella experimentava verdadeiros attaques de reforma, e d'ordem, que ella chamava os *seus dias de limpêza.* Vião-na então, abrasada de zêlo, despejar gavetas e armarios,

espalhar o seu conteudo no chão, ou sobre as mesas, tornando sete vezes maior a confuzão ordinaria.

Isso feito, acendia o seu cachimbo, e ruminava tranquillamente os seus planos d'arranjo, examinando, e discorrendo sobre tudo, no em tanto que seus jovens acolytos esfregavão vigorosamente as cassarolas de cobre. Durante muitas horas, reinava a desordem a mais completa. Se alguem perguntava o que queria dizer todo esse ruido, a resposta de Dinah estava prompta para todos: *Dia de limpêza,* dizia ella. Pensão por ventura que posso deixar as cousas no estado em que ellas estão? Quanto a esta rapaziada, é necessario d'aqui em diante vigiar que elles tenhão mais ordem!

Porque Dinah illudia-se completamente sobre si mesma. Julgava-se a ordem encarnada, e era essa *rapaziada* só, com os outros habitantes da casa, excepto ella, que impedião que se chegasse á perfeição absoluta a esse respeito. Quando todas as cassarolas resplandecião como ouro, quando as mesas estavão brancas de neve, quando tudo o que podia offuscar a vista estava escondido n'algum obscuro recanto, Dinah procedia á sua *toilette*, ornava a sua encarapinhada cabeça com um lenço de seda de côres, posto em ar de turbante, punha um avental limpo, e dizia a todos os moléques de sahirem da cosinha; porque queria manter as cousas em bom estado.

Estes accéssos periodicos não erão sempre sem inconveniente para toda a familia; porque Dinah apaixonava-se pelas suas lustrosas cassarolas, e não havia quem a decidisse a fazer uso d'ellas em quanto durava o brilho em toda a sua intensidade.

Em poucos dias as diversas repartições do governo da casa se acharam radicalmente reformadas, e sujeitas a uma ordem rigorosa por Miss Ophélia. Mas em tudo o que exigia a cooperação dos escravos, os seus trabalhos parecião-se com os de Sisypho, ou os das Danaïdes. Um dia em que havia perdido a paciencia, veio ter com Saint-Clair, e diz-lhe:

— É impossivel obter ordem n'esta familia!

— Bem o sei, responde Saint-Clair.

— Nunca vi uma desordem, um estrago, uma confusão iguaes!

— Estou por isso.

— Não teria tanta paxôrra, se visse as cousas de perto!

— Minha cara prima, é melhor dizer-lh'o agora, e uma vez por todas; nós, os senhores d'escravos, estamos divididos em duas classes mui distinctas: os oppressôres, e os opprimidos. Os que são de boa composição, e que detestão a severidade, devem resignar-se a muitos inconvenientes. Se estamos resolvidos a guardar entre nós, para nossa propria satisfação, uma quantidade de sêres ignorantes, desestrados e negligentes, é necessario que carreguemos com as consequencias. Vi por vezes, posto que raramente, pessoas, dotadas d'um tacto particular, fazer reinar a ordem, e a regularidade em sua casa, sem nunca recorrerem á severidade. Eu não tenho esse talento, e é por isso que me decidi, ha muito tempo, a deixar ir as cousas como ellas vão. Não quero que malhem de pancadas esses pobres diabos; elles sabem-no, e sabem igualmente que por isso o sceptro está nas suas mãos.

— Quando se pensa que não ha nem tempo, nem lugar, nem ordem para cousa alguma, que tudo vai á rédêa sôlta!...

— Minha cara Vermont, vós outros naturaes do pólo do Norte, attribuis ao tempo um valôr exagerado, extravagante. Quereria que me dissesse para que servirá o tempo a uma pobre creatura que não sabe o que fazer d'elle?

Quanto á ordem e á regularidade, que importa áquelle cuja occupação é vadiar, ou, quando muito, lêr um jornal, estendido sobre um canapé, que o jantar, ou o almôço esteja prompto mais cêdo, ou mais tarde? Veja que magnificos jantares nos faz Dinah: sôpa, guizado, assados, sobremesas, gelados, e tudo o mais, tirando tudo isso do cahos, e da noite profunda da sua cosinha! Seu poder é na verdade cousa sublime, a meu ver! Mas se fôrmos a examinar minuciosamente todos os detalhes das suas manipulações culinarias,

devemos dizer adeos ao appetite. Acredite-me, minha boa prima, não tome esse trabalho, que seria peior que uma penitencia dos primeiros tempos do catholicismo, e servir-lhe-hia de tanto proveito. O resultado que d'ahi tiraria era perder a paciencia, e fazer perder a cabeça a Dinah, o que seria um grande inconveniente para os nossos estomâgos. Deixe-a, que é o melhor!

— Mas é impossivel que imagine, Agostinho, em que estado achei tudo!

— Não imagino! Pois eu não sei que o lugar do rôlo da massa é debaixo da sua cama, e que o raladôr das moscadas anda de companhia na algibeira com o tabaco de fumo? Que ha cincoenta differentes tijelas com assucar, uma em cada canto da cosinha? Que ella alimpa os seus pratos, e as suas cassarolas um dia com uma toalha de mesa, e outro com metade d'uma velha anágoa? Apezar de tudo isso, faz-nos jantares sublimes, e café delicioso; acho por tanto que devemos julga-la como se julgão os guerreiros, e os homens d'Estado, *pelo triumpho.*

— Mas o desperdicio, a despeza!...

— Oh! quanto a isso, fêche tudo o que poder, e guarde a chave; dê as provisões aos poucos, mas abstenha-se prudentemente de perguntar pelo restante.

— Isto inquiéta-me, Agostinho, não posso deixar de pensar que estes criados não são *estrictamente probos*. Está por ventura certo que se pode ter confiança n'elles?

Vendo com que ar sério e preocupado Miss Ophélia fazia esta questão, Agostinho não poude conter-se de rir ás gargalhadas.

Oh! minha prima, que pergunta tão exotica! *Probos!* Como se podessemos esperar isso d'elles! *Probos!* Não, minha prima, não o são; e porque o serião elles? O que é que poderia torna-los taes?

— E porque é que os não ensinão?

— Ensina-los! a graça é boa! que excellentes lições lhes

daria eu, e como isso me ficaria bem ! Quanto a Maria, ella tem bastante vigôr para matar todos os escravos d'uma roça, se a deixassem, isso é incontestavel ! mas ella mesma não poderia impedir os seus roubos.

— Pois não se pode encontrar nenhum honrado ?

— Sim ; de tempos a tempos encontra-se algum que a natureza fez tão simples, tão verdadeiro, e tão fiél, que os peiores exemplos não podem corrompe-lo. Mas lembre-se, que desde a sua infancia o escravo sente e vê que deve fazer tudo ás escondidas. Com seus páis, com sua senhora, com os filhos d'esta, que brincão com elle, é necessario que dissimule com todos. Acostuma-se necessariamente, inevitavelmente, á mentira e á astucia. Não é justo esperar outra cousa d'elle, nem deve ser punido por isso. Quanto á honradez, o escravo está sujeito a um tal estado de dependencia, e de meia infancia, que não é possivel fazer-lhe conceber a idéa de propriedade, e que os bens do seu senhor não sejão seus igualmente, amparando-se d'elles quando pode. Não sei, deveras, como é que elles poderião ser honrados, e fiéis ! Um escravo como Thomaz, é... é um verdadeiro milagre moral !

— E que será das suas pobres almas ? diz Miss Ophélia.

— Quanto a isso, não sei que lhe diga, respondeo Saint-Clair. É doutrina geralmente recebida que ellas são abandonadas ao diabo, por nosso proveito n'este mundo, embora tenhamos a dar d'isso contas no outro.

— É horrivel ! exclamou Miss Ophélia. — Devião envergonhar-se d'um tal proceder !

— É talvez o que fazemos ; apezar de que, não nos falta boa companhia, como acontece a todos os que seguem o caminho largo. Quer olhe para cima, quer para baixo, é sempre a mesma historia : as classes inferiores são infallivelmente esmagadas, corpo e alma, em proveito das inferiores. É o que acontece por toda a parte na Europa ; mas sômos só nós, os Americanos, que sômos contemplados com horrôr, porque fazemos as cousas um pouco differentemente dos outros,

dando differente nome ao nosso despotismo e ás nossas victimas!

— Mas não é assim no Vermont!

— É verdade; na Nova-Inglaterra, e nos Estados livres, sois superiores a nós, concedo...

Mas parece-me que ouço a sineta para o jantar! Vamos a elle, e deixemos de parte os nossos prejuizos do Sul, e do Norte.

Miss Ophélia achava-se na cosinha pela volta da tarde, quando ouvio as crianças gritar:

— Oh! oh! ahi vem a velha Prue a ralhar pelo caminho segundo o seu costume!

Uma preta, alta e magra, entrou pouco depois na cosinha, trazendo á cabeça um cêsto com bôlos de differentes qualidades.

— Que vens cá fazer, Prue? diz Dinah.

A expressão do rôsto de Prue era repugnante, e os seus modos ainda mais.

Assentou-se no chão, pôz o seu cêsto ao pé de si, e appôiando os cotovelhos sobre os joelhos:

— O' Senhor! porque é que ainda me tens n'este mundo? diz ella.

— Que motivo tem para desejar a morte? lhe pergunta Miss Ophélia.

— Para vêr o fim da minha miséria! lhe responde bruscamente a preta, sem levantar a cabeça.

— E porque é que se embebéda continuamente, para depois ser vergalhada? lhe diz uma gentil mulatinha, abanando a cabeça para mostrar os seus brincos de coral.

A preta olhou para ella, com ar triste, dizendo-lhe:

— Talvez ainda te vejas no estado em que eu me vêjo, e estimaria bastante! Gostarias então de beber, como eu, um copo d'agua-ardente para esquécer a tua miséria!

— Vamos, Prue! mostra-nos os teus bôlos, diz Dinah; aqui está Miss, que talvez t'os compre.

Miss Ophélia comprou com effeito a maior parte do conteudo do cêsto.

— Jak! gritou Dinah a um moléque, vai buscar-me a cima d'aquella prateleira uns bilhetes que lá estão.

— Para que são esses bilhetes? perguntou Miss Ophélia.

— Para pagar com elles o que se compra a Prue; porque seu senhor assim o prefére.

— Sim, e quando falta algum, diz a pobre preta, matão-me de pancadas!

— E é bem feito! diz Joana, a gentil mulata; porque se não for assim, o dinheiro que ella recebe é todo para a *marufa*.

— Tomára eu poder beber ainda mais, para me não lembrar do que sôffro!

— Mas é um crime roubar seu senhor, para se embrutecer com a bebida! lhe diz Miss Ophélia.

— É verdade, Miss; mas que quer que eu faça?... porque me não tira Deos d'este mundo?

E a pobre velha levantou-se custosamente do chão, pondo outra vez o seu cêsto á cabeça; mas antes de partir lançou um olhar furibundo á garrida mulatinha, que continuava a sacudir os seus brincos.

— Julgas-te muito bella com os teus penduricalhos nas orelhas, e abanando a cabeça com desdem? lhe diz ella. Não importa; espero que ainda te hades vêr como eu, bebendo, bebendo, até que a bebida te arraste ao inferno.... e será bem feito!

E continuando assim as suas imprecações, partio, a arrastar os chinellos dos pés.

— Horrivel creatura! diz Adolpho, que tinha vindo buscar agua quente para o senhor, se ella me pertencesse, ainda lhe havia dar mais pancadas do que as que leva.

— Seria um pouco difficil, respondeo Dinah; todo o seu corpo é uma chaga viva, e não sei como ella pode supportar o vestido em cima!

— Parece-me, diz Miss Jane, que se não devia permittir que creaturas tão despresiveis viessem a casa de fami-

lias de distincção! Não é verdade, senhor Saint-Clair? — ajunta ella, acenando com a cabeça a Adolpho.

É necessario notar aqui que, álem das differentes cousas pertencentes a seu senhor que Adolpho se apropriava, tinha por costume tambem de tomar o seu nome, e a sua direcção, de modo que, entre os seus conhecimentos na Nova-Orléans, era denominado simplesmente *Mr Saint-Clair*.

— Sou inteiramente do seu parecer, Miss Benoir.

Benoir era o nome de familia de Maria de Saint-Clair, de quem Joana era escrava.

— Seria indiscrição perguntar-lhe, Miss Benoir, se esses lindos brincos são destinados a apparecer no baile d'amanhã á noite?

— E dizem que só as mulheres são curiosas! respondeo Miss Jane, agitando a sua bonita cabeça, e fazendo novamente brilhar os seus brincos. — O que posso dizer-lhe é que não dansarei uma só contradansa com a sua pessoa, Mr Saint-Clair, se me fizer mais perguntas como essa!

— Não hade ter tanta crueldade! E eu que morria de desêjo de perguntar-lhe igualmente se faria a sua entrada no baile com aquelle bello vestido encarnado, que lhe fica tão bem?...

— De que é que se trata? diz com vivacidade Rosa, outra gentil mulata, que acabava d'entrar na cosinha.

— É Mr Saint-Clair que se dá uns ares!...

— Tomo-a por meu juiz, Miss Rosa!

— Sei perfeitamente, diz esta, lançando um olhar gaiato a Adolpho, que elle é por vezes assaz atrevido, e que eu mesma me tenho visto obrigada de vez em quando a pô-lo no seu lugar!

— Ah! senhoras! senhoras! exclama Adolpho, querem dar cabo de mim! um d'estes dias achar-me-hão morto de paixão, e a culpa será sua!

— Vio-se nunca um maganão igual! dizem as duas raparigas, a rir.

— Vamos, fóra d'aqui todos! diz Dinah, impacientada com o palavriado das tres pretenciosas creaturas. —Vão tagarellar para outra parte!

— Dinah está de máo humôr, respondeo Rosa, porque não pode ir ao baile.

— Importão-me bem pouco os vossos bailes de mulatos, com todas as vossas imposturas, querendo-se fazer passar por brancos, quando são tão pretos, e tão escravos como eu!

— Entretanto, diz Joana, não ha dia em que Dinah não unte de pomada a sua carapinha!

— Que apezar dos seus esforços, sempre fica riçada carapinha! ajunta Rosa, sacudindo maliciosamente os longos anneis de seus finos e lustrosos cabellos.

— Por ventura aos olhos de Deos a carapinha não vale tanto como os cabellos? Perguntem á senhora quem vale mais, se umas estouvadas como vocês, ou uma mulher de pêso como eu!

Vamos, saihão d'aqui quanto antes, que não posso supportar a sua presença!

A conversa foi interrompida n'este momento por dois modos: ouvio-se a voz de Saint-Clair chamando por Adolpho, e dizendo-lhe, se queria faze-lo esperar pela sua agua para a barba até ao outro dia; e Miss Ophélia chamando pelas duas jovens mulatas, toda enfadada da sua negligencia.

O nosso amigo Thomaz tinha ouvido na cosinha a conversa de Miss Ophélia e dos escravos com a pobre velha preta Prue, e havia-a seguido na rua, ouvindo os seus dolorosos gemidos, e as suas imprecações. Vio-a parar ao pé d'uma escada, aonde pôz o seu cêsto, em quanto arranjava os farrapos que a cobrião.

— Eu lhe levo o seu cêsto até á sua casa, lhe diz Thomaz, compadecido.

— Para que? lhe responde a preta. — Não precizo que me ajudem.

— Parece soffrer tanto! replicou Thomaz.

— Não sôffro nada, respondeo ella secamente.

— Desejava poder persuadi-la a não beber tanto, continuou Thomaz, apezar do máo acolhimento da preta; isso será a perdição tanto do seu corpo, como da sua alma!

— Bem sei que hei-de ir para o inferno, não preciso que m'o digão, respondeo a velha.

Sou fêia, sou nojenta, sou má, o meu lugar é no inferno, e tomára eu ja lá estar!...

Thomaz estremeceo ao ouvir estas horriveis palavras, pronunciadas com tanta animação e amargura.

— Pobre creatura! Deos tenha compaixão de ti! Nunca ouvio fallar de Jesus-Christo?

— Jesus-Christo! quem é elle?

— É o *Senhor!* respondeo Thomaz.

— Parece-me, com effeito, que ouvi antigamente fallar d'um *Senhor*, de céo, e d'inferno!...

— Mas ninguem lhe disse ainda que Nosso Senhor Jesus-Christo nos tinha amado, a nós peccadôres, e que tinha morrido por nós?

— Não sei nada d'isso! responde a velha; ninguem ainda me amou, desde que morreo meu pobre marido!

— Aonde é que foi educada, ou viveo primeiramente?

— No Kentucky, aonde um homem me guardava para vigiar as crianças, destinadas á venda, apenas desmamadas. Fui por fim vendida eu mesma a um traficante d'escravos, a quem o meu actual senhor me comprou.

— E porque é que contrahio esse habito de se embebedar?

— Para esquécer as minhas misérias! Tive um filho depois que estou aqui; parecia-me que m'o deixarião, porque o meu senhor não se dá ao commercio dos escravos. Era o mais bello filho que ainda tinha tido! A minha senhora parecia gostar muito d'elle, não só pela sua gentileza, mas porque nunca chorava, crescendo como uma flôr. Mas a senhora cahio doente, foi-me necessario tratar d'ella, e apanhei uma

febre que me secou o leite. O meu filhinho desperecia de tal modo, que ja não tinha mais que a pelle sobre os ossos; a senhora não queria comprar leite para elle, dizendo que podia comer o que os outros comião! A criança definhava cada vez mais, e não podia deixar de chorar; a senhora tomou-o em aversão, dizendo que desejava ja vê-lo môrto, porque me impedia de fazer o meu trabalho como devia. Fez-me dormir só no seu quarto, obrigada a abandonar meu filho n'uma agua-furtada mui distante, aonde uma noite soffreo, e chorou tanto, que pela manhã achei-o môrto!... Sim, môrto d'abandôno!... Dei-me então á bebida para esquécer a minha tristeza, e continuarei a beber até que va para o inferno, que não pode ser peior do que aquelle aonde vivo!..

— Ah! pobre creatura! exclama Thomaz. — Pois não sabe que Jesus-Christo, que morreo para nos salvar, pode ainda soccorre-la, fazendo com que ache no céo um repouso eterno?

— Estou em bello caminho, na verdade, para ir para o céo! responde a velha. — Se lá ha tambem brancos, antes quéro ir para o inferno!

E exhalando um profundo suspiro, pôz o seu cêsto á cabeça, e partio.

Thomaz tornou tristemente para casa, encontrando, ao entrar no páteo, a linda Eva, com uma corôa d'angélicas na cabeça, radiosa d'alegria!

— És tu, Thomaz, estimo bastante de te encontrar! Papa diz que podes sellar os *poneys*, para darmos um passeio no meu novo carrinho descoberto. Mas que tens tu, que pareces tão triste?

— Estou triste, é verdade, Miss Eva; mas eu vou preparar os cavallinhos.

— Dize-me o que tens, Thomaz! eu bem te vi fallar á velha Prue...

Thomaz contou então a Eva, no seu ingénuo e sério estylo, a historia da pobre velha.

Eva não fez exclamações, não manifestou admiração, nem chorou, como talvez terião feito outras crianças da sua idade; tornou-se pálida, ao ouvir a narração de Thomaz, seus bellos olhos cobriram-se d'um véo, tomou um ar sério, cruzou as mãos sobre o peito, e ficou assim por alguns momentos entregue uma profunda meditação; mas parecendo accordar de repente, diz com decisão a Thomaz :

— É inutil ir preparar os cavallos, porque não sahirei a passeio.

— E porque, Miss Eva?

— Porque o que acabo de ouvir fez-me mal, e não me acho disposta a divertir-me.

E virando as costas, entrou em casa.

Alguns dias depois veio outra velha com os bôlos que Prue costumava trazer, achando-se n'esse momento Miss Ophélia na cosinha.

— Porque é que não vem a pobre Prue! diz Dinah.

— Prue não tornará a vir.... respondeo a mulher com ar mysterioso.

— Mas porque? morreria ella?

— Não podêmos dize-lo; o que sei é que ella ficou na sua cabana....

Quando Miss Ophélia partio com os bôlos que havia comprado, Dinah instou com a mulher para que lhe dissesse o que era feito da pobre Prue.

A mulher parecia recêiar, e ao mesmô tempo desejar fallar, dizendo por fim em voz baixa :

— Guarde-me segredo! Prue, tendo-se novamente embebedado, deitaram-na n'um subterraneo, depois de muito batida, aonde ouvi dizer que os bichos e as moscas lhe cobrião o corpo, e que tinha morrido.

Dinah levantou as mãos ao Céo, e, ao virar-se, vio a seu lado o aério rôsto de Evangelina, com os seus grandes olhos ainda mais dilatados pelo horrôr, e com as faces e os labios d'uma palidez mortal.

— Deos nos ajude! exclama Dinah. — Miss Eva vai desmaiar!... Para que é que escutâmos semelhantes historias! Seu pai vai ficar furioso contra nós!...

— Não desmaiarei, Dinah, diz a angélica creatura, com firmeza. Porque é que eu não poderei ouvir o que outra creatura de Deos poude soffrer?

— Meu Deos! mas estas historias não são para meninas delicadas como vós, Miss Eva!...

A narração de horrôres semelhantes pode mata-las!

Eva suspirou, e partio, com passo lento, e triste.

Miss Ophélia veio perguntar, toda inquiéta, o que é que tinhão dito a Eva.

Dinah fez uma narração mui diffusa do que a mulher tinha dito a respeito da pobre Prue, e que Miss Eva tinha ouvido, sem ella o saber. Thomaz ajuntou a esta narração as circunstancias que tinha ouvido da propria bôca da victima.

— É indigno! é horrivel! exclama Miss Ophélia, entrando no quarto aonde Saint-Clair estava estendido sobre um canapé a ler o seu jornal.

— Que nova iniquidade veio a descobrir, minha prima? lhe diz elle.

— Nada de novo, senão que mataram barbaramente, á força de pancadas, a pobre velha preta Prue! respondeo Miss Ophélia, contando, com todos os seus detalhes, essa revoltante barbaridade.

— Sempre julguei que havia acabar por isso! respondeo Saint-Clair, continuando a ler o jornal.

— Sempre o pensou, e não fez nada para o evitar! diz Miss Ophélia, indignada. — Pois não ha aqui magistrado, nem ninguem que tome conhecimento d'um caso d'estes?

— Julga-se geralmente que o interesse mesmo do proprietario é uma garantia sufficiente para taes casos. Se ha quem queira destruir a sua propriedade, que se lhe hade fazer? Parece que a pobre creatura era ladra e bebeda; não se pode esperar muita sympathia em seu favôr!

— É uma infamia! é horrivel, Agostinho! Uma barbaridade e um desleixo assim devem attrahir infallivelmente a vingança celeste!

— Minha cara prima, eu não tenho culpa d'isso, nem posso remedia-lo. Se gente despresivel e bruta quer obrar despresivelmente e brutalmente, que lhe heide eu fazer? São livres, são déspotas irresponsaveis; por conseguinte seria perfeitamente inutil intrometter-nos n'isso, pois que não existe lei alguma que tenha um valôr prático em taes casos. O que ha de melhor a fazer é tapar os olhos e os ouvidos, e deixar ir!

— Fechar os olhos e os ouvidos a horrôres semelhantes!..

— E que quer que eu lhe faça? Temos, d'um lado, uma classe inteira, classe aviltada, ignorante, preguiçosa, insolente, propriedade, corpo e alma, dos que formão a maioria da nossa sociedade. D'outra parte, essa maioria não tem nem principios, nem rasão; não comprehende os seus verdadeiros interesses, como acontece a metade do género humano. Em uma sociedade organisada d'este modo, que pode fazer um homem, cujos sentimentos são humanos e honrados, se não fechar os olhos, e endurecer seu coração quanto lhe for possivel? Eu não posso ir comprar todos os miseraveis que encontro, nem fazer-me o cavalheiro errante de todas as injustiças que se commettem n'uma grande cidade como esta! Tudo o que posso fazer é de evitar o mais possivel o expectaculo d'essas scenas que me affligem.

O bello rôsto de Saint-Clair pareceo por um momento obscurecido d'um luctuoso véo; mas recuperando em breve o seu alegre sorrizo, continuou:

— Vamos, minha prima, não fique assim como uma das tres Parcas! Ainda não levantou senão uma ponta do véo; ainda não tem senão uma amostra do que todos os dias acontece, debaixo d'uma forma, ou d'outra! Se quizessemos aprofundar tudo o que ha de sinistro na vida, não teriamos coração para mais nada!

É como se fossemos examinar de perto os detalhes da cosinha de Dinah!

E Saint-Clair, estendendo-se de novo sobre o canapé, continuou a leitura do seu jornal.

Miss Ophélia assentou-se, tirou da algibeira a sua mêia, e pôz-se a trabalhar, com o rôsto contrahido d'indignação. As agulhas ião a *marche-marche;* mas o volcão interior continuava a arder, fazendo por fim explosão d'este modo :

— Declaro-lhe, Agostinho, que não é possivel resignar-me a isto! É abominavel defender um tal systema, como você faz! É esta a minha opinião, embora se escandalize!

— Que é? — diz Saint-Clair, levantando os olhos do jornal. — Temos sempre a mesma historia?

— Torno a repetir, Agostinho, que é uma abominação defender um semelhante systema! exclama Miss Ophélia, quasi furibunda.

— Defender eu esse systema! quem lhe disse isso, minha cara prima?

— Defende-o naturalmente, como todos os outros habitantes do Sul! Porque é que tem escravos, se não defende o systema da escravidão?

— Que amavel innocencia! respondeo Saint-Clair, rindo. — Pois pensa que n'este mundo nunca se obra em sentido inverso d'aquillo que se julga ser justo? Nunca lhe acontéce, ou nunca lhe aconteceo por ventura fazer o que não julgava ser inteiramente bem?

— Quando isso me acontéce, arrependo-me ao menos! respondeo Miss Ophélia, fazendo mover as suas agulhas com duplicada energia.

— Pois acontéce-me o mesmo, diz Saint-Clair, ao passo que descascáva uma laranja; — arrependo-me antes, durante, e depois da acção.

— E porque continua a faze-lo?

— E nunca lhe aconteceo de continuar a fazer o mal depois de se ter d'elle arrependido, minha bôa prima?

— Talvez; mas é necessario para isso uma grande tentação!

— Pois eu tambem tenho grandes tentações, e é d'ahi que vem a difficuldade!

— Mas eu tomo sempre a resolução de não continuar com o mal.

— Ha mais de dez annos que eu tomo d'essas resoluções; mas não sei como acontéce, que quasi nunca as executo! Ja renunciou a todos os seus peccados, minha prima?

— Primo Agostinho, diz Miss Ophélia, com seriédade, e pondo de parte a meia; — mereço, por certo, que me deite em cara as minhas faltas; o que me diz é a pura verdade, ninguem mais do que eu o conhêce; todavia, parece-me que sempre ha uma pequena differença entre nós. Quereria antes cortar uma de minhas mãos do que fazer incessantemente aquillo que julgo um peccado. Mas, infelizmente, a minha conducta está tão pouco em harmonia com os meus principios, que não devem admirar-me as suas observações!

— Oh! pelo amôr de Deos, minha prima! diz Saint-Clair, assentando-se no chão, e encostando a cabeça sobre os joelhos de Miss Ophélia; — pelo amôr de Deos, não falle mais d'um modo tão solemne! Bem sabe que maganão eu tenho sido toda a minha vida! Gosto de a contrariar, para lhe ver assumir o seu grande ar sério, e ahi está tudo. Estou persuadido que é d'uma bondade atterradôra, que me faz envergonhar quando n'ella penso!

— Não é objecto de rir, meu caro Agostinho! diz Miss Ophélia, pondo a mão sobre a testa do seu parente querido.

— É lamentavelmente sério, bem o sei! diz elle — e... não gósto, deveras, de tratar de objectos sérios, quando faz tanto calôr. Atormentado pelos mosquitos, e por todos os outros animaes incommodos, um pobre diabo não pode elevar-se a tão sublimes considerações moraes e philosophicas, e julgo...

Saint-Clair alevantou-se de repente ao dizer estas palavras:

— Mas eis uma theoria que acabo de descobrir! Agora comprehendo porque é que as nações do Norte são sempre mais virtuosas que as do Meiodia, tudo isso se me explica agora perfeitamente!

— O' Agostinho! nunca hade deixar de ser um estouvado!

— Devéras! Assim será, pois que assim o diz; mas agora vou fallar sério! Antes d'isso, faça favôr de me alcançar aquelle cêsto de laranjas. Vejamos, continua elle, começando a esburgar uma laranja. — Vou principiar o meu discurso: Quando, no estado actual da sociédade, se torna necessario que um pobre homem tenha em captiveiro duas ou tres duzias de bichos, seus irmãos, o respeito devido aos usos estabelecidos exige...

— Não vêjo que queira fallar mais sériamente! — diz Miss Ophélia.

— Paciencia, isso virá com o tempo, escute! Para manifestar tudo o que penso, prima, diz elle (tomando de repente o seu rôsto uma expressão séria e commovida), não pode haver, estou certo, senão uma maneira de pensar a respeito da questão abstracta da escravatura. Os senhores d'engênho, que ganhão com isso dinheiro; os eccleziasticos, que lhes querem agradar; os homens d'Estado, que fazem d'esse tráfico um meio do governo, podem desfigurar e alterar a linguagem, e as leis da moral, de modo a inspirar ao mundo uma profunda admiração pela sua habilidade; podem estorcer a doutrina da Biblia em beneficio do seu systhema; mas, no fundo, nem elles, nem ninguem acredita em tal. A escravidão foi uma invenção do diabo, é o que se pode dizer de mais claro, a meu vêr; e foi uma das bonitas amostras do seu talento!

Miss Ophélia deixou cahir das mãos a mêia, e pareceo surpresa; Saint-Clair, gozando d'essa surpresa, continuou:

— Não esperava ouvir-me fallar assim? Mas escute-me attentamente até ao fim, e saberá! Esta horrivel instituição, amaldiçoada de Deos, e dos homens, que é ella por fim de

contas? Dispa-a de todos os seus ornamentos, aprofunde-a até á raiz, e veja o que ella é! Que! porque um de meus irmãos é ignorante e fraco, e porque eu sou instruido e forte, devo apoderar-me de tudo o que elle possue, inclusivamente de seu corpo e alma! Todo o trabalho rude, sujo, desagradavel, será feito por elle; porque eu não gosto de trabalhar, nem que o sol me toste. Meu irmão, esse sim, trabalhará, exposto aos ardentes rayos do sol; ganhará dinheiro para eu contentar os meus appetites e as minhas paixões; levar-me-ha ás costas, para que eu me não cance, ou suje os pés na lama; fará a minha vontade, e não a sua, durante toda a vida, e no fim de tudo, terá talvez a fôrtuna de ir para o Céo, se eu lh'o permittir ainda! Eis o que é, pouco mais ou menos, a escravidão, a meus olhos. Desafio quem quer que seja de me dizer que não é este o verdadeiro sentido do nosso codigo de leis sobre a escravidão! Fallão dos abusos da escravidão; que loucura! A cousa é ella mesma a essencia de todos os abusos! E a unica razão porque não vemos este paiz submergir-se por causa de semelhantes monstruosidades, como Sodôma e Gomorrha, é porque o uso é commummente menos máo que a cousa mesma. Por compaixão, por prudencia, talvez tambem porque sahimos do ventre de mulheres, e por ellas fomos criados, e não por animaes ferozes, é que não queremos, ou não ousamos fazer uso sempre do poder absoluto que nos dão as nossas leis selvagens. Os que vão mais longe, os mais cruéis, ainda assim não attingem os limites do poder que lhes dão as leis!

Saint Clair tinha-se levantado, e, segundo o seu costume, quando se achava excitado por qualquer motivo, passeava pela casa a passos largos. Seu bello rôsto, classico como o d'uma estátua grega, estava inflammado pelo ardôr de seus sentimentos; seus grande solhos azues lançavão chammas; seus géstos tinhão-se tornado involuntariamente apaixonados, e Miss Ophélia, que nunca o tinha visto d'esse modo, estava como absôrta em contemplação.

— Declaro-lhe, diz elle, parando de repente diante d'ella (posto que saiba que é uma asneira pensar e fallar em tal), que muitas vezes disse comigo : que se este paiz podesse submergir-se, ou desapparecer da face do globo de outro qualquer modo, e com elle estas injustiças, e todas estas misérias, pouco me importava desapparecer com elle igualmente !

Quando viajo, e que penso que cada um d'esses homens brutaes, vis, nojentos, depravados, que encontro a cada passo, tem o direito, segundo as nossas leis, de exercer um poder absoluto sobre tantos homens, mulheres e crianças, quantos elle poder comprar com o dinheiro que roubou, ou que possue injustamente ; quando vejo taes homens possuir tenros meninos, bellas e innocentes raparigas, arrancadas dos braços de suas mãis, mulheres separadas de seus maridos, sinto-me disposto a amaldiçôar o meu paiz, e a raça humana !

— Agostinho ! Agostinho ! basta ! diz Miss Ophélia. — Nunca ouvi nada semelhante, mesmo no Norte !

— No Norte ! replica Saint-Clair, com uma subita mudança na sua expressão, e tornando quasi ao seu tom habitual de zombaria. — Pois os habitantes do Norte são lá capazes de se enthusiasmar por cousa alguma ! O seu sangue é tão frio como o seu clima, e como tudo ahi !

— Mas, para tornar á questão... diz Miss Ophélia.

— A questão ! ah ! sem duvida, é necessario tornar á questão. Diabo de questão, na verdade ! Se me pergunta como é que eu me vi redusido a este estado de miséria ? — Responder-lhe-hei com essas bôas palavras que outr'ora me ensinava aos domingos, quando eu era pequeno : Vi-me redusido a isso : « porque fui concebido, e nascido no peccado. »

Os meus escravos pertencião a meu pai, e, o que é mais, a minha mãi ! agora pertencem-me a mim, elles e a sua progenitura, que não é tão pequena cousa com o andar dos tempos ! Meu pai, como sabe, tinha vindo da Nova-Inglaterra, e pare-

contas? Dispa-a de todos os seus ornamentos, aprofunde-a até á raiz, e veja o que ella é! Que! porque um de meus irmãos é ignorante e fraco, e porque eu sou instruido e forte, devo apoderar-me de tudo o que elle possue, inclusivamente de seu corpo e alma! Todo o trabalho rude, sujo, desagradavel, será feito por elle; porque eu não gosto de trabalhar, nem que o sol me toste. Meu irmão, esse sim, trabalhará, exposto aos ardentes rayos do sol; ganhará dinheiro para eu contentar os meus appetites e as minhas paixões; levar-me-ha ás costas, para que eu me não cance, ou suje os pés na lama; fará a minha vontade, e não a sua, durante toda a vida, e no fim de tudo, terá talvez a fôrtuna de ir para o Céo, se eu lh'o permittir ainda! Eis o que é, pouco mais ou menos, a escravidão, a meus olhos. Desafio quem quer que seja de me dizer que não é este o verdadeiro sentido do nosso codigo de leis sobre a escravidão! Fallão dos abusos da escravidão; que loucura! A cousa é ella mesma a essencia de todos os abusos! E a unica razão porque não vemos este paiz submergir-se por causa de semelhantes monstruosidades, como Sodôma e Gomorrha, é porque o uso é commummente menos máo que a cousa mesma. Por compaixão, por prudencia, talvez tambem porque sahimos do ventre de mulheres, e por ellas fomos criados, e não por animaes ferozes, é que não queremos, ou não ousamos fazer uso sempre do poder absoluto que nos dão as nossas leis selvagens. Os que vão mais longe, os mais cruéis, ainda assim não attingem os limites do poder que lhes dão as leis!

Saint Clair tinha-se levantado, e, segundo o seu costume, quando se achava excitado por qualquer motivo, passeava pela casa a passos largos. Seu bello rôsto, classico como o d'uma estátua grega, estava inflammado pelo ardôr de seus sentimentos; seus grande solhos azues lançavão chammas; seus géstos tinhão-se tornado involuntariamente apaixonados, e Miss Ophélia, que nunca o tinha visto d'esse modo, estava como absôrta em contemplação.

— Declaro-lhe, diz elle, parando de repente diante d'ella (posto que saiba que é uma asneira pensar e fallar em tal), que muitas vezes disse comigo : que se este paiz podesse submergir-se, ou desapparecer da face do globo de outro qualquer modo, e com elle estas injustiças, e todas estas misérias, pouco me importava desapparecer com elle igualmente !

Quando viajo, e que penso que cada um d'esses homens brutaes, vis, nojentos, depravados, que encontro a cada passo, tem o direito, segundo as nossas leis, de exercer um poder absoluto sobre tantos homens, mulheres e crianças, quantos elle poder comprar com o dinheiro que roubou, ou que possue injustamente ; quando vejo taes homens possuir tenros meninos, bellas e innocentes raparigas, arrancadas dos braços de suas mãis, mulheres separadas de seus maridos, sinto-me disposto a amaldiçôar o meu paiz, e a raça humana !

— Agostinho ! Agostinho ! basta ! diz Miss Ophélia. — Nunca ouvi nada semelhante, mesmo no Norte !

— No Norte ! replica Saint-Clair, com uma subita mudança na sua expressão, e tornando quasi ao seu tom habitual de zombaria. — Pois os habitantes do Norte são lá capazes de se enthusiasmar por cousa alguma ! O seu sangue é tão frio como o seu clima, e como tudo ahi !

— Mas, para tornar á questão... diz Miss Ophélia.

— A questão ! ah ! sem duvida, é necessario tornar á questão. Diabo de questão, na verdade ! Se me pergunta como é que eu me vi redusido a este estado de miséria ? — Responder-lhe-hei com essas bôas palavras que outr'ora me ensinava aos domingos, quando eu era pequeno : Vi-me redusido a isso : « porque fui concebido, e nascido no peccado. »

Os meus escravos pertencião a meu pai, e, o que é mais, a minha mãi ! agora pertencem-me a mim, elles e a sua progenitura, que não é tão pequena cousa com o andar dos tempos ! Meu pai, como sabe, tinha vindo da Nova-Inglaterra, e pare-

cia-se exactamente com o seu, isto é, era um Romano dos tempos antigos, direito, enérgico, generôso, e com uma vontade de ferro. Seu pai ficou na Nova-Inglaterra, para reinar sobre rochêdos e pedras, arrancando á força á natureza o pão da sua familia... O meu veio estabelecer-se na Luisiana, para governar homens e mulheres, e arrancar-lhes tambem a sua subsistencia. Minha mãi! — diz Saint-Clair, levantando-se, e approximando-se d'um quadro pregado na opposta parede da sala, que contempla por um instante com uma expressão da mais viva saudade — minha mãi era divina! Não se escandalize d'esta expressão, porque bem sabe o que ella significa. Convenho que pertencesse á raça humana, mas, que eu saiba, nunca houve n'ella vestigio de fraquêza, ou de êrro. Todos os que d'ella ainda se recordão, escravos ou livres, criados, amigos, conhecidos, parentes, todos lhe dirão o mesmo. Olhe, minha prima, foi esta mãi, que só, durante muito tempo, me preservou da incredulidade! Ella era para mim a personificação do Evangelho, uma prova viva da sua verdade. O' minha mãi! minha mãi!... diz Saint-Clair, com as mãos postas, e na maior exaltação.

Tranquillisando-se pouco a pouco, e deixando a custo a contemplação do retrato de sua mãi, foi assentar-se sobre um sofá, aonde continuou :

Meu irmão, e eu eramos gémeos; dizem que os gémeos devem parecer-se; mas nós differiamos um do outro a todos os respeitos : elle tinha os olhos pretos e ardentes, o cabello preto como azeviche, um bello profil romano, forte e accentuado, e uma tez trigueira e vigôrosa; eu tinha os olhos azues, o cabello louro, o typo grego, e a carnação delicada.

Elle era activo e observadôr, eu pensativo e negligente. Elle era generôso com os seus amigos, e os seus iguaes; mas orgulhôso, dominadôr, exigente para com os seus inferiores, e terrivel para com tudo que lhe resistia. Eramos ambos verdadeiros, elle, por orgulho e por audácia; eu, por uma sorte de

idealidade abstracta. Amavamo-nos como os irmãos se amão de ordinario, isto é, caprichosamente; elle era o favorito de meu pai, eu era o de minha mãi.

Eu era dotado d'uma sensibilidade extrema, e d'uma grande vivacidade d'impressões sobre toda a qualidade de objectos, qualidades ou defeitos com que nem meu pai, nem meu irmão podião sympathizar, e que só minha mãi comprehendia.

Quando alguma vez me acontecia enfadar-me com Alfredo, e que meu pai olhava para mim com o seu olhar sevéro, ia logo refugiar-me no quarto de minha mãi, e assentar-me ao pé d'ella. Parece-me vêr ainda o seu pallido e doce rósto, o seu olhar tão terno, tão profundo, tão sério, bem como o seu vestido branco!... Trazia sempre um vestido branco, e fazia-me lembrar essas santas figuras, trajando longas vestes brancas, de que trata o Apocalypse!

Possuia todos os talentos, o da musica sobre tudo, passando muitas horas ao seu piano, a tocar a musica grave e antiga da Igreja catholica, cantando com uma voz, mais semelhante á d'um anjo que á d'uma mulher. Eu encostava então a minha cabeça sobre seus joelhos, e assim ficava por muito tempo entregue ás minhas reflexões, e aos meus ternos sentimentos. Oh! que de cousas, que não têem nome, e que eu não poderei explicar, me passavão então pela mente!

N'esse tempo a escravatura não era um objecto de discussão como agora, ninguem pensava em achar n'isso o menor mal.

Meu pai era um aristocrata em toda a força da palavra. Julgo que, em alguma existencia anterior, elle devia ter figurado no numero dos espiritos da ordem mais elevada, e que havia trazido comsigo, na actual, todo o orgulho da sua antiga casta; porque esse orgulho era-lhe inherente, estava na moella dos seus ossos, posto que meu pai pertencesse a uma familia pobre, e peãa. Meu irmão havia sido creado inteiramente á sua imagem.

Um aristocrata, bem o sabe, em qualquer parte do mundo que se ache, não conhece nenhuma sympathia humana fóra d'uma certa linha de demarcação. Essa linha differe segundo os diversos paizes; mas quaesquer que sejão as distincções, os aristocratas de toda a parte nunca a ultrapassão.

O que seria uma desgraça, uma atroz injustiça na sua propria casta, em outra, é cousa natural. A linha de demarcação de meu pai era a côr. *Com os seus iguaes*, nunca houve homem mais justo, mais generôso do que elle; mas olhava o preto, em todas as possiveis gradações da sua côr, como uma espécie d'intermediario entre o homem e o bruto, baseando todas as suas idéas de justiça e de generosidade sobre esse principio.

Estou certo que se alguem lhe perguntasse se os pretos tinhão uma alma immortal como os brancos, elle hesitaria, tossiria antes de responder, dizendo por fim: pode ser! Mas meu pai não era homem que se occupasse d'espiritualismo; toda a sua religião consistia n'um certo respeito para com Deos, como chéfe das classes superiores. Meu pai occupava quinhentos escravos, pouco mais ou menos. Era inflexivel, exigente, e minucioso nos negocios; tudo se devia fazer systhematicamente, com uma precisão e uma exactidão rigorosas. Se considerar que essa ordem havia ser mantida por um regimento de pretos mentirosos, preguiçosos, negligentes, que tinhão passado toda a sua vida na impossibilidade absoluta de aprenderem outra cousa mais do que escapar á ordem, e ao trabalho, comprehenderá que era forçôso passarem-se no engenho em que viviamos cousas afflictivas e horriveis para uma criança sensivel como eu era.

A'lem d'isso, meu pai tinha por administradôr um latagão, com pulsos de ferro, um verdadeiro renegado do Vermont (desculpe se a offendo!), que tinha feito um estudo profundo da durêza e da brutalidade, e que tinha tomado os seus gráos antes de ser admittido a praticar. Minha mãi não

podia soffrê-lo, nem eu tão pouco; mas havia adquirido sobre meu pai um ascendente extraordinario, tornando-se o soberano absoluto do engenho (1).

Era eu então ainda uma criança, mas ja sintia como agora o mesmo amôr pela humanidade, debaixo de todas as suas formas, isto é, uma espécie de paixão pelo estudo da natureza humana. Andava continuamente pelas cabanas dos pretos, e pelos campos, ou no engenho aonde elles trabalhavão, tornando-me assim o seu favorito, e o confidente das suas queixas. Vinha logo communica-las a minha mãi, formando d'este modo entre nós ambos uma sorte de sociédade para a reparação das injustiças.

Alcançámos assim impedir, ou mitigar um grande numero de crueldades, e felicitava-mo-nos do bem que haviamos feito, quando, como acontéce muitas vezes, o meu zêlo excedeo os limites. Stubbs queixava-se a meu pai que ja não podia ter autoridade sobre os escravos, e que antes queria renunciar ao seu lugar.

Meu pai era um marido terno e indulgente; mas ao mesmo tempo não recuava diante de cousa alguma que julgava necessaria. Desde então interpôz-se como um rochêdo entre nós e os escravôs. Significou a minha mãi, n'uma linguagem cheia de deferencia e de respeito, mas ao mesmo tempo assaz positiva para não admittir observações, que ella era inteiramente senhora dos escravos *da casa*; porem que não devia ter nada a fazer com os do engenho. Meu pai adorava e respeitava sua

(1) Como este meu trabalho é principalmente destinado para o Brasil, aonde a admiravel obra de Mrs Stowe pode e deve ser mais apreciada que em parte alguma, por isso adoptei os termos proprios d'aquelle paiz, como, por exemplo, este *d'engenho*, que talvez algum leitôr da Europa não saiba que quer dizer, em lingua Brasileira, fabrica aonde se manipula o assucar, e aonde vive ordinariamente o senhor d'ella com os seus numerosos escravos.

mulher, mas teria dito a mesma cousa á Virgem Maria, se ella se achasse em opposição com o seu systhema.

Por vezes ouvi minha mãi discutir com elle dócilmente, procurando excitar as suas sympathias. Escutava todos esses raciocinios, todas esses pathéticas appellações a seu coração, com uma polidez, e um sangue frio desoladôres. — Toda a questão reduz-se a isto, dizia elle : separar-me-hei de Stubbs, ou guarda-lo-hei? Stubbs é a ponctualidade, a honradez, a actividade em pessoa ; tem uma grande intelligencia dos negocios, e não é mais barbaro para com os escravos que os outros administradôres em geral.

Não podemos aspirar á perfeição, e se o conservo, é necessario sustentar a sua administração *no todo*, quando mesmo haja alguma pequena cousa a censurar. Todo o governo exige alguns actos necessarios de rigôr, para exemplo ; as regras geraes não podem dobrar-se a casos particulares. Esta ultima maxima parecia a meu pai uma escusa sufficiente para todos o casos de crueldade de que lhe fallavão. Quando uma vez a tinha pronunciado, estendia-se sobre um canapé, como um homem que fez a sua obrigação, pondo-se a dormir tranquillamente, ou a lêr o seu jornal.

Meu pai possuia exactamente o género de qualidades que constituem o homem d'Estado. Teria dividido a Polonia sem mais remorsos do que se partisse uma laranja, e esmagado a Irlanda, tão fria e systhematicamente como outro qualquer! Minha mãi via-se obrigada a ceder ; e ninguem poderá nunca imaginar o que soffreria uma natureza nobre e sensivel como a sua, á vista d'esse abysmo d'injustiças e de crueldades, sem meio algum de impedi-las! O unico recurso de minha mãi era de inculcar a seus filhos os seus proprios sentimentos.

Mas, apezar de todos os vossos raciocinios sobre a educação, os homens ficão sempre o que a natureza os fez. Alfredo tinha nascido aristocrata ; por conseguinte, todas as suas sympathias, todos os seus raciocinios, quando homem, foram aristocratas, apezar de todas as exhortações de nossa mãi.

Em mim, pelo contrario, as lições de minha mãi penetravão até ao intimo do meu ser.

Nunca minha mãi contr dizia formalmente nenhuma das idéas de meu pai, nunca apparentemente se achava em opposição com elle; mas ao mesmo tempo gravava na minha alma, em caracteres de fôgo, com toda a potencia da sua natureza séria e profunda, uma alta idéa da dignidade e da excellencia da mais infima das creaturas immortaes de Deos. Lembra-me ainda a attenção solemne com que eu seguia os seus movimentos, quando, nas noites serenas, contemplando a abobeda celeste, ella me dizia: « Olha, Agostinho, o mais miseravel, o mais ignorante dos nossos pobres pretos existirá, mesmo depois que esses innumeraveis mundos deixarem de existir; porque a sua alma é immortal como Deos. »

Possuia alguns velhos quadros de merecimento, um d'elles entr'outros, cuja vista produsia sobre mim uma viva impressão, representava Jesus-Christo curando um cégo. « Vês, Agostinho, me dizia ella, esse cégo era um miseravel e nojento mendigo, por isso mesmo Jesus não o quiz curar *de longe*, como fazia a outros. Chamou-o ao pé de si, e pôz-lhe as mãos sobre os olhos. Lembra-te d'isso, meu filho! » Se eu tivesse podido continuar a viver debaixo da sua influencia, ella me teria inspirado o enthusiasmo do bem; talvez tivesse sido um santo, um reformadôr ,ou um martyr! Mas deixei-a, quando tinha apenas treze annos, e nunca mais a tornei a ver!...

Saint-Clair ficou silencioso por alguns momentos, com a cabeça appôiada ás mãos; mas depois continuou:

— Que miseravel e vil andrajo é tudo isso que chamão virtude humana, que a maior parte do tempo depende das circunstancias, da latitude, ou da longitude, da posição geographica combinada com o temperamento, d'um accidente qualquer! Por exemplo: vosso pai estabelece-se no Vermont, n'uma cidade aonde todos são de facto livres e iguaes, faz-se ecclesiastico, e membro d'uma sociedade abolicionista, conside-

rando-nos quasi como pagãos! Todavia, a todos os respeitos, pelo temperamento, como pelos habitos, parece-se exactamente com meu pai, como posso provar-lh'o. Tem o mesmo espirito firme, absoluto, e dominadôr. Bem sabe que nunca foi possivel fazer persuadir aos habitantes da sua aldêia que o velho Saint-Clair não era orgulhôso, e se julgava superior a elles! O facto é que, posto se ache collocado pelas circunstancias n'uma posição democratica, obrigado a abraçar as theorias democraticas, nem por isso é lá no fundo de seu coração menos aristocrata que meu pai, que era senhor absoluto de seis centos escravos.

Miss Ophélia sentia-se disposta a fazer algumas observações sobre a semelhança do retrato appresentado por seu primo, e ia ja pôr de parte a mêia, e tomar a palavra, quando Saint-Clair lhe tapou a bôca, dizendo:

— Conheço perfeitamente as observações que me quer fazer. Não pretendo que fossem na realidade semelhantes. Um achava-se n'um centro aonde tudo se movia contra a sua tendencia natural, o outro aonde tudo a favorecia. Por conseguinte, um tornou-se um velho democrata teimoso e arrogante, o outro um velho déspota, igualmente teimoso e arrogante. Se ambos possuissem terras e bens na Luisiana, terião sido tão semelhantes como duas balas do mesmo calibre.

— Que filho tão respeituoso é! diz Miss Ophélia.

— Não é minha tenção faltar ao respeito, respondeo Saint-Clair; posto que bem sabe que não tenho o orgão da veneração dos mais apurados. Mas para tornar á minha historia, quando meu pai morreo, deixou-nos, a meu irmão e a mim, tudo o que possuia, para o partilharmos como entendessemos. Não ha no mundo um coração mais nobre, um homem mais generôso que Alfredo em todas as suas relações com os seus iguaes; por isso os nossos negocios d'interesse se arranjaram maravilhosamente, sem uma palavra, sem o mais leve embaraço. Ficámos socios no engenho, e mais negocios da casa.

Passados porem dois annos, vi que me era impossivel continuar com tal associação. Ter continuamente á roda de mim um regimento de setecentos pretos, que eu não podia conhecer individualmente, e por quem não podia tomar um interesse pessoal, era-me insupportavel. Não podia vê-los comprados, trocados, tratados absolutamente como um rebanho de gado; ter constantemente a discutir, como é que se poderia, poupando-lhe o mais possivel os indispensaveis gôzos da vida, exigir d'elles a maior somma de trabalho; vêr-me na *necessidade* d'empregar guardas e conductôres, e esse vergalho, ainda mais indispensavel, primeiro e ultimo argumento ao uso dos escravos.

Tudo isso me aborrecia, e me revoltava profundamente, sobre tudo quando pensava no valôr que minha mãi me tinha ensinado a dar á alma immortal. Que não venhão dizer-me que os escravos podem amar a escravidão! Nunca pude supportar as baixêsas que, por adulação, ou por qualquer outro motivo, vêem dizer-nos a esse respeito!

É possivel que se ouse dizer que um homem gosta de trabalhar todos os dias da sua vida, desde pela manhã até á noite, debaixo da incessante vigilancia d'um senhor despotico, sem poder dispôr d'um unico acto da sua vontade, sempre curvado sobre a mesma árida, monótôna, e invariavel tarefa, e tudo isso por um sustento insufficiente, e por vezes nocivo, um vestuario, e uma guarida miseraveis! Desejaria que os que fallão assim se vissem redusidos ao mesmo estado, para vêr se gostão!

— Sempre pensei, diz Miss Ophélia, que vós, e os outros senhores d'escravos approvavão todas essas cousas, julgando-as justas, e sanccionadas pela Escriptura!

— Não chegámos ainda a essa degradação d'entendimento! Alfredo, o maior déspota que tem existido, não se serve mesmo d'um tal argumento; colloca-se, soberbo e orgulhôso, sobre o seu velho terreno — *o direito do mais forte.* Elle diz, e com razão, que os senhores d'escravos Americanos

obrão do mesmo modo que a aristocracia, e os capitalistas de toda a parte para com os seus dependentes, fazendo-os servir, corpo e alma, em seu proveito, o que elle approva, para se mostrar consequente com os seus principios. Diz que não ha civilisação avançada, — avançada de nome ou de facto, — sem escravos, e sem senhores. É necessario, diz elle, que haja uma classe inferior votada ao trabalho material e a uma existencia puramente animal, e uma classe superior, ociosa e rica, que se desenvôlva intellectualmente, que favoreça o progresso, sendo a alma da classe inferior, que é o corpo. É assim que elle raciocina, porque, como lhe disse, nasceo aristocrata, no em tanto que eu não acredito em tudo isso, porque nasci democrata.

— Como é que pode comparar duas cousas tão differentes? diz Miss Ophélia. O proletario dos outros paizes não é vendido, vergalhado, e arrancado á sua familia como os vossos escravos!

— Elle é tão dependente dos que o empregão, como se fosse seu escravo. O proprietario d'escravos pode matar o escravo refractario á vergalhada; mas tambem o rico pode matar o proletario á fome. Quanto á familia, não sei qual é peior, se vêr vender sua mulher, e seus filhos, se vê-los morrer de miséria!

— Mas ahi está que faz a apologia da escravatura, dizendo que não é mais horrivel que outras cousas horriveis da sociedade!

— Não faço a apologia da escravidão, pelo contrario, repito que é a violação mais palpavel, mais audaciosa dos direitos do homem. Comprar um homem como se compra um cavallo, examinar-lhe os dentes, apalpar-lhe os membros, fazê-lo andar e trotar, antes de concluir o mercado; ter especuladôres, productôres, traficantes, alquilés d'este género de gado, tudo isso patentêa a injustiça aos olhos do mundo civilisado, debaixo d'um aspecto mais revoltante que em outra qualquer parte, posto que em outra qualquer parte se encon-

trem as mesmas injustiças debaixo d'outras formas, isto é, a completa sujeição e dependencia d'uma classe d'homens a outra.

— Nunca encarei essa matéria tão profundamente! — diz Miss Ophélia.

— Viajei durante algum tempo em Inglaterra; examinei um certo numero de documentos relativos á situação das classes inferiores d'esse paiz, e creio realmente que Alfredo tem razão, sustentando que os escravos na America são mais felizes que uma grande parte da população d'Inglaterra. Não deve concluir, pelo que lhe disse, que Alfredo seja um senhor cruel ou máo, pelo contrario. Elle é déspota, terrivel para com a insubordinação; metteria uma bala na cabeça d'um homem que lhe resistisse, com tão pouco remorso, como se o fizesse a uma lebre; mas quer que os seus escravos sejão bem nutridos, bem alojados, e não lhes falte cousa alguma.

Quando viviamos juntos, insisti para que lhes fizesse dar alguma instrucção. Para condescender aos meus desêjos, tomou um capelão, e fê-los catechisar todos os domingos, posto que, lá de si para si, pensasse que valia outro tanto ter um capelão para os seus caês, e para os seus cavallos. O facto é que nada se pode fazer, durante algumas horas d'instrucção n'um dia só de cada semana, d'um ser apáthico e material, entregue desde o seu nascimento a influencias perniciosas, e que passa todos os seus dias entregue a um trabalho embrutecedôr.

Os instituidôres das escolas do domingo nas populações fabris d'Inglaterra, e nos engenhos e roças da América do Norte, podem certificar isto mesmo. Entretanto, encontrão-se ás vezes algumas excepções, devidas principalmente á natureza dos pretos, mais accessiveis ás impressões religiosas que os brancos.

— Porque é que deixou a sua vida de senhor d'engenhos? lhe perguntou Miss Ophélia.

— Ficámos associados até que Alfredo se apercebeo que

eu não era feito para semelhante vida. Achava absurdo que, apezar de todas as amelhorações, de todas as reformas, de todos os aperfeiçoamentos que havia introdusido, eu ainda não estivesse satisfeito. É que era a *cousa* mesma que eu aborrecia, isto é, a posse d'esses homens, e d'essas mulheres, a perpetuação da sua ignorancia, da sua brutalidade, e dos seus vicios, com o unico fim de me enriquecer.

Alem do que, era necessario que eu me occupasse tambem d'alguma cousa; e sendo eu o maior preguiçôso que ainda existio, não só a minha associação nos negocios se tornava inutil, mas prejudicial, sympathizando naturalmente com os preguiçosos, e encorajando-os nas suas faltas á rigorosa disciplina estabelecida por meu irmão. Disse-me que eu era um sentimentalista effeminado, destruidôr da ordem, e que nunca poderia fazer cousa alguma. Que era melhor separar-nos, vivendo eu das rendas das propriedades que nosso pai nos havia deixado na Nova-Orléans, entregue ao ocio, e á poezia, no em tanto que elle continuaria só a fazer valer o engenho e as terras de plantações. Eu aceitei gostôso a proposição; separámo-nos, e ahi está como vim viver aqui do modo que vivo.

— E porque não libertou os seus escravos, podendo faze-lo?

— Ainda não tinha chegado tão longe a minha philantropia! Não podia emprega-los como instrumentos de me ganhar dinheiro; mas guarda-los para me ajudarem a gasta-lo, parecia-me cousa menos revoltante. Alguns d'elles erão antigos servidôres que eu affeiçoava, outros erão seus filhos, e todos se achavão felizes assim.

Cessou então por alguns instantes o seu passeio pelo quarto, entregue a uma subita preocupação.

— Houve um momento na minha vida, proseguio elle depois, em que tive a ambição de fazer n'este mundo alguma cousa melhor do que entregar-me ao ocio e ao desleixo em que vivo! Experimentava um desêjo vago e confuso de ser

uma espécie de redemptôr, de livrar a minha patria d'essa nodôa, e d'essa affronta que lhe podem deitar em rôsto; mas...

— E porque é que não realisou esse desêjo, pois que o podia melhor que ninguem? diz Miss Ophélia.

— As cousas não forão como eu julgava, e cahi n'esse desencanto da vida que descreve Salomão. Suppônho que esse desalento, no grande Rei e em mim, era o resultado natural da nossa sabedoria; mas, seja como for, o caso é que, em lugar de representar um papel activo na sociedade, e de me fazer um regeneradôr, tornei-me n'um bocado de páo, abandonado e fluctuante sobre as aguas do rio!

Alfredo ralha comigo cada vez que nos vimos, censurando este meu modo de vida. Não tenho nada a responder-lhe; porque a sua vida é o resultado logico das suas opiniões, no em tanto que a minha é uma despresivel inconsequencia!

— E pode, meu caro primo, viver satisfeito assim?

— Satisfeito! Não acabo de dizer-lhe que desprézo o meu modo de viver? Mas para tornar ao nosso objecto, á questão da liberdade dos escravos; não julgo que a minha opinião a esse respeito seja unica entre os senhores do páiz. Conheço muitos que, no fundo de seu coração, pensão como eu. O paiz géme debaixo do pêso d'esta iniquidade, e por terriveis que sejão as suas consequencias para o escravo, ainda o são mais para o senhor. Não se precisa d'oculos para vêr que os vicios, o desleixo, a preguiça, e o aviltamento de toda uma classe da nossa população nos são tão funestos como a ella. O aristocrata, o proprietario, o rico d'Inglaterra (e d'outros paizes) não podem sintir isso como nós, porque não estão n'um contacto tão immediato, como nós, com a classe que elles degrádão.

Os nossos escravos vivem em nossas casas, são os companheiros de nossos filhos, exercem sobre elles uma influencia antes que nós possâmos estabelecer a nossa, porque as crianças affeiçoão-se-lhes naturalmente. Se Eva não tivesse uma

natureza angélica como tem, ha muito que estaria pervertida. É tão sensato dizerem-nos que podemos deixar nossos filhos em contacto com os que forem attacados de bexigas, persuadindo-nos que tal doença não é contagiosa, como pretender que elles vivão sempre na companhia d'escravos, sem contrahirem os seus vicios! E todavia, as nossas leis não permittem que os escravos recebão uma educação propria a extirpar taes vicios. Têem razão; porque no momento em que essa classe for instruida, cahe por terra a instituição!

— Como lhe parece que acabará tudo isto? — pergunta Miss Ophélia.

— Não sei; mas é indubitavel que existe sobre toda a face do glôbo uma certa agitação entre as massas, que faz temer um *Dies iræ* terrivel! Minha mãi fallava-me muitas vezes d'um porvir, em que o Christo reinaria, e em que todos os homens serião livres e felizes, e que era esse o sentido d'essas palavras da oração dominical. — *Venha a nós o vosso reino* (1)! Penso por vezes que esse movimento, essa agitação, esses gemidos, esses suspiros entre os disgraçados (2) denotão que estão proximos os tempos do reinado divino!

— Agostinho, sois digno de viver n'esse reinado! — exclamou Miss Ophélia, pondo de parte a meia, e fixando sobre seu primo um olhar sério e preocupado.

— Agradeço-lhe a sua boa opinião; mas é necessario não esquécer, que eu estou tanto em cima como em baixo: tão elevado como as portas do Céo, em theoria; tão rasteiro como o pó da terra, quando se trata da prática. Mas parece-me que ouço chamar para o chá! Vamos a elle, e não diga mais que eu não sou capaz de fallar sério uma vez em minha vida!

(1) Lêa-se nos ultimos capitulos do Apocalypse (Novo-Testamento) a descripção prophética d'esse glorioso porvir.

(2) Allusão ao capitulo XXXVII do Livro do Profeta Ezechiel, uma das mais interessantes páginas da Bíblia!

Durante o chá, Maria fez allusão á historia de Prue.

— Vai pensar, minha prima, diz ella, que sômos todos verdadeiros barbaros.

— Acho com effeito um acto bem barbaro esse; mas nem por isso os julgo a todos barbaros, respondeo Miss Ophelia.

— Que quer, proseguio Maria, se ha d'essas creaturas que são verdadeiramente insupportaveis! Sua maldade é tal, que não merecem viver, e não tenho a menor compaixão de semelhantes miseraveis! Se se condusissem bem, não lhes aconteceria isso.

— Mas, *maman*, diz Eva, essa pobre mulher era demasiado infeliz, e é por isso que ella se entregou á bebida.

— Não sabes o que dizes! pois um vicio semelhante pode ter desculpa? Tambem eu sou infeliz, ajunta Maria, com um ar interessante, e tenho passado, Deos o sabe! por maiores provas que as d'ella, e nem por isso me embebédo. Era só a sua viciosa natureza que a isso a levava, e não ha severidade que possa corrigir entes tão vís! Meu pai possuia um escravo tão preguiçôso, que fugia de casa só para não trabalhar; escondia-se nos pantânos visinhos, roubando, e fazendo toda a qualidade de cousas horriveis. Esse miseravel foi apanhado, e açoitado um cento de vezes, sem que podessem corrigi-lo. A final, quasi moribundo, arrastou-se ainda até aos pantânos, aonde foi morrer. Não tinha realmente motivo algum de obrar assim, porque os escravos de meu pãi erão sempre bem tratados!

— Aqui estou eu, diz Saint-Clair, que domei uma vez um maganão d'escravo, que nenhum senhor tinha podido domesticar.

— Tu, Saint-Clair! exclama Maria, seria cousa bem curiosa, da tua parte!

— Era um preto gigantesco, nascido sobre o sólo Africano, possuindo no mais alto gráo o instincto selvagem da liberdade, um verdadeiro lião das plagas Africanas.

Chamava-se Scipião. Todos os vergalhos dos senhores de roças, dos administradores d'engenhos por cujas mãos havia passado não tinhão podido fazer nada d'elle, até ao momento em que Alfredo o comprou, julgando ter mais habilidade que seus precedentes senhores. Mas pouco tardou que o meu touro selvagem não matasse um dos guardas d'Alfredo com uma terrivel marrada, fugindo depois para os bosques.

Achava-me então de visita em casa de meu irmão, e presenceando a sua contrariedade pela fuga do escravo, disse-lhe francamente que a culpa era d'elle, e que apostava ser eu capaz de o domesticar, se o apanhassem. Meu irmão acceitou a aposta, convindo de me abandonar o escravo logo que elle fosse apanhado, para fazer a experiencia. Organisou-se pois a montaria para esta espécie de animal feroz, caçada que muitos homens preférem á de outros animaes, e de que eu mesmo fiz parte, não tanto como curioso, que como medianeiro, no caso que se fizesse a prêza.

Os cães ladravão e uivavão, nós corriamos, e exploravamos os bosques, até que em fim a féra sahio do seu covil, deitando a correr, e a saltar por montes e valles, como uma cabra montez, sem que a podessemos alcançar; mas, havendo-se introdusido n'um espesso canavial, aonde os cães o perseguiram, e d'onde não era facil sahir, defendeo-se então como um verdadeiro lião! Agarrava os cães pelo pescôço, e lançava-os á direita e á esquerda, havendo-se ja assim desembaraçado d'uns poucos, quando um tiro veio deita-lo por terra, banhado em sangue e todo lacerado, quasi aos meus pés. O pobre diabo levantou sobre mim seus olhos, aonde se lia a corajem e a desesperação.

Fiz arredar os cães e os homens, que querião lançar-se sobre elle, e reclamei-o como meu prisioneiro. Custou-me muito obter d'elles essa concessão; porque, no enthusiasmo da sua victoria, querião acabar de o matar. Fiz lembrar a Alfredo as nossas convenções, ordenando elle que o trouxessem para casa com todo o cuidado, e que m'o entregassem.

Quinze dias depois o meu lião Africano estava domesticado, tão docil como se poderia desejar!

— Pelo amôr de Deos, explica-nos como é que fizestes para isso? diz Maria.

— Empreguei um proceder mui simples. Fi-lo transportar para o meu proprio quarto, e deita-lo n'uma bôa cama, aonde tratei eu mesmo d'elle, e lhe curei as suas feridas. Quando o vi restabelecido, entreguei-lhe a sua carta d'alforria, e disse-lhe que era livre de ir para onde quizesse.

— E foi-se? perguntou Miss Ophelia.

— Não; como um louco que era, rasgou a carta d'alforria que lhe havia dado, não querendo de modo algum deixar-me. Nunca tive melhor, nem mais fiel servidôr, d'uma honradez e d'uma franquêza admiraveis! Abraçou depois sincéramente o christianismo, tornando-se dócil como um borrêgo. Empregava-o como guarda da minha casa á borda do lago, e nunca lhe notei a mais leve falta. Perdi-o na primeira invasão do cholera, sacrificando-se elle para me salvar. Eu tinha sido um dos primeiros attacados da terrivel epidemia, e ninguem se atrevia a chegar ao pé de mim para me prestar os soccorros de que carecia, excepto Scipião, que nunca me abandonou até que me vio salvo. Mas, pobre moço! elle havia ganhado tambem a doença, e não foi possivel salva-lo! Nunca houve morte que mais me custasse...

Eva havia-se pouco a pouco aproximado de seu pai, durante esta narração, com a bôca entr'aberta, os olhos dilatados e brilhantes d'admiração, e d'interesse.

Quando elle acabou de fallar, lançou-lhe os braços á roda do pescôço, rebentou em pranto, soluçando convulsivamente.

— Eva, minha querida filha, que tens tu? — diz Saint-Clair, assustado, sentindo a delicada creatura tremer d'emoção entre seus braços. — Esta criança, ajunta elle, não deve ouvir cousas d'estas, é demasiado nervosa!

— Não, *papa*, não sou nervosa, — diz Eva, reprimindo

de repente a sua emoção com uma força de vontade admiravel n'uma pessoa da sua idade; — não sou nervosa, mas o que acaba de contar chegou-me ao coração!

— Que pretendes dizer com isso, minha Eva?

— Não posso explicar-me; penso muitas cousas... talvez que um dia lh'as diga!

— Pensa o que quizeres, minha querida, com tanto que não chores, porque me affliges verdadeiramente.. Olha o bello pêcego que truce para ti!

— Eva recebeo-o, e sorrio, posto que as lagrimas borbulhassem ainda em seus olhos.

— Vamos, vem comigo dar um passeio, e vêr os pexinhos de côres do tanque!

Poucos momentos depois, ouviram-se as alegres risadas de Saint-Clair e de sua filha, brincando ambos no jardim, atirando com flôres um ao outro.

Recêio que se tenha perdido um pouco de vista a historia do nosso humilde amigo pai Thomaz, com as aventuras dos grandes d'este mundo; mas se os nossos leitôres tiverem a bondade de nos acompanhar a um pequeno quarto por cima da cavalharice, poderão pôr-se ao facto dos seus negocios. Este quartinho, mui aceiado, continha um leito, uma cadeira, e uma tôsca mesa, sobre a qual estavão postos a Biblia de Thomaz, e o seu livro de hymnos. É ahi que o encontrâmos assentado, com a sua pedra ardêsa diante de si, applicando-se com extrema attenção a uma cousa que parecia custar-lhe infinito.

O caso é, que as saudades de Thomaz pela sua cabana, aonde vivem sua mulher e seus filhos, tinhão-se tornado tão intensas, que tinha pedido a Eva uma folha de papel, e ajuntando todo o pequeno thesouro de conhecimentos litterarios que havia adquirido debaixo da direcção de *sinhósinho* Jorge, concebeo o ousado pensamento d'escrever uma carta! No momento em que o vemos, acha-se elle ensaiando sobre a pedra o primeiro esbôço d'essa carta.

Via-se em grande embaraço, porque tinha esquécido totalmente a forma da maior parte das letras, e não sabia como servir-se d'aquellas que ainda lhe tinhão ficado na memoria. No em tanto que proseguia assim a sua laboriosa emprêza, suando e assoprando, no ardôr da taréfa, eis que Eva vem, como um passarinho, empoleirar-se sobre as costas da sua cadeira, examinando o que elle faz, por cima de seu hombro.

— O' pai Thomaz, que garatujas está ahi a fazer?

— Estava vendo se podia escrever á minha pobre mulher, e a meus filhos, Miss Eva! diz Thomaz, enxugando os olhos com as costas da mão; mas recêio que não possa obtêr o que pretendo!

— Desejaria poder ajuda-lo, pai Thomaz! O anno passado, antes da nossa viajem, ja sabia escrever um pouco, Deos queira que o não tenha esquecido!

E Eva pôz a sua loura cabecinha á ilharga da de Thomaz, começando entre elles uma grave discussão sobre a forma das letras, ambos igualmente desejosos de obter um bom resultado, e ambos igualmente ignorantes. Depois de longas consultações, e d'um profundo debate sobre cada palavra, mediando a boa vontade de um e de outro, a composição começou a tomar um ar *d'escrita.*

— Sim, pai Thomaz, asseguro-lhe que vai assim muito bem! diz Eva, lançando sobre a escrita um olhar d'admiração. Como ficarão contentes sua mulher e seus filhos! Foi uma indignidade separarem-no d'elles! Heide pedir a *papa* de o deixar ir vê-los.

— A minha antiga senhora prometteo-me d'enviar o dinheiro para me resgatar logo que podesse, e estou certo que não esquécerá a sua promessa.

O meu *sinhósinho* tambem me prometteo de me vir buscar, dando-me um dollar, em signal da sua promessa.

E Thomaz mostrou a Eva o precioso dollar.

— Então pode estar certo que não faltará á sua promessa! exclama Eva. — Estimo bastante!

— Desêjo escrever-lhes, bem entende, para lhes fazer saber aonde estou, e para partecipar á minha pobre Chloé a felicidade de que gozo. Pobre creatura! ella deve estar tão inquiéta!

— Thomaz! — diz Saint-Clair, apparecendo subitamente á porta.

Thomaz e Eva estremeceram.

— Que é isto? — diz Saint-Clair, chegando-se á pedra que continha a esbôço da carta.

— É uma carta de Thomaz, que eu lhe ajudei a escrever! Não está bem escripta, *papa?*

— Desejava não os desencorajar, nem a um, nem a outro; mas parece-me, Thomaz, que era melhor deixares-me escrever em teu nome. Fa-lo-hei quando voltar de passeio.

— É absolutamente necessario que elle escreva, proseguio Eva; porque a sua antiga senhora quer enviar o dinheiro necessario para o resgatar, como lh'o prometteo formalmente.

Saint-Clair pensou que era provavelmente uma d'essas promessas que os senhores fazem benévolamente a seus escravos para lhes mitigar a dôr da separação, mas sem nenhuma tenção de a executar. Todavia, guardou para si essa conjectura, contentando-se de ordenar a Thomaz que preparasse os cavallos para o passeio.

A carta de Thomaz foi escrita por elle essa tarde mesmo, segundo todas as formas, e deitada no correio.

Miss Ophélia continuava com uma infatigavel perseverança os seus trabalhos domesticos. Havia passado em sentença entre todos os criados, desde Dinah até ao mais infimo moléque, que Miss Ophélia era decidadamente *Curis*, nome que os pretos do Sul dão aos senhores, ou superiores, que lhes não agradão.

A parte elegante da domesticidade, a saber: Adolpho, Joana, e Rosa, concordavão em que ella não podia ser *uma senhora;* porque *uma senhora* não trabalharia como ella, nem teria os *ares* que ella tinha, duvidando que

pertencesse na realidade á familia Saint-Clair! Maria mesmo havia declarado que a incessante actividade da prima Ophélia lhe attacava os nervos, e era talvez a primeira occasião em que as suas queixas tivessem algum fundamento.

Miss Ophélia não largava a costura da mão desde pela manhã até á noite, como se a sua vida dependesse d'isso; e quando chegava a noite, a meia era substituida á costura, sempre com o mesmo disvélo e energia.

CAPITULO XIX.

Topsy.

Uma manhã qu Miss Ophelia se achava activamente occupada com os seus trabalhos domesticos, ouve a voz de Saint-Clair, chamando-a no fundo da escada.

— Faça favôr de descer, prima, que tenho aqui uma cousa a mostrar-lhe.

— Que é? diz Miss Ophélia, descendo, com o seu trabalho nas mãos.

— Comprei uma cousa de que lhe quero fazer presente; olhe para isto!

E empurrou para diante de si uma pretinha, que parecia ter de oito a nove annos.

Era uma das mais negras amostras da raça Africana: seus olhos, redondos e brilhantes como duas perolas de vidro, fixavão-se alternativamente, com um perpetuo movimento, sobre cada um dos objectos que guarnecião a casa; sua bôca entr'aberta d'admiração ao aspecto do esplendôr da sala do seu nôvo senhor, deixava vêr dois renques de dentes d'uma alvura

resplandecente, e sua encarapinhada cabeça era eriçada de rabinhos entrelaçados, atados com cordeis e linhas de differentes côres, que tomavão todas as direcções. A expressão de seu rôsto offerecia um curioso mixto de perspicacidade e de finura, encoberto, como por véo transparente, com um ar de gravidade triste e solemne. Todo o seu vestuario consistia n'uma suja e esfarrapada tunica, feita de grosseira estoupa, que lhe cobria apenas metade do corpo, ficando assim de pé, mui têsa, com as mãos cruzadas sobre o peito. Havia no todo de sua physionomia um não sei que de original e de diabolico, alguma cousa de pagão, como dizia depois Miss Ophélia, que a pobre senhora teve mêdo d'ella, dizendo a Saint-Clair :

— Para que me trouce cá isso, Agostinho?

— Para que faça a sua educação, nem mais, nem menos, e para que lhe ensine o caminho que ella deve seguir. Pareceo-me uma amostra assaz original do genero côrvo. Vem cá, Topsy, ajunta elle, assobiando-lhe como se faz a um cão, — canta-nos uma cantiga, e mostra-nos o teu talento na dança.

Uma espécie de chocarreira malicia brilhou em seus negros olhos, começando logo a entôar, com voz clara e estridente, uma das melodias dos pretos, marcando o compasso com as mãos, e com os pés, cabriolando á roda da sala, tocando com os joelhos um no outro, observando uma sorte de cadencia selvagem e fantastica, e tirando do fundo da garganta alguns d'esses exquisitos e discordantes sons que distinguem a musica Africana. Executando por fim uma ou duas cabriolas mais, e exhalando uma nota final, parecida com o assobio d'uma locomotiva de caminho de ferro, tornou para o seu lugar como estava d'antes, com um ar de doçura e de solemnidade dos mais devotos, que se poderia julgar sincéro, sem o astucioso olhar que do canto do olho ella lançava em tôrno de si.

Miss Ophélia não podia dizer palavra, estupefacta d'admiração.

— Saint-Clair, como maganão que era, parecia divertir-se extraordinariamente com a estupefecção de sua prima, e dirigindo-se de novo á pretinha :

— Topsy, lhe diz-elle, eis aqui a tua nova senhora, entrego-te a ella inteiramente; toma cuidado com tigo, e comporta-te bem!

— Sim, senhor! respondeo ella, com ar devoto, mas piscando os olhos maliciosamente.

— É necessario ter juizo agora, Topsy, ouves? lhe diz ainda Saint-Clair.

— Sim, senhor! repetio ella, com um nôvo piscar d'olhos, e com as mãos sempre devotamente cruzadas sobre o peito.

— Torno a perguntar-lhe, Agostinho, que extravagante idéa foi esta? Tem a casa cheia d'estas horriveis creaturinhas, não se podendo dar um passo sem se encontrar alguma, ja detraz d'uma porta, ja debaixo da mesa, encarapitadas por toda a parte, rindo, gritando, fazendo toda a qualidade de momices, e vai buscar ainda mais outra! que quer que eu faça d'ella?

— Ja lh'o disse : é para que se encarregue de a educar. Prégava-me tanto a esse respeito, que me deo a idéa de lhe fazer prezente d'um sujeito inteiramente novo, um especimen sahido da imprensa, para que faça sobre elle as suas experiencias, ensinando-lhe o caminho do devêr.

— Mas eu, declaro-lhe que a não quero; ja estou farta de toda a sua pretalhada!

— Ahi está como sois todos! Formais sociedades de missões, enviais mesmo missionarios a catechisar os pagãos como esta pobre rapariga; mas nem um só de vós quereria dar asylo em sua casa a um d'esses pagãos, e encarregar-se pessoalmente da sua conversão!

Quando se chega a esse ponto, allegão que são demasiado porcos, brutos, desagradaveis, etc.

— Não considerei o caso debaixo d'esse ponto de vista, Agostinho! diz Miss Ophélia, mais acalmada. — Quem sabe?

talvez que isso seja verdadeiramente obra d'um missionario! ajunta ella, olhando para a pretinha com um ar mais reconciliado.

Saint-Clair havia tocado na corda sensivel. A consciencia de Miss Ophélia estava sempre álerta! todavia proseguio:

— Não vejo deveras a necessidade que havia de ir comprar esta, quando ha ja de mais em casa com quem eu possa empregar todo o meu tempo, e todo o meu saber!

— Vamos, minha prima! diz Saint-Clair, chamando-a de parte; — eu devia pedir-lhe perdão de todas as minhas loucuras; mas é tão bôa, que nada a escandaliza!

Eis aqui a verdade: essa pobre creaturinha pertencia a um casal de bebados, que têem uma taverna no caminho por onde passo quasi todos os dias. Estava cançado de ouvi-la gritar, e de vêr seus senhores bate-la e injuria-la. Tinha um ar tão esperto e extraordinario, que pensei que se podia fazer d'ella alguma cousa, e comprei-a para lh'a dar. Experimente; dê-lhe uma bôa e orthodoxa educação á maneira da Nova-Inglaterra, e veremos o que saihe d'ahi! Bem sabe que aqui não ha nada d'esse género, e não se me daria de ter um sujeito assim para modêlo, formado pela sua mão.

— Farei o que poder! diz Miss Ophélia.

Approximou-se então da sua nova educanda, tanto quanto o faria alguem que quizesse entabolar relações d'amizade com uma aranha péçonhenta.

— Está horrivelmente suja, e meia nua!

— Faça-a lavar, e vestir de novo, respondeo Saint-Clair.

Miss Ophélia levou-a comsigo ás regiões inferiores. Dinah, ao vê-la chegar, medio-a d'alto a baixo, com um olhar pouco amigavel.

— Não sei deveras o que o senhor quer que eu faça com mais uma preta! Desde ja declaro que a não quero aqui ter sempre debaixo de meus pes!

— Que nôjo! exclamaram Rosa e Joana, com supremo

desdem. — Não posso conceber que necessidade ha d'uma relé de pretos semelhante!

— Sáfa d'aqui! Ella é tão preta como vocês! — exclama Dinah, que vio n'esta ultima qualificação, *relé de pretos*, um insulto a ella. — Vocês não são nem brancas, nem pretas, e quanto a mim, antes quéro ser uma d'essas cousas só.

Vendo que nenhum dos circunstantes se acharia disposto a encarregar-se da *toilette* da recem-chegada, Miss Ophélia procedeo ella mesma a essa operação, ajudada da mulata Joana, que se prestou a isso com muita repugnancia, e de máo humôr.

Não offenderemos os ouvidos das pessoas delicadas mencionando os detalhes d'esta primeira *toilette* d'uma rapariga maltratada e despresada. O facto é que n'este mundo uma multidão de creaturas humanas são condemnadas a viver e a morrer n'um estado tal, que os nervos de muita gente não podem supportar sequer a descripção!

Miss Ophélia era dotada d'um espirito resoluto. Executou pois heroicamente a operação, em todos os seus detalhes, com uma conscienciosa minudencia, posto que, é forçôso confessa-lo, com ar pouco gracioso; porque a resignação era, n'esta circunstancia, o melhor sentimento que seus principios podião inspirar-lhe. Todavia, quando vio sobre todo o corpo da pobre rapariga as costuras e as cicatrizes, indeleveis signaes do regimen em que tinha vivido, o coração de Miss Ophélia começou a enternecer-se.

— Vêja, diz Joana, mostrando as cicatrizes, não prova isto por ventura o que ella era? Teremos que fazer com este traste! Nunca pude supportar estas sujidades, e não sei como o senhor foi comprar semelhante cousa!

O objecto d'estas benévolas observações ouvia tudo com ar triste e submisso, que parecia ser-lhe habitual. Unicamente, de tempos a tempos, lançava ás furtadellas um olhar penetrante sobre os brincos que Joana trazia nas orelhas. Quando se achou decentemente vestida, e a tesoura passou pela sua

eriçada carapinha, Miss Ophélia declarou com uma certa satisfação, que ella tinha ja um ar mais christão, começando a formar interiormente desde logo planos para a sua educação.

Assentando-se pois diante de Topsy, entrou a questiona-la :

— Que idade tens, Topsy ?

— Não sei, Miss ! respondeo ella, fazendo uma careta, que deixou a descoberto a sua alva e aguçada dentadura.

— Não sabes que idade tens ! pois nunca t'o disseram ? Quem era tua mãi ?

— Nunca tive mãi.

— Que queres dizer com isso ?... Pois aonde nasceste tu ?

— Eu ?... eu nunca nasci... diz ella, fazendo uma nova careta.

Havia em sua physionomia alguma cousa de tão fantastico, que Miss Ophélia, por pouco nervosa que fosse, poderia fácilmente imaginar que um negro diabrete, chegado directamente das regiões infernaes, estava na sua presença para a mystificar e atormentar.

Mas Miss Ophélia, que estava longe de ser nervosa e supersticiosa, replicou simplesmente, e com mais gravidade, se possivel fôra :

— É necessario não responderes d'essa modo ; eu não estou brincando ! Vejamos, dize-me aonde nasceste, e quem erão teus pais.

— *Mim*, *mim* nunca nasceo ! replicou a pretinha com um ar mais peremptorio. *Mim* nunca teve pai, nem mãi, nem nada ! Fui creada em casa d'um traficante de pretos com uma grande quantidade d'outras crianças como eu, e era a velha mãi Sue que tomava cuidado de nós.

A pretinha era evidentemente sincéra. Joana dando uma grande rizada, exclamou :

— Pois não sabe, Miss, que ha centos de crianças no mesmo caso ? Os especuladôres comprão-nas ás vezes apenas ellas vêem ao mundo, e crião-nas para as tornar a vender.

— Quanto tempo ficaste em casa de teus ultimos senhores?

— Não sei, Miss.

— Foi um anno, mais ou menos?

— Não sei, Miss.

— Essa qualidade de pretos, Miss, diz Joana, não sabe o que significa o tempo, nem o que é um anno; não conhecem mesmo a sua idade!

— Nunca ouviste fallar de Deos, Topsy?

A criança pareceo não comprehender o que se lhe perguntava, rindo segundo o seu costume.

— Não sabes quem te creou?

— Ninguem! não conheço ninguem que me creasse! diz Topsy a rir.

A julgar pelo seu piscar de olhos, essa idea pareceo divertila singularmente, ajuntando:

— Julgo que nasci, mas não penso que pessoa alguma nunca me creasse!

— Sabes coser? diz Miss Ophélia, pensando que seria melhor dirigir as suas investigações sobre objectos menos sublimes.

— Não, Miss.

— Que sabes então fazer? que fazias tu em casa de teus senhores?

— Ia buscar agua, lavava a louça, alimpava as facas, e servia os freguezes.

— E teus senhores tratavão-te bem?

— Supponho que sim! diz ella, lançando um olhar cavillôso a Miss Ophélia.

Miss Ophélia levantou-se para pôr termo a este interessante dialogo; Saint-Clair estava appôiado ás costas da sua cadeira, sem que ella o tivesse apercebido.

— Então, prima! eis ahi um terreno virgem, não é verdade? Pode semear as suas idéas, sem trabalho de arrancar outras.

As idéas de Miss Ophélia sobre a educação, como todas as suas outras idéas, erão fixas, e positivas; erão as que reinavão na Nova-Inglaterra havia mais de cem annos, e que se conservavão religiosamente em algumas familias d'essas aldêias retiradas e primitivas, aonde não tinhão penetrado ainda os caminhos de ferro. Se se quizesse defini-las, bastarião poucas palavras: ensinar ás crianças a escutar quando se lhes falla; ensinar-lhes o catechismo, a leitura, e a costura, e a castiga-las quando mentem, eis todo o codigo d'essa educação. E posto que estas idéas sobre a educação estejão infinitamente mais avançadas desde que uma torrente de luzes tem esclarecido a matéria, é facto incontestavel que nossas avós educaram, com esse regimen, hoje caduco, alguns homens e algumas mulheres, que não deixaram de ter seu valôr, como ainda alguns de nós podem lembrar-se, e attesta-lo.

Seja como for, Miss Ophélia não conhecia nada de melhor, e por conseguinte emprehendeo a educação da sua pagã com toda a actividade que a caracterisava. A negrinha foi introdusida e olhada na familia como filha de Miss Ophélia, que, notando que ella não era bem vista na cosinha, resolveo de fazer do seu proprio quarto o theatro da sua educação, e dos seus primeiros ensaios d'actividade.

Com um espirito de renunciação, que algumas das nossas leitôras poderão comprehender, resolveo, — em lugar de fazer ella mesma, como até então, a sua cama cuidadosamente, de varrer o seu quarto, e de pôr ahi tudo em ordem, o que lhe havia attraido as censuras da criadagem, — resolveo, dizemos, condemnar-se ao martyrio de ensinar a Topsy essas diversas operações. Ah! dia infortunado! Se alguma de nossas leitôras tentou alguma vez emprêza semelhante, poderá comprehender a que ponto chegaram a abnegação e a paciencia de Miss Ophelia! Começou portanto, desde o primeiro dia, por conduzir Topsy ao seu quarto, dando principio ahi a um curso solemne de instrucções regulares sobre a mysteriosa arte de fazer uma cama.

Eis ahi pois Topsy, lavada, e tosqueada de todos esses eriçados rabichos que fazião as suas delicias, com um vestido acêiado, e com um avental branco bem engomado. Acha-se respeituosamente de pé diante de Miss Ophélia, com um ar tão grave, como se assistisse a um entêrro.

— Vou mostrar-te agora, Topsy, de que modo deve ser feita a minha cama. Sou difficil de contentar a esse respeito; aprende pois a executar perfeitamente o que vou ensinar-te.

— Sim, senhora, diz Topsy com ar lastimôso, dando um profundo suspiro.

— Faze bem attenção, Topsy : isto é a bainha do lençol, isto é o direito, e isto o avêsso; faze por te não esquécer!

— Sim, senhora, diz Topsy, exhalando outro suspiro.

— Bem; agora é necessario estender o lençol debaixo, e passa-lo sob o travesseiro, — d'este modo — e entalla-lo bem nos colxões, de modo que não faça rugas, — assim, vês?

— Sim, senhora, diz Topsy, escutando com profunda attenção.

— Quanto ao lençol de cima, é necessario estende-lo d'este modo, e entalla-lo aos pés debaixo dos colxões como o outro, que fique bem direito e sem pregas, — assim — com a bainha estreita sempre para baixo.

— Sim, senhora, diz Topsy, sempre com o mesmo tom.

Mas ajuntaremos o que Miss Ophélia não vio : em quanto a bôa senhora, no ardôr da sua demonstração, virava as costas a Topsy, esta havia achado modo de surripiar um par de luvas, e uma fita, e de as esconder nas mangas do seu vestido, achando-se, apezar disso, na mesma posição que antes, isto é, com as mãos modestamente cruzadas sobre o peito, quando Miss Ophélia se virou para ella.

— Vamos vêr agora, Topsy, como é que pões em prática

a lição! e desmanchando a cama, assentou-se, para observar commodamente a sua discipula.

— Topsy, com o ar mais sério do mundo, e com bastante habilidade, repetio a lição, a perfeito contentamento de Miss Ophélia ; estendeo os lençoes com todo o cuidado, não deixando ruga alguma, e mostrando desde o principio até ao fim uma gravidade e uma attenção que edificaram profundamente o seu professôr.

Todavia, no momento em que Topsy terminava a grande operação, certo bocado de fita que um infeliz movimento havia feito sahir do seu esconderijo, ficando pendente da manga do vestido, chamou a attenção de Miss Ophelia, que correo immediatamente a amparar-se do corpo de delicto.

— Que é isto, diabolica creatura? para que o roubaste?

— Topsy olhou para a fita com um ar de completa innocencia, exclamando :

— Ah! parece-me que é a sua fita, Miss! não é verdade? Como é que ella se poude encaixar na minha manga?

— Não mintas, Topsy! confessa que roubaste a fita!

— Asseguro-lhe que se engana, Miss, não a roubei, e é mesmo a primeira vez que a vejo!

— Não sabes, Topsy, que a mentira é o peior dos defeitos?

— Nunca minto, Miss Ophélia! respondeo Topsy, com um ar de virtude offendida. O que lhe digo é a pura verdade, e não posso dizer outra cousa!

— Se continuas a sustentar as tuas falsidades, ver-me-hei obrigada a castigar-te sevérameute.

— Castigue-me como quizer, que não me fará dizer outra cousa! exclama Topsy, meio chôrosa. Nunca vi tal fita! Miss Ophélia te-la-ha provavelmente deixado sobre a cama, embrulhando-se nos lençoes, e entrando-me na manga do vestido sem que eu o apercebesse.

Miss Ophélia ficou de tal modo indignada, ouvindo esta

grosseira e ousada mentira, que agarrou Topsy pelos hombros, sacudindo-a rudemente.

— Vil creatura, não me repitas semelhante embuste!

A sacudidella fez cahir as luvas da outra manga do vestido.

— E agora, continuarás ainda a dizer que não roubaste a fita?

Topsy confessou haver tomado as luvas, mas persistio a negar o roubo da fita.

— Vamos, Topsy, diz Mis Ophélia, se confessares tudo, não te castigarei por esta vez como mereces.

Topsy decidio-se por fim a confessar ambos os furtos, fazendo os maiores protestos de arrependimento.

— Recêio, Topsy, que tenhas roubado outra alguma cousa em casa; porque deixei-te hontem correr por toda a parte o dia inteiro. Se me confessares tudo, não serás castigada.

— Roubei tambem, Miss, aquella cousa encarnada que Miss Eva trazia á roda da pescôço.

— Deveras! oh! que indignidade! Vejamos, e que mais roubaste?

— Os brincos de coral de Rosa....

— Vai-me buscar ambas as cousas immediatamente!

— Não é possivel, Miss, queimei-as!

— Queimaste-las! Isso é um conto da tua invenção! Vai busca-las, ou levas açoites!

Topsy declarou, com toda a qualidade de protestações, de chôros e de gemidos, que não podia ir busca-las porque as tinha queimado.

— E porque é que as queimaste? lhe perguntou Miss Ophélia.

— Porque sou má; sim, sou má, muito má, e não posso impedir-me de o ser.

N'este momento Eva entra innocentemente no quarto, trazendo ao pescôço o famôso collar queimado por Topsy!

— Aonde é que achou o collar que traz ao pescôço, Eva? diz Miss Ophélia.

— Aonde o achei? Tenho-o trazido todo o dia hoje!

— E trazia-o tambem hontem?

— Sem duvida; e o que ha de extraordinario é que dormi mesmo com elle esta noite, esquécendo-me tira-lo quando fui para a cama.

— Miss Ophélia não poude comprehender isto, e a sua estupefacção augmentou ainda, quando vio entrar Rosa, que vinha trazer um cesto com roupa, ornada com os seus brincos de coral!

— Na verdade, exclama ella com ar de desesperação, que não sei que heide fazer d'esta rapariga! Para que me disseste que tinhas roubado estes dois objectos, Topsy?

— Miss dizia que era necessario confessar, e como eu não tinha mais nada que confessar...

— Pois não vias que eu não podia dizer-te que confessasses o que não tinhas feito?

Tanto é mintir negar o que fizeste, como inventar uma falta que não commettes-te.

— Pois deveras! diz Topsy, com ar d'innocente admiração.

— Olhe, Miss Ophélia, diz Rosa, olhando para Topsy com ar indignado, pode estar certa que não sahirá nunca da bôca d'aquelle traste uma palavra verdadeira!

Se eu estivesse no lugar do senhor, mandava-a açoitar até que o sangue lhe corresse pelas costas.

— Não, não, Rosa, diz Eva, com esse ar de autoridade que ella sabia tomar algumas vezes, não falles assim, porque não posso soffrer ouvir fallar d'esse modo!

— Ah! Miss Eva! a menina é demasiado bôa, e não sabe como se devem tratar os pretos!

Não ha senão um meio de fazer d'elles alguma cousa, de os malhar continuamente; sou eu que lh'o digo!

— Rosa, silencio! não quero ouvi-la mais fallar assim, entende?

E os bellos olhos de Eva brilharam d'um modo extraordinario, cobrindo-se-lhe as faces d'um vivo rubôr.

Rosa mudou immediatamente de tom, dizendo, ao deixar o quarto.

— Bem se vê que Miss Eva tem nas vêias o sangue dos Saint-Clair, e que pode fallar exactamente como seu pai!

Eva não ouvió esta observação de Rosa, abstrahida que estava a contemplar Topsy.

Achavão-se assim em presença uma da outra duas crianças, representando o mais elevado e o mais infimo gráo da escada social: a joven menina, bella, bem educada, com os seus annellados cabellos de ouro, com os seus olhos profundos, com a sua nobre e intelligente fronte, com o seu porte de princeza, e diante d'ella, uma outra menina da sua idade, preta, ardilosa, servil, ignobil; uma e outra fiéis imagens das suas respectivas raças: a raça Saxonia, formada por séculos de civilisação, de poder, de educação, de superioridade physica e moral, e a raça Africana, embrutecida por séculos de oppressão, de despotismo, de trabalho, e de vicios.

Quem sabe? Talvez que algum pensamento d'este género se agitasse no espirito de Eva. Mas os pensamentos d'uma criança assemelhão-se algum tanto a instinctos obscuros e indefinitos; e, na nobre natureza de Eva, que quantidade de pensamentos semelhantes a agitavão, sem que ella podesse achar palavras para os exprimir! No em tanto que Miss Ophélia se lamentava da pessima natureza, e da indigna conducta de Topsy, Eva contemplava-a com ar triste e preocupado.

— Pobre Topsy! lhe diz ella, pobre Topsy! que necessidade tens tu de furtar? Nada te faltará agora, e quanto a mim, desejaria antes dar-te não sei o que, do que vêr-te furtar!

Era a primeira palavra affectuosa que a pretinha tinha ouvido em sua vida. A doçura e affabilidade de Eva fizerão uma

extraordinaria impressão sobre essa alma inculta e selvagem, vendo-se brilhar nos redondos e penetrantes olhos de Topsy certa cousa parecida com uma lagrima, mas que foi logo substituida pelo seu malicioso riso habitual.

Ah! é que os ouvidos, acostumados ao insulto e ás expressões de desprêzo, são naturalmente incrédulos a uma cousa tão celeste como a bondade!

Topsy pensava apenas que as palavras de Eva tinhão alguma cousa d'extraordinario que ella não comprehendia.

Mas o que é que se havia fazer de Topsy? Miss Ophélia não sabia que imaginar. Os seus principios de educação parecião não poder applicar-se de nenhum modo ao caso presente, e resolveo meditar a fundo a esse respeito. Para ganhar o tempo necessario, e com a esperança que as virtudes secretas que geralmente se attribue ás penitenciarias farião o seu effeito sobre Topsy, fechou-a á chave n'um gabinete escuro, no em tanto que punha em ordem as suas idéas um pouco perturbadas sobre a educação da infancia.

— Não sei como é que poderei fazer alguma cousa d'esta rapariga, sem pancadas! diz ella a Saint-Clair.

— Pois báta-a! não tem por ventura authoridade de fazer d'ella o que quizer? lhe respondeo Saint-Clair.

— Não se pode deixar de recorrer a esse meio; nunca ouvi dizer que se podessem educar crianças sem isso!

— Sem duvida, sem duvida, diz Saint-Clair; faça como julgar conveniente.

Permittir-me-hei apenas uma pequena observação: vi bater n'essa criança com páos, com tenazes, com vassouras, com tudo que achavão á mão; por conseguinte, penso que ella está acostumada ás correcções d'esse género, e que as suas devem ser extraordinariamente enérgicas para lhe fazerem mais impressão que a de seus antigos senhores!

— Que quer então que eu faça?

— A questão que me faz é demasiado séria, minha prima! far-me-hia muito favôr se a resolvesse por si só. Que é que se

pode fazer d'uma creatura humana, acostumada ao regime do chicote, cujos resultados nem sempre são os melhores, como frequentemente se vê entre nós, nos Estados do Sul?

— Nunca vi uma criança igual!

— Ha muitos assim, não só entre as crianças, mas entre os homens e mulheres.

A questão está como é que elles se hão de governar?

— Não serei eu que a resolva, por certo! diz Miss Ophélia.

— Nem eu tão pouco, ajunta Saint-Clair. Essas crueldades horriveis, essas barbaridades, que de vez em quando se publicão nos jornaes, esses casos como o da pobre preta Prue, d'onde provêem elles? — Provêem ordinariamente d'um embrutecimento gradual das duas partes: o senhor tornando-se cada vez mais cruel, o escravo torna-se tambem cada vez mais endurecido e incorrigivel.

As pancadas e o máo tratamento são como o opio: á medida que a gente se acostuma a elle, e que a sensibilidade diminue, é necessario augmentar a dose. Em breve me apercebi d'isso, quando me vi possuidôr d'escravos, e resolvi d'este então de nunca começar com os castigos corpôraes, aliaz não sei aonde iria parar!

Quiz ao menos salvar o meu proprio sentido moral. O resultado d'isso é que os meus escravos fazem o que querem; mas, no meu intender, esse inconveniente é preferivel a ficarmos todos embrutecidos. Tem fallado muito, minha prima, a respeito da nossa responsabilidade relativamente á educação dos escravos: é por isso que desêjo vê-la fazer as suas experiencias sobre uma rapariga, que não differe quasi nada de milhares d'outras creaturas da sua condição.

— É o vosso sytema social que os faz assim, diz Miss Ophelia.

— Bem o sei; mas a questão não é essa. O que se pretende saber é como havemos trata-los para os tornar melhores?

— Quanto a mim, diz Miss Ophélia, vejo-me, confesso, em grande aperto! mas, pois que o dever parece exigi-lo, perservarei, ensaiarei ainda, e farei o que poder.

Com effeito, desde esse dia Miss Ophélia pôz mãos á obra, com um zêlo e uma energia dignos dos maiores elogios. Estabeleceo horas regulares de trabalho para Topsy, e emprehendeo ensinar-lhe a lêr, e a coser.

A pretinha fez rápidos progressos na leitura, decorando as letras com uma maravilhosa facilidade, achando-se brevemente em estado de lêr cousas fáceis. Não lhe foi mais difficil aprender a coser; mas Topsy era tão agil como um gato, tão activa como um macaco, e sentia um profundo horrôr pela immobilidade a que a condemnava o trabalho d'agulha. Por isso, era cousa curiosa vêr como ella as quebrava, lançando-as ás escondidas pela janella fôra, ou escondendo-as nas gretas e nos buracos da casa; dava nós, quebrava, ou sujava as linhas e o retroz, deitando á rua mesmo novellos inteiros. Seus movimentos erão d'uma incrivel rapidez, podendo mudar com extrema facilidade a expressão de sua physionomia. Miss Ophélia não podia comprehender como era que uma multidão de diversos accidentes se succedião em tão breve espasso de tempo! E todavia, a não estar continuamente occupada a observar Topsy, era impossivel surprehender uma unica de suas travessuras.

Topsy adquirio em breve uma grande reputação em toda a casa.

Parecia dotada d'um infatigavel génio para executar toda a qualidade de farças, de momices, e de pantomimas, bem como de dansar, de cabriolar, de trepar por toda a parte, de cantar, de assobiar, e de imitar todos os sons imaginaveis. Quando ella se dava a qualquer d'esses exercicios, todas as crianças do estabelecimento a rodeavão, embasbacadas d'admiração! Eva mesmo parecia fascinada pelas diabruras de Topsy, como é por vezes a terna rôla pelo fulgurante olhar da serpente. Miss Ophélia não deixava de se sentir inquiéta,

vêndo o gôsto que Eva tomava pela sociédade de Topsy, e pedio a Saint-Clair de lhe pôr termo.

— Deixe-se d'isso! lhe respondeo Saint-Clair, não se preocupe d'Eva, Topsy far-lhe-ha bem, pelo contrario.

— Pois não recêia que um ente tão depravado lhe seja prejudicial?

— De nenhum modo! Ella poderia talvez corromper outras crianças; mas o mal passa sobre Eva como a agua sobre as pennas do cysne.

— Não se fie n'isso. Eu cá nunca deixaria brincar com Topsy uma filha que me pertencesse!

— Uma filha sua, pode ser, respondeo Saint-Clair; mas a minha pode faze-lo. Se Eva fosse susceptivel de corromper-se, ha muito que ella o estaria.

Ao principio, Topsy foi o objecto do desprêzo, e do máo tratamento da parte da aristocracia doméstica; mas não tardou que modificassem a opinião a seu respeito. Em breve se aperceberam que acontecia sempre alguma infelicidade áquelle que maltratava Topsy. Ora era um par de brincos, ou outro objecto d'estimação que desapparecia, ora um vestido que de repente se achava cheio de nódôas indeléveis, ou esburacado, sem se saber como! Umas vezes o culpado, perseguido por uma justiça invesivel, ia esbarrar com um tacho d'agua a ferver; outras, ao sahir muito paramentado, um diluvio d'agua suja lhe cahia em cima da cabeça, sem se saber d'onde provinha a aspersão.

Debalde se fazião perquisições e devassas, era impossivel descobrir o criminoso!

Topsy era citada a comparecer, passando muitas vezes por todos os gráos da jurisdição domestica; mas sustentava os seus interrogatorios com a maior seriédade, fornecendo sempre evidentes provas da sua innocencia. Todos sabião perfeitamente que ella era o autôr do delicto; mas era impossivel fornecer a mais leve sombra d'uma prova directa em appôio das suspeitas de que ella era o objecto, e Miss Ophélia era um

juiz demasiado recto para condemnar um réo sem provas convincentes.

Estas travessuras erão álem d'isso praticadas em horas maravilhosamente escolhidas para facilitar a impunidade do autôr d'ellas.

As vinganças contra Rosa e Joana acontecião sempre nos dias, assaz frequentes, em que sua ama ralhava com ellas, sendo certo que em taes dias nenhuma queixa da sua parte seria attendida.

Finalmente, Topsy fez comprehender a todos que era melhor deixarem-na socegada, e cada um se decidio a isso sem hesitação.

Topsy, como ja dissemos, não carecia de habilidade, e aprendia tudo que lhe ensinavão com uma rapidez admiravel.

Bastou-lhe algumas lições para saber arranjar o quarto de Miss Ophélia com uma tal perfeição, que mesmo uma pessoa tão difficil como ella não achava nada a notar-lhe. Nenhuma mão humana era capaz d'estender melhor os lençóes e as cobertas d'uma cama, de pôr as almofadas mais foufas e mais symétricamente, de varrer, de sacudir, de ter tudo no quarto com mais ordem e mais gôsto do que Topsy, quando isso lhe agradava; mas, infelizmante, isso não lhe agradava muitas vezes. Se depois de tres ou quatro dias de paciente vigilancia, Miss Ophélia concebia a esperança de a vêr em fim corrigida de seus máos habitos, podendo deixa-la só no quarto, em quanto ia occupar-se de outra cousa, Topsy aproveitava logo essa occasião para pôr tudo n'uma desordem incrivel.

Em lugar de fazer a cama, tirava as fronhas das almofadas e do travesseiro, e punha-se ás marradas a tudo, até que a sua encarapinhada cabeça se achasse grotescamente ornada dos despojos de seus molles adversarios. Trepava a cima da armação do leito, dependurando-se d'ahi com acabeça para baixo; estendia os lençóes e as cobertas pelo quarto; pegava no travesseiro, vestia-o com os trajos da noite de Miss Ophé-

lia, assentava-o n'uma cadeira, e punha-se a representar scenas d'entremez diante d'esta improvisada personagem; cantava, assobiava, ia fazer caretas e momices defronte do espelho; em fim, como dizia Miss Ophélia, era o diabo em pessoa sahido do inferno para atormentar uma alma christã.

Certo dia que, por uma inaudita negligencia, a unica talvez da sua vida, Miss Ophélia tinha esquécido fechar a sua commoda, quando entrou, vio o seu bello chale de touquim escarlate enrolado como um turbante á roda da cabeça de Topsy, que representava diante do espelho um dos seus fantasticos papeis de comédia.

— Topsy, exclamava n'estas occasiões Miss Ophélia, perdendo a paciencia, não me dirás o que é que te incita a fazer cousas tão infernaes?

— Não sei, Miss; julgo que é a minha má natureza!

— Não sei deveras o que heide fazer com tigo!

— É necessario açoitar-me, Miss; a minha velha senhora açoitava-me continuamente, e eu não fazia nada sem isso.

— Mas eu não gosto de te açoitar, Topsy; tu podes conduzir-te bem, quando queres; porque é que o não queres tu sempre?

— Estou acostumada a levar pancadas, Miss, e julgo que é o unico remédio de me tornar boa.

Miss Ophélia executou a receita. Cada vez que era castigada, Topsy fazia um alarido terrivel; gritava, gemia, supplicava, e um momento depois, estava ja encarapitada sobre algum balcão, rodeada d'um bando de jovens admiradôres, a quem explicava, rindo ás gargalhadas, os brandos castigos de Miss Ophélia.

— As disciplinas de Miss Ophélia, dizia ella, não são capazes de afugentar um mosquito! Se ella visse o meu antigo velho senhor como elle me fazia saltar o sangue com as suas vergalhadas! Esse sim, esse é que sabia castigar!

Topsy sentia uma grande satisfação em exagerar os seus peccados e as enormidades da sua má conducta, considerando-

as evidentemente como uma distincção honrosa para ella.

— Todos vocês, dizia ella algumas vezes a seus auditôres, são peccadores, porque toda a gente o é, branca ou preta, como diz Miss Phélia, posto que eu julgue que ôs pretos ainda o são mais que os brancos; mas não ha nenhum que péque tanto como eu, nem que seja tão terrivelmente máo! Ninguem pode fazer nada de mim; faço impacientar a minha senhora desde pela manhã até á noite, e estou certa que não ha no mundo outra creatura peior que eu!

E dizendo isto, Topsy fazia uma cabriola, ria, parecendo evidentemente vaidosa da malicia de que ella mesma se accusava. Todos os domingos Miss Ophélia ensinava a Topsy o catechismo, e ella, dotada d'uma memoria extraordinaria, decorava immediatamente tudo o que ouvia, com grande satisfaço da sua mestra.

— E qual é o bem que julga lhe provirá d'ahi? lhe pergunta Saint-Clair.

— Como? que bem tirará uma criança de aprender o catechismo?

Não é essa a base de toda a educação? responde Miss Ophélia.

— Que ella o comprehenda, ou não?

— Por certo que não podem comprehende-lo em quanto são crianças; mas recordão-se d'elle quando são grandes, e é então que experimentão a sua utilidade.

— Ainda não chegou esse momento para mim, posto que esteja prompto a certificar que m'o metteo na cabeça d'um modo assaz completo, quando eu era pequeno!

— Ah! Agostinho! não era a memoria por certo que lhe faltava! e que lisongeiras esperanças eu concebia a seu respeito!

— E ja se lá forão essas esperanças? diz Saint-Clair.

— O que eu dezejava era que fosseis tão bom agora como ereis então!...

— Tambem eu o dezejava, minha prima! Mas continue

a catechisar Topsy, que talvez ainda possa fazer alguma cousa d'ella.

Durante esta conversa, Topsy tinha-se conservado direita e immobil como uma estatua preta, com as mãos decentemente cruzadas sobre o peito. A um signal de Miss Ophélia, continou a repetir a sua lição :

« Os nossos primeiros páis, abandonados á sua livre vontade, decahiram, peccando contra Deos, do estado em que forão creados. »

Depois de pronunciar estas palavras, Topsy piscou os olhos com ar de curiosidade.

— O que é que te admira, Topsy ? lhe perguntou Miss Ophélia.

— Desejava saber se esse estado era o Estado do Kentucky, Miss ?

— Qual estado, Topsy ?

— O estado de que elles decahiram. O meu antigo senhor dizia sempre que todos nós descendiamos do Kentucky.

Saint-Clair pôz-se a rir.

— É necessario, prima, dar uma significação ás palavras que lhe ensinar, aliaz dar-lh'a-ha ella mesma.

— Deixe-me socegada, Agostinho ! Como quer que eu faça alguma cousa, estando ahi a rir e a escarnecer de tudo ?

— Prometto-lhe que não torno a perturbar os seus exercicios !

E pegando n'um jornal, Saint-Clair foi assentar-se n'um canto, sem dizer palavra, até que Miss Ophélia acabou a sua lição. Topsy repetia as palavras como um papagaio, transportando algumas das mais importantes, e obstinando-se no seu erro. Saint-Clair, apezar das suas protestações, ria ás gargalhadas quando ouvia isso, chamando por Topsy para lhe repetir essas passagens truncadas, o que impacientava Miss Ophélia, que lhe dizia :

— Como quer que eu faça alguma cousa d'esta rapariga, continuando a perturbar-nos assim?

— É verdade, minha prima, tem razão; mas como posso eu deixar de rir, vendo de que modo essa gaiata pronuncia as suas sentenciosas phrases?

— Mas encoraja-a nos seus erros!

— Que importa? tanto faz dizer d'um modo, como d'outro!

— Pois que quer eu me encarregue da sua educação, não devia vir fazer diante d'ella pouco caso das minhas lições!

— Tem razão, mil vezes razão; mas que quer, se eu sou tão máo! como diz Topsy.

Assim continuou, durante um anno ou dois, a educação de Topsy. Todos os dias invariavelmente Miss Ophélia se submettia á custosa tarefa das suas lições, como a uma espécie de tormento chronico, acostumando-se por fim a isso, como algumas pessoas acabão por se acostumar á nevralgia, ou á enxaquêca.

Quanto a Saint-Clair, as diabruras e as exquisitices de Topsy divertião-no tanto, como se fossem as d'um papagaio, ou d'um macaco; e ella sabia-o tão bem, que vinha logo refugiar-se atraz da sua cadeira, quando alguem a perseguia para se vingar d'alguma maldade que ella lhe havia feito. Era d'elle que recebia de vez em quando esses vintens com que comprava as gulodices que repartia com as outras crianças da casa; porque Topsy, é necessario fazer-lhe essa justiça, posto que vingativa contra os que a attacavão, era boa e generosa em geral.

Agora que ella ja tomou o seu lugar entre os actôres do nosso drama, vamos deixa-la, posto que tenhâmos ainda a esperança de a vêr, de tempos a tempos, figurar na scena.

CAPITULO XX.

Kentucky.

Os nossos leitôres não ficarão talvez contrariados de tornar com nosco á cabana do pai Thomaz; bem como á casa de seus antigos senhores, para conhecer o que ahi se tem passado depois da sua ausencia.

Era n'uma tarde de verão; as portas e as janellas da vasta salla de Mr Shelby estavão abertas, para deixar entrar livremente as errantes brizas que para ahi se dirigissem. Mr Shelby estava assentado n'um grande corredôr, que circulava toda a casa, indo terminar a um balcão nas duas extremidades; negligentemente recostado sobre a sua cadeira, descançando os pés sobre outra, saboreava com delicias o seu charuto depois do jantar. Mrs Shelby, assentada ao pé da porta, occupava-se de custura, com o ar preocupado d'uma pessoa que procura a occasião favoravel de tratar d'um objecto em que se interessa.

— Sabes, diz ella a seu marido, que Chloé recebeo uma carta de Thomaz?

— Ah! deveras? Thomaz encontrou talvez algum bom senhor, estimo bastante!

E como vai elle, pobre homem?

— Penso que foi comprado por uma excellente familia, diz Mrs Shelby.

É bem tratado, e não tem muito trabalho.

— Estimo, na verdade! diz cordialmente Mr Shelby. Thomaz se resignará provavelmente a ficar no Sul, e não tem grande desêjo de tornar!

— Pelo contrario, pede-o com a maior instancia, diz Mrs Shelby, logo que possâmos resgata-lo.

Quanto a isso, não sei quando poderá ser! Uma vez que os negocios começão a transtornar-se, é custoso pô-los em ordem. Pedir emprestado a um para pagar a outro, a um terceiro para pagar o segundo.... e as malditas letras, cuja época de pagamento vem sem a gente o esperar, sem nos dar tempo de fumar um charuto sequer! Letras importunas, reclamações incessantes, tudo isso chega um atraz do outro quando menos se pensa!

— Parece-me, meu amigo, que talvez se podesse sahir d'esses embaraços, mediante algum pequeno sacrificio! Não poderiamos, por exemplo, vender os cavallos, e mesmo alguma das tuas herdades, para se pagar tudo o que se deve?

— Que idéa tão extravagante, minha Emilia! Tu és a mais excellente mulher do Kentucky; porem falta-te o bom-senso de conhecer que não entendes nada de negocios!

— Mas não poderias ao menos dar-me uma pequena noção dos teus?

Não me será possivel conhecer exactamente os teus créditos, e os teus débitos, afim de vermos se, com algumas economias, se pode estabelecer a balança?

— Oh! que aborrecimento! não se pode ter um momento de descanço!

Pelo amôr de Deos, Emilia, não me quebres agora a cabeça com isso!

Sei, pouco mais ou menos, o estado dos meus negocios; mas não posso agora dizer-t'o exactamente, e arranja-los com tanta facilidade como Chloé arranja os seus pasteis! Tu não sabes ainda o que são negocios!

E Mr Shelby, não achando outro meio de dar mais pêso ás suas palavras, elevou a voz, modo de argumentar mui convincente e mui util a um marido tratando de negocios com sua mulher!

Mrs Shelby callou-se e suspirou. Mas, posto que mulher,

como Mr Shelby acabava de lhe fazer lembrar, era dotada d'um espirito lucido, enérgico, e prático, bem como d'uma força de caracter bem superior á de seu marido; de maneira que não era nenhum absurdo, como elle dizia, suppô-la capaz de arranjar os seus negocios.

Desejava sobre tudo executar a sua promessa a Thomaz, e a Chloé, soffrendo interiormente dos obstaculos que via a isso.

— Não seria possivel arranjar d'algum modo o dinheiro necessario para o resgate de Thomaz? diz ella a seu marido depois d'um momento de silencio. — Pobre Chloé, ella não pensa em outra cousa!

— Sinto muito isso! fiz uma promessa imprudente, e julgo que seria melhor desenganar Chloé, afim de resignar-se á sua sorte. D'aqui a um anno ou dois, Thomaz casará com outra, e ella deveria fazer o mesmo!

— Mr Shelby! saiba que ensinei aos nossos escravos que os seus casamentos erão tão sagrados como os nossos, e não serei eu que lhes diga agora o contrario!

— Foi um mal ensinar-lhes uma moral á qual a sua condição não lhes permitte de aspirar. Nunca fui d'esse parecer.

— É a moral do Evangelho, e nada mais.

— Não pretendo contrariar as tuas opiniões religiosas, Emilia; mas não posso deixar de dizer que ellas são impraticaveis em gente d'essa condição.

— Bem o sei, respondeo Mrs Shelby; e é por isso que detesto a escravidão. Torno a dizer-te, meu caro amigo, não me é possivel esquécer as promessas que fiz a essas pobres creaturas, se não poder procurar d'outro modo o dinheiro necessario, darei lições de musica. Não me faltarão discipulas, e poderei ganhar assim o que se preciza.

— Espero que não te abaixarás a esse ponto, Emilia! E se é necessario, prohibo-t'o!

— Abaixar-me! Qual será abaixar-me mais, isso, ou faltar de palavra a esses infelizes?

— Vamos, bem sei que tu és sempre heroica e sublime; mas parece-me que deves reflexionar bem antes de pôr em pratica as tuas façanhas de D. Quichote!

A conversa foi aqui interrompida por mãi Chloé, que appareceo no fundo da varanda.

— Minha senhora! desejava dar-lhe uma palavra.

— Que é, Chloé? diz Mrs Shelby, indo ao seu encontro.

— Se a senhora quizesse vir vêr estas aves?

Mrs Shelby sorrio, vendo um monte de galinhas e de patos estendidos sobre a mesa da cosinha, e Chloé diante d'elles com ar grave e meditativo.

— Estava a pensar se a senhora quereria que eu fizesse um pastel de todas estas aves.

— É-me indifferente, Chloé; arranja-as como te parecer.

Chloé estava sempre ao pé da banca, pegando nas galinhas, com um ar abstracto, sendo evidente que pensava em outra cousa. Por fim, deo um d'aquelles risos com que os da sua raça costumão entabolar um negocio arriscado.

— Porque é que o senhor e a senhora se affligem ás vezes por causa de dinheiro, quando podem servir-se do que têem á sua disposição?

E Chloé pôz-se novamente a rir.

— Não te entendo, Cloé! diz Mrs Shelby, não duvidando, pelo conhecimento que tinha dos habitos de Chloé, que ella tivesse ouvido toda a conversa que havia tido com seu marido.

— Não sabe, por ventura, senhora, diz Chloé, sempre a rir, que ha pessoas que alugão os seus escravos, e tirão d'isso grande proveito?

— E quem propões tu que se alugue, Chloé?

— Éu não proponho nada; é Samuel que me disse que havia em *Louisville* pastelleiros que precizão de quem os ajude a fazer os seus pasteis, e que darião quatro dollares por semana a quem estivesse n'esse caso.

— E então?

— Então? — Pensava, senhora, que era tempo de vêr Sally fazer alguma cousa. Sally tem trabalhado de baixo da minha direcção durante algum tempo; tem quasi tanta habilidade como eu para a cosinha; e se a senhora me deixasse partir, ajudaria eu assim a ajuntar dinheiro para o que os meus senhores precizassem.

— E teus filhos, Chloé?

— Os rapazes são ja bastante grandes para trabalharem durante o dia, e Sally terá cuidado da pequena, que não lhe dará muito trabalho, porque é muito mansinha, nunca chora, e fica aonde a põem.

— Mas sabes que *Louisville* é muito distante d'aqui?

— Que importa? não tenho mêdo! Fica talvez lá ao pé d'onde está meu pobre marido?

— Não, Chloé, é ainda a muitos centos de milhas de distancia; mas não importa, sempre estarás mais perto d'elle. Sim, podes partir, e tudo que ganhares servirá para o resgate de teu marido.

Assim como um brilhante rayo do sol pratêa subitamente uma escura nuvem, assim tambem foi de repente illuminado pela alegria o rôsto de Chloé, ha pouco tão abatido.

— Ah! meu Deos! a senhora é demasiado boa! Eu tinha tido a mesma idéa, sem ousar manifesta-la! Como eu não tenho necessidade de comprar nada, poderei ajuntar tudo o que ganhar; e a quatro dollares por samana, ja hade fazer uma boa somma no fim do anno! Quanto seria, minha senhora, poderia dizer-me?

—Duzentos e oito dollares.

— E quanto tempo será necessario que eu trabalhe fora de casa? pergunta ella, cheia d'admiração e de jubilo.

— Quatro ou cinco annos, Chloé; mas não terás necessidade de ganhar tudo, eu ajuntarei alguma cousa tambem.

— Com tanto que eu a não ouça fallar nunca mais, minha senhora, de dar lições, ou de cousa alguma d'esse genero! O senhor tem razão, isso não lhe ficava bem. Espero que nin-

guem da nossa familia terá necessidade de intervir n'isto, em quanto eu tiver mãos para trabalhar.

— Fica descançada, Chloé, que eu tomarei cuidado da honra da familia, diz Mrs Shelby, sorrindo. Mas quando queres tu partir?

— Não sei, minha senhora; mas Samuel, que vai descer o rio com os pôtros, disse-me que poderia ir em sua companhia, e ja tinha feito a minha trouxa. Se a senhora o permittir partirei pois com Samuel amanhã pela manhã, e espero que a senhora me fará o favôr de me dar um passe, e algum pequeno certificado que me sirva de recommendação.

— Sim, Chloé, terás tudo isso prompto, se Mr Shelby se não opposer, como espero. Eu lhe vou fallar a esse respeito,

Mrs Shelby subio ao seu quarto, e mãi Chloé, no auge do contentamento, foi para a sua cabana a fazer os seus preparativos de viagem.

— Ah! sinhósinho Jorge! sabe que parto amanhã para *Louisville?* diz ella a Jorge, que entrave n'esse momento na cabana, aonde Chloé estava a arranjar os vestidinhos de sua filha. Vou ganhar quatro dollares por semana, e a senhora guardará todo esse dinheiro para resgatar o meu pobre marido!

— Bravo! exclama Jorge, é uma bôa noticia que me dá, mãi Chloé! E quando é que parte?

— Parto amanhã com Samuel. E agora, sinhósinho Jorge, estou certa que vai assentar-se, e escrever ao meu pobre Thomaz para lhe contar tudo, não é verdade?

— Por certo! diz Jorge. Pai Thomaz ficará bem satisfeito de receber noticias nossas. Vou buscar a casa papel e tinta, e verá, mãi Chloé, como eu lhe fallarei dos nossos pôtros, e de tudo o mais!

— Certamente, certamente, sinhósinho! Va, em quanto eu lhe vou preparar uma aza de galinha, ou outra qualquer cousa. Ah! é que ja não terá por muito tempo petiscos como os que lhe arranjava a sua pobre mãi Chloé!

CAPITULO XXI.

A herva desséca-se, a flôr murcha-se.

A vida passa, e tudo com ella, dia apoz dia! assim correram dois annos para o nosso amigo Thomaz. Posto que se visse separado de tudo o que tinha de mais caro, e que muitas vezes suspirasse pelo mundo futuro, não se achava todavia infeliz. A alma humana é como um instrumento bem feito e afinado, cuja harmonia não pode ser inteiramente destruida senão quando todas as suas cordas estão relachadas ou quebradas. Quando olhâmos retrospectivamente para os nossos tempos de privações e de cuidados, vemos que cada hora trazia tambem com sigo as suas distracções e as suas consolações, e que se não eramos completamente felizes, não eramos tão pouco inteiramente desgraçados.

Thomaz, no livro que compunha toda a sua bibliotheca, lia, a respeito d'alguem : « Que elle se tinha acostumado a estar satisfeito do seu estado, e em toda a parte. » Esta doutrina parecia-lhe bôa e rasoavel, conformando-se com a disposição meditativa que elle devia á leitura d'esse mesmo livro. A sua carta dirigida á sua familia, como contámos no capitulo precedente, tinha recebido em tempo conveniente uma resposta, escripta com a melhor letra de Jorge, sobre a qual Thomaz se extasiava, dizendo que se podia ler a vinte passos de distancia. Ella continha sobre a sua familia os detalhes ja conhecidos do leitôr : que mãi Chloé estava ao serviço d'um pastelleiro de *Louisville*, aonde os seus conhecimentos em pastellaria lhe valião prodigiosas sommas de dinheiro, guardadas escrupulosamente para completar a somma necessaria

para o seu resgate; que Moisés e Pedro prosperavão, e que a pequenita ja corria por toda a casa, tendo todos o maior cuidado d'ella. A sua cabana estava por em tanto fechada; mas Jorge espraiava-se sobre os embellezamentos que contava fazer-lhe, quando Thomaz estivesse de volta para a habitar.

O resto da carta era consagrado á enumeração dos estudos de Jorge, começando cada artigo por uma soberba letra maiuscula; dizia-lhe igualmente os nomes dos quatro pôtros que ornavão a cavalheriça depois da partida de Thomaz, e ajuntava na mesma phrase, que *o papa e a maman* passavão bem. O estylo d'esta carta era certamente claro e conciso; mas Thomaz julgava haver recebido a mais admiravel peça de composição dos tempos modernos. Nunca se cançava de a contemplar, consultando até Eva, para saber se não deveria pô-la n'um quadro, e debaixo de vidro, como ornamento do seu quarto. O que o embaraçava era de que modo elle poderia pô-la que se vissem ambas as páginas da carta.

A amizade de Thomaz e d'Eva augmentava á medida que a menina crescia, sendo difficultôso dizer que lugar ella occupava no terno e impressionavel coração do seu fiél servidôr. Amava-a como uma cousa frágil e mortal, prestando-lhe ao mesmo tempo uma espécie de culto como a um ente sobre natural e divino. Contemplava-a com o mixto sentimento de veneração e de ternura com que o pescador Napolitano contempla a imagem do menino Jesus nos braços da Virgem. Prestar-se ás suas fantesias, ter para com ella essas mil variadas attenções e cuidados que a infancia reclama, era a sua mais cara occupação.

Quando ia ao mercado, procurava por toda a parte as melhores flôres e os melhores fructos, trazendo sempre um lindo ramalhete, um pecêgo ou uma laranja d'uma belleza rara, para fazer presente á sua joven amiga; e o que o encantava sobre tudo era vêr essa loura cabecinha a espreitar á porta a sua volta do mercado, e essa questão infantil:

— Então, pai Thomaz! que me trazes tu esta manhã?

Eva, pela sua parte, não mostrava menos desêjo de lhe ser agradavel em tudo o que podia. Posto que tão nova, lia ja em voz alta d'uma maneira admiravel; o seu ouvido musical, a sua imaginação viva e poética, e sua instinctiva sympathia por tudo o que era nobre e grande, davão um tal accento ás suas leituras da Biblia, que Thomaz dizia nunca ter ouvido nada igual.

Ao principio ella lia só para comprazer com o seu humilde amigo; mas em breve, como uma débil planta que enlaça com seus tenros raminhos o tronco da arvore majestosa, affeiçôou-se ao livro santo com todo o ardôr da sua natureza. Amava-o, porque despertava n'ella extraordinarias aspirações, e emoções vagas e fortes, como as ama uma criança apaixonada. De todos os livros da Biblia o que preferia era o Apocalypse, e as Prophecias, cujas imagens maravilhosas e linguagem vehemente a impressionavão tanto mais, que ella procurava de balde penetrar-lhe o sentido. Ella e o seu ingénuo amigo, a velha criança e a joven menina, sentião do mesmo modo a esse respeito.

Tudo o que comprehendião era que se tratava d'uma gloria, que seria um dia revelada, d'outro porvir maravilhôso, de cuja perspectiva suas almas se alegravão, sem saber porque. Ainda que assim não seja no dominio das sciencias positivas, pode dizer-se que em moral o que se não comprehende não deixa de ser proveitoso; porque a alma se desperta, trémula, estranha, entre essas duas eternidades mysteriosas, a eternidade do passado, e a eternidade do futuro. Em tôrno d'ella a luz brilha só n'um estreito espasso, e ahi está porque aspira ao desconhecido. Essas vozes que descem da columna de nuvem (1) da inspiração, e esses movimentos mysteriosos do

(1) Allusão á columna de nuvem que guiava os Isrealitas no deserto. É assim que a Escriptura-Santa, inspirada por Deos, guia a alma que procura a justiça no deserto d'este mundo.

espirito, despertão n'ella echos, e secretas melodias. Essas imagens mysticas são talismans, e pedras preciosas sobre que estão traçados hierogliphicos desconhecidos; a alma conserva-os preciosamente, esperando decifra-los quando tiver penetrado álem da nuvem (1).

N'este ponto da nossa historia, toda a casa de Saint-Clair habitava a sua chacra do lago *Pontchartrain*. O calôr do verão tinha levado para as margens do lago todos os que podião abandonar a suffocante e doentia morada da cidade.

A chacra que Saint-Clair ahi possuia era construida no estylo das casas de campo das Indias Orientaes, circulada de ligeiras varandas feitas de canas, com portas para os jardins e para os bosques. A sala dava sobre um grande jardim ornado das mais raras plantas, e das mais bellas e aromaticas flôres dos tropicos; sinuosas ruas condusião até á borda do lago, cujas prateadas aguas parecia que brincavão com os raios do sol, ora elevando-se, ora abaixando-se, espectaculo novo a cada hora, e a cada hora sempre mais bello.

Assistimos agora a um d'esses pôr do sol, brilhante como o ouro que abrasa o horisonte inteiro com uma corôa de gloria, e fazem das aguas um outro céo. O lago parece dormitar, cingido por aureas e rubras zonas, cortado por baixeis com as suas brancas vélas, correndo d'uma parte e d'outra como duendes, e por estrelinhas de ouro, brilhando atravez da combustão celeste, e mirando-se no espelho das dormentes aguas.

É um domingo de tarde; Thomaz e Eva achão-se assen-

(1) *O véo* é uma allusão Biblica: *o véo*, no templo de Jerusalem, occultava o lugar tres vezes santo aos olhos da multidão; era considerado geralmente como uma imagem da obscuridade que o mal moral faz reinar entre Deos e o homem.

No estylo Evangélico, *penetrar álem da nuvem* significa ser purificado de toda a mancha moral, e ser introdusido pela morte na presença de Deos.

tados á sombra n'um verde caramanchão, com a Biblia aberta sobre seus joelhos, a menina lê : « E vi um mar de vidro todo escandecente. »

— Thomaz, diz ella, parando de repente, e mostrando-lhe o lago, ei-lo-ahi!

— O que, Miss Eva ?

— Pois não vez? diz a menina apontando para a agua no ponente, cujas ondulações reflectião o dourado brilhantismo do céo. Eis-ahi o mar de vidro todo escandecente !

— É verdade, Miss Eva! diz Thomaz, pondo-se a cantar :

Oh ! s'eu tivesse as azas da auróra,
Fugiria para as ribas de Chanaam ;
Brilhantes anjos me condusirião
A' minha patria, — a nova Jerusalem !

— Aonde pensa que se acha a nova Jerusalem, pai Thomaz? diz Eva.

— Lá em cima, álem das nuvens, Miss Eva!

— Então, parece-me que a vêjo! diz Eva. Olhe para aquellas nuvens! Parecem grandes portas feitas de perolas, e pode-se aperceber um espasso álem d'ellas, aonde tudo é de ouro! Thomaz, canta-me « Os gloriosos espiritos ! »

Thomaz cantou as palavras d'um hymno methodista bem conhecido :

Vejo o côro dos brilhantes espiritos
Que gozão das glorias do Altissimo !
Todos trajão brancas e immaculadas vestes,
E trazem em suas mãos as palmas da victoria.

— Pai Thomaz, ja os vi! diz Eva.

Thomaz não duvidou, nem ficou surpreso que assim tivesse acontecido.

Se Eva lhe dissesse que ella ja tinha habitado o Céo, tê-la-hia igualmente acreditado, como cousa mui provavel.

— Apparecem-me por vezes, quando estou dormindo, esses brilhantes espiritos!

E os olhos de Eva tornaram-se como assombrados, cantando em voz baixa:

Todos trajão brancas e immaculadas vestes,
E trasem em suas mãos as palmas da victoria.

— Pai Thomaz, diz Eva, em breve partirei para lá!

— Para onde, Miss Eva?

A menina levantou-se, e estendeo sua linda mãosinha para o Céo! Os ultimos rayos do sol fazião resplandecer seus cabellos de ouro, e seu angélico rôsto parecia cingido d'uma aureola celeste, em quanto seus ardentes olhos mergulhavão no espasso.

— Sim, Thomaz, diz ella, *em breve* irei para a companhia dos brilhantes espiritos!

O velho e fiél amigo sentio subitamente apertar-se-lhe o coração; recordou-se de quantas vezes havia notado que, depois de seis meses, as mãosinhas de Eva emmagrecião, que a sua carnação tinha-se tornado mais transparente, a sua respiração mais curta, e que se sentia cançada apenas brincava um momento no jardim, aonde ella corria outr'ora um tempo infinito sem se fatigar. Tinha ouvido algumas vezes Miss Ophélia fallar d'uma tosse que resistia a todos os seus medicamentos. Agora mesmo as suas faces, e as suas mãos queimavão de febre, e todavia o pensamento, que as palavras de Eva acabavão de despertar n'elle, nunca se lhe havia apresentado ao espirito!

Terão por ventura existido crianças iguaes a Eva? — Sim, têem existido; mas seus nomes encontrão-se sempre gravados sobre a pedra do tumulo, e seus doces sorrisos, seu celeste

olhar, suas maneiras, e seus ditos extraordinarios, achão-se escondidos, como preciosos thesouros, no fundo dos corações.

Em quantas familias não tendes vós ouvido dizer que a bondade e as graças dos filhos existentes não são nada em comparação dos encantos d'aquelle que ja não existe? Parece que o céo possue uma legião de anjos tendo por missão de passarem uma primavera n'este mundo, a fim de attrahirem os corações rebeldes, levando-os comsigo, quando tomão o seu vôo para tornar á celeste patria! Quando a joven alma se revelar por palavras mais ternas, e mais rasoaveis que as palavras das outras crianças em geral, não espereis retê-la; está marcada com o sello divino, o resplendôr da immortalidade brilha ja em seus olhos!

Assim és tu, angélica Eva! Bella estrella do céo domestico, ja te inclinas para o horizonte, sem que os que te amão d'isso se apercebão!

A conversa entre Eva e Thomaz foi interrompida pela voz de Miss Ophélia, chamando por Eva para que entrasse quanto antes, porque o sereno podia ser-lhe prejudicial.

Miss Ophélia, acostumada a tratar de crianças, e nascida na Nova-Inglaterra, sabia perfeitamente discernir os primeiros symptomas d'essa fallaciosa e lenta enfermidade, que escolhe ordinariamente as suas victimas entre as creaturas mais bellas e mais amaveis, e que, antes mesmo que uma unica fibra de suas vidas pareça attacada, ja se achão irrevocavelmente marcadas para a morte.

Tinha notado essa tossesinha sêca, essas faces cada dia mais colorídas; e nem o brilhantismo do seu olhar, nem a sua alegria febril podião engana-la.

Procurou communicar os seus recêios a Saint-Clair; mas elle repellio as suas insinuações com uma anciosa vivacidade, que não se assemelhava com o seu desleixo habitual.

— Deixe-se d'essas suas tontices, minha prima, que não posso soffre-las! dizia elle; não vê que a pequena cresce, e

que as crianças tornão-se sempre mais fracas durante esse periodo?

— Mas essa tósse que a não deixa...

— Que absurdo! Essa tósse não é nada; é algum defluxo que apanhou.

— É precisamente assim que Eliza, Joana, Hellena, e Maria Sanders forão attacadas!

— Oh! pelo amôr de Deos, calle-se com todos esses fantasmas de contos de velhas! A sua experiencia torna-a tão sabichôna, que uma criança não pode tossir, ou espirrar sem que se lhe figure logo que ella está na extremidade! Tome cuidado d'Eva, preserve-a do ar da noite, não a deixe brincar, e saltar demasiado, e verá como ella recupéra em breve a saude!

Assim fallava Saint-Clair; mas nem por isso ficou menos agitado e inquiéto. Examinava cada dia Eva com o maior cuidado, não se separando d'ella um instante, levando-a comsigo a passeio, trazendo-lhe toda a qualidade de cousas fortificantes, não porque ella tivesse d'isso necessidade, repetia elle; mas porque não lhe podião fazer mal.

Porem havia uma cousa que augmentava mais que tudo a sua anciedade: era o desenvolvimento quotidiano, e a prematura madurez da intelligencia, e dos sentimentos de sua filha, ainda que conservasse toda a graça infantil. Ouvião-se-lhe, não raras vezes, sem que ella tivesse d'isso a consciencia, palavras d'uma tão alta elevação de pensamento, e d'uma tão extraordinaria sabedoria, que parecião inspiração! N'esses momentos, Saint-Clair sentia um arrepiamento por todo o corpo, apertava em seus braços Eva, como se esse apaixonado abraço podesse salva-la, fazendo em seu coração vãs determinações de nunca se separar d'ella!

O coração e alma de Eva parecião desfazer-se em actos de amôr, e de dedicação. Tinha tido sempre movimentos de generosidade; mas agora havia n'ella um tal excesso de bondade, e de razão, que admirava a todos. Brincava ainda

algumas vezes com Topsy, e com as outras crianças; mas parecia mais espectadôra dos seus divertimentos do que actôra n'elles. Ficava durante uma meia hora a rir das cabriolas de Topsy, uma sombra passava depois sobre seu rôsto, seu olhar cobria-se d'um véo, e seu pensamento voava a outra parte.

— *Maman,* diz ella um dia a sua mãi, porque não ensinâmos nós a lêr aos nossos escravos?

— Que pergunta tão extraordinaria! — Porque ninguem o faz.

— E porque é que o não fazem? replica Eva.

— Porque é inutil que elles saibão lêr. Não trabalharião melhor por isso, e elles são feitos só para trabalhar.

— Mas, *maman,* elles devem lêr a Biblia, para conhecerem a vontade de Deos.

— Não falta quem lhes lêia tudo que precisão saber.

— Mas parece-me, *maman,* que cada um deve lêr a Biblia para si mesmo. Sente-se mais vezes a necessidade de a lêr do que se tem occasião de a fazer lêr por outrem.

— Eva, tu és a criança mais singular que eu tenho visto! lhe diz sua mãi.

— A tia Ophélia ensinou a lêr a Topsy.

— E bem sabes que proveito ella tirou d'isso! Topsy é sempre a peior creatura que existe.

— E a pobre Mammé! diz Eva, ella que gosta tanto da Biblia, como seria feliz, se a podesse lêr! Como fará ella, quando me não tiver para lh'a lêr?

Maria, occupada a procurar alguma cousa n'uma gaveta, respondeo:

— Quando fores grande, terás outras cousas que te interessem mais do que ensinar a lêr a Biblia aos escravos. Não digo que isso seja um mal, eu mesma o fiz quando tinha saude; mas quando fores apresentada na sociedade, apenas se acharás tempo para tratar dos teus enfeites. Vê estas joias que eu te darei para esse tempo! Estrêei-as no primeiro

baile a que fui, e asseguro-te que não deixei de fazer sensação!

Eva pegou na caixa que continha o collar de brilhantes, e seus grandes olhos pensativos ficaram pregados sobre ella; mas não era a cobiça que absorvia os seus pensamentos!

— Que ar sério tomaste, minha filha! diz Maria.

— Isto tem muito valôr, *maman?*

— Por certo; este collar foi meu pai que o fez vir de França, e vale uma pequena fortuna.

— Desejava tê-lo, e poder fazer d'elle o que quizesse! diz Eva.

— E que farias tu com elle?

— Vendê-lo-hia, e com esse dinheiro comprava um terreno nos Estados livres, aonde conduziria todos os nossos escravos, pagando mestres que lhes ensinassem a lêr e a escrever....

Eva foi interrompida na manifestação dos seus deséjos por uma grande rizada de sua mãi.

— Fundar uma casa de educação para escravos! E por que não lhes ensinarias tambem a tocar piano, e a bordar?

— Ensinar-lhes-hia a lêr a sua Biblia, a escrever as suas cartas, e a lêr as que lhes fossem dirigidas, diz Eva com dignidade e firmêza; porque soffrem sem duvida por essas privações, como lhes tenho ouvido.

— Vamos, Eva, basta de loucuras! és uma criança que não sabe o que diz, e ja me dóe a cabeça de te ouvir fallar tanto!

Maria dôia-lhe sempre a cabeça, quando se fallava diante d'ella d'alguma cousa que lhe não agradava. Eva deixou-a, para ir dar a sua lição de leitura a Mammé, como depois d'algum tempo o fazia com a maior assiduidade.

CAPITULO XXII.

Henrique.

Por este tempo, Alfredo de Saint-Clair veio passar alguns dias em casa de seu irmão, trazendo comsigo seu filho mais velho, de doze annos de idade.

Nada mais interessante do que vêr juntos esses dois irmãos gémeos.

Em lugar de se parecerem, a natureza havia-se esmerado em faze-los contrastar a todos os respeitos. Erão todavia unidos pela mais sincéra amizade, e por um laço quasi mysterioso.

Passeavão frequentes vezes, pelo braço um do outro nas ruas do jardim, Agostinho, com os seus olhos azues, o seu cabello louro, as suas formas flexiveis e ethéreas, e a sua mobil physionomia; Alfredo, com os seus olhos pretos, o seu profil sevéro, os seus membros vigorosos, e o seu soberbo porte. Ambos escarnecião das opiniões e das acções um do outro, sem que a sua amizade por isso se alterasse; pelo contrario, esse contraste parecia contribuir a augmentar a sua mutua affeição.

Henrique, o filho mais velho d'Alfredo, era um bello rapaz, de ar nobre, de olhos vivos e fôgosos, que pareceram logo fascinados pelas graças de sua prima Evangelina.

Eva possuia um cavallinho seu favorito, branco de neve, d'um passo igual e ligeiro, tão manso e tão meigo como a sua linda dóna.

Thomaz conduzio esse cavallinho, arreado por suas mãos, para debaixo da varanda, á espera que a sua joven senhora

viesse para o montar, ao mesmo tempo que um mulatinho, de doze a treze annos, para ahi conduzia igualmente um cavallo arabe, preto e lustroso como setim, e d'um grande preço.

— Parece-me, Dodo, que não limpaste bem o meu cavallo esta manhã, cão de preguiçoso!

— Sim, senhor, limpei-o como de costume, respondeo Dodo com ar submisso; mas talvez apanhasse alguma poeira.

— Caluda, brégeiro! exclama Henrique encolerizado, e levantado o chicote, pois atréves-te a fallar na minha presença!

O mulato era um bello môço, de olhos brilhantes, da altura d'Henrique, e cujos cabellos annellados ornavão uma testa alta e nobre. Corria-lhe sangue de branco nas vêias, como se podia julgar pelo subito rubôr de suas faces, e pelo brilhar de seus olhos, em quanto procurava responder:

— Senhor Henrique.... começava elle.

— Mas Henrique não o deixou proseguir, cortando-lhe o rôsto com uma chicotada, e agarrando-lhe pelo braço, fê-lo pôr de joelhos, dando-lhe assim uma quantidade de chicotadas por todo a corpo.

— Que esta lição te sirva, vil cão que és, para não tornares a responder-me! Leva o cavallo, e não o tragas senão quando estiver bem limpo. Eu te ensinarei a não seres atrevido!

— Meu joven senhor, diz Thomaz, parece-me que elle ia explicar-lhe que o cavallo se tinha espojado ao sahir da cavalheriça, e que foi assim que se cobrio de pó; porque esta manhã eu mesmo o vi estar a alimpa-lo

— Guarda a lingua para quando te pedirem que faças uso d'ella! lhe responde Henrique.

E virando-lhe as costas, subio as escadas da varanda para ir ter com Eva, que ahi se achava, graciosamente vestida de amazôna.

— Minha cara prima, sinto faze-la esperar, por causa d'aquelle estupido de rapaz; assentemo-nos sobre este banco até que elle venha. Mas que tem, minha prima? Que ar tão sério!...

— Como é que poude mostrar-se tão máo e tão cruel para com esse pobre Dodo? diz Eva.

— Cruel! máo! exclama Henrique surpreso; que quer dizer com isso, cara Eva?

— Tomára que não me chamasse *cara* Eva, quando se conduz de tal modo! diz Eva com dignidade.

— Minha cara prima, não conhece Dodo! é o unico meio de fazer d'elle alguma cousa; não lhe faltão nunca escusas e mentiras, e não se lhe pode impôr silencio d'outro modo! Meu pai faz o mesmo aos seus escravos.

— Mas pai Thomaz disse-lhe que tinha sido um acaso, e elle nunca diz senão a verdade.

— É então um preto como ha poucos! diz Henrique. Quanto a Dodo, tantas são as palavras, como as mentiras que diz.

— É o modo com que o trata que o obriga a mentir.

— Parece-me, Eva, que vou ter ciumes do meu mulato, visto o calôr com que o defende!

— Não posso deixar de dizer que foi injusto, castigando-o tão cruelmente sem elle o merecer.

— Ficará pelas vezes que o não tem sido, quando o merecia. Dodo é um velhaco de primeira ordem, asseguro-lhe; mas não o castigarei mais na sua presença, pois que isso a contraría!

Eva não estava satisfeita; mas debalde pretenderia fazer comprehender os seus sentimentos a Henrique!

Dodo não tardou em trazer novamente o cavallo.

— D'esta vez sim, está bem limpo, lhe diz seu joven senhor, com ar um pouco mais gracioso; vamos, segura agora no cavallo de Miss Eva, em quanto eu a ajudo a montar.

Dodo obedeceo, sem dizer palavra. Suas feições parecião transtornadas, vendo-se que acabava de chorar.

Henrique, com a presteza e galantaria d'um perfeito cavalheiro, ajudou a montar a sua linda priminha, ajuntando as rédeas, e mettendo-lh'as na mão.

Eva virou-se para o lado aonde estava Dodo, e disse-lhe com um gracioso sorrizo.

— Obrigada, Dodo, obrigada!

Dodo olhou para esse angélico rôsto com a maior surpreza! o sangue lhe subio ás faces, e os olhos se lhe encheram de lagrimas.

— Vem aqui Dodo! grita Henrique imperiosamente.

Dodo correo a segurar o cavallo que seu senhor ia montar.

— Aqui tens um pataco para rebuçados, Dodo! diz Henrique, atirando-lhe com o dinheiro, — vai busca-lo!

E Henrique metteo o seu cavallo ao passo do de Eva. Dodo seguio com a vista os dois jovens cavalleiros: um tinha-lhe dado dinheiro, e outro uma cousa que lhe era muito mais agradavel, uma palavra graciosa, pronunciada com bondade.

Dodo havia poucos mezes que tinha deixado sua mãi. Henrique tinha-o comprado n'um armazem d'escravos por causa de seu gentil rôsto, que ficaria em harmonia com a belleza do seu cavallo arabe, e o pobre rapaz fazia agora o seu tyrocinio entre as mãos de seu joven senhor.

A scena que acabâmos de referir tinha tido por testimunhas os dois irmãos Saint-Clair, que a ella assistião d'outra parte do jardim.

Agostinho córou d'indignação, quando vio de que modo Henrique tinha tratado o seu escravo; mas limitou-se a dizer, com ar d'indifferença:

— Supponho, Alfredo, que é aquillo a que tu chamas uma educação republicana?

— Henrique é terrivel quando se esquenta! diz Alfredo tranquillamente.

— Pensas, sem duvida, que isso é para elle um exercicio util e instructivo? replicou Agostinho sêcamente.

— Ainda que eu quizesse, não podia impedi-lo. Henrique é vivo como uma centelha; ha muito tempo que tanto eu como sua mãi renunciámos a domá-lo. A'lem do que, Dodo é da natureza dos duendes, as pancadas não lhe fazem móça!

— É essa a tua maneira de ensinar a Henrique o primeiro paragrapho de todo o catechismo republicano: que todos os homens são iguaes e livres?

— Deixa-me com todas essas bellas phrases sentimentaes que Tom Jefferson foi buscar aos charlatões francezes! É ridiculo pretender que taes idéas continuem a correr entre nós!

— Tambem me parece! diz Saint-Clair, com um tom significativo.

— Porque, em fim, continua Alfredo, vêmos claramente que os homens não nasceram livres e iguaes! Eu cá sempre tomei todo esse palavriado republicano por um puro charlatanismo! Que as pessoas intelligentes, bem educadas, ricas, tenhão os mesmos direitos, passe; mas a *canalha!...*

— Faze com que *a canalha* seja d'essa opinião, diz Agostinho; mas é que ella ja uma vez tomou a sua desforra em França!

— Sem duvida; é nécessario domina-la fortemente, sem commiseração, como eu saberia fazê-lo! diz Alfedo, batendo com o pé no chão, como se quizesse esmagar alguem.

— Porem ella é terrivel, quando se revolta! Vê o que aconteceo em S. Domingos!

— Historias! Nós cá nos saberemos haver d'outro modo! É necessario oppôr-nos de todas as nossas forças a esses palanfrorios sobre a educação e a instrucção que correm agora entre nós. Não se deve dar educação ás classes inferiores!

— Não é essa a questão, respondeo Agostinho. Ainda que

não queirão, a sua educação se fará d'um modo, ou d'outro; como, não sei eu!

O nosso systema actual d'educação torna o pôvo barbaro e embrutece-o, destruimos n'elle os sentimentos de homens, e se alguma vez elle se revoltar, é contra animaes feroses que teremos a combater!

— Não se revoltarão, descança! diz tranquillamente Alfredo.

— É isso! diz Saint-Clair, faze ferver bem a caldeira, fecha a valvula de segurança, assenta-te em cima, e veremos o que acontéce!

— Pois sim, *veremos!* diz Alfredo. Não recêio de me assentar sobre a valvula de segurança, com tanto que a caldeira seja solida, e que a machina funccione bem.

— A nobreza do tempo de Luiz XVI dizia a mesma cousa; a Austria, e Pio IX pensão do mesmo modo hoje; mas não me admirará de os vêr a todos ir pelos ares, *quando a caldeira arrebentar!*

— *Dies declarabit!* diz Alfredo, rindo.

— Podes estar certo, continua Agostinho, que se ha uma cousa que se revéle como um decreto de Deos, é que as massas devem elevar-se, e as classes inferiores sahirem do abatimento em que se achão.

— Isso é uma das tuas absurdas ideas de *républicano vermelho*, Agostinho! Porque não te tens dado á occupação de tribuno popular? Ter-te-hias tornado famôso n'esse género! Seja como for, espero ao menos ja não existir quando vier esse *millenium* da suja populaça!

— Suja, ou não, ella vos governará, quando vier o seu dia, diz Agostinho, e recolhereis então o que houverdes semeado! A nobreza antiga Franceza quiz ter um pôvo embrutecido e esfarrapado (*sans-culottes*); por isso ella se fartou depois de ter um governo *sans-culotte!* O pôvo de Haïti....

— Basta, Agostinho, não falles d'esse abominavel e despresivel Haïti! Os Haïticienos não erão Anglo-Saxonios; se

elles pertencessem a essa raça, as cousas não se terião passado assim! *A raça Anglo-Saxonia é feita para dominar o mundo, e ella o dominará!*

— Pode ser! mas parece-me que os nossos escravos têem uma assaz bôa dose d'esse sangue anglo-saxonio em suas vêias? Uma grande parte d'elles não herdou dos da sua raça que o necessario a dar ao nosso espirito firme, calculador e previdente um pouco do fôgo tropical. Se a hora de S. Domingos chegar a ouvir-se entre nós, será o sangue anglo-saxonio que representará o seu papel; e esses filhos de páis brancos, que trazem nas vêias a nossa arrogancia, não se deixarão sempre comprar e vender. Sublevar-se-hão e com elles toda a raça de suas mãis.

— Tudo isso são absurdos, e contos da carochinha!

— Ja li, replicou Agostinho, uma velha prophecia n'estes termos:

« Acontecerá o mesmo que no tempo de Noé; comião, bebião, casavão-se, rião e brincavão, até que veio o diluvio, e levou tudo! »

— Pelo que vejo, Agostinho, não posso deixar de dizer que perdeste a tua vocação. Que admiravel prégadôr ambulante farias! Fica descançado, não recêies nada por nós! a posse vale o titulo. Temos a força! Essa raça escravizada, continua elle, batendo com o pé no chão, está debaixo de nossos pés, e assim ficará. Temos assaz energia para fazermos uzo da polvora e das balas, se for necessario!

— Filhos, como o teu Henrique, serão excellentes guardas para as casas da polvôra! têem tanto sangue frio e império sobre si! O proverbio diz: « Quem não sabe governar-se não pode governar os outros. »

— É essa, com effeito, uma difficuldade! diz Alfredo, com ar pensativo.

Não ha duvida que, com um semelhante systema d'educação, os filhos custão a governar. Deixa-se demasiada liberdade ás paixões, que, nos nossos climas, são ja assaz vivas!

Henrique inquiéta-me! Elle é generôso, tem um coração excellente; mas a mais pequena cousa o faz saltar como um oguete. Parece-me que o melhor será manda-lo para o Norte, aonde a obediencia é mais de moda.

— Terá ahi mais relações com os seus iguaes, e menos com os seus inferiores. Pois que a educação dos filhos é a obra essencial da raça humana, o facto de que o nosso systema social pécca por ahi deveria, segundo me parece, dar-nos mais que pensar.

— Se este systema é prejudicial á educação a certos respeitos, respondeo Alfredo, é-lhe favoravel a outros: torna os rapazes mais fortes e corajosos, e os vicios mesmo d'uma raça abjecta contribuem a fortificar n'elles as virtudes oppostas. Julgo que Henrique aprecia melhor a belleza da verdade, vendo que a mentira e a dissimulação são os caracteres dos escravos.

— Eis por certo uma maneira mui christã de encarar a questão!

— É verdadeira, que seja christã ou não, replica Alfredo; álem do que, ella é tão christã como outras muitas cousas que vemos praticar no mundo!

— Pode ser, diz Saint-Clair.

— Mas para que é fallarmos de tudo isso, Agostinho? É uma questão que não tem fim! O melhor seria fazermos uma partida de xadrez?

Os dois irmãos subirão para a varanda, e em breve se virão assentados diante d'uma mesinha de cana com o jôgo de xadrez em cima.

Em quanto dispunhão as péças do Jogo, Alfredo proseguio:

— Asseguro-te, Agostinho, que se eu pensasse como tu, teria feito alguma cousa!

— Não duvido, tu és um homem d'acção; mas que terias tu feito?

— Quando não fosse outra cousa, instruiria eu mesmo os

meus escravos, para vêr o que d'ahi resultava! responde Alfredo, com um desdenhôso sorrizo.

— De que me serviria instrui-los, quando todo o enorme pêso da sociédade os esmaga? Um homem só não pode nada contra a sociédade inteira. A educação, para ser util, deve ser instituição do Estado, ou então que um grande numero de pessoas se combine para a diffundir.

— E porque não começas tu?

Mas o jôgo veio absorver-lhes toda a attenção, ficando silenciosos até ao momento de ouvirem o passo dos cavallos debaixo da varanda.

— São nossos filhos! diz Agostinho, levantado-se, olha! vistes nunca um par igual?

— Com effeito, era um quadro encantadôr! Henrique, com o seu ar nobre, com o seu annellado cabello preto, com o rôsto animado, ria alegremente, dirigindo-se a sua prima. Eva estava vestida com uma amazôna azul, e trazia um chapéo da mesma côr. O exercicio tinha-lhe dado uma animação extraordinaria, tornando ainda mais visivel a sua singular transparencia.

— Meu Deos! que admiravel belleza! exclama Alfredo; quantos corações fará ella em breve suspirar!

— Sim, haverá corações que suspirem, e se despedacem, não ha duvida, infelizmente! diz Saint-Clair, com expressão de profunda amargura, e correndo ao encontro de sua filha.

— Minha querida Eva, não estás cançada? lhe pergunta elle, apertando-a em seus braços.

— Não, *papa*.

Mas a sua respiração, curta e difficil, inquiétou seu pai.

— Para que correste tanto, minha joia? Bem sabes que isso faz-te mal!

— Bem sei; mas sentia-me tão bem, e gosto tanto de galopar?

Saint-Clair trouxe-a nos braços até á sala, aonde a pôz sobre um sofá.

— Henrique! como cavalheiro de tua prima, diz elle, devias ter mais cuidado d'ella, e não a deixar correr tanto.

— O' meu tio, permitta-me que continue essa agradavel occupação! diz Henrique, assentado-se ao pé de sua prima e pegando-lhe na mão.

Eva, achando-se melhor, ficou entregue ao cuidado de seu primo, segundo os seus desêjos, e os dois irmãos continuaram a sua partida de xadrez.

— Quanto sinto, minha prima, que *papa* não possa demorar-se aqui mais de dois dias! Quando a tornarei eu a vêr? Se ficasse na sua companhia, talvez me corrigisse das minhas maldades, tratando melhor Dodo, ainda que lhe asseguro que não sou tão máo para elle, como pensa; dou-lhe mesmo por vezes alguns vintens, e bem vê que anda bem vestido. Tomaram muitos ser tão felizes como Dodo!

— Julgar-se-hia feliz, se não tivesse ninguem que o amasse?

— Eu? — por certo que não!

— Dodo está separado de todos os seus amigos, não tem ninguem que o ame, como poderá elle ser feliz?

— Que lhe heide eu fazer? Não posso restituir-lhe a mãi, nem ama-lo eu mesmo!

— E porque o não amaria? diz Eva.

— *Amar* Dodo! Pois quereria que eu amasse Dodo, Eva? Posso trata-lo bem, mas *ama-lo!* Por ventura minha prima *ama* os seus escravos?

— Certamente, que os amo.

— Que cousa tão singular!

— Não nos diz por ventura a Biblia que devemos amar a todos?

— Oh! a Biblia! sem duvida... A Biblia diz muitas cousas d'esse género; mas ninguem pensa em executa-las, bem o sabe, Eva!

Eva não respondeo a isto; seus olhos ficaram fixos por um momento, dizendo depois :

— Não quero discutir, meu primo; mas peço-lhe que ame Dodo, que seja bom para com elle, ao menos por amôr de mim!

— Não ha nada que eu não faça por esse motivo, minha cara prima; porque a amo sincéramente, não só como parenta, mas como a mais encantadôra creatura que tenho visto!

Henrique parecia sincéramente apaixonado por sua prima, que recebeo o seu comprimento, ou a sua declaração, com uma perfeita simplicidade, contentando-se de responder :

— Lisongeão-me muito os seus sentimentos, Henrique; mas espero que se não esquéça da sua promessa.

N'esse momento ouvio-se tocar para o jantar, o que pôz termo á conversa dos dois priminhos.

CAPITULO XXIII.

Presagios.

Dois dias depois, Alfredo e Agostinho se separaram, e Eva que, estimulada pela sociedade de seu joven primo, se havia fatigado álem das suas forças, começou a declinar rapidamente. Saint-Clair decidio-se em fim a consultar um médico. Tinha até então repellido esse pensamento, porque parecia-lhe que chamar um medico, era dar realidade a um pressentimento doloroso; mas Eva tinha-se achado tão incommodada durante um dia ou dois, que foi forçôso recorrer a esse extremo.

Completamente absorvida pelo estudo de duas ou tres novas

doenças, de que se julgava victima, Maria de Saint-Clair não tinha se quer notado o progressivo enfraquecimento de sua filha. Persuadia-se que ninguem havia nunca soffrido, nem podia soffrer tanto como ella, admirando-se de que se podesse fazer attenção a outros soffrimentos que aos seus, e attribuindo-os á preguiça, e á falta de energia.

Miss Ophélia tinha de balde procurado por differentes vezes despertar a sua sollicitude maternal.

— Não vejo que a pequena esteja doente, respondia ella; não se soffre, quando se brinca e salta todo o dia como ella faz!

— Mas não faz attenção á sua tosse?...

— Tosse! não me falle de tosse a mim, que tenho toda a vida sido sujeita a ella! Quando tinha a idade de Eva, todos me julgavão phthisica; Mammé que o diga, que não dormia uma só noite para tratar de mim! A tosse de Eva é absolutamente nada.

— Entretanto, enfraquéce de dia para dia, e quasi que não pode respirar!

— Estive no mesmo estado durante muitos annos; é apenas uma indisposição nervosa.

— E a sua abundante transpiração durante a noite?

— É o que me acontece depois de dez annos. Accordo muitas vezes durante a noite toda n'um lago de suor; as camisas, os lençóes, ficão ensopados de tal modo, que Mammé vê-se obrigada a pô-los a secar. É impossivel que Eva sue tanto como eu suo todas as noites.

Miss Ophélia callou-se por algum tempo; mas quando o estado de fraquêza de Eva foi visivel e incontestavel, e que se chamou o médico, Maria Saint-Clair mudou de repente de linguagem.

Ella bem o sabia, dizia ella, sempre o tinha pronosticado; porque era a mais infeliz das mãis! Ella, com a sua miseravel saude, vêr-se condemnada a vêr morrer a sua filha unica e querida!

E Maria, sob o pretexto d'esta nova infelicidade, não deixava toda a noite a pobrê Mammé, queixando-se e ralhando durante o dia mais enérgicamente do que nunca.

— Minha cara Mary, não falles assim, dizia Saint-Clair; é necessario não desesperar!

— Não tens o coração d'uma mãi, Saint-Clair! nunca poderás comprehender-me!

— Mas, repito-te, que não é ainda um caso desesperado.

— Não posso fallar d'isso com a mesma indifferença que tu, Saint-Clair! Se sentes nada, vendo a nossa unica filha no perigo extremo em que se acha, sinto eu! É um terrivel golpe para mim, depois de tudo o que tenho soffrido!

— É verdade que Eva é mui delicada, diz Saint-Clair, sempre o sube; cresceo tão rápidamente, que a sua séve, por assim dizer, está quasi esgotada; o seu estado é inquiétante sem duvida, mas não devemos esquécer tambem que se fatigou demasiado em quanto o primo aqui esteve, com passeios e jogos proprios da sua idade; finalmente, o médico affirma que não é caso desesperado.

— Felicito-te de poderes encarar as cousas tão favoravelmente!

É uma grande fortuna n'este mundo ser privado de sensibilidade!

Se eu fosse assim, não soffreria o que soffro!

Passadas algumas semanas, Eva experimentou grandes melhoras, d'essas melhoras que, na inexoravel doença de que ella estava attacada, vêem muitas vezes entreter de fallaciosas esperanças o coração afflicto á borda mesmo da sepultura. De novo se vio percorrer com seu ligeiro passo a varanda e os jardins, brincar, rir como d'antes; e seu pai, transportado d'alegria, persuadio-se, e pertendia perssuadir a todos que em breve a verião completamente restabelecida, e melhor que nunca.

Miss Ophélia e os médicos forão os unicos que não ficaram illudidos por essas trégoas fallaciosas. Havia ainda um outro

coração que guardava o mesmo presentimento : era o de Eva. Qual é pois essa voz que falla tão distinctamente, tão docemente á alma da sua proxima partida da terra? Será o secreto instincto da natureza que declina, ou a involuntaria aspiração da alma á immortalidade que d'ella se approxima?

Seja como for, Eva sentia uma certeza prophética de que ja não estava longe do Céo, certeza plácida como os rayos do sol no seu occaso, amena como o harmonioso silencio d'um dia d'outomno. Era n'ella que repousava seu coração, attristado unicamente pela afflicção d'aquelles que a amavão.

Quanto a ella, por si só, não sintia nenhum apêgo á existencia, existencia todavia que se lhe apresentava tão rica de affeições e de felicidade!

N'esse livro, que ella e o seu velho amigo tantas vezes tinhão lido juntos, havia encontrando a imagem d'aquelle que amava os meninos; tinha-a concentrado em seu coração, e, á força de a contemplar, essa imagem tinha cessado de ser para ella uma visão indistincta do passado; tinha-se tornado n'uma realidade viva, sempre presente a seus olhos. O amôr de Jesus traspassava d'uma ternura divina esse joven coração, e era a viver com elle que aspirava!

Mas ao mesmo tempo seu coração não podia deixar de attristar-se com a lembrança d'aquelles que ella ia deixar, de seu pai sobre tudo; porque sabia quanto era por elle amada. Ella amava sua mãi, porque por natureza só sabia amar; o seu egoismo inspirava-lhe apenas tristeza e uma espécie de perplexidade, porque tinha a confiança implicita e infantil que uma mãi não podia ter defeitos. Havia n'ella sim alguma cousa que Eva não podia comprehender; mas não queria aprofundar isso, dizendo-se que era sua mãi, e que a amava ternamente.

Lembrava-se igualmente dos seus escravos tão affeiçoados, tão fiéis, de quem elia era toda a consolação. É raro que as crianças vejão as cousas em grande; mas Eva era uma criança extraordinaria, e tudo de que ella havia sido testi-

munha, as consequencías deploraveis do systema em que vivia, tinhão penetrado uma a uma no intimo d'essa alma séria e meditativa. Experimentava vagos desêjos de tornar-se uma medianeira de salvação e livramento, não só dos que a rodeiavão, mas de todos que se achavão na mesma condição, e essas aspirações geraes contrastavão dolorosamente com a sua fraquêza.

— Pai Thomaz, diz ella um dia, depois de haver feito a sua costumada leitura da Biblia ao seu amigo, comprehendo agora porque é que Jesus-Christo quiz morrer por nós!

— Porque, Miss Eva?

— Porque sinto o mesmo desejo.

— Que quer dizer, Miss? Não a comprehendo.

— Não sei como explicar-me. Quando vi esses infelizes escravos a bordo do barco de vapôr em que viémos, bem se lembra! uns que havião deixado suas mulheres e suas mãis, outras os maridos; mãis obrigadas a abandonar seus filhos; quando ouvi a historia de Prue, e muitas outras mais, senti que me julgaria feliz de morrer, se a minha morte podesse pôr termo a todas essas desgraças. Sim, desejaria morrer por elles, se podesse! diz a menina com voz maviosa, e pondo a sua transparente mãosinha sobre a de Thomaz.

Thomaz olhou para ella extasiado, e quando a vio partir, correndo ao chamado de seu pai, limpou as lagrimas em que seus olhos nadavão, e seguio-a com a vista.

— É inutil pertender guardar Miss Eva entre nós, diz elle a Mammé, que encontrou um momento depois; a aureola celeste ja lhe orna a fronte!

— Bem o sei! diz Mammé, levantando as mãos ao céo, sempre o disse, que não era creatura a viver muito tempo n'este mundo!...

Eva subio os degráos da varanda para ir ter com seu pai, e ao vê-la assim atravez dos ultimos rayos do sol, vestida de branco, com os longos annéis de seu dourado cabello cahindo-lhe sobre as costas, o rôsto animado, e os olhos bri-

— Quando ja não fores d'este mundo, Eva? diz Saint-Clair, com a expressão da mais viva dôr. — Ah! não falles assim, que me partes o coração! Tu és todo o meu bem sobre a terra!...

— Tambem o filho da pobre Prue era todo o seu bem sobre a terra, e foi obrigada a presenciar os seus soffrimentos e a sua agonia, sem poder valer-lhe! As pobres creaturas não amão menos seus filhos do que o meu *papa* me ama! Mammé ama ternamente os seus, bem como Thomaz, e não podem vê-los se quer uma vez!

— Vamos, minha querida filha, diz Saint-Clair, com as lagrimas nos olhos, não te atormentes mais assim! Eu te prometo de fazer tudo que quizeres; mas não me falles de morrer!...

— Prometa-me ao menos, papa, que Thomaz será fôrro apenas eu tiver... partido...

— Sim, meu anjo, farei tudo que me pedes.

— Querido pai! diz a menina, chegando a sua abrasadôra face á de seu pai; desejava que podessemos partir juntos!

— Para onde, minha filha?

— Para junto do nosso Salvadôr, aonde tudo é tão bello, e tão tranquillo, aonde só reina o amôr!

Eva fallava do Céo, como se ja o tivesse habitado!

— Não quer vir comigo, papa?

Saint-Clair apertou-a contra o peito, sem d'outro modo responder; porque a sua voz estava embargada pelos soluços e pela dôr!

— Hade vir em breve ter comigo, querido papa! diz a menina, com esse tom prophético que por vezes involuntariamente tinha.

— Sim, não poderei sobreviver-te!... respondeo a custo Saint-Clair.

As sombras da noite ja começavão a envolve-los, e Saint-Clair ficava sempre immovel, apertando contra seu coração

a fragil creaturinha. Ja não podia distinguir o seu profundo olhar ; mas a sua voz penetrava-lhe n'alma, como se fosse uma voz do outro mundo ; e n'esta espécie de visão da consciencia, toda a sua vida se apresentou como um espectro diante d'elle : as orações, os hymnos de sua mãi, os bons desêjos e as aspirações generosas de seu proprio coração, e desde então até ao presente a longa série de annos, consumidos pela frivolidade, e pelo scepticismo, sob apparencias respeitaveis aos olhos do mundo ! Que de cousas podem vir ao pensamento em tão curto espaço !

Muita cousa pensou, sem duvida, Saint-Clair, mas não disse nada ; e como a noite estava adiantada, levou em seus braços Eva para o seu quarto, deitando-a elle mesmo na cama, e tendo despedido todos os criados, ficou assentado ao pé do leito, guardando em suas mãos as febris mãosinhas da sua adorada filha até a vêr pegada no somno.

CAPITULO XXIV.

A joven Evangelista.

Era um domingo de tarde. Saint-Clair, assentado n'uma cadeira de junco na sua varanda, fumava um cigarro da Havana, ao mesmo tempo que sua mulher, deitada sobre um sofá, ao pé da janella, defronte d'elle, envôlta n'um véo, a que nos Estados do Sul chamão *mosquiteiro*, tinha na mão um livro de rezas, ricamente encadernado. Tinha na mão esse livro, porque era domingo ; mas em lugar de o lêr, como apparentemente parecia, tendo-o aberto na mão, entregava-se na realidade ao doce somno da sesta.

Quanto a Miss Ophélia, depois de haver por muito tempo

investigado os arredores, tinha por fim descoberto a alguma distancia uma pequena reunião methodista, e tinha ahi ido, acompanhada de Eva, com Thomaz por bolieiro.

— Agostinho, diz Maria, depois de haver dormitado um pouco, é necessario mandar á cidade chamar o doutôr Posey; porque sinto-me attacada d'uma aneurisma, estou certa.

— Para que é mandar chamar o doutôr Posey, o médico que trata de Eva não é por ventura tão habil como elle?

— Não me fiaria n'elle n'um caso perigôso, e o meu é perigosissimo! Ha duas ou tres noites que sinto palpitações no coração, verdadeiramente assustadôras!

— Isso é mais imaginação que outra cousa, diz Saint-Clair.

— Estava certa que não acreditarias nos meus soffrimentos! Se fosse Eva que fizesse a mais pequena queixa, ficavas logo sobresaltado; mas eu, não é cousa de consequencia!

— Se é tanto do teu agrado ter uma aneurisma, não me oppônho a isso; sustentarei mesmo a tua opinião a esse respeito, visto que assim o desêjas!

— O que eu desêjo é que te não arrependas da tua insensibilidade a meu respeito, quando ja for tarde! Mas pouco me importa que acredites ou não, sei que os cuidados e a fadiga que me causou a ultima indisposição de Eva contribuiram para o desenvolvimento da doença, cuja existencia ja ha muito tempo suppunha!

Seria difficil dizer em que consistião esses cuidados. Foi o que Saint-Clair pensou; mas não disse nada, continuando a fumar o seu cigarro, como um coração endurecido que era, até ao momento em que chegou a sege que trazia Miss Ophélia e Eva.

Miss Ophélia foi direita ao seu quarto, para pôr nos seus respectivos lugares o chapéo e o chale, segundo o seu invariavel costume, no em tanto que Eva correo a assentar-se no colo de seu pai, contando-lhe o que havia visto e ouvido na reunião methodista.

Mas eis que de repente se ouve uma forte exclamação sahindo do quarto de Miss Ophélia, e os seus ralhos com *alguem.*

— É alguma nova diabrura inventada por Topsy, estou certo, diz Saint-Clair.

Pouco depois appareceo Miss Ophélia, no auge da indignação, trazendo pelas orelhas a criminosa:

— *Quero* dize-lo a teu senhor, diante de ti!

— Que é isso, vejamos? pergunta Saint-Clair.

— Não me é possivel supportar mais tempo este diabrete! Um anjo perderia a paciencia! Deixei-a fechada no meu quarto, dando-lhe um cantico para aprender de cór; mas que faz ella em lugar d'isso? Procura, e descobre as minhas chaves, abre as gavetas da minha commoda, ampara-se d'um véo bordado do meu chapéo, e corta-o em bocados para fazer vestidos á sua bonéca! Vio-se ja cousa igual?

— Não me admira, minha prima, diz Maria; sem severidade, como quer ensinar creaturas semelhantes? Se eu fosse senhora da minha vontade, continua ella, olhando para Saint-Clair com ar indignado, mandaria ja esse traste á prisão para ahi receber quantos açoites podesse supportar.

— Não duvido, diz Saint-Clair. Não ha nada como estar sujeito ao meigo império d'uma mulher! Em toda a minha vida, apenas se tenho conhecido uma duzia que não fossem capazes de matar de chicotadas cavallos e escravos que lhe passão pela mão, sem fallar dos pobres maridos, que ellas tratarião ainda peior, se podessem!

— Despréso as tuas ridiculas declamações, Saint-Clair! Miss Ophélia, que é uma pessoa sensata, deve necessariamente dar-me razão.

A indignação de Miss Ophélia era natural, e por certo que muitas das nossas leitôras a terião igualmente experimentado no seu caso; mas os sentimentos que Maria de Saint-Clair acabava de exprimir excitaram n'ella uma indignação ainda mais forte, que neutralisou a primeira.

— Por cousa alguma d'este mundo quereria vêr tratar assim esta rapariga! diz ella; posto que asseguro-lhe, Agostinho, que ja não sei como me heide haver com ella. Estou cançada de a ensinar, e de a exhortar, tendo-lhe batido mesmo; tenho-a castigado de todos os modos imaginaveis, e apesar d'isso é sempre a mesma!

— Vem cá, macaca infernal! diz Saint-Clair á pretinha.

Topsy chegou-se ao pé d'elle; seus esgazeados olhos conservavão o seu ar diabolico e phantastico, posto que denotando alguma pequena apprehensão.

— Porque te conduses tu assim? lhe pergunta Saint-Clair, custando-lhe a guardar o sério, em vista da exotica expressão da rapariga.

— É provavelmente por causa do meu máo coração, diz ella com seriédade; Miss Ophélia assim o diz.

— Não vês o cuidado que Miss Ophélia tem tido de ti? És incorrigivel; por isso agora ella diz que ja não quer nada comtigo!

— É verdade, senhor, que sou incorrigivel, e ja a minha velha senhora dizia o mesmo. Malhava-me continuamente, arrancava-me os cabellos, batia-me com a cabeça pelas paredes; mas tudo isso não servia de nada. Parece-me que ainda que ella me tivesse feito em quartos, não me corrigia, tão má eu sou! Que quer, se eu sou preta!

— Bem vê que não me é possivel guarda-la por mais tempo! diz Miss Ophélia.

— Permitte me de lhe fazer uma questão? diz Saint-Clair.

— Que é?

— Pois que o seu Evangelho não tem o poder de salvar um unico ente pagão, de quem é senhora absoluta, e com quem tem tido tanto trabalho, de que servirá mandar um ou dois pobres missionarios a milhares de seres semelhantes? Porque supponho que esta boneca é a miniatura dos outros pagãos da sua espécie em geral.

Miss Ophélia não soube que responder a isto.

Eva, que tinha presenciado silenciosamente esta scena, fez signal a Topsy de a seguir. No fim da varanda havia um pequeno gabinete de vidraças, aonde Saint-Clair costumava lêr os jornaes quando chovia, e foi ahi que entrou Eva, acompanhada de Topsy.

— Que irá fazer Eva? diz Saint-Clair; estou curioso de vêr o que é!

E indo em bico de pé até ao gabinete, levantou um canto da cortina que cobria a porta de vidraças; um instante depois, pondo o dedo na boca, chamou por acêno Miss Ophélia para vir vêr tambem o que se passava.

Só se distinguia o perfil das duas crianças, assentadas no chão: Topsy com o seu acostumado ar de maliciosa indifferença, e defronte d'ella Eva, com o seu encantadôr e mavioso rôsto todo banhado de lagrimas.

— Dize-me, Topsy, o que é que te torna tão má? Porque não fazes diligencia por te corrigir? Pois não amas *ninguem?*

— Eu? não sei o que é amar. Gosto de bôlos e d'amendôas, e ahi está tudo que eu amo, respondeo Topsy.

— Mas amas sem duvida teu pai e tua mãi?

— Foi cousa que nunca tive, ja lh'o disse, Miss Eva.

— Ah! é verdade, agora me recordo! diz Eva tristemente; mas nunca tiveste irmão, ou irmã, tia, ou...

— Nada, nunca tive nada d'isso; nunca conheci parente algum...

— Mas se tu quizesses ser bôa, Topsy, talvez...

— E para que me serviria ser bôa, se eu nunca posso deixar de ser preta?

Se me podessem tirar a minha pelle preta, e fazer-me branca, eu faria a diligencia por isso!

— Podião-te amar, mesmo assim preta, Topsy; minha tia estou certa que te amaria, se tu quizesses ser rasoavel.

Topsy deo um dos seus risos sêcos, com que costumava manifestar a sua incredulidade.

— Não crês n'isso? perguntou Eva.

— Não, ella não pode supportar-me, porque sou preta; quereria antes tocar n'um sapo do que em mim! Ninguem pode amar os pretos, nem os pretos podem fazer nada bom! Mas que me importa, paciencia!

E Topsy pôz-se a assobiar.

— O' Topsy! pobre Topsy! mas eu amo-te, Topsy! exclama Eva, com a expressão da maior ternura, pondo a sua branca e transparente mãosinha sobre o hombro da preta. Amo-te, porque não tens pai, nem mãi, nem amigos; porque és uma pobre criança maltratada e abandonada! Amo-te deveras, e desejava vêr-te boa! Estou bem doente, Topsy; penso que não poderei viver muito tempo, e custar-me-ha muito se te não emendares antes de deixar-te; mas espero que, por amôr de mim, hades ser outra d'ora em diante!

Os redondos e penetrantes olhos da pretinha arrasaram-se de lagrimas, que corrião em fio sobre a branca mão da sua companheira. Sim, n'esse momento, um rayo de fé, um rayo do amôr divino, penetrou as trévas d'essa alma pagã. Com a cabeça mettida entre os joelhos, chorava e soluçava, a partir o coração! no em tanto que a bella Eva, com a mão appôiada sobre seu hombro, com o rôsto illuminado por um celeste contentamento, parecia um anjo de luz, inclinando-se para soccôrrer o peccadôr.

— Pobre Topsy, diz Eva, pois não sabes que Jesus nos ama a todos igualmente? Quer amar-te como eu te amo, e mais ainda, porque a sua bondade não tem igual. É elle que te ajudará a corrigir-te, e irás para o Céo, aonde serás um tão bello anjo, como se fosses branca. Pensa n'isso, Topsy!

Lembra-te que podes vir a ser um d'esses felizes espiritos de que fallão os canticos do pai Thomaz!

— O' querida Miss Eva! querida Miss Eva! exclama a pretinha. — Farei a diligencia, sim, farei toda a diligencia por me emendar, por ser bôa, para merecer um dia a felecidade de que me falla...

Saint-Clair deixou cahir o canto da cortina.

— Isto faz-me lembrar de minha mãi, diz elle a Miss Ophélia. Ah! como ella tinha razão, quando me dizia: « Se queremos dar a vista aos cégos, devemos, a exemplo de Jesus-Christo, ir ao pé d'elles, e pôr-lhes as mãos sobre os olhos. »

— Sempre tive antipathia pelos pretos, respondeo Miss Ophélia, e é verdade que não podia soffrer que aquella pequena me tocasse, mas não julgava que ella se apercebesse d'isso!

— Nada escapa ás crianças, esteja certa, diz Saint-Clair. Estou persuadido que todos os seus beneficios, todos os seus esforços em seu favôr não excitarão n'ella a mais leve gratidão, em quanto conservar essa repugnancia. É cousa singular talvez; mas é assim.

— Não sei como heide desembaraçar-me d'esse sentimento; os pretos têem certa cousa que me repugna, e Topsy particularmente! que heide eu fazer?

— Eva parece-me que lh'o ensinou!

— Ah! Eva é a perfeita imagem de Jesus-Christo, é um anjo sobre a terra! Oxalá que eu podesse imita-la! Mas sempre é uma boa lição que me deo....

— Não será a primeira vez que uma criança fosse encarregada de ensinar um antigo discipulo! diz Saint-Clair.

CAPITULO XXV.

A morte.

Não chores aquelles que o funebre véo da morte
Occultou a teus olhos na manhã da vida.

O vasto quarto de cama d'Evangelina, situado entre o de seu pai, o de sua mãi, e o de Miss Ophélia, dava sobre a varanda, como todos os mais da casa. Saint-Clair tinha-se esmerado em orna-lo segundo o seu gôsto, pondo-o em perfeita harmonia com aquella que devia occupa-lo. As cortinas das janellas erão de cassa côr de rosa e branca; o chão era coberto por uma d'essas bellas esteiras feitas em Lisboa, encommendada por elle, segundo o desenho que havia enviado: uma grinalda de botões de rosa formava a bordadura, e no centro brilhava um ramalhete de rosas meio abertas. O leito, as cadeiras, os sofás, erão verdadeiros chéfes d'obra de graça e de originalidade.

Sobre uma mesa d'alabastro, posta á cabeceira do leito, via-se uma estátua de anjo, com as azas encolhidas, e d'uma execução admiravel, sustentando delicadamente nas mãos uma corôa de myrto, d'onde cahia um cortinado de *gaze* côr de rosa, com tecidos de prata, destinado a garantir a menina dos mosquitos quando dormia. Almofadas de damasco côr de rosa cobrião os sofás, protegidos igualmente por cortinas semelhantes ás do leito, e como ellas, retidas pela mão d'uma estátua. No centro d'uma ligeira e graciosa mesa de *bambu*, occupando o meio do quarto, estava um rico vaso de mar-

more de Paros, da forma d'uma flôr de liz, cercada dos seus botões, sempre cheio das mais bellas flôres do jardim. Os livros de Eva, as suas joiasinhas, um rico tinteiro que seu pai lhe tinha dado, quando manifestou o desêjo de saber escrever, cobrião o resto da mesa. Sobre o pano da chaminé via-se uma estatuasinha, que representava Jesus-Christo abençoando as crianças, e de cada lado um vaso de marmore, que todos os dias recebião um bello ramalhete trazido por Thomaz; dois ou tres ricos quadros, representando scenas infantis, ornavão as paredes do quarto. N'uma palavra, os olhos não podião fixar-se em parte alguma, sem que imagens de paz, de innocencia e de belleza viessem deleita-los, e nunca Eva apercebia a luz da manhã, sem aperceber ao mesmo tempo alguma cousa propria a exultar seu coração, e a elevar sua alma.

A fallaciosa força, que durante algum tempo havia sustentado Eva, declinava rápidamente. Ja raras vezes se ouvião os seus ligeiros passos sobre a varanda, e quasi sempre a apercebião recostada sobre uma poltrôna junto da janella aberta, com os seus grandes e meditativos olhos fixos sobre as boliçosas aguas do lago.

Era assim que ella se achava n'uma tarde, tendo a sua Biblia meio aberta sobre os joelhos, e os seus transparentes dedos entre as folhas do livro, quando de repente ouve na varanda a voz de sua mãi, que parecia furiosa contra alguem, distinguindo depois perfeitamente o que a tornava assim.

— Que nova maldade fizeste tu, infernal creatura? Para que foste apanhar essas flôres? E ao mesmo tempo Eva ouvio retenir uma tremenda bofetada.

— Minha senhora, tinha-as colhido para Miss Eva! respondeo uma voz chôrosa, que Eva reconheceo pela de Topsy.

Para Miss Eva? bonita desculpa! Pensas que Eva faz caso das tuas flôres, preta horrôrosa? Desapparece da minha vista immediatamente!

No mesmo instante Eva saltou d'onde estava recostada, e appareceo na varanda.

— O' minha mãi desejava tanto ter aquellas flôres! deixe-m'as, eu lh'o peço!

— Mas, Eva, para que queres tu mais flôres, quando tens o quarto cheio d'ellas?

— Nunca tenho demasiadas, minha mãi. Topsy, vem trazer-me o teu ramalhete!

Topsy, que estava de cabeça baixa, e com lagrimas nos olhos, veio logo offerece-lo á sua angélica amiguinha. Ao seu ar de respeitosa sensibilidade, ja se não diria por certo ser essa a diabolica Topsy d'outr'ora!

— Que lindo ramalhete! lhe diz Eva, recebendo-o.

Era um singular ramalhete, composto d'um só geranio escarlate, e d'uma camélia branca, com as suas lustrosas folhas artisticamente arranjadas.

Topsy pareceo encantada, quando Eva lhe disse:

— Tens um gôsto particular para arranjar as flôres, Topsy! não tenho nenhumas n'este vaso, e estimaria bastante que me troucesses todos os dias algumas para o guarnecer.

— Que extravagante idéa! diz Maria; que gôsto podes tu ter n'isso?

— Não me recuse isto, minha mãi, eu lh'o peço! que importa ser Topsy, ou outra qualquer pessoa que me traga as minhas queridas flôres?

— Sem duvida, minha cara, é indifferente, se isso te agrada. Ouviste, Topsy, o que acaba de dizer a tua joven senhora? faze por obedecer-lhe!

Topsy abaixou os olhos, e fez uma pequena mesura; mas, ao sahir, Eva vio as lagimas correrem em fios pelas suas faces de ébano.

— Vê, minha mãi, eu bem sabia que a pobre Topsy desejava fazer alguma cousa que me agradasse! diz Eva.

— Deixa-te d'isso! é unicamente a sua maldita propensão

a tudo destruir, e porque lhe prohibiram de tocar nas flôres, que ella foi colhê-las; mas visto qué é essa agora a tua fantesia, que continue!

— Pois não lhe parece minha mãi, que Topsy está muito differente do que era d'antes? Pobre rapariga! tem feito todos os esforços para se emendar.

— Será necessario muito tempo antes que isso aconteça! responde Maria, com um riso de desprêso.

— Bem sabe, minha mãi, como ella foi educada até agora!

— Sim, mas depois que está aqui, não lhe tem faltado ensino, não lhe tem faltado sermões, e é sempre a mesma natureza diabolica, de que nada se pode fazer!

— Lembre-se, minha mãi, da differença que ha em ser tratada como eu, sempre cheia de carinhos e d'affeição de todos, sem nada me faltar que podesse contribuir para a minha felicidade, ou passar a sua infancia como Topsy, até ao momento em que *papa* a comprou!

— Pode ser, diz Maria, bocejando. Que calôr insupportavel faz!

— Não é verdade, minha mãi, que Topsy podia vir a ser um anjo, mesmo assim preta como é, se fosse christã?

— Topsy? Só a tua romanesca imaginação é capaz de se empregar em cousas semelhantes! — Que sei eu? pode ser!

— Mas, *maman*, Deos não é por ventura seu pai, como é o nosso? Jesus-Christo não é igualmente o seu Redemptôr?

— Talvez; creio que Deos creou todos os homens.... mas aonde está o meu frasquinho de cheiro?

— Oh! que triste cousa!... que triste cousa!... exclama Eva com os olhos fixôs sobre o lago, como fallando comsigo mesma.

— O que é que achas triste? lhe perguntou sua mãi.

— Pensar, respondeo ella, que entes, que podião vir a ser

bellos anjos, habitantes do Céo, caihão no abymo, sem que ninguem os soccôrra! Ah! sim, é triste!...

— É inutil atormentar-nos por isso, Eva; que lhe havemos nós fazer? Contentemo-nos de ser reconhecidos das vantagens que Deos nos concéde.

— Custa-me a sê-lo, quando penso em tanta gente que não goza de nenhuma d'essas vantagens!

— A minha religião obriga-me a ser reconhecida só dos bens de que gozo, diz Maria.

— *Maman*, diz Eva, desêjaria que me cortassem uma parte dos meus cabellos, uma grande parte!

— Para que? lhe perguntou sua mãi.

— Queria da-los aos meus amigos, em quanto estou em estado de o poder fazer. Não poderia fazer-me o favôr de pedir á tia Ophélia que viesse cortar-m'os?

Maria elevou a voz para chamar Miss Ophélia, sem se desarranjar.

Quando Eva a vio entrar, endireitou-se um pouco sobre as suas almofadas, e sacudindo os longos annéis de seus louros cabellos, disse-lhe com um angélico sorriso:

— Vamos, tiasinha, venha tosquear o seu cordeirinho.

— Que significa isto? pergunta Saint-Clair, que entrava n'esse momento, trazendo alguns bellos fructos que tinha ido colher para sua filha.

— Sou eu, *papa*, que pedi á minha tiasinha de me cortar parte dos meus cabellos, que me fatigão com o calôr que faz. Desêjo, álem d'isso, dar alguns d'elles...

Miss Ophélia chegou-se a Eva, armada d'uma tesoura.

— Tome sentido que não se aperceba, cortê-os por baixo; o cabello de Eva é o meu encanto! diz Saint-Clair.

— Oh! *papá!*... diz Evangelina com tristeza.

— Sim, e espero que essa falta ja estará reparada, quando formos a casa de teu tio vêr o teu priminho Henrique, ajunta Saint-Clair, com ar alegre.

— Não serei eu que farei essa viagem, meu pai; vou

emprehender uma muito mais bella!... Pois não vê o estado em que me acho?

Para que queres tu que eu me demore n'um tão cruel pensamento? lhe respondeo seu desolado pai.

— Porque é forçôso ter coragem, meu pai; e se fosse rasoavel, devia até regosijar-se como eu!

Saint-Clair calou-se; olhava com ar triste cahir esses tão longos e tão bellos dourados annéis, que Miss Ophélia ia pondo no collo da menina á medida que os cortava, e que ella enrolava em seus afilados dedos, ao mesmo tempo que dirigia um olhar inquiéto sobre seu consternado pai.

— Sempre assim o prophetizei! exclama Maria; ahi está o que tem arruinado a minha saude, e que me hade levar á cova, posto que ninguem attenda a isso! Sempre t'o disse, Saint-Clair, e agora ja vês que tinha rasão!

— Servir-te-ha isso de consolação, não duvido! respondeo Saint-Clair, com um amargo sorriso.

Maria recostou-se na sua poltrôna; e cobrio o rôsto com o lenço.

Os olhos azues e limpidos de Eva dirigião-se alternativamente d'um a outro: era o lucido e tranquillo olhar da alma ja meio desembaraçada dos seus vinculos terrestres! Foi então que ella comprehendeo evidentemente a differença que havia entre seus páis.

Fez um ligeiro acêno a Saint Clair, que veio assentar-se ao pé d'ella.

— Querido pai, a minha vida n'este mundo está por pouco. Ha muitas cousas que desejaria dizer e fazer... e que são absolutamente necessarias; mas não quer ouvir-me!... Todavia, não tenho tempo a perder, e permitta-me que lhe falle agora.

— Sim, falla, minha filha, diz Saint-Clair, cobrindo os olhos com uma mão, e pegando com a outra na de Eva.

— Desêjo primeiramente que mande chamar todos os nossos servidôres, que preciso vê-los, e fallar-lhes.

— Será feita a tua vontade, minha filha! diz Saint-Clair, com a voz trémula d'emoção.

Miss Ophélia expedio um mensageiro, portadôr da ordem, e em breve um exercito inteiro d'escravos occupou o quarto de Eva e as suas immediações. Eva estava appôiada sobre almofadas; os cabellos fluctuavão-lhe em tôrno do rôsto, cujas faces, animadas pela febre, formavão um triste contraste com a sua palidez geral, e com a magreza de suas feições. Fixou por um momento sobre cada um dos assistentes seus grandes olhos, cheios de alma e de sensibilidade.

Uma eléctrica emoção se apoderou de todos os escravos. Esse rôsto, que ja não parecia d'este mundo, esses annellados cabellos cortados, esse pai assentado junto d'ella, tapando a cara com as mãos, esses ruidosos gemidos da mãi, commoveram profundamente os pobres negros, tão sympathicos e tão sensiveis. Olhavão uns para os outros, suspirando, e abanando a cabeça; mas guardando um profundo e respeitôso silencio.

Evangelina endireitou-se quanto poude, e olhou por muito tempo com seriédade á roda de si. Todos parecião cheios d'angustia e de tristeza; as mulheres cobrião o rôsto com seus aventaes, para dissimularem o pranto.

— Desejei vêr-vos, meus amigos, diz Eva, porque vos amo a todos, e tinha alguma cousa a dizer-vos, que quereria não esquécesseis...

Vou deixar-vos, e em breve não tornareis a vêr-me...

Eva foi então interrompida pelos gemidos, pelos chôros, pelas lamentações que romperam de toda a parte, e abafaram a sua fraca voz. Calou-se; mas, passado um momento, continuou n'um tom que fez cessar os gemidos:

— Se me amão, fação por não me interromper assim! escutem-me, que tenho a fallar-lhes de vossas almas... Recêio que muitos d'entre vós não pensem nunca n'ellas! Este mundo é tudo para vós; mas eu desejava fazer-vos lembrar que ha outro muito mais bello, aonde reina Jesus-Christo.

É para elle que eu vou, e todos vós poderieis ir para lá igualmente; porque ahi ha lugar para todos. Mas para obter essa fortuna, é necessario que não continueis a viver na preguiça, na indiferença e na ligeireza; é necessario ser verdadeiramente christãos! Lembrem-se que podem todos vir a gozar d'uma felicidade eterna, querendo, e pedindo o soccôrro de Jesus-Christo, que nunca o nega. É necessario lêr a Biblia, e os outros livros santos...

Mas ao dizer estas palavras, parou, e olhando com profunda commiseração para os escravos, disse tristemente:

— Ah! meu Deos! mas elles não sabem lêr, pobres creaturas!

E escondendo seu rôsto entre as almofadas, pôz-se a chorar, no em tanto que aquelles a quem ella exhortava, de joelhos todos no chão, abafavão os seus gemidos para lhe obedecer.

— Não importa! diz ella, levantando a cabeça, e com um doce sorriso, contrastando com as lagrimas que ainda lhe molhavão as faces. — Pedi a Deos por vós todos, e estou certa que Jesus Christo terá compaixão de vós, posto que não saibão lêr, e que nos veremos ainda um dia no Céo.

Amen! responderam Thomaz e Mammé, bem como alguns outros membros d'uma Igreja methodista; mas todos, velhos e môços, mesmo os mais estouvados, continnavão, de cabeça baixa, a exhalar tristes gemidos.

— Bem sei que todos me amão... ajunta Eva.

— Ah! sim! todos nós dariamos as nossas vidas pela vossa, querida Miss Eva!

— Bem o sei, meus bons amigos!... É por isso que quero deixar-vos alguns dos meus cabellos, que julgo guardareis, e que vos farão lembrar, quando os virdes, que elles pertenceram a uma pessoa que vos amava, e que lá vos está espérando no céo!

Vio-se então uma scena quasi impossivel de descrever.

Metteram-se todos em fila, uns atraz dos outros, começando ao pé da cadeira aonde Eva estava assentada, e prolongando-se a uma grande distancia. Vinha um apoz outro receber de joelhos esse derradeiro testimunho da affeição da sua joven senhôra, e beijando-lhe a mão, e a orla do vestido, com um respeito e um amôr como nunca soberana alguma inspirou, partia, com as lagrimas nos olhos para dar lugar a outrem. Aquelles que a tinhão visto nascer demoravão-se mais nas demonstrações da sua ternura, custando-lhes a arrancar-se do pé d'ella.

A' medida que cada um recebia a preciosa reliquia, Miss Ophélia, que exercia as funcções de mestre de ceremonias, fazia-o logo evacuar o quarto, receiando que a joven doente não podesse resistir a tanta emoção.

Por fim só ficaram Thomaz, e Mammé.

— Guardei esta boa madeixa dos meus cabellos para ti, pai Thomaz! Oh! que prazer sinto em pensar que te heide vêr no céo, pai Thomaz, bem como a ti, boa e terna Mammé! diz Eva, deitando os braços á roda do pescôço da sua ama.

— Oh! querida Miss Eva, como é que eu poderei sobreviver-lhe? diz a fiel creatura, lavada em lagrimas.

Miss Ophélia empurrou-a tambem brandamente para fóra do quarto, bem como a Thomaz. Mas, ao fechar a porta, vio Topsy em pé diante de si!

— D'onde vens tu? lhe pergunta ella com vivacidade.

— Sempre aqui tenho estado, diz a pretinha, enxugando os olhos molhados de lagrimas. Oh! Miss Eva, bem sei que não valho nada; mas desejava tanto ter tambem alguns dos seus cabellos!

— Sim, minha pobre Topsy, dou-t'os com muito gôsto! diz Eva. Cada vez que os vires, lembra-te que eramos amigas, e que é necessario seres boa e virtuosa, para que nos possâmos reunir ainda no céo!

— Faço o que posso, Miss Eva! diz Topsy, enternecida. Mas é tão difficil vencer os máos habitos!

T. II. p. 120.

Vinha um apoz outro receber de joelhos esse derradeiro testimunho da affeição da sua joven senhora.

— Deos toma em conta os bons desêjos, Topsy; persevéra, e obterás a victoria (1).

Topsy sahio do quarto, tapando a cara com o seu avental, e apertando contra o peito a preciosa madeixa dos cabellos de Eva.

Quando não houve mais ninguem de estranho no quarto, Miss Ophélia fechou a porta. A pobre senhora tinha vertido não poucas lagrimas durante esta scena; mas a sua solicitude pela doente confiada aos seus cuidados a obrigava a comprimir a sua dôr.

Saint-Clair ficou todo esse tempo immovel como uma estátua, cobrindo o rôsto com as mãos, e guardando a mesma attitude depois da partida dos escravos.

— *Papá!* diz docemente Eva, pondo a mão sobre a d'elle.

Saint-Clair estremeceo, ao contacto d'essa mão; mas não poude responder nada.

— Querido pai! repetio Eva.

— *Não posso!* exclama Saint-Clair, levantando-se, fóra de si; não posso submetter-me a isto! Deos trata-me demasiado cruelmente!...

— Agostinho, Deos não tem por ventura o direito de dispôr do que lhe pertence? pergunta Miss Ophélia.

— Pode ser; mas nem por isso é menos custôso um tal golpe... responde elle com voz trémula, e virando-se para o lado.

— Meu querido pai! não vê que me parte o coração, fallando assim? diz Eva, lançando-lhe os braços ao pescôço.

(1) Parecerá, sem duvida, extraordinaria tanta sabedoria da parte de Eva; mas que o leitôr advirta que ella ja tinha mais de doze annos na época da sua morte, e que, álem da sua natureza excepcional, as pessoas do seu sexo ja são ordinariamente mulheres rasoaveis quando têem essa idade nos paizes meridionaes.

— Eva pareceo entregue a uma tão profunda dôr, que todos tremeram pela sua frágil vida !

Saint-Clair, apertando-a em seus braços, dizia-lhe :

— Socega, minha Eva adorada, socega ! Fiz mal, bem o sei, de dizer o que disse. Pensarei, e obrarei d'aqui em diante, como tu quizeres ; mas socéga, e não chores assim ! Resignar-me-hei ao que Deos determinar !...

Um momento depois, Evangelina repousava no collo de seu pai, como uma fatigada pombinha, ouvindo as ternas palavras que elle lhe dizia para a tranquillisar.

Maria foi para o seu quarto, aonde deo o espectaculo d'um attaque de nervos.

— Só a mim é que não me deste, Eva, um dos caracoes do teu cabello ! diz Saint-Clair, com um melancolico sorriso.

— São todos seus, meu pai, respondeo Evangelina, tambem sorrindo ; são seus, e da *maman*, e espero que darão tambem á minha tiasinha quantos ella desejar. Quiz da-los eu mesma aos nossos pobres escravos ; porque é provavel que não se lembrassem d'elles quando eu ja cá não estiver, e porque espero que essa minha lembrança os fará pensar...

O meu *papa* é christão, não é verdade ? ajunta ella com um ar preocupado.

— Porque me perguntas tu isso ?

— Não sei, mas parece-me impossivel que o não seja, sendo tão bom como é !

— Que entendes tu por ser Christão, minha filha ?

— Amar Jesus-Christo mais que tudo.

— É assim que tu o amas, Eva ?

— Certamente !

— Mas tu nunca o viste ! diz Saint-Clair.

— Que importa, se creio n'elle, e que em breve *o verei !*

E seu angélico rôsto tornou-se radioso d'esperança, e de fé. Saint-Clair não respondeo nada. Ja tinha observado esses mesmos sentimentos em sua mãi, posto que então

elles não tivessem feito vibrar tanto como agora as cordas de seu coração.

Desde esse dia, Evangelina declinou rápidamente; e nenhuma esperança era ja possivel, nem a mais terna affeição podia por mais tempo illudir-se. O seu alegre e encantadôr quarto de cama tinha-se tornado n'um quarto de doente. De dia e de noite, Miss Ophélia, como sua enfermeira, lhe prodigava os seus cuidados, com um disvélo incomparavel. A ligeiresa da sua mão, o seu golpe de vista, seguro e prompto, a ordem e o confôrto que estabelecia em tudo e por toda a parte, a sua habilidade em occultar os desagradaveis incidentes da molestia, a tornavão inappreciavel a seus amigos, e aos facultativos, de quem era o braço direito, pelo seu discernimento, pela placidez de seu espirito, e pela sua escrupulosa ponctualidade na execução do receituario. Os que antes tinhão talvez escarnecido dos seus minuciosos habitos, tão differentes do descuido meridional, reconhecião agora que ninguem a poderia substituir ao pé da enferma.

Thomaz achava-se frequentes vezes no quarto de Eva; porque os nervosos soffrimentos da doente achavão algum alivio, quando elle a passeava em seus braços á roda do quarto, ou pela varanda, respirândo a frescura da manhã, e as brizas do lago. Seu pai prestava-lhe gostôso o mesmo serviço; mas sendo mais delicado, quando ella o via cançado, dizia-lhe :

Permitta, papa, que Thomaz me pegue agora, o pobre homem tem tanto gôsto n'isso !

— E eu? respondia seu pai.

— O meu bom papa presta-me outros muitos serviços; lê-me para me distrahir, passa as noites ao pé de mim, procura tudo o que me pode ser agradavel, em lugar que Thomaz não tem outro modo de me obsequiar, e bem sabe como elle o deseja ! álem de que, é mais forte para esse trabalho, que bem vêjo o fatiga, papa !

Mas não era só Thomaz que desejava fazer alguma cousa

para obsequiar Eva; todos os escravos da casa partilhavão esse desêjo, e darião as vidas, como lhe havião dito, por ella.

O coração da pobre Mammé não soffria menos que os outros com a idéa de perder a sua *nhanhãsinha*, e desejaria poder tambem assisti-la; mas Maria retinha-a de noite e de dia, pretendendo que seu espirito não podia repousar! e era contra os seus principios deixar repousar os outros. Chamava vinte vezes na noite a Mammé, para lhe friccionar os pés, para lhe arranjar as almofadas da cama, para lhe procurar o lenço, para fechar as cortinas, porque não podia dormir com a luz, ou para lh'as abrir, porque fazia muito escuro com ellas fechadas, era em fim um movimento continuo em que tinha a pobre mulher, quando seu espirito estava tão atribulado pela doença da sua adorada *nhanhã*, sem ter um momento para a ir vêr!

— Sinto que é do meu dever dar quanto antes séria attenção ao meu estado de saude, visto que a ninguem importa isso! dizia Maria de Saint-Clair a seu marido. — Fraca como eu sou, como era possivel poder resistir a tantos cuidados e a tanta fadiga que me tem causado a doença da minha pobre filha, sem ter ninguem que me alivie?

— Parecia-me, minha cara, lhe respondeo Saint-Clair, que a nossa prima te tinha aliviado um pouco?

— Fallas como homem que és, Saint-Clair! Pois ha alguem que possa aliviar uma mãi dos cuidados que reclama uma filha no estado em que se acha Eva? Eu não posso vêr as cousas com a tua indifferença!

Saint-Clair sorrio.

Sim, Saint-Clair poude ainda sorrir; porque o balsamo consoladôr da esperança tinha vindo por um momento mitigar a dôr de seu amargurado coração. Tão placida e tão radiosa estava a alma de Eva no momento em que ia despedir-se d'este mundo, tão agradaveis e tão frescas erão as brizas que impellião a sua ligeira barca para as celestes margens, que

ninguem podia persuadir-se que a morte se apresentasse d'esse modo.

Eva não soffria; mas a sua debilidade augmentava todos os dias, e com ella parecia que augmentavão a sua belleza, a sua confiança, e a sua ternura.

Não se podia resistir ao attractivo d'essa atmosphera d'innocencia e de paz; e Saint-Clair, entregue todo a este tranquillo presente, havia esquécido o terrivel futuro que o aguardava. A paz que reinava em torno da joven doente assemelhava-se ao silencio da natureza n'um tépido dia d'outomno, quando os dourados rayos do sol cahem sobre a tostada folhagem das arvores da floresta, quando apenas se encontrão algumas tardias flôres á borda dos ribeiros, e que a ephémera existencia d'essas bellezas as torna ainda mais aprasiveis.

De todos os seus amigos nenhum conhecia os presagios e os pensamentos de Eva como Thomaz; porque ella confiava-lhe o que não teria dito a seu pai, com recêio de o affligir. Era a elle que communicava esses mysteriosos avisos que a alma recebe quando os laços que a prendem ao seu involucro terrestre começão a relaxar-se.

Por fim Thomaz ja não queria dormir no seu quarto; passava a noite na varanda, prompto a correr á primeira álerta.

— Pai Thomaz, lhe dizia Miss Ophélia, para que é passar assim as noites a dormir no chão, ao sereno, quando não ha necessidade d'isso?

— Chut! diz Thomaz mysteriosamente; é necessario fallar baixo para que o senhor nos não ouça! Mas, Miss Phélia, é preciso que alguem vigie a chegada do *Espôso!*

— Que quer dizer com isso, Thomaz?

— Bem sabe o que diz a Escriptura: « A' meia noite um grito se fez ouvir, era o Espôso que chegava! » É necessario que eu fique agora de sentinella todas as noites, Miss Phélia, para saber quando elle chega.

— O que é que lhe faz pensar que o momento esteja chegado ?

— Foi Miss Eva que m'o disse ; porque o Senhor enviou certamente algum mensageiro á sua alma ! Eu quero estar presente, Miss Phélia, quando esse anjo partir para o Céo, porque estou certo que as portas se abrirão de par em par, e que poderemos talvez aperceber algum rayo da gloria celeste !

— Mas diga-me, pai Thomaz, replicou Miss Ophélia, Eva queixou-se-lhe por ventura de se sentir peior esta noite ?

— Não ; mas disse-me esta manhã que estava chegada a hora. São os anjos, seus futuros companheiros, que vêem communicar-lhe isso !

« É o som da trombeta tocando a alvorada, » ajunta Thomaz, citando o seu cantico favorito.

Esta conversa teve lugar, das dez para as onze horas, uma noite em que Miss Ophélia, indo fechar a porta de vidraças que dava sobre a varanda, encontrou Thomaz estendido ahi sobre uma esteira.

Ella não era nem fraca, nem supersticiosa ; mas a solemnidade das palavras de Thomaz não poude deixar de lhe fazer impressão.

Justamente n'essa tarde, Evangelina tinha parecido mais bella e mais alegre do que nunca ! Assentada sobre o seu leito, e tendo no collo todas as suas joiasinhas, havia designado as pessoas para quem as destinava.

A sua animação, o som de sua voz, mais forte e mais claro que de costume, admiraram a todos. Seu pai, quando á noite a deixou, disse a Miss Ophélia, transportado d'alegria, que nunca a tinha visto tão bem, e que esperava ainda conserva-la !

Mas á meia noite em ponto, hora mystica e agoureira, em que o véo que sepára o frágil presente do futuro eterno se torna mais transparente, appareceo *o mensageiro !*

O profundo silencio que reinava no quarto de Eva foi

interrompido pelos rápidos passos de Miss Ophélia, que havendo apercebido uma subita alteração na doente, corria a dizer a Thomaz que fosse chamar o médico a toda a pressa; foi tambem depois bater á porta do quarto de Saint-Clair:

— Meu primo, lhe diz ella, alevante-se, e venha vêr sua filha!

Estas palavras cahiram sobre o coração do terno pai, como se fossem ja as enchadadas do coveiro.

Correo no mesmo instante, fóra de si, ao quarto de sua filha, e debruçando-se sobre ella, que parecia dormir profundamente, assim ficou extatico, a contempla-la.

Que veria elle, capaz de produzir esse effeito? Dizei-o, vós que visteis essa mesma expressão sobre o rôsto adorado, — esse olhar inexplicavel, que tira toda a esperança, annunciando-vos que vai deixar de ser vosso o ente que amaveis!

Com tudo, nada havia de transtornado nas bellas feições de Evangelina; mostravão só uma expressão nobre e sublime, a sombra das azas dos anjos que a rodeavão, a aurora da vida immortal!

A immobilidade e o silencio dos espectadôres d'esta scena erão tão grandes, que o movimento do relojo parecia estrondôso ruido. Passados alguns instantes, Thomaz chegou com o médico, o qual, olhando para a moribunda, ficou por algum tempo tão silencioso como os outros.

— Quando teve lugar a crise? perguntou elle depois em voz baixa.

— A' meia noite.

Maria, que havia acordado com a chegada do médico, veio então tambem ao quarto de sua filha.

— Agostinho! minha prima! que é isto? diz ella, toda espantada.

— Silencio! diz Saint-Clair, com voz sepulchral: — *é a morte!*

Mammé, ouvindo estas palavras, correo, lavada em lagri-

mas, e soluçando, annuncia-las a outros escravos, que passando-as de bôca em bôca, tudo se achou em breve de pé: as luses corrião d'uma parte e d'outra; o ruido dos passos ouvia-se de quarto em quarto; a varanda estava cheia de gente na desolação, e os vidros da porta cobertos de olhos, dilatados pela dôr! Mas Saint-Clair nada via, nem ouvia, contemplando sempre essa mysteriosa expressão sobre o rôsto de sua adormecida filha!

— Ah! se ella accordasse, e me dissesse ainda uma palavra!

E inclinando-se mais sobre ella, murmurou docemente a seu ouvido:

— Querida Eva!

Os grandes olhos azues de Eva abriram-se então, um sorriso illuminou seu rôsto, e procurou levantar um pouco a cabeça.

— Caro pai! diz ella, fazendo um ultimo esfôrço, e lançando-lhe os braços á roda do pescôço. Mas cahiram no mesmo instante, e Saint-Clair vio a convulsão da agonia apoderar-se da filha adorada, que arquejava e estorcia as suas mãosinhas...

— O' meu Deos! isto é horrivel! diz elle, afastando-se do leito, no auge da desesperação, e apertando as mãos de Thomaz, quasi sem saber o que fazia.

Thomaz deixava-o fazer; as lagrimas inundavão o seu negro rôsto, e seus olhos dirigião-se a buscar consolação aonde sempre a encontrava.

— Pede a Deos, Thomaz, que abrevie ao menos este tormento, que me arranca o coração! exclama Saint-Clair.

— Dêmos graças a Deos, meu bom senhor, está tudo acabado! Olhe para ella agora!

A cabeça da menina repousava tranquillamente sobre as almofadas, com seus grandes e limpidos olhos abertos. Ah! como esses olhos provarião ao incrédulo a existencia d'um Deos! A terra e as suas misérias ja não existião para ella, e

via-se n'esse virginal rôsto uma expressão tão radiosa e solemne, que impunha silencio aos gemidos e á dôr!

Todos estavão á roda d'ella, sem ousarem respirar...

— Eva! diz Saint-Clair docemente.

Mas ella não o ouvio.

— Eva, dize-nos o que vês?

Um brilhante e glorioso sorriso illuminou as suas feições, aonde se lia:

Amôr! Paz! Felicidade!

Ouvio-se então um ligeiro suspiro, e Eva passou da morte á vida!...

Adeos, anjo adorado! as portas da eternidade fecharam-se sobre ti, e não veremos mais teu rôsto encantadôr! Tristes d'aquelles que, havendo presenceado a tua entrada no Céo, vão encontrar a fria e triste atmosphéra da vida, que tu ja não embellezas com a tua presença!

CAPITULO XXVI.

Eis o fim de todas as cousas terrestres.
John. Q. Adams (1).

As estátuas e os quadros do quarto de Eva forão cobertos com um véo branco; algumas poucas palavras pronunciadas

(1) John Quincy Adams, filho de John Adams, segundo Presidente dos Estados Unidos depois da sua independencia, foi elle mesmo o sexto Presidente da Grande Republica. Quando acabaram os quatro annos da sua presidencia, deixou o lugar ao general Jakson, e acceitou o

lindo ramalhete ! diz Topsy, mostrando-lhe no regaço um bello ramalhete de rosas, d'uma qualidade rara ; — desêjava só pô-lo ao pé d'ella !

— Vai-te, repito-te ! diz Rosa, com tom mais imperativo.

— Deixa-a ! diz bruscamente Saint-Clair, batendo com o pé ; — quero que ella entre !

Rosa sahio do quarto cabisbaixa, e Topsy veio dépôr a sua offrenda aos pés do corpo da sua joven senhora e amiga. Ajoelhando depois junto do leito, com a expressão da mais profunda dôr :

— O' Miss Eva ! Miss Eva ! exclamava ella ; porque não morri eu tambem !.... Oh ! como eu desejava acompanha-la !....

Saint-Clair, ao ouvir a expressão d'esta tão viva saudade, sentio córar seu palido rôsto, e os olhos molharem-se-lhe das primeiras lagrimas que havia vertido depois da morte de sua filha.

— Alevanta-te, minha filha ! lhe diz Miss Ophélia, com voz enternecida. Miss Eva foi para o Céo, aonde é um dos gloriosos anjos de Deos !

— Mas nunca mais a poderei vêr !.... *ella,* que tinha dito que *me amava, a mim*, pobre miseravel ! — continuava a pobre Topsy, soluçando ; — não terei mais ninguem que me ame !

— Vêja, Ophélia, se pode consolar esta pobre creatura ! diz Saint-Clair á sua prima.

— Para que vim eu ao mundo ? de que sirvo eu aqui ? — continuava a desolada pretinha.

Miss Ophélia levantou-a com carinho, mas com firmêza, e levou-a com sigo para fóra do quarto.

— Topsy, minha pobre filha ! lhe diz Miss Ophélia, quando chegou com ella ao seu quarto ; — não quero que digas que não terás mais ninguem que te ame ! Eu tambem te posso amar, posto que não me pareça com o querido anjo que

acaba de deixar-nos. Ella deo-me uma lição, que espero não me hade nunca esquécer! Sim, quero amar-te, e amo-te ja, minha Topsy, acredita; porque estou certa que virás a ser uma digna creatura, uma verdadeira christã.

A voz de Miss Ophélia ainda dizia mais que as suas palavras, e as lagrimas sincéras que corrião de seus olhos erão ainda mais expressivas.

Desde esse momento adquirio sobre a alma d'essa pobre abandonada creaturinha uma influencia, que nunca mais perdeo.

— O' minha Eva! a tua curta apparição produzio tanto bem sobre a terra! pensava Saint-Clair; e eu! que de contas terei a dar de meus longos annos?

Estava chegada a hora do enterro. O susurro dos que vinhão uns apoz outros dizer um ultimo adeos á interessante finada, o ruido das seges que trazião os convidados para assistir ao funeral, a vista mesmo do rico caixãosinho aonde deitaram Eva, não poderam fazer sahir Saint-Clair da espécie de lethargo em que se achava. O préstito funebre pôz-se em marcha; Saint-Clair seguio-o, porque lhe disseram que o seguisse. Mas todo esse apparato, essas meninas vestidas de branco, com véos fluctuantes, tendo em suas mãos longas fitas de setim branco; todos esses crepes brancos e pretos, todas essas flamulas; os canticos sagrados; essa multidão compacta d'escravos, de familiares, de convidados, e de curiosos, tudo isso não o tirava da sua abstracção. Elle só via o angélico rôsto da sua Eva, dormindo no seu caixãosinho, e seguia-a, como o ferro segue o iman. Porem quando chegaram ao lugar da sepultura, e que o caixãosinho se fechou, foi então que elle entrou na triste realidade, e sem Thomaz, que detraz d'elle o não perdia de vista, teria cahido, como um corpo privado de vida.

Os convidados e os curiosos dissiparam-se, e os corações afflictos tornaram para a casa, viuva do que fazia o seu encanto.

As janellas do quarto de Maria forão fechadas, e ella, deitada na cama, abandonava-se sem reserva a gritos e a gemidos violentos, reclamando incessantemente o serviço de todos os criados, que ella julgava insensiveis á perda de Eva, como todos os mais, a sua dôr sendo a unica *verdadeira !*

Saint-Clair não tinha derramado uma só lagrima ! dizia ella ; não lhe tinha mostrado nenhuma sympathia, e era revoltante a sua insensibilidade e a sua indifferença, sabendo quanto ella soffria !

O homem deixa-se de tal modo influir pelo que vê, e pelo que ouve , que a maior parte dos criados julgou que não havia, na verdade, ninguem mais afflicto que a senhora, sobre tudo quando ella manifestou as suas crises de nervos, e fez chamar o médico, declarando que estava ás portas da morte ! Erão necessarias tantas idas e vindas da cosinha ao quarto da senhora, para lhe trazer botijas com agua quente, flanellas, etc. que todo esse movimento produsio alguma diversão na tristeza dos pobres escravos.

Thomaz sentia em seu coração alguma cousa que o attrahia a seu senhor, não o perdendo de vista, e observando-o tristemente. Quando o via assentado, pálido e silencioso, no quarto de Eva, com a sua Bibliasinha aberta diante d'elle, posto que, a seu olhar fixo, bem se conhecesse que a não lia, Thomaz discernia mais dôr n'esse olhar fixo e sem lagrimas , que em todos os gritos e lamentações de Maria !

Passados alguns dias, a familia Saint-Clair tornou para a cidade. Agostinho, com essa inquietação nervosa que produz o soffrimento, desejava uma mudança de vida, que podesse distrahir um pouco a sua tristeza.

Deixaram pois a sua sumptuosa *casa do lago*, como lhe chamavão ; esses bellos jardins, e o tumulosinho de Eva, para tornar para a Nova-Orléans. Saint-Clair andava continuamente na rua, com ar mui occupado, procurando encher o vasio de seu coração á força de actividade, d'agitação e de movimento. Os que o vião passar, ou o encontravão nos ca-

fés, não o julgarião de lucto, a não ser o fumo do seu chapeo, tão naturaes e tão alegres erão os seus modos, lendo os jornaes, fallando de politica e de negocios, como se lhe não tivesse nada acontecido! Quem poderia julgar que esse exterior, tão alegre e tão tranquillo, occultava um coração tão desolado e tão triste como o sepulchro?

— Saint-Clair é um homem bem singular! dizia Maria a Miss Ophélia, communicando-lhe as suas queixas.

Julgava antigamente que se elle era capaz de amar alguma cousa no mundo, seria a nossa cara Eva, mas bem vê como elle parece esquéce-la fácilmente! Não quer mesmo que lhe fallem d'ella! não acha isso extraordinario?

— As aguas tranquillas são as mais profundas! respondia Miss Ophélia, com tom sentencioso.

— Não estou por isso, replicou Maria; quando ha paixão, não é possivel deixar de a mostrar! Mas tristes d'aquelles que têem um coração sensivel! Oxalá que eu fosse como Saint-Clair, porque a minha sensibilidade mata-me!

— O que posso affirmar, diz Mammé, é que o senhor não come quasi nada, e que tem o ar d'um espectro! Não esquéce, por certo, Miss Eva! E quem é que poderia esquéce-la essa querida de Deos? ajunta ella, a limpar as lagrimas.

— Em todo o caso, não tem nenhuma attenção para comigo! ainda não me dirigio uma palavra de sympathia, quando deve saber que o coração d'uma mãi soffre mil vezes mais que o d'um homem!

— Cada um conhece a armagura de seu proprio coração, diz gravemente Miss Ophélia.

— É exactamente o que eu penso. Só eu sei o que sinto, e ninguem pode fazer d'isso idéa! Eva comprehendia-me, e é por isso que a perdi!

E recostando-se na sua poltrôna, pôz o lenço nos olhos, exhalando agudos gemidos.

Maria era uma d'essas infelizes creaturas, que só se apaixonão pelas cousas quando as perdem. Em quanto as possuem,

não ha pecha ou defeito que lhes não achem, mas depois são elogios a nunca acabar !

Em quanto conversavão assim na sala, outra conversa tinha tambem lugar no quarto de Saint-Clair.

Thomaz que vigiava com a maior sollicitude cada um dos movimentos de seu senhor, tinha-o visto entrar na bibliotheca algumas horas antes. Depois d'esperar muito tempo que elle sahisse, resolveo-se por fim a entrar igualmente, sob qualquer pretexto.

Abrio pois a porta devagarinho, e vio Saint-Clair com a cabeça baixa, e com a Biblia de Eva aberta ao pé de si.

Avançou com hesitação, sem ousar fallar ; mas Saint-Clair, levantando então a cabeça, vio o bom rôsto de Thomaz tão verdadeiramente afflicto, e com uma expressão de tanta sympathia, que pegou-lhe na mão, e encostou a cabeça sobre seu peito.

— Meu pobre Thomaz ! o mundo inteiro para mim está tão vasio como uma casca d'ovo...

— Bem o sei, senhor, bem o sei ! diz Thomaz. Ah ! se o senhor podesse dirigir os seus olhos, não para o mundo, mas lá para cima, aonde está a nossa querida Miss Eva, para a morada de Jesus-Christo !

— Bem o desejava , Thomaz, e procuro faze-lo ; mas tudo me parece obscuro, quando elevo a vista tão alto !

Thomas suspirou profundamente.

— Parece que só as crianças, e as almas simples e honradas como a tua têem a faculdade de vêr essas cousas que nós debalde procuramos ! diz Saint-Clair. Qual será o motivo d'isso ?

— « Occultaste a verdade aos sabios e aos intelligentes, e revelaste-a aos meninos ! diz Thomaz ; assim é, ó pai, porque assim te apraz (1). »

(1) Citação do Evangelho segundo S. João.

— Que heide eu fazer, Thomaz? Desejava accreditar no que ensina esta Biblia; mas não posso, com o habito que tomei de duvidar de tudo!

— Peça sincéramente o soccôrro de Deos, e diga-lhe: Senhor! ajudai-me a desterrar a minha incredulidade, porque quéro crêr em vós!

— Quem sabe? diz Saint-Clair, com ar pensativo, e como dirigindo-se a si mesmo. — Essas encantadoras manifestações de fé e de amôr é possivel que fossem só uma das phases dos sentimentos humanos, sempre tão vacillantes, sem fundamento algum, e desvanecendo-se ao mais ligeiro sôpro? Não existirão por ventura nem Eva, nem Céo, nem Christo, nem nada?

— O' meu amado senhor! tudo isso existe, esteja certo, eu lh'o asseguro! diz Thomaz, cahindo de joelhos. Acredite-o, meu querido amo, acredite-o!

— Que certeza podes tu ter d'isso?

— Sinto-a no intimo da minha alma, senhor! Quando me venderam, e me separaram de minha mulher e de meus filhos, parecia-me que me arrancavão o coração; mas o meu bom Salvadôr veio consolar-me, dizendo-me: « Não recêies nada, Thomaz! » É elle que me dá a tranquillidade, a resignação, e a paz que reina em meu peito. Acho-me tão feliz, amo a todos, e não receio cousa alguma, porque confio inteiramente em Deos. O mesmo lhe aconteceria, se quizesse, meu bom senhor!

As palavras de Thomaz erão cortadas pelas lagrimas, e pela emoção. Saint-Clair appôiou a cabeça sobre seu hombro, e apertou essa negra mão, tão rude e tão fiél.

— Amas-me então, Thomaz?

— Daria gostôso a minha vida para que o senhor fosse Christão!

— Pobre insensato! diz Saint-Clair, eu não sou digno do amôr d'um coração honrado e bom como o teu!

— Não diga isso, senhor! Não sou só eu que o amo, são

todos, porque o senhor é bom para todos. Deos ama-o tambem, estou certo, por causa da sua bondade!...

Saint-Clair pareceo tão enternecido, que não poude responder.

— Se o senhor me fizesse o favôr, lhe diz Thomaz, pegando na Biblia d'Eva, de me ler este capitulo, que gostava tanto de ouvir lêr a Miss Eva!

Era o undecimo capitulo do Evangelho de S. João, que falla da ressurreição de Lazaro. Saint-Clair leo-o em voz alta, parando differentes vezes, ganhado pela emoção. O pacifico rôsto de Thomaz, ajoelhado ao pé d'elle e com as mãos postas, exprimia a confiança, a adoração, e o amôr.

— Tudo isto então é para ti uma *realidade?* lhe pergunta Saint-Clair.

— Tão real, como se eu o tivesse visto, respondeo Thomaz.

— Tomára ter os teus olhos!

— Oxalá que os tivesse, senhor!

— Mas, Thomaz, bem sabes que sou mais instruido do que tu; ora, se eu te disser que não creio na authoridade da Biblia?

— Ah! senhor! diz Thomaz com um gesto supplicante.

— Pois isso não abala a tua fé?

— De nenhum modo.

— Com tudo, parece-me que devo conhecer essas cousas melhor do que tu?

— Não acabou de ouvir, senhor, que elle occulta a verdade aos sabios, e aos intelligentes, e que a revella ás crianças? Mas estou certo qne o senhor não falla sério, não é verdade? pergunta Thomaz anciosamente.

— Não, Thomaz, não fallava sério. Não nego a verdade da Biblia; tenho mesmo motivos para acreditar n'ella..... posto que não possa desterrar inteiramente as minhas duvidas.

— Se o senhor quizesse orar, sequer uma vez!

— E como sabes tu que eu o não faço?

— Pois o senhor reza?

Fallo-hia, se tivesse alguem comigo; mas quando estou só parece-me que fallo ás paredes! Vem comigo, Thomaz, e ensina-me como heide fazer.

O coração de Thomaz exuberava; o fervôr e a unção das suas preces foi tal que Saint-Clair se julgou transportado ás portas do céo por essa torrente de amôr e de fé. Parecia-lhe que se approximava de Eva!

— Obrigado, Thomaz, diz elle quando o preto se levantou. Gostei muito de te ouvir; mas deixa-me só agora. Fallaremos ainda outra vez a este respeito.

Thomaz partio.

CAPITULO XXVII.

Reunião.

As semanas succedião-se umas ás outras na familia de Saint-Clair, e as vagas da vida parecião acalmar-se sobre o gôlfo que havia submergido para sempre a frágil barquinha. Ah! como é fria e imperiosa essa dura realidade que nos impelle, e calca aos pés sem misericordia os nossos mais caros sentimentos!

É necessario comer, beber, dormir, acordar, vestir-se, comprar, vender, fazer visitas, e outras cousas que exige o habito machinal de viver, mesmo depois que desappareceo tudo que nos fazia amar a existencia.

A vida e as esperanças de Saint-Clair tinhão-se concentrado todas em sua filha. Era por causa d'Eva que elle tomava conta da sua fortuna; era relativamente a ella que havia destribuido o seu tempo. Compras, trocas, embellezamentos,

tudo tinha a ella por objecto, e o desêjo de satisfazer os seus gôstos tinha sido por tanto tempo a habitual preocupação da sua vida, que, depois que a tinha perdido, parecia-lhe que ja nada devia importar-lhe.

Ha com tudo uma segunda vida, que, uma vez abrigada em nosso coração, dá a todos os zeros de que se compõe a nossa existencia terrestre um valôr mysterioso e inexplicavel. Saint-Clair bem o sabia. Muitas vezes, nas suas horas de solidão, ouvia uma voz, doce e infantil, chama-lo lá do céo, vendo uma mãosinha indicar-lhe o caminho; mas a tristeza, semelhante a uma profunda lethargia, paralysava a sua vontade. Era uma d'essas naturezas privilegiadas, que apercebem mais claramente as cousas da religião, e as comprehendem por instincto, melhor que muitos christãos positivos e praticos. O dom de apreciar e de sentir as mais delicadas sombras da vida moral parece ser muitas vezes a partilha dos homens os mais indifferentes em matérias religiosas. Por exemplo, Moore, Byron, Goëte, deixão escapar frequentemente em suas obras palavras que descrevem com mais verdade esse sentimento religioso, que muitos doutôres em theologia. Em taes almas o desprêso da religião é peccado mais fatal, exemplo mais pernicioso, do que em outras.

Saint-Clair nunca tinha tido a pretenção de ser dirigido na sua conducta por principios religiosos. Uma certa delicadeza d'organização dava-lhe instinctivamente uma vista tão clara das exigencias do christianismo; comprehendia tão bem o que a sua consciencia exigiria d'elle, se uma vez o abraçasse, que bastava a idéa para o fazer estremecer. A inconsequencia do espirito humano é tal, sobre tudo na esphéra do ideal, que se prefere não emprehender uma cousa, ainda que util, com o recêio de a não executar na ultima perfeição.

Todavia, Saint-Clair estava um outro homem, a muitos respeitos. Lia a Biblia da sua Evasinha, sincéra e sériamente, e vistas mais rasoaveis e mais praticas relativamente aos seus

escravos o fazião sincéramente arrepender da conducta que até então tinha tido para com elles.

Pouco tempo depois de voltar á Nova-Orléans, deo os primeiros passos necessarios par a liberdade de Thomaz, a quem cada dia mais se affeiçoava. Ninguem lhe fazia lembrar tanto a sua filha querida; queria tê-lo sempre ao pé de si; e no em tanto que a pessoa alguma communicava os sentimentos da sua alma, a Thomaz nada occultava, e deixava-o lêr até ao fundo de seu coração. E quem poderia admirar-se d'isso, vendo com que expressão de ternura e de affecto Thomaz seguia por toda a parte seu joven senhor?

— Então, Thomaz, diz Saint-Clair, no dia depois que havia dado os primeiros passos para a alforria de Thomaz, vou-te fazer um homem livre! podes pois fazer os teus arranjos, que em breve partirás para o Kentucky.

O rayo d'alegria que illuminou o rôsto de Thomaz, quando, levantando as mãos ao céo, exclamou extasiado: « Graças te sejão dadas, Senhor! » affectou penosamente Saint-Clair, vendo a satisfação com que Thomaz o deixava.

— Não tens sido tão infeliz em minha casa, replicou elle secamente, para mostrar tanta alegria em deixa-la!

— Não, não, senhor, não é isso! saber que ainda serei *um homem livre*, eis o que me transporta d'alegria!

— Pois não julgas que tens sido até agora muito mais feliz, do que se fosses livre?

— Não, por certo, senhor! exclama Thomaz, com uma subita energia; não, por certo!

— Mas, Thomaz, tu nunca poderias ganhar pelo teu trabalho as commodidades de que gozas em minha casa!

— Bem o sei. O senhor tem sido demasiado bom para comigo; mas quero antes andar vestido miseravelmente, ter uma pobre choupana por habitação, viver em tudo pobremente, com tanto que saiba que essa pobreza é *minha*. Julgo, senhor, que este sentimento é inherente á natureza humana!

— Assim é, Thomaz, e não te quero mal por isso. Dentro d'um mez, pouco mais ou menos, vais então deixar-me! diz Saint-Clair com ar triste, e passeando pelo quarto agitadamente.

— Nunca o deixarei, senhor, em quanto o não vir mais consolado! respondeo Thomaz. Em quanto julgar que eu possa servir-lhe d'alguma cousa, pode estar certo que o não abandonarei!

— Em quanto me não vires *consolado!* quando será isso, Thomaz?

— Quando for christão.

— E queres ficar comigo até então? diz Saint-Clair, com ar jovial.

— Ah! Thomaz! ajunta elle, pondo-lhe a mão sobre o hombro, és demasiado innocente e sincéro! não, não quero guardar-te até esse tempo! Vai para a companhia de tua mulher e de teus filhos, e sê feliz!

— Não penso d'esse modo, respondeo com gravidade Thomaz; tenho *fé* que esse dia virá mais brevemente do que pensa! O Senhor reserva-lhe o prémio que merece pela sua bondade!

E os olhos do pobre preto nadavão em lagrimas.

Esta conversa foi interrompida pela chegada d'algumas visitas.

Maria de Saint-Clair sentia a perda de Eva tão profundamente como a sua natureza o comportava, e como ella tinha o talento de fazer carregar os outros com o pêzo das suas afflicções, os criados que ordinariamente a servião tinhão dobrado motivo de chorar a sua joven senhora, cujas affectuosas palavras, e benevola intercessão havião muitas vezes mitigado a tyrania egoista de sua mãi para com elles. A pobre Mammé, com particularidade, chorava amargamente esse ente querido, a sua unica consolação desde que a havião arrancado ás suas affeições domesticas. Chorando continuamente, privada, pelo excesso da sua dôr, da sua dexteridade ordinaria, attrahia

a cada instante sobre a sua cabeça, agora sem dêfeza alguma, uma torrente d'invectivas.

Miss Ophélia sentia igualmente essa perda; mas, em seu coração honesto e bom, ella produsia fructos para a vida eterna.

Mais docil e mais indulgente para com todos, só continuava a ser sevéra no cumprimento de seus proprios deveres. A educação de Topsy, baseada no conhecimento da Biblia, occupava-a desveladamente. Ja não sentia por ella essa repugnancia outr'ora tão mal disfarçada; era atravez do prisma da charidade de Eva que ella agora a considerava, e só via n'essa negrinha uma alma immortal que Deos lhe tinha confiado para a condusir á virtude, e á gloria celeste. Topsy não se tornou logo n'uma santa; mas a vida e a morte de Eva produsiram n'ella uma notavel mudança. A' sua obstinada indifferença havião succedido a sensibilidade, a esperança e os bons desêjos. Os seus esforços para bem se condusir, posto que irregulares, interrompidos, suspendidos mesmo, renovavão-se incessantemente.

Um dia que Miss Ophélia tinha feito chamar Topsy, Rosa vío-a esconder alguma cousa no sêio, com grande precipitação.

— O que é isso, brégeira? tu furtaste alguma cousa, por certo! diz a imperiosa mulatinha, agarrando-a pelo braço.

— Deixe-me socegada, miss Rosa, diz Topsy, escapando-lhe das mãos, não lhe importe o que escondi.

— Eu bem sei do que tu és capaz! heide vêr o que é.

E Rosa renova as suas tentativas para se amparár do objecto que Topsy tinha mettido no sêio, e que defendia com unhas e dentes contra a sua agressôra. Os gritos, e a bulha da disputa attrahiram Saint-Clair, e Miss Ophélia.

— É uma ladra! diz Rosa.

— Mente! vociferava Topsy, chorando e soluçando.

— Deixa-me vêr o que é que escondestes, seja o que for! diz Miss Ophélia, sevéramente.

Topsy hesitava ; mas Miss Ophélia havendo reiterado a ordem ainda mais sevéramente, foi forçôso obedecer, tirando do sêio um pequeno embrulho.

Miss Ophélia abrio-o, e achou um livro que Eva tinha dado a Topsy, contendo uma passagem da Escriptura para cada dia do anno, bem como um papel com a madeixa de cabellos que Eva havia dado aos escravos n'esse memoravel dia da sua despedida.

Saint-Clair sentio-se commovido á vista d'esse livro, que Topsy havia coberto com um bocado de fumo.

— Para que cobriste tu o livro com isto ? diz Saint-Clair, pegando no bocado de fumo.

— Porque... porque tinha pertencido a Miss. Oh ! pelo amôr de Deos não m'o tire !

E Topsy cobrio a cabeça com o seu avental, chorando com mais vehemencia.

Toda esta scena affectou sobremodo a Saint-Clair, que, com as lagrimas nos olhos, disse á pobre pretinha :

— Não chores, minha filha, fica descançada que não te tirarão cousa alguma.

E pegando no braço de Miss Ophélia, foi com ella para a sala.

— Creio realmente que poderá fazer alguma cousa d'aquella creaturinha ! O coração capaz de resentir uma verdadeira saudade, é susceptivel d'alguma cousa de bom !

— Ja está muito mudada, diz Miss Ophélia, e espero que se hade realisar a sua opinião. Mas, Agostinho, ajunta ella, pondo a mão sobre o braço de seu primo, permitta-me que lhe faça uma questão : a qual de nós pertence Topsy ?

— Pois eu não *lh'a dei ?* diz Saint-Clair.

— Sim ; mas eu desejava que ella me pertencesse *legalmente.*

— Oh ! que horrôr, minha prima ! exclama Agostinho ; que dirá a sociedade abolicionista da sua aldêia ? Ver-se-ha obrigada a instituir um dia de jejum em penitencia por

causa da sua defecção, se vem saber que é senhora d'escravos!

— Não importa, desêjo que ella me pertença em forma, a fim de a poder levar aos Estados livres, e para que o trabalho que tenho tido com ella não fique perdido.

— Que horrivel cousa, minha prima! fazer o mal para d'elle tirar um bem! não posso encorajar semelhante heresia.

— Fallemos sériamente, diz Miss Ophélia. É inutil que eu inculque principios religiosos áquella pobre rapariga, se não posso subtrahi-la ao mesmo tempo dos azares e dos revézes que traz comsigo a escravidão. Se deseja realmente que a guarde, faça-me uma doação em forma.

— Que essa não seja a duvida, fa-la-hei, diz Saint-Clair, pegando n'um jornal.

— Mas eu desejava que a fizesse ja.

— Que pressa é essa?

— A hora presente é a unica em que estamos certos de poder fazer as cousas. Aqui tem papel, penna, e tinta; agora escreva.

Saint-Clair, como a maior parte dos homens do seu caracter, detestava cordialmente o tempo presente do verbo fazer; por isso a persistencia de Miss Ophélia o aborreceo consideravelmente.

— Que teima é essa sua? não lhe basta a minha palavra? Dirião que algum judeo lhe ensinou a atanazar a gente!

— Quero assegurar os meus direitos. Se viesse a morrer, ou a quebrar, Topsy seria vendida em almoeda, apezar de todas as minhas protestações.

— É bem acautelada! mas não ha remedio senão fazer-lhe a vontade!

Saint-Clair, que conhecia perfeitamente as formas legaes de taes actos, escreveo n'um instante a doação, assignou-a, e deo-a á sua prima, dizendo-lhe:

— Está satisfeita, Miss Vermont?

— Obrigada ; mas parece-me que ainda falta uma assignatura ?

— Ah ! é verdade ! Maria, diz elle, abrindo a porta do quarto de sua mulher, a prima deseja possuir um authographo teu, assigna o teu nome n'este papel.

— Que é isto ? diz Maria, deitando os olhos sobre o papel. Que idéa tão extravagante ! julgava a nossa prima assaz religiosa para não fazer cousas tão horriveis ! ajunta ella, escrevendo o seu nome, com ar d'indifferença. Mas visto que tem gôsto por essa bella prenda, que a possua !

— Agora pertence-lhe, corpo e alma, diz Saint-Clair, entregando-lhe o papel.

— Não me pertence agora mais do que antes, replicou Miss Ophélia ; mas tenho direito ao menos de a proteger.

— N'esse caso, pertence-lhe por uma ficção legal, como disem os juristas. E disendo isto, Saint-Clair entrou na sala para continuar a sua leitura. Miss Ophélia, que não era muito apaixonada da sociedade de Maria, foi pouco depois ter com elle, havendo primeiramente guardado em lugar seguro a preciosa doação.

— Agostinho, diz ella bruscamente, sem interromper o trabalho da sua meia, ja fez alguma disposição para assegurar o futuro dos seus escravos, no caso em que venha a morrer ?

— Não, respondeo Saint-Clair, continuando a ler.

— N'esse caso a extrema indulgencia com que os trata pode vir a ser-lhes funesta.

Saint-Clair tinha muitas vezes feito a mesma reflexão ; mas respondeo com indolencia.

— Tenho tenção d'arranjar isso um dia.

— Quando ? pergunta novamente Miss Ophélia.

— Eu sei !... um d'estes dias.

— E se morresse antes de o fazer ?

— Que diabo d'idéa tem hoje, minha prima, em querer que eu morra ? diz elle, deixando o jornal. Observou por

ventura em mim alguns symptomas de febre amarella, ou de cholera morbus, para se occupar com tanto zêlo do que deve acontecer depois da minha morte ?

— A morte pode surprehender-nos a toda a hora, respondeo Miss Ophélia.

Saint-Clair alevantou-se, deixou o jornal, e sahio sem rasão apparente, desejando pôr termo a uma conversa que não era muito do seu gôsto. Repetia machinalmente essa palavra *morte* que ainda resoava em seus ouvidos, e encostado á balustrada da varanda, olhava distrahido para o repuxo do jardim ; as flores, as arvores apparecião-lhe atravez d'um vapôr vacillante, e essa palavra, tão commum em todas as bocas, mas sempre tão terrivel : A MORTE, apresentava-se incessantemente a seu espirito.

— É singular ! diz elle comsigo mesmo, que exista uma tal palavra, e uma tal cousa, e que não possâmos esquécê-la ! que estejâmos um dia cheios de vida e de belleza, cheios d'esperança, de desêjos, de necessidades, e que no dia seguinte desappareçâmos inteiramente !

Fazia um tempo magnifico, e Saint-Clair pôz-se a passeiar pela varanda. Ao chegar ao fim, vio Thomaz absorvido na leitura da sua Biblia, pondo o dedo sobre cada palavra, que pronunciava em voz baixa, com uma profunda seriédade.

— Queres que eu te leia, Thomaz ? perguntou Saint-Clair, assentando-se ao pé d'elle.

— Se fosse da sua vontade, senhor, respondeo Thomaz, com ar reconhecido, estimaria bastante, porque, quando o senhor me lê, comprehendo muito melhor.

Saint-Clair pegou no livro, e correndo com a vista as paginas abertas diante d'elle, começou a ler um dos fragmentos que Thomaz lhe indicava com a sua pesada mão.

« Ora, quando vier o filho do homem, na sua majestade, acompanhado de todos os seus anjos, assentar-se-ha sobre o thrôno da sua gloria, e achando-se reunidas todas as nações

diante d'elle, separará uns dos outros, como o pastôr separa as ovelhas dos bodes. »

Saint-Clair leo com voz animada até chegar a estes versetos :

« E o Rei dirá depois áquelles que estiverem á sua esquerda : — Affastai-vos de mim, malditos, ide para o fôgo eterno preparado pelo diabo e pelos seus anjos. Porque tive fome, e não me desteis de comer; tive sêde, e não me acolhesteis ; estava nu, e não me cubristeis ; estive doente e em prisão, e não me soccorresteis, nem visitasteis. Mas elles lhe perguntarão : Senhor, quando é que vos vimos ter fome ou sêde, quando é que vos vimos sem abrigo, nu, ou em prisão, e que não vos soccorressemos ? E elle lhes responderá : Em verdade vos digo, que cada vez que deixasteis de prestar esses soccorros á mais infima das minhas creaturas, os negasteis a mim ! »

Saint-Clair ficou surpreso ao lêr esta ultima passagem, e lêo-a outra vez ; á segunda, fê-lo com mais pausa, como querendo pezar cada uma das expressões.

— Thomaz, diz elle, esses homens que o Senhor trata com tanto rigôr parecem ter obrado exactamente como eu. Levaram uma vida alegre e commoda, sem lhes importar se seus irmãos soffrião da fome ou da sêde, estavão doentes ou em prisão.

Thomaz gardou silencio.

Saint-Clair levantou-se, com ar pensativo, e passeou d'uma parte para a outra na varanda, absorvido nas suas reflexões.

A sua preoccupação era tão grande, que Thomaz vio-se obrigado a avisa-lo por duas vezes, que tinhão tocado para o chá.

Saint-Clair guardou o mesmo ar pensativo durante todo o

tempo do chá. Quando deixaram a mesa, Maria, Miss Ophélia, e elle estabeleceram-se silenciosamente na sala.

Maria estendeo-se sobre um sofá, rodeado d'um mosquiteiro de gaze, e adormeceo em breve profundamente; Miss Ophélia fazia a sua meia em silencio, no em tanto que Saint-Clair, que se tinha pôsto ao seu piano, improvisava algumas ternas melodias. Parecia mergulhado em melancolia, e a musica tradusia o seu monologo interior. Passado um momento, abrio uma gaveta, e tirou d'ella um antigo caderno de musica, ja amarellecido pelo tempo, e pôz-se a folhea-lo.

— Vêja, diz elle a Miss Ophélia, é um dos cadernos de musica de minha mãi, e eis aqui a sua letra! Foi ella mesma que copiou isto do *Requiem* de Mozart.

Miss Ophélia chegou-se para vêr.

Era a sua peça de predilecção, e parece-me ouvi-la ainda!

Depois d'alguns preludios graves e sonoros no piano, Saint-Clair começou a cantar o antigo e bello hymno latino, — o *Dies iræ*.

Thomaz que escutava, assentado na varanda, chegou-se para a porta, attrahido por esta suave harmonia. Escutava com a maior attenção, e posto que as palavras fossem ininteligiveis para elle, a musica, a que Saint-Clair dava tanta expressão, sobre tudo nos lugares pathéticos, parecia commovê-lo profundamente. Quanto o seria elle ainda mais, se comprehendesse o sentido d'essas bellas palavras:

Recordare, Jesu pie
Quod sum causa tuæ viæ;
Ne me perdas illa die:
Quærens me sedisti lassus,
Redemisti crucem passus,
Sanctus labor non sit cassus.

Saint-Clair deo a estas palavras uma expressão profunda e ocante; porque a sombra que lhe occultava os annos per-

corridos parecia desvanecer-se, e julgava ouvir a voz de sua mãi dirigindo a sua. A musica do instrumento acompanhava perfeitamente a da voz, exhalando com um ardôr sympathico essas melodias que o génio de Mozart concebeo nos ultimos momentos da sua vida, e que devião servir nas suas proprias exéquias.

Quando Saint-Clair acabou de cantar, ficou alguns instantes com a cabeça appôiada sobre a mão, levantando-se depois, e dando algumas voltas pela sala.

— Que sublime concepção é essa do ultimo juizo! exclama elle.

A reparação das culpas de todas as idades, a solução de todos os problemas moraes por uma sabedoria infinita! Que maravilhoso e sublime quadro!

— É um quadro terrivel para pessoas como nós! respondeo Miss Ophélia.

— Deveria sê-lo para mim, diz Saint-Clair, parando, com ar pensativo.

Esta tarde lia eu a Thomaz o capitulo de S. Matheus, aonde se trata d'isso, e fiquei maravilhado! Parece verem-se os homens excluidos do céo por seus enormes crimes; mas não, são condemnados por não terem feito o bem que podião, como se essa negligencia comprehendesse todo o mal possivel!

— Talvez, diz Miss Ophélia, que não séja possivel deixar de fazer o mal, quando nos não applicamos a fazer o bem.

— Ah! então, diz Saint-Clair, como dirigindo-se a si mesmo, e com emoção, que se dirá áquelle a quem seu coração, a sua educação, e os males da sociedade debalde o sollicitavão para dar um nobre emprêgo ás suas forças, e que arrastado pela corrente do habito, ficou espectadôr indifferente das luctas, das angustias, e das injustiças de seus irmãos, quando podia fazer alguma cousa em seu proveito?

— Dir-lhe-hei de arrepender-se, e de metter mãos á obra immediatamente, respondeo Miss Ophélia.

— Vai sempre direita ao alvo como uma flecha! exclama Saint-Clair, sem poder reprimir um sorriso. Nunca deixa um instante á gente para as suas reflexões geraes, minha prima! faz-me parar sempre no momento presente, e o seu espirito está continuamente armado d'um perpetuo *agora mesmo!*

— *Agora* é o unico momento de que posso dispôr.

— Minha pobre Eva! a tua joven e candida alma preoccupava-se d'uma boa obra que eu devia preencher!

Depois da morte de Eva, era a primeira vez que d'ella fallava tão abertamente, pronunciando essas palavras com uma evidente emoção.

— A minha maneira de comprehender o christianismo é tal, ajunta elle, que não posso imaginar que um homem se diga Christão sem fulminar o monstruoso systema d'injustiças que fazem a baze da nossa sociédade, quando mesmo elle devesse perecer no combate! Quanto a mim, não poderia sê-lo d'outro modo, ainda que vêja tanta gente, que se diz esclarecida e religiosa, obrar differentemente. Asseguro-lhe, minha prima, que a indifferença de certos christãos sobre esta matéria, a sua cegueira a respeito das iniquidades que me horrôrisão, contribuiram mais que outra qualquer cousa a tornar-me sceptico.

— Pois que tinha tão bons sentimentos, porque os não tem posto em pratica? diz Miss Ophélia.

— Porque não possuo essa espécie de benevolencia, que consiste em estender-se sobre um canapé para ahi amaldiçoar a Igreja e o cléro de não terem ja confessôres e martyres. É muito facil, bem o sabe, de impôr aos outros o dever do martyrio!

— Mas agora espero que hade mudar?

— Deos só conhece o futuro, respondeo Saint-Clair. Sinto-me mais coragem que antigamente, porque perdi tudo!.... e quando ja não ha nada a perder, podemos expôr-nos sem risco.

— Que pertende fazer agora?

— O meu dever, espero, para com os pobres e os disgraçados, sempre que tiver occasião para isso. Occupar-me-hei antes de tudo dos meus proprios servidôres, a que até agora não tenho dado attenção. Quem sabe se não poderei tambem mais tarde fazer alguma cousa em proveito de toda uma classe de homens? Talvez que possa contribuir a tirar o meu paiz da falsa posição em que se acha á face das nações civilisadas!

— Julga ser possivel que uma nação se decida nunca, por sua propria vontade, a emancipar os seus escravos? pergunta Miss Ophélia.

— Não sei, diz Saint-Clair. O nosso século tem produsido cousas tão grandes! Encontrão-se por vezes no mundo bellos exemplos d'heroismo e de desinteresse. Os nobres hungaros libertão milhões de servos, fazendo para isso immensos sacrificios; talvez venhão a encontrar-se tambem entre nós alguns espiritos generosos que não queirão traficar mais com a honra e com a justiça.

— Duvido muito! diz Miss Ophélia.

— Mas supponhâmos que os emancipavão ámanhã, continua Saint-Clair, quem educaria esses milhões de creaturas embrutecidas, e lhes ensinaria a servirem-se da sua liberdade? Ninguem de nós, estou certo, se daria a esse trabalho; e sômos álem d'isso demasiado imprudentes nós mesmos para podermos ensinar os outros, dando-lhes esses habitos laboriosos, e essa energia, que só são capazes de fazer verdadeiros homens. Vêr-se-hião obrigados a ir-se formar nos paizes do Norte, aonde o trabalho é tudo. Porem outra objecção se me apresenta: terieis vós, os habitantes do Norte, assaz philantropia christã para vos encarregar-vos d'essa educação? Enviais muitos milhares de patacas ás missões estrangeiras, bem o sei; mas gostarieis de vêr chegar ás vossas cidades e ás vossas aldêas os nossos innumeraveis pagãos? Quererieis consagrar o vosso tempo, as vossas forças, o vosso dinheiro para os elevar ao nivel da civilisação christã? Eis o que eu desejava saber.

Consintirieis a forma-los a uma nova vida, se os emancipassemos? Quantas familias haverá na vossa aldêia que quizessem encarregar-se de receber em suas casas um preto, ou uma preta, para os educar, e fazer d'elles verdadeiros christãos?

— Pensa que haverião muitos banqueiros, ou negociantes que quizessem dar um lugar de caixeiro em seus escriptorios a Adolpho?

As suas interessantes senhoras do Norte tomarião ellas por suas criadas graves Joana, ou Rosa? Vêja, minha prima, desejava que nos fizessem justiça; a nossa posição é assaz difficil!

Nós sômos os oppressôres manifestos dos pretos; mas os prejuizos anti-christãos do Norte constituem um outro género d'oppressão não menos cruel.

— Sim, o que diz é verdade, meu primo, diz Miss Ophélia.

Eu mesmo partilhava, confesso, esses culpaveis prejuizos antes de haver comprehendido que era do meu dever vence-los, e parece-me que obtive a victoria; ha no Norte muita gente que faria como eu, se lhe mostrassem que era esse o seu dever. É certamente mais custoso receber em sua casa os pagãos, do que pagar missionarios para irem instrui-los; mas parece-me que seriamos capazes d'esse sacrificio!

— Vós, Ophélia, fa-lo-hieis, estou certo; que não farieis vós por amôr do dever?

— Não tenho tanta virtude como lhe parece! diz Miss Ophélia; qualquer outra faria o mesmo, se visse as cousas como eu.

Quando tornar para a Nova-Inglaterra, conto levar comigo Topsy, e espero que isso servirá de bom exemplo.

Seguio-se um momento de silencio; Saint-Clair parecia triste e pensativo.

— Não sei o que me faz pensar assim em minha mãi esta noite! diz elle. O que experimento é extraordinario! parece-me senti-la ao pé de mim, vindo-me involuntariamente á

memoria tudo o que ella antigamente me dizia ! O que será que nos faz por vezes lembrar tanto do passado ?

Depois de passear ainda alguns minutos pelo quarto, ajuntou :

— Parece-me que vou dar uma volta pela cidade, para me informar das noticias da tarde.

Pegou com effeito no chapéo, e sahio.

Thomaz seguio-o até á porta do páteo, perguntando-lhe se queria que o acompanhasse.

— Não, diz Saint-Clair, estarei de volta d'aqui a uma hora.

Fazia um luar magnifico, e Thomaz, assentado na varanda, contemplava, distrahido, o repucho do meio do páteo, prestando o ouvido ao ligeiro murmurio das suas saltitantes gôtas sobre a agua do tanque ; mas os seus pensamentos dirigião-se a outra parte. Tinhão por objecto a sua familia, e o prazer de que em breve gozaria de se vêr livre, reunido a ella, trabalhando para o resgate de sua mulher e de seus filhos. Pensou depois igualmente em seu nobre e joven senhor, objecto das suas continuas orações, bem como em Eva, que a sua imaginação lhe representava fazendo parte d'um côro de anjos, a tal ponto, que lhe parecia verdadeiramente aperceber seus ondeantes louros cabellos entremeiados com as humidas pérolas do repucho.

Absorvido assim n'esta contemplação, adormeceo, e sonhou que via Eva dirigir-se a elle, aos saltinhos como outr'ora, com uma grinalda de jasmins na cabeça, os olhos brilhantes d'alegria ; mas de repente a visão muda, e vê-a sahir de terra, pálida, com os olhos radiando d'um esplendôr divino, e a cabeça cingida da celeste aureola. N'este momento Thomaz desperta, sobresaltado com as repetidas pancadas que batem á porta d'entrada, acampanhadas d'um grande ruido de vozes na rua.

Correo a abrir a porta, e um grupo d'homens, pegando n'uma maca aonde vinha um corpo enbrulhado n'um capote,

se offereceo á sua vista. A' luz d'uma lanterna que trazião na mão Thomaz distinguio o rôsto da pessoa que vinha na maca, e a esta vista deo um tão terrivel grito de terrôr e de desesperação, que retumbou em toda a casa! em quanto os homens, com a sua preciosa carga, se dirigião em silencio para a porta entr'aberta da sala, aonde se achava ainda Miss Ophélia a fazer a sua mêia.

Saint-Clair tinha entrado n'um café para lêr o jornal da tarde. Durante a sua leitura, tinha-se travado uma rixa entre dois bebados á porta do café. Saint-Clair e um outro sujeito procuravam separa-los, quando recebeo no lado esquerdo um profundo golpe de navalha, que um dos combatentes dirigia ao seu adversario.

Em breve não se ouviram senão gritos e gemidos por toda a casa; os escravos arrancavão-se os cabellos de desesperação, cahião por terra, e corrião fóra de si em todas as direcções, lamentando-se em alta voz. Thomaz, e Miss Ophélia parecião sós haver conservado alguma presença d'espirito; porque Maria de Saint-Clair tinha sido accommetida d'uma crise de nervos. Miss Ophélia fez dispôr á pressa um dos sofás da sala, aonde foi deposto o sanguinolento corpo de Saint-Clair. A perda do sangue, e a dôr da ferida o tinhão deixado n'um profundo lethargo; mas tornando a si pelos cuidados que lhe prodigou sua prima, entr'abrio os olhos, e dirigio seu amortecido olhar sobre os que o rodeavão, fixando-o depois sobre o retrato de sua mãi.

Quando chegou o médico, e que sondou a ferida, a expressão de seu rôsto deixou vêr claramente que não havia nada a esperár.

Todavia, ajudado de Miss Ophélia, e de Thomaz, procedeo ao curativo, no meio dos gritos, dos gemidos e das lamentações de todos os escravos reunidos na varanda.

— Agora, diz o médico, é necessario afastar toda essa gente, porque a mais leve agitação pode ser fatal ao doente.

Saint-Clair abrio os olhos, e olhou fixamente para esses

seres desolados, que o medico e Miss Ophélia se esforçavão para fazer sahir do quarto.

— Pobre gente! murmurou elle, notando-se em seu rôsto a expressão d'um amargo arrependimento.

Adolpho queria ficar por força ao pé de seu senhor, deitando-se no chão aos seus pés, d'onde não era possivel arranca-lo.

Os outros cederam ás instancias de Miss Ophélia, quando ella lhes representou que a vida de seu senhor dependia da sua tranquillidade e da sua obediencia.

Saint-Clair apenas se podia articular uma palavra ; posto que tivesse os olhos fechados, bem se via que amargos pensamentos assaltavão a sua alma. Passado algum tempo , pôz a mão sobre a de Thomaz , que estava ajoelhado ao pé d'elle.

Thomaz, diz elle com voz quasi extincta, meu pobre Thomaz !

— Que é, senhor ? respondeo Thomaz com solicitude.

— Sinto-me morrer , diz Saint-Clair , apertando-lhe a mão.... Pede a Deos por mim !

— Deseja que lhe chamem um ecclesiastico ? pergunta o médico.

Saint-Clair fez com a cabeça um signal negativo, repetindo mais instantemente a Thomaz.

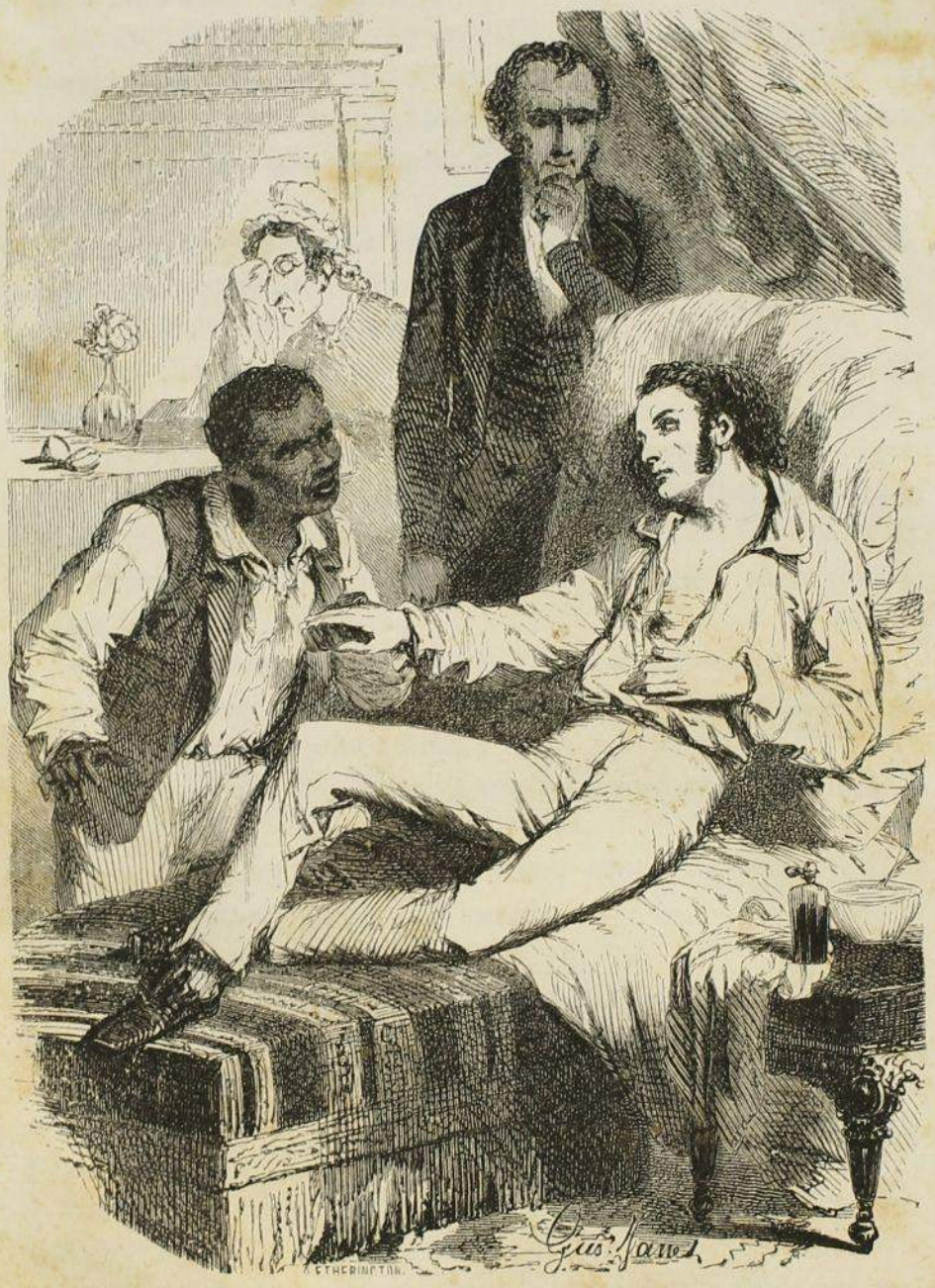
— Pede, pede por mim !

E Thomaz orou, orou de todo o seu coração, de todas as suas fôrças, por essa alma prestes a escapar-se da sua prisão terrestre , por essa alma, que parecia encara-lo tão fixa e tristemente atravez d'esses grandes olhos azues e melancholicos!

Foi uma oração litteralmente offerecida com gemidos e com lagrimas (1).

Quando Thomaz acabou as suas préces, Saint-Clair pegou-

(1) Epistola aos Hebreos, capit. V.



T. II. p. 157.

As portas da eternidade, a mão branca e a mão preta podem manifestar sem escandalo a sua mutua affeição.

lhe na mão, e fixou os olhos sobre elle, mas sem proferir uma palavra. Fechou depois os olhos, conservando sempre essa mão na sua; porque, ás portas da eternidade, a mão branca e a mão preta podem manifestar sem escandalo a sua mutua affeição! Por intervalos ouvia-se-lhe pronunciar quasi indistinctamente :

Recordare, Jesu pie.

. . . . . .

Ne me perdas — illa die.
Quærens me — sedisti lassus!

As palavras do *Miserere* que essa tarde mesmo havia cantado vinhão-lhe evidentemente ao espirito na occasião propria de dirigir essa ardente supplica á Misericordia infinita! Outras incoherentes palavras sahião por intervalos de seus pálidos e trémulos beiços.

— Tresvalia! diz o médico.

— Não tresvalio, não! diz Saint-Clair com energia, em fim! em fim!...

Este esfôrço prostrou-o de todo. A palidez da morte cobrio seu rôsto; mas ao mesmo tempo uma admiravel expressão de paz se apoderou d'elle, como se algum espirito misericordioso o tivesse abrigado debaixo das suas azas; parecia uma criança que adorméce de fatiga!

Ficou assim durante alguns instantes; a mão omnipotente repousava sobre elle. Mas no momento em que o espirito ia a tomar o seu vôo, abrio os olhos, illuminados por uma celeste alegria, como se reconhecesse um ente querido, e ouvio-se-lhe murmurar :

Minha mãi!

E sua bella alma partio!

CAPITULO XXVIII.

Os abandonados.

Ouvimos fallar muitas vezes da dôr dos escravos que perdem um bom senhor. Nada mais natural, porque não ha creatura alguma sobre a terra mais digna de compaixão que o escravo n'essas circunstancias.

O filho que perde seu pai tem ainda a protecção de seus amigos, e da lei; é alguma cousa, pode alguma cousa, tem uma posição legal, e direitos reconhecidos; mas o escravo não tem nada d'isso. A lei considera-o, a todos os respeitos, debaixo de todos os pontos de vista, tão destituido de direitos como um fardo de mercadorias. Se reconhecião ao escravo as necessidades e os desêjos naturaes a uma creatura humana e immortal, era para submette-las á vontade soberana e irresponsavel de seu senhor, e uma vez elle morto, a entidade viva do escravo morre igualmente.

Existe um pequeno numero de homens, que possuindo um poder absoluto, sabem exerce-lo com humanidade e generosidade. Os escravos conhecem isso perfeitamente; por isso não é de admirar que a perda d'um bom senhor cause tanta afflicção a esses infelizes.

Quando Saint-Clair expirou, o terrôr e a consternação se apoderaram de todos os seus servidôres. Havia-lhes sido tão subitamente roubado, na flôr e na força da mocidade, que um tal golpe não podia deixar de prostra-los a todos!

Maria, cujo systema nervôso estava arruinado pelos continuos remedios e cuidados que ella prodigava a si mesma, não tinha forças para supportar este terrivel golpe. No momento

em que seu marido expirava, os seus deliquios succedião-se um ao outro, de modo que aquelle a quem ella estava unida pelos mysteriosos laços do matrimonio separava-se d'ella para sempre, sem poder sequer dizer-lhe um adeos.

Miss Ophélia, com a força d'alma e o sangue frio que a caracterisavão, tinha ficado junto do seu parente, dando attenção a tudo, prestando-lhe os soccorros que era possivel, unindo-se de coração e d'alma ás préces de Thomaz pela alma de seu moribundo senhor.

Quando forão amortalhar o corpo, acharam-lhe ao peito uma medalha, fechada por uma mola, contendo uma bella miniatura de mulher, e do lado oppôsto uma madeixa de cabello preto. A medalha ficou sobre o inanimado sêio : pó sobre pó, tristes reliquias d'esses tempos da mocidade, que fizerão palpitar tantas vezes esse coração agora gelado !

A alma de Thomaz estava toda entregue aos pensamentos da eternidade ; e no em tanto que elle prestava os seus ultimos devêres a essa inerte argilla, a idéa de que uma tão subita desgraça lhe destruia igualmente a tão doce esperança da sua liberdade nem uma só vez lhe veio á mente. Sentia-se tranquillisado a respeito da salvação eterna do seu querido senhor ; porque, quando n'essa hora solemne, tinha dirigido as suas fervôrosas préces ao Pai Celeste, parecia-lhe haver recebido uma consoladôra resposta de segurança e de paz.

A força dos sentimentos da sua natureza affectuosa o tornavão capaz de comprehender alguma cousa da plenitude do amôr divino ; porque, como diz um antigo oraculo : « O que persiste no amôr persiste em Deos, e Deos n'elle. » Thomaz tinha esperança, tinha confiança, por conseguinte estava tranquillo.

Depois do enterro, depois dos chôros, depois dos gemidos, depois dos pêsames, depois de todo esse apparato de luctos e de fumos, as frias e lôdacentas aguas do rio da vida tomaram o seu curso acostumado, vindo depois a eterna e inexoravel questão :

Que se hade fazer agora ?

Essa questão veio ao espirito de Maria, quando, nos seus trajos da manhã, rodeada d'escravos submissos, mas trémulos de susto, ella examinava, assentada na sua poltrôna, differentes amostras de fazendas para lucto. A mesma questão se elevou no espirito de Miss Ophélia, que ja se dispunha a tornar para a sua patria no Norte. Elevou-se igualmente com profundo terrôr no espirito dos escravos, que conhecião o caracter duro e tyranico d'aquella que só agora tinha poder sobre elles.

Sabião perfeitamente que a indulgencia com que até então tinhão sido tratados vinha de seu senhor, e não de sua senhora; e agora que elle não existia, quem poderia preserva-los dos crueis tratamentos que um caracter, por sua natureza máo, e tornado ainda peior pelos soffrimentos, seria capaz d'inventar ?

Quinze dias depois do enterro de Saint-Clair, Miss Ophélia, que se achava no seu quarto trabalhando em custara, ouvio bater ligeiramente á porta, e indo vêr quem era, deo com a gentil mulatinha Rosa, com os cabellos desgrenhados, e os olhos entumecidos e vermelhos de lagrimas !

— Oh ! Miss Ophélia ! exclama ella, cahindo de joelhos, e pegando-se á orla do vestido da boa senhora ; — va ! ah ! va ! peço-lhe pelo amôr de Deos, va fallar por mim á senhora ! Envia-me á prisão para ser açoitada pelo verdugo ! veja ! — mostrando um papel a Miss Ophélia.

Era uma ordem, escripta pela delicada mão de Maria, ao carcereiro da prisão para fazer dar pelo verdugo quinze vergalhdaas á portadôra do bilhete !

— Que fez para merecer um tal castigo ? lhe perguntou Miss Ophélia toda consternada.

— Bem sabe, Miss Ophélia, que tenho um máo genio, e que por vezes não posso reprimi-lo ; é uma desgraça, bem o sei !...

Estava ensaiando á senhora um vestido novo, quando ella,

não sei porque motivo, deo-me uma bofetada; eu, sem reflectir, queixei-me, e parece que fui mesmo insolente.

Foi então que ella me disse, que me ia ensinar a não ser mais atrevida, escrevendo este papel, que me ordenou de ir entregar immediatamente! Ah! porque não me matou ella antes pelas suas proprias mãos!...

Miss Ophélia ficou algum tempo pensativa, com o papel na mão.

— Não é a dôr das vergalhadas que me custa, Miss Ophélia, é a vergonha de passar pelas mãos d'um homem tão horrivel!...

Miss Ophélia tinha ouvido fallar d'esse infame costume, mas como d'uma cousa que só algum barbaro senhor praticava em casos extraordinarios, não lhe podendo vir á idéa que um tal castigo podesse ser infligido a uma delicada rapariga, até então mimosamente tratada, só por uma ligeira falta!

Toda a sua natureza de mulher honesta se revoltou; o seu sangue de mulher da livre Nova-Inglaterra lhe subio ao rôsto, e fez palpitar fortemente seu coração indignado; mas, com a sua costumada prudencia, e graças ao império que sabia ter sobre si, contrafêz-se, e machucando o papel que sempre havia guardado na mão:

— Espere-me aqui, minha filha, diz ella a Rosa, em quanto eu vou fallar á sua senhora. Que vergonha! que monstruosidade! dizia ella comsigo mesmo, em quanto atravessa a sala para ir ao quarto de Maria.

Achou-a assentada na sua poltrôna, Mammé penteando-a, e Joana, de joelhos, esfregando-lhe os pés para os aquécer.

— Como se acha hoje, minha prima? lhe diz Miss Ophélia.

Exhalou um profundo suspiro, fechando languidamente as palpebras, e ficou assim alguns instantes, dignando-se por fim responder:

— Ah! não sei, minha prima! acho-me tão bem como poderei d'ora em diante achar-me!...

E Maria levou aos olhos o seu cheirôso lenço de cambraia, guarnecido d'uma rica renda preta.

— Venho, diz Miss Ophélia, com essa tossesinha sêca com que se encéta ordinariamente uma questão difficil, — venho fallar-lhe a respeito da pobre Rosa.

Os olhos de Maria abriram-se inteiramente d'esta vez, as suas pálidas faces tornaram-se escarlates, respondendo com vivacidade :

— Então que ha?

— A pobre rapariga está bem arrependida da sua falta.

— Deveras? Ainda estará mais arrependida quando tiver recebido a paga que merece ! Supportei demasiado tempo o seu atrevimento; agora quero fazer-lhe abaixar a grimpa, e redusi-la a pó!

— Mas não poderia puni-la d'uma maneira menos degradante ?

— É justamente humilha-la que eu pretendo. Ella contava com a sua delicadeza, com a sua formosura, com os seus ares de senhora, esquécendo o que era ! Pois agora quéro fazer-lh'o lembrar d'um modo que lhe fique para sempre na memoria!

— Mas lembre-se, minha prima, que é perder essa pobre rapariga, attacando assim a delicadeza, e o sentimento de pudôr que ella ainda conserva !

— A delicadeza ! o pudôr ! diz Maria com um sorrizo de desprêzo, que bellas expressões applicadas a uma creatura semelhante ! Apezar dos seus ares d'importancia, e de denguice, eu lhe vou mostrar que não vale mais que a ultima miseravel das ruas ! Eu lhe prometto que não será mais atrevida para comigo !

— Responderá a Deos por uma tão barbara crueldade !

— Crueldade ! Olhem a grande crueldade, quinze vergalhadas, com ordem mesmo de não lh'as darem muito fortes, em attenção á sua delicadêza !

— Não acha isso crueldade? diz Miss Ophélia. Pois eu

julgo, e ella tambem, pobre rapariga! pensa do mesmo modo, que era melhor mata-la do que faze-la passar por um tão infame tormento!

— Pode ser que as pessoas dos seus sentimentos assim pensem; mas as creaturas d'essa espécie não achão nada de extraordinario em tal tratamento, o unico que lhes convem. Se se faz attenção á sua delicadeza e ao mais, tornão-se insolentes, como fizeram sempre as minhas escravas, quando não lhes podia ir á mão como desejava. Agora ja as avizei que esse bom tempo estava acabado, que todas passarião pelo que agora faço passar Rosa, se não tomarem conta com sigo.

Maria olhava em tôrno de si, ao dizer isto. Joana abaixava a cabeça, porque bem sabia que essas palavras lhe erão particularmente dirigidas. Miss Ophélia assentou-se um momento, como se acabasse de engulir um mixto de matérias explosiveis, e sentia-se prestes a rebentar. Mas lembrando-se da absoluta inutilidade de qualquer discussão com uma pessoa semelhante, resignou-se custosamente ao silencio, e sahio do quarto.

Era uma bem triste missão que Miss Ophélia tinha a cumprir, partecipando á infeliz Rosa que nada tinha podido obtêr em seu favôr; mas foi-lhe poupada ao menos essa afflicção, porque, durante a sua ausencia, uns poucos d'escravos tinhão vindo, por ordem de sua senhora, arrastar a victima ao lugar do seu supplicio!

Alguns dias depois d'isto, Thomaz passeava todo pensativo pela varanda, quando Adolpho veio ter com elle, triste e abatido, como sempre o havia estado depois da morte de seu senhor. Adolpho sabia perfeitamente que Maria não o podia soffrer, e isso pouco lhe importava durante a vida de Saint-Clair; mas agora não podia deixar de estremecer ao lembrar-se do que poderia acontecer-lhe! Maria tinha tido differentes consultas com o seu advogado. Depois de haver conferenciado com o irmão de Saint-Clair, decidio-se que venderia a

casa, e todos os escravos, excepto os seus particulares, que ella queria levar com sigo, quando fosse a viver na companhia de seu pai.

— Sabe, Thomaz, que vamos ser todos vendidos? diz Adolpho.

— Como é que sabe isso ?

— Estava escondido, por detraz das cortinas quando a senhora o disse ao seu advogado. É com toda a certeza que d'aqui a poucos dias seremos todos vendidos em leilão, Thomaz !

— Que a vontade do Senhor seja feita! diz Thomaz, cruzando os braços sobre o peito, e exhalando um profundo suspiro.

— Nunca acharemos senhor igual áquelle que perdemos, diz Adolpho com ar recêioso; mas antes quero ser vendido, seja a quem for, do que ficar debaixo do dominio da senhora.

Thomaz afastou-se, o coração trasbordava-lhe no peito.

A perdida esperança da liberdade, a idéa de não vêr mais sua mulher e seus filhos, assaltavão a sua alma paciente, como para o marinheiro, naufragado á entrada do pôrto, apparecem álem da sombria vaga, o campanario e os amados côlmos da sua aldêa natal, como para lhe dizerem um ultimo adeos. Apertava fortemente os braços contra o peito; esforçava-se para reter as amargas lagrimas, e procurava um refugio nas préces.

Pobre coração! nutria pela liberdade um prejuizo tão singular, tão inexplicavel, que foi para elle um terrivel golpe esta decepção! e quanto mais dizia : Que seja feita a tua vontade! maior era a sua dôr!

Thomaz decidio-se a ir ter com Miss Ophélia, que, depois da morte de Eva, o tinha sempre tratado com uma bondade e um respeito particulares.

— Miss Phélia, lhe diz elle, o meu senhor Saint-Clair tinha-me promettido a minha liberdade ; disse-me mesmo

que havia começado a dar os passos necessarios para isso; se Miss quizesse ter a bondade de o fazer lembrar á senhora, talvez que ella se decidisse a terminar o que seu marido tinha começado, e que era do seu desêjo.

— Fallar-lhe-hei, e farei o que estiver da minha parte, diz Miss Ophélia. Mas, se isso depende de Mrs Saint-Clair, recêio muito de não obtêr nada d'ella! não pouparei com tudo as diligencias.

Este incidente teve lugar pouco tempo depois do castigo infligido a Rosa, e em quanto Miss Ophélia fazia os seus preparativos para tornar para o Norte.

Julgando que havia sido talvez demasiado viva na ultima occasião que fallára com Maria, resolveo moderar agora o seu zêlô, mostrando-se conciliante o mais possivel. Reunindo pois todas as suas forças, e pegando na sua meia, dirigio-se ao quarto de Maria, decidida a mostrar-se muito amavel para com ella, e a tratar o negocio de Thomaz com toda a habilidade diplomatica de que ella era capaz.

Achou Maria estendida sobre o seu sofá, segundo o costume, com o cotovello mettido nas almofadas, e a cabeça appôiada sobre a mão, examinando as amostras de differentes sedas pretas que Joana lhe mostrava.

— Esta agrada-me, diz Maria, pondo de parte uma das amostras; mas não sei se é inteiramente propria para lucto?

— É da mesmissima qualidade da do vestido que a viuva do general Derbennon trazia depois da morte de seu marido, o verão passado, e que fazia um effeito maravilhoso! diz Joana, com grande volubilidade.

— Qual é a sua opinião, minha prima? pergunta Maria a Miss Ophélia.

— É questão de moda, responde esta, e a minha prima é melhor juiz do que eu a esse respeito.

— O caso é que não tenho um vestido que preste! e como conto partir d'aqui a semana que vem, é necessario que compre alguns.

— Pois parte tão cêdo?

— Sim; o irmão de Saint-Clair escreveo-me, e tanto elle como o meu advogado pensão que o melhor de tudo é fazer ja um leilão dos escravos, e da mobilia, e de deixar a casa para se vender depois.

— Desajava fallar-lhe a respeito d'uma cousa, diz Miss Ophélia. Agostinho tinha promettido a Thomaz a sua liberdade, e havia mesmo começado ja as formalidades necessarias para o acto. Espero que quererá dar ordem para que elle se termine.

— Não farei tal, por certo, respondeo Maria sêcamente. Thomaz é um dos escravos de mais valôr de toda a successão, e não me é possivel fazer um semelhante sacrificio. A'lem de que, que precisão tem elle de ser fôrro? É muito feliz assim!

— Mas não é o que elle pensa; e conta que a palavra de seu senhor será respeitada, diz Miss Ophélia.

— Não duvido que elle desêje a liberdade, porque todos elles são o mesmo! diz Maria. É uma raça que nunca está contente, e que desêja sempre o que não tem! A emancipação, álem d'isso, é contraria aos meus principios. Deixe o preto entregue ao cuidado de seu senhor, e elle irá soffrivelmente; mas liberte-o, e verá como se torna preguiçôso, inerte, bebado, o mais despresivel dos seres em fim. Presenciei isso centos de vezes, e assêguro-lhe que não é um favôr que se lhes faz em liberta-los.

— Em Thomaz não pode haver esse inconveniente, porque bem sabe como elle é sobrio, laborioso, e devoto?

— Não é a mim que tudo isso impõe! Tenho visto muitos como elle, que se condusem bem em quanto estão debaixo do dominio d'um senhor; mas apenas obtêem a sua liberdade, ja são outros.

— Lembre-se tambem que pode encontrar um máo senhor, se o pôzer em venda! diz Miss Ophélia.

— Deixe-se d'isso! responde Maria; não acontece uma

vez sobre cem que um bom escravo encontre um máo senhor; a maior parte das vezes os senhores são excellentes para com elles, apezar do que dizem! Vivi no Sul, ahi fui educada, e nunca conheci um senhor que deixasse de tratar bem os seus escravos, quando elles o merecião. Fique descançada a esse respeito!

— Pois bem! diz Miss Ophélia energicamente. Sei que foi um dos ultimos desêjos de seu marido que Thomaz fosse fôrro; sei que foi essa uma promessa solemne feita por elle á nossa querida Eva na hora da sua morte, e nunca poderia acreditar que fosse capaz de se oppôr á execução de promessas tão sagradas!

Maria, a esta terrivel apostrophe, cobrio a cara com o lenço, pondo-se a soluçar, e a fazer um uzo immoderado do seu frasquinho de ether.

— Todos são contra mim! exclama ella; não mereço attenção alguma! Nunca esperaria isso da sua parte! Vir lembrar-me os objectes das minhas eternas saudades, é muita falta de attenção!

E os soluços, e os deliquios de Maria recomeçaram com mais força, correndo uns a abrir a janella para deixar entrar o ar, outros a desapertar-lhe os vestidos, outros a fazer-lhe cheirar lã queimada, e a esfregar-lhe as fontes com alcanfôr! Miss Ophélia aproveitou esta confusão geral para se esquivar, e retirar-se para o seu quarto.

Vio que era inutil dizer mais nada; porque Maria possuia um talento extraordinario para fingir os attaques de nervos, quando se tratava d'alguma cousa que lhe não convinha.

Miss Ophélia não poude por tanto fazer outra cousa em favôr de Thomaz senão escrever a Mrs Shelby, dando-lhe parte da posição em que elle se achava, e pedindo-lhe de lhe valer quanto antes.

No dia seguinte, Thomaz, Adolpho, e uma meia duzia mais d'outros escravos de Saint-Clair, forão condusidos ao armazem d'escravos para serem vendidos em almoeda.

CAPITULO XXIX.

O armazem d'escravos.

Um armazem d'escravos! Talvez que este titulo só baste para evocar horriveis visões no espirito d'alguns dos meus leitôres. Representão-se, sem duvida, algum antro immundo e obscuro, algum terrivel *Tartaro*, « *informis, ingens, cui lumen ademptum;* » mas desenganai-vos, innocente amigo! descobrio-se em nossos dias a arte de peccar habil e decentemente, de modo que não revolte uma sociedade respeitavel! A mercadoria humana tem hoje muito valôr na praça; por isso é bem nutrida, bem tratada a todos os respeitos, afim de ter boa apparencia na occasião da venda, procurando a seus donos o maior interesse possivel. Um armazem d'escravos na Nova-Orléans não differe de outro qualquer rico armazem de fazendas, senão em que, no mostradôr, em lugar de chales da India, de chapéos com flôres para senhoras, etc., vê-se uma fileira de caras pretas, pardas, amarellas, brancas, de homens, de mulheres, ou de crianças, servindo de chamariz aos amadôres, e aos freguezes. Elegantes e polidos caixeiros vos convidarão a entrar para vêr de perto a fazenda, e podereis comprar, por junto, uma familia inteira, ou qualquer membro d'ella, a retalho, que seja o pai ou a mãi, o filho ou a filha, como quizerdes!

É assim que almas immortaes, remidas pelo sangue e pelas angustias d'um filho de Deos, n'essa hora mysteriosa em que o sol se cobrio d'um véo de lucto, em que a terra estremeceo, em que os rochêdos estallaram, em que os tumulos se abriram, são vendidas, alugadas, hypothecadas, cambia-

das, trocadas por um cavallo, por uma terra, por uma caixa d'assucar, ou outro qualquer objecto semelhante, segundo a posição commercial, ou a fantesia do compradôr!

Um dia ou dois depois da conversa que referimos entre Maria e Miss Ophélia, Thomaz, Adolpho, e uma meia duzia d'outros escravos da casa Saint-Clair forão entregues aos ternos cuidados de Mr Streggs, guarda d'um depósito d'escravos, para ahi esperarem até ao momento do leilão, que devia fazer-se no dia seguinte.

Thomaz tinha comsigo, como a maior parte dos seus companheiros, uma caixa com a sua roupa. Fizerão-nos entrar, para passar a noite, n'uma grande sala aonde uma multidão de gente, de todas as idades, e de todas as côres, se achava reunida, rindo e divertindo-se uns com os outros.

— Bravo! bravo! rapazes! rião e brinquem, que o meu desêjo é vê-los alegres! diz Mr Streggs, entrando na sala. Bem, Sambo, muito bem, meu maganão! ajunta elle, dirigindo-se a um enorme preto, que executava algum ignobil gracêjo, excitando os estrondosos applausos que Thomaz ouvio ao entrar.

Thomaz, como se pode julgar, não estava disposto a partilhar taes divertimentos. Foi pôr a sua caixa o mais longe possivel do grupo ruidôso, e assentou-se em cima, com a cabeça encostada á parede.

Os que se dão ao *commercio da carne humana* fazem todos os esforços por entreter continuamente em seus armazens uma estrondosa alegria, como o melhor meio de desterrar a reflexão, e de fazer esquécer aos escravos a sua triste posição. Desde que o preto é vendido sobre o mercado do Norte até ao momento em que chega ao Sul, o seu possuidôr não cessa de cuidar d'elle, isto é, de procurar embrutecê-lo o mais possivel. O traficante d'escravos compra o seu rebanho na Virginia e no Kentucky, e leva-o depois para algum lugar sádio e agradavel, junto de aguas thermaes, se é possivel, para ahi os engordar. São nutridos abundantemente, e como

entr'elles sempre se encontra algum a quem as saudades da patria e da familia fazem desperecer, ha tocadôr de rebeca para os fazer dançar todos os dias, quer queirão, quer não queirão. Aquelle que recusa inteiramente dançar, e estar alegre como os outros, não podendo banir de sua alma a lembrança de sua mulher e de seus filhos, do seu interior, do seu *at home*, esse é visto de máo olho, e fica sujeito a todas as brutalidades de que um homem endurecido e irresponsavel é capaz. A vivacidade e a alegria, sobre tudo em presença dos compradôres, é-lhes constantemente recommendada, e elles mesmos são a isso estimulados, ja pela esperança de encontrarem assim um melhor senhor, ja pelo recêio do castigo que os espera, se ficão como fazenda de refugo.

— Ah! que fazemos nós por aqui? diz Sambo, approximando-se de Thomaz, quando Mr Streggs deixou a sala.

Sambo era d'um preto tão lustroso, que parecia lhe havião untado a cara com graxa de polimento, de estatura alta, d'uma vivacidade ruidosa, que dava ares de loucura, gesticulando, e fazendo continuamente as mais horriveis carantonhas e momices.

— Que fazes tu ahi? diz elle a Thomaz, fazendo-lhe cocêgas, para gracejar, — estás meditando, heim?

— Devo ser vendido amanhã em leilão! respondeo Thomaz tranquillamente.

— Vendido em leilão! — Oh! oh! venhão cá, vocês, se querem ouvir uma bôa! Tomára eu estar no teu lugar, e verião como os fazia rir a todos! Mas dize-me, por ventura todo esse bando parte amanhã? pergunta Sambo, pondo familiarmente a mão sobre o hombro de Adolpho.

— Faz favôr de me deixar socegado! diz Adolpho, empertigando-se, e com ar de nôjo e de desprêzo.

— Aïe! aïe! quérem vêr o negro branco os ares que se dá, rapazes? diz Sambo dirigindo-se aos outros pretos. E como elle cheira a agua de Colonia! ajunta elle, chegando-se

a Adolpho, e cheirando-o. — Conviria perfeitamente a um estanqueiro, porque lhe arômatizaria o tabaco, e os fréguezes não lhe faltarião!

— Repito-lhe que me deixe socegado, tem entendido? diz Adolpho furioso.

— Meu Deos! como sômos cociguentos, nós outros pretos brancos! Olhem cá para mim, rapazes!

E Sambo pôz-se a arremedar as maneiras d'Adolpho.

— Parece-me que não nos falta graça e denguice? diz elle para os seus espectadôres. — É que fizemos parte d'alguma nobre familia, não sabem?

— Sim, diz Adolpho, pertenci a um senhor que podia compra-los a vocês todos!

— Vejão lá que personagem sômos! replica Sambo.

— Pertenci á familia Saint-Clair! diz Adolpho vaidosamente.

— Deveras? Mas, apezar d'isso, querem desfazer-se de ti, e vão vender-te juntamente com alguma louça rachada, e outros artigos semelhantes! diz Sambo, fazendo uma das suas mais grutescas caretas.

Adolpho, exasperado por este insulto, arremeçou-se furioso ao seu adversario, vociferando, e sôcando-o por toda a parte. Os espectadôres rião e applaudião, fazendo uma algazarra tal, que o guarda veio vêr o que era.

— Que é isto, rapazes? nada de bulha! diz elle, sacudindo o seu enorme chicote. Todos fugiram para differentes partes, excepto Sambo, que prevalecendo-se do favôr de que gozava junto do guarda, como bôbo de profissão, não recêiou as suas chicotadas, abaixando a cabeça, com uma facéta carantônha, cada vez que o guarda alevantava o chicote.

— Não sômos nós que fazemos a bulha, senhor! estavamos bem socegados; são esses que vierão ultimamente, que são insupportaveis, tratando-nos com desprêzo, e insultando-nos!

O guarda virou-se para Thomaz, e para Adolpho, e sem

outra alguma formalidade, distribuio-lhes um certo numero de bofetadas e dè pontapés, e depois de aconselhar aos outros de serem bons rapazes, e de se irem deitar, partio mui satisfeito.

Em quanto esta scena se passava no dormitorio dos homens, não deixaria de ser curioso para o leitôr observar o que se passava na sala proxima, destinada ás mulheres. Vê-se ahi, estendidas e adormecidas pelo chão, em variadas attitudes, um consideravel numero de mulheres de todas as côres, desde o preto de ébano até ao branco de leite e rosas; de todas as idades, desde a infancia até á velhice. Aqui, é uma bella menina de dez annos, cuja mãi foi vendida na vespera, e que agora, sem ninguem fazer attenção a ella, tinha adormecido á força de chorar.

Acolá, é uma velha preta cançada, cujos braços dessecados, e mãos callosas attestão o seu longo e penoso serviço. Está para ali como um artigo de refugo, para amanhã ser vendida pelo que quizerem dar por ella! Quarenta ou cincoenta outras d'essas pobres creaturas, com a cabeça coberta d'uma manta, ou com as suas saias alevantadas, estão para ahi estendidas como uma manada de porcos! N'um canto, á parte, vêem-se duas mulheres d'um exterior particularmente interessante.

Uma d'ellas é uma mulata decentemente vestida, d'uns quarenta a cincoenta annos d'idade, d'uma physionomia agradavel e dôce. Uma espécie de turbante feito com um bello lenço de seda da India lhe orna a cabeça. O seu vestido é bem feito, e d'uma bôa fazenda, o que tudo denuncia que até então tinha vivido commodamente. Ao lado d'esta mulher, e bem chegada a ella, está uma rapariga d'uns quinze annos: é sua filha, porque, posto ser branca de néve, se assemelha com ella nas feições.

Tem os mesmos olhos pretos e ternos, com pestanas um pouco mais longas, e seus cabellos são d'um louro escuro. Veste igualmente com gôsto e decencia, e suas brancas e

delicadas mãos denotão que nunca conheceram os trabalhos d'uma escrava.

Ambas devem ser vendidas no dia seguinte, do mesmo modo que os escravos de Saint-Clair, e o cavalheiro a quem ellas pertencem, e a quem será transmittida a importancia da sua venda, é um membro da Igreja Christã de New-York! Depois de receber esse dinheiro, irá receber a communhão, instituida pelo seu Deos e pelo d'ellas, e não pensará mais em tal!

Essas duas mulheres, a quem chamaremos Suzana, e Emelina, pertenceram a uma amavel e religiosa senhora da Nova-Orléans, que lhes tinha dado uma educação distincta, e as tratava, não como escravas, mas como filhas. Porem o filho unico d'essa senhora, que era quem dirigia a sua casa e a sua fortuna, prodigo e debochado, contrahio immensas dividas, sem que sua mãi o soubesse, senão quando ja não havia remédio, e que a québra da casa era inevitavel. Um dos seus mais fortes crédores era Mr B... e Cª de New-York, que escreveo logo ao seu procuradôr na Nova-Orléans para proceder ao sequestro dos bens moveis, de que fazião parte estas duas escravas, que agora ião ser vendidas por sua ordem.

Mr B... era, como dissemos, christão, e habitante d'um Estado livre. Quando recebeo a noticia da québra do seu devedôr, achou-se n'uma certa collisão. Não queria que dissessem que elle fazia o commercio d'escravos, e de almas humanas; desêjaria ter outro meio de reembolsar-se; porem trinta mil dollares não era somma a sacrificar a um principio! Por isso, depois de ter bastante reflectido, e consultado pessoas, que elle bem sabia dispostas a aconselharem-lhe o que elle desejava, B... escreveo ao seu procuradôr para terminar o negocio como lhe parecesse.

No dia depois da chegada da carta á Nova-Orléans, Suzana e Emelina forão tomadas, e enviadas ao deposito, para ahi esperarem pela venda, que devia ter lugar no dia seguinte. No em tanto que á claridade dos rayos da lua que penetra

atravez da grade da janella as apercebemos vagamente, escutemos a sua conversa. Chorão, mas silenciosamente, afim de não augmentarem a afflicção uma da outra.

— Minha mãi, repouse a sua cabeça no meu collo, e faça por dormir um pouco; diz a rapariga, esforçando-se por parecer socegada.

— Como é possivel dormir, com a lembrança de que é talvez a ultima noite que passamos juntas?

— Não diga isso, minha mãi! talvez sejamos vendidas juntas, quem sabe?

— Recêio tanto perder-te, minha Em, que tremo de tudo!

— Coragem, minha mãi! esse homem disse que tinhamos ambas bom parecer, e que seriamos vendidas fácilmente.

Suzana lembrou-se do olhar e das palavras d'esse homem, e sentio apertar-se-lhe o coração, quando elle, olhando para as mãos de Emelina, e tocando nos seus bellos e annellados cabellos, a declarou um artigo de primeira qualidade. Suzana tinha recebido uma educção christã, e estava acostumada a lêr a Biblia todos os dias; por conseguinte experimentava o mesmo horrôr de vêr sua filha unica e querida votada á infamia, que experimentaria outra qualquer mãi christã no mesmo caso; mas para ella, desgraçada! não havia lei que a protegesse, não havia a quem recorrer!

— Que felicidade, minha mãi, se podessemos ficar juntas na mesma familia, vós como cosinheira, e eu como criada grave, para fazer os vestidos, ou como costureira! Tenho esperanças de que assim hade acontecer. Tomêmos um ar alegre e gracioso, o mais que podermos, dizendo aos compradores todos os nossos talentos, e talvez não seja difficil obtêr o que desejâmos! diz Emelina, abraçando sua mãi.

— É melhor trazeres os cabellos em faxas lisas amanhã! diz Suzana.

— Porque, minha mãi? esse penteado não me fica bem!

— Pode ser; mas acharás um melhor comprador assim.

— Não sei porque? replicou Emelina.

— Nas familias respeitaveis, querem antes comprar uma rapariga com um exterior modesto e simples, que uma toda garrida, cuja unica idéa é de agradar aos olhos. Conheço isso melhor do que tu!

— Pois bem, minha mãi, farei como quizer.

— Escuta ainda, Emelina, o que te vou dizer: se amanhã formos separadas para sempre, peço-te de não esquéceres as lições da nossa boa senhora! Não largues nunca a tua Biblia, nem o teu livro d'orações; porque se fores fiel ao Senhor, elle será tambem fiel para comtigo.

A pobre mulher dizia isto, com o coração retalhado; porque sabia que no dia seguinte a sua linda e innocente filha podia pertencer, corpo e alma, ao primeiro que a quizesse, embora fosse vil, brutal, dissoluto, e cruel, com tanto que tivesse dinheiro para a comprar! E como poderia a pobre donzella ficar fiél aos preceitos da religião em semelhantes circunstancias? Era isso que a desolada mãi pensava, apertando sua filha nos braços, desejando que ella podesse ser menos bella, menos encantadôra! A lembrança mesmo da pureza e da santidade em que ella até então tinha vivido augmentava a sua dôr.

A oração é o seu unico recurço, e reza continuamente! Ah! quantas d'essas préces sobem cada dia ao thrôno do Altissimo! E ellas serão attendidas, porque o Filho de Deos o disse: « Aquelle que maltratar o mais infimo de seus irmãos, seria melhor para elle que lhe atassem uma mó de moinho ao pescôço, e que fosse lançado ao mar. »

Graves, doces, silenciosos, os rayos da lua penetravão n'essa prisão, reflectindo sobre essas pobres creaturas a sombra das grades da janella. A mãi e a filha cantão juntas uma triste melodia, o hymno dos escravos nos seus entêrros:

Chegou ao bello paiz,
Morreo, e partio para o Céo,
Morreo, e partio para o Céo
Chegou ao bello paiz!

Estas palavras, cantadas por essas duas vozes d'uma doçura penetrante e melancholica, e cuja musica parecia uma aspiração do infimo desespêro á elevada esperança, resoavão harmoniosas e patheticas entre os sombrios muros da prisão, e strophe apoz strophe, as duas interessantes creaturas continuavão a sua maviosa distracção.

Oh! Paulo, e Silas, aonde estão elles?
Oh! Paulo, e Silas, aonde estão elles?
Chegaram ao feliz paiz;
Morreram, e forão para o Céo
Morreram, e foram para o Céo,
Chegaram ao feliz paiz!

Cantem, pobres creaturas! a noite é curta, e a manhã que vai chegar vos separará para sempre!

Mas eis-ahi chegada essa manhã! tudo está já de pé, e o digno Mr Streggs, particularmente, parece d'uma alegria e d'um contentamento extraordinario. Vai inspeccionar como cada um está vestido e arranjado, recomendando a todos de terem um ar alegre e satisfeito, quando se acharem na praça no momento do leilão.

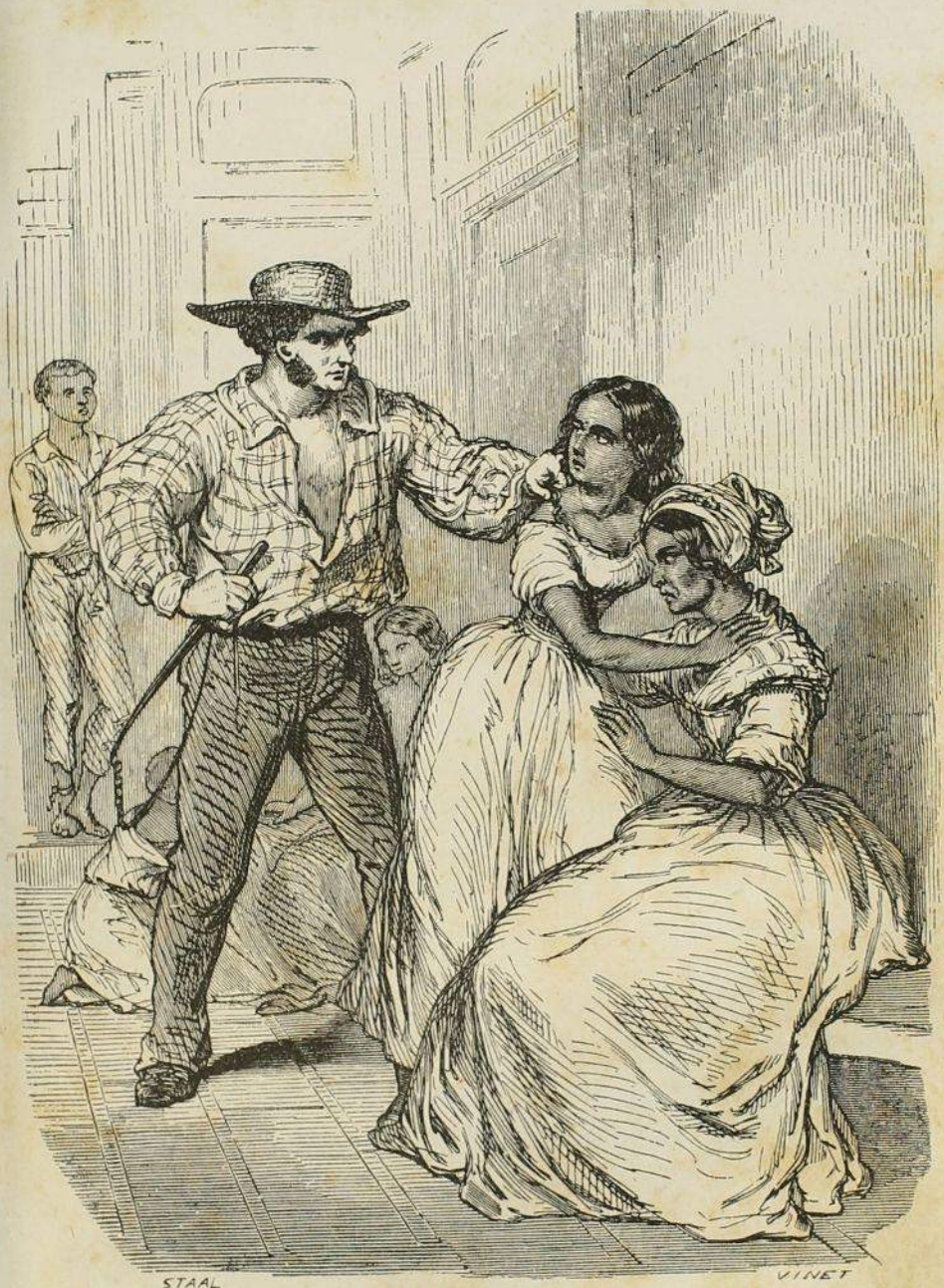
— Que é isto? exclama elle, parando diante de Suzana e de Emelina, aonde estão os teus caracoes, rapariga?

Emelina olha timidamente para sua mãi, a qual, com a finura propria de mulher, e de mulher da sua raça, respondeo promptamente:

— Disse-lhe hontem de trazer o cabello liso, não só porque isso lhe fica melhor, mas porque lhe dá um ar mais decente.

— Tudo isso são asneiras; já não entendes nada de gôsto! diz Streggs peremptoriamente; e virando-se para Emelina:

— Vai immediatamente fazer os teus bonitos caracoes, como os tinhas hontem, ouviste? ajunta elle, sacudindo um junco que trazia na mão. — E é aviar, que não ha tempo a perder!



T. II. p. 176.

Vai immediatamente fazer os teus bonitas caracoes, como os tinhas hontem.

Vai ajuda-la, tu ! diz elle á mãi. — Esses bonitos caracoes podem fazer uma differença de cem dollares na venda !

Debaixo d'um esplendido zimborio achavão-se reunidos homens de todas as nações, passeando de cá para lá sobre o mosaico de marmore que cobria o pavimento do bazar. De cada lado vião-se tribunas, semelhantes a pulpitos, ou a cadeiras escholasticas, destinadas aos commissarios da venda, aos correctôres, e aos seus pregoeiros. Duas d'estas tribunas, uma defronte da outra, erão occupadas por altas personagens, distinctas sobre tudo n'esse género de commercio, que fazião subir com enthusiasmo, em Francez e em Inglez, os lanços dos amadôres sobre os differentes objectos da venda.

Uma outra tribuna, no lado oppôsto, ainda desoccupada, estava rodeada d'um grupo, que esperava o momento do leilão. É junto d'ella que apercebemos os escravos de Saint-Clair, Thomaz, Adolpho, e os outros, bem como Suzana e Emelina, com ar abatido e inquiéto, esperando a sua sorte.

Um grande numero de espectadôres, dispostos ou não a comprar, segundo a occasião que se apresentar, examinão este grupo d'escravos. Apalpão, examinão, discorrem sobre seus respectivos méritos, com a mesma facilidade, no mesmo tom, e quasi nos mesmos termos de que se servem os alquilés n'uma feira de bestas.

— Holá ! Alf, que fazes por aqui ? diz um elegante, tocando no hombro d'um outro *dandy*, que, de luneta no olho, estava a examinar Adolpho.

— Preciso d'um criado particular, e como me disseram que os escravos de Saint-Clair ião ser vendidos, vim vêr...

— Não serei eu que compre escravos de Saint-Clair ! diz o elegante. São todos mal criados, insolentes como o diabo, porque seu senhor nunca lhes ia á mão !

— Mas eu cá não sou assim ! Se algum d'elles me cahir na mão, eu lhe protesto que ficará em breve ensinado !

Palavra de honra, que estou quasi disposto a comprar aquelle mulato, gosto do seu ar!

— Talvez se arrependa, se o fizer! elle é d'uma prodigalidade de todos os diabos, ao ponto que Saint-Clair mesmo d'isso se apercebia!

— Sim; mas é que *mylord* conhecerá bem depressa que não me pareço com Saint-Clair, e será forçoso reformar-se dos pés á cabeça! Decididamente vou compra-lo.

Thomaz tinha examinado com ar inquiéto a multidão de caras dos que passavão diante d'elle, procurando uma com que sympathisasse, e que podesse desêjar vê-la pertencer ao senhor que o comprasse. Se alguma vez vos achasseis, leitôr, na necessidade de escolher, entre duzentos ou trezentos homens, aquelle que deve possuir-vos, e ser vosso senhor absoluto, talvez descobririeis, como Thomaz, quanto são raros aquelles aquem gostosamente desêjarieis pertencer. Thomaz via passar todos os variados typos da espécie humana: homens altos e gordos de feições grosseiras; homemzinhos todos lépidos, com o riso esteriotypado em seus rôstos; homens sêcos e bexigosos, com a cara semelhante á lâmina d'uma faca; e todas as variedades de homens rechonchudos e vulgares; mas nenhum que se parecesse com Saint-Clair!

Um momento antes de começar o leilão, um homem baixo e musculoso, com uma camisa de côr, toda aberta sobre o peito, e de calças largas e sujas, rompeo todo azafamado atravez da multidão, e chegando ao grupo d'escravos de Saint-Clair, começou a examina-los com ar de entendedôr.

Apenas Thomaz o apercebeo, que sentio um horrôr instinctivo por esse homem, como o padecente poderá sentir á vista do carrasco.

A pezar da sua baixa estatura, esse sujeito devia infallivelmente ser d'uma força gigantesca. A sua cabeça de touro, os seus olhos d'um cinzento claro, com sobrancêlhas russas e espessas, o seu bronzeado rôsto, o seu eriaçado cabello russo, aonde nunca tinha entrado pente, não prevenião,

por certo, em seu favôr. A sua enorme e grosseira bôca mascava um pedaço de tabaco, cujo negro producto elle expulsava a miudo vigorosa e ruidosamente. Suas negras e cabelludas mãos, guarnecidas de porcas e aduncas unhas, parecião-se com as patas d'um urso. Esta interessante personagem começou pois a examinar detalhadamente o lote d'escravos. Agarrou em Thomaz pelo queixo, e abrio-lhe a bôca para lhe vêr os dentes; arregaçou-lhe depois a manga da casaca e da camisa, para vêr que taes erão os musculos dos braços; virou-o e revirou-o em todos os sentidos, e fê-lo andar e saltar, para se assegurar da sua agilidade.

— Aonde foste creado? lhe diz elle, com tom expedito, depois da minuciosa revista.

— No Kentucky, respondeo Thomaz, olhando em tôrno de si, para vêr se não haveria algum outro concorrente a este horrorôso amadôr.

— Em que te occupavas?

— Dirigia o estabelecimento do meu senhor, diz Thomaz.

— Imposturas, tudo isso! respondeo o bruto sécamente.

Parou um instante diante d'Adolpho, e depois de o medir dos pés á cabeça com o seu penetrante olhar, lançou-lhe sobre as suas lustrosas botas uma descarga de caldo de tabaco, murmurando um *hum! hum!* com desprêso, e continuou a sua marcha, demorando-se novamente diante de Suzana e de Emelina. Estendeo a sua felpuda pata sobre a pobre rapariga, trouxê-a para ao pé da luz, apalpou-lhe o pescôço, a cintura e os braços, examinou-lhe os dentes, e empurrou-a depois para a mãi, cujo paciente rôsto exprimia os cruéis soffrimentos que lhe fazia experimentar cada movimento do horrivel estrangeiro.

Emelina, trémula de susto, não podia conter as lagrimas.

— Nada de choramingar aqui! lhe diz um dos commissarios da venda, — vai começar o leilão!

Com effeito, abrio-se o leilão n'esse mesmo momento.

Adolpho foi adjudicado por subido lanço ao joven *dandy*,

que tinha manifestado o desêjo de o comprar. Os outros escravos de Saint-Clair tiverão differentes compradôres.

— Está chegada a tua vez, meu velho! diz o pregoeiro a Thomaz.

Thomaz subio ao estrado, lançando um olhar inquiéto á roda de si, e atordoado com a bulha que se fazia. A rebombante voz do pregoeiro, que enumerava em Inglez e em Francez as differentes qualidades do objecto em venda, os lanços dos compradôres, tudo isso foi como uma visão fantastica, como um pesadêlo para Thomaz, que só acordou quando ouvio resoar o fatal martello, que lhe annunciava um novo senhor!

— Fizerão-no descer do estrado, e o membrudo homemzinho, com a cabeça de touro, o agarrou pelas costas, empurrando-o para o lado, e dizendo-lhe com a sua rouca voz:

— Espera-me aqui.

Thomaz estava tão perturbado, que não dava attenção a nada.

O leilão continua com a mesma agitação, com o mesmo murmurio de vozes, em Francez e em Inglez. O martello resôa novamente: é Suzana que foi vendida, e que desce do estrado, lançando um angustiado e inquiéto olhar á sua filha, que de longe lhe abre os braços como se podesse abraça-la!

Suzana pede de mãos postas a seu novo senhor, que é um homem de certa idade, e d'uma physionomia agradavel, que compre igualmente sua filha.

— Desejaria isso muito, lhe responde elle; mas recêio não o poder fazer!

É a vez de Emelina de subir ao calvario! A vergonha e o susto lhe fazem subir o sangue á cabeça, e córão o seu pallido rôsto; seus olhos brilhão pelo fôgo da febre, e sua desolada mãi géme de a vêr tão bella, mais bella do que nunca pareceo!

O pregoeiro não precisou cançar-se muito com os elogios d'este artigo; todos tinhão os olhos n'elle, e os lanços subiram com uma rapidez incrivel.

— Vou tentar tudo o que estiver em meu poder, diz o bondôso senhor de Suzana, indo dar tambem o seu lanço sobre a bella escrava.

Dentro de poucos instantes, os seus lanços, por avultados que fossem, forão excedidos por outros a que elle não podia chegar. A lucta é por fim só entre um velho millionario, e o nosso novo conhecimento, da cabeça de touro. O millionario dá lanços exhorbitantes, olhando com desprêzo para o seu nojento competidôr; mas este cobre sempre os lanços do millionario, com um furôr e uma obstinação que deixa a todos admirados. A final o seu adversario deo-se por vencido; o martello cahe, e eis a bella Emelina, bella de corpo e d'alma, propriedade d'esse monstro, para d'ella fazer o que quizer, se Deos a não soccorrer!

O seu senhor é Mr Legree, plantadôr d'algodão, e proprietario d'immensas roças nas margens do rio vermelho. Empurrão-na para o lado aonde está Thomaz e mais dois outros escravos, e ahi fica, chorando a sua sorte...

O benevolo cavalheiro, que comprou sua mãi, mostra-se verdadeiramente contristado; mas que lhe hade fazer? Todos os dias acontecem casos semelhantes; vêem-se sempre n'essas vendas mãis e filhas a chorar; não é possivel impedi-las!... e o bom cavalheiro parte com a sua acquisição, a desolada mãi da triste menina!

Dois dias depois, o procuradôr da acreditada casa de commercio B... e Cª de New-York enviou-lhe a importancia da venda, que era avultadissima, graças aos encantos da bella Emelina! Mas no reverso da letra, o correspondente deveria ter escripto essas palavras do grande Retribuidôr, a quem todos têem um dia que dar contas. : *Quando elle inquire a respeito dos homicidios, não esquéce as lagrimas dos afflictos*(1).

(1) Psalmo IX.

CAPITULO XXX.

A viagem.

Tens os olhos demasiado puros para vêr o mal, nem poderias supportar a violencia. Porque verias tu os pérfidos, e te callarias, quando o malvado devóra o que é mais justo do que elle?

Vêde na Biblia o livro do Propheta Habacuc.

Sobre o convez d'uma pequena e miseravel chalupa do Rio Vermelho via-se o nosso amigo Thomaz assentado, com ferros ás mãos e aos pés, e com o coração carregado d'um pêzo, não inferior ao d'esses ferros que o algemavão! Lua e estrellas havião desapparecido do seu anuviado céo; tudo que amava tinha fugido para sempre, como as margens que rápidamente passavão, lá ao longe diante dos seus olhos : a casa do Kentucky, com os seus indulgentes senhores, sua mulher e seus filhos, a casa de Saint-Clair com o seu luxo e os seus esplendôres, a loura cabeça de Eva com os seus celestes olhos, Saint-Clair mesmo, tão nobre, tão alegre, tão bello, tão desleixado em apparencia, e todavia tão bom; as horas de repouso e de descanço permittido, tudo isso havia passado para elle! E que lhe fica em seu lugar?

Uma das mais dolorosas consequencias da escravidão manifesta-se nas separações d'este género. Esse preto, sympathico, imitadôr, que n'uma familia distincta adquirio rápidamente os gôstos e os sentimentos que formão a atmosphéra que o cerca, vê-se todos os dias expôsto a ser a propriédade dos homens mais grosseiros e mais brutaes! É tratado como

A. F. AGNION. SC.

T. II p. 183.

O Senhor de Thomaz tinha comprado oito escravos que havia conduzido, algemados e agrilhoados dois a dois....

uma cadeira, ou uma mesa, que depois de ter ornado uma elegante sala, vai por fim figurar, suja e desmantelada, n'uma infame taverna, ou n'algum lugar de devassidão. A unica differença entre elles é que a mesa ou a cadeira não sentem, e que *o homem sente;* porque o acto legal mesmo, em virtude do qual « elle é tomado e adjudicado como propriedade pessoal, » não pode priva-lo da alma, nem destruir o mundo interior de recordações, d'esperanças, d'amôr, de recêios e de desêjos que elle contem em seu peito!

Mr Simão Legree, o senhor de Thomaz, tinha comprado na Nova-Orléans, em differentes vendas, oito escravos, que havia condusido, algemados e agrilhoados dois a dois, ao barco de vapôr o *Pirata,* que estava a partir para o Rio Vermelho.

Depois de os haver embarcado e bem acondiçionado, quando o vapôr estava já em marcha, veio, com esse ar agitado que o caracterisava, passar revista ao seu rebanho. Parando diante de Thomaz, que se tinha vestido decentemente na occasião da venda, disse-lhe, encolerisado:

— Põe-te em pé!

Thomaz levantou-se.

— Tira-me essa gravata do pescôço!

E como Thomaz, embaraçado pelas correntes que o maniatavão, procedia vagarosamente á operação, foi elle ajuda-lo, arrancando a gravata com um vigorôso puchão, e mettendo-a na algibeira. Virando-se depois para a caixa da roupa de Thomaz, cujo melhor conteudo elle ja havia roubado, tirou d'ella um par de calças velhas, e uma vestia uzada, de que Thomaz se servia para alguns trabalhos grosseiros, e disse-lhe, tirando-lhe as algêmas, e mostrando-lhe um canto do navio:

— Vai vestir isto para acolá!

Thomaz obedeceo, sem proferir palavra, e tornou depois para o mesmo lugar no seu novo trajo.

— Tira essas botas! lhe diz Legree.

Thomaz tirou as botas.

— Toma! ajunta elle, atirando-lhe com um par de grosseiros e fortes çapatos d'escravos, — calça isso!

Na precipitada mudança de trajo que Thomaz acabava de fazer, não havia esquécido de metter na algibeira a sua querida Biblia. Felizmente para elle! porque Legree, tornando a algema-lo, pôz-se a revistar os vestidos que elle tinha deixado, tirando das algibeiras tudo o que ahi encontrou.

Era um lenço d'assoar de seda, que Legree passou logo para a sua algibeira, e outras bagatellas, que Thomaz guardava como reliquias, por haverem passado pelas mãos de Eva, quando com ellas brincava; Legree deitou tudo isso ao rio, com ar de desprêso. Veio a vez do livro de hymnos, que Thomaz, na sua precepitação, tinha esquécido.

— Ah! temos um devoto! És então membro d'uma Igreja, pelo que vêjo, hein?

— Sim, senhor! respondeo Thomaz, com firmêza.

— Pois eu te farei depressa passar essa mania! Não quero ter em minha casa nenhum d'esses pretos berradôres, mascadôres de rezas, e cantôres de hymnos, tens entendido?

Escuta-me, e não te esquéças do que vou dizer-te! ajunta elle batendo com o pé, e fixando sobre Thomaz os seus ôlhinhos pardos cheios de maldade. — Sou eu a tua Igreja d'ora em diante; por conseguinte, bem vês que deves ser como eu!

Houve alguma cousa no coração do silencioso preto que respondeo: *não!* e pareceo-lhe que um ente invisivel repetia a seus ouvidos essas palavras d'um antigo oraculo, que muitas vezes Eva lhe havia lido: « *Não recêies nada; porque eu remi-te. Chamei-te por teu nome, e pertences-me!* »

Mas Simão Legree não ouvio essa voz, nem a ouvirá nunca!

Fixou por um momento o seu aterradôr olhar sobre o abatido rôsto do seu escravo, e afastou-se, levando a caixa para a prôa do navio, aonde foi vender aos marujos o conteudo d'ella, péça por péça. Depois de muitas risadas e motêjos sobre os

pretos que querem macaquear os senhores, á vista da bôa roupa de Thomaz, a sua caixa foi igualmente posta em almoeda.

Era, pensavão elles todos, uma scena das mais divertidas, sobre tudo de vêr Thomaz olhar para cada péça do seu fato, á medida que passava ás mãos d'um outro dôno!

A venda da caixa ainda foi mais divertida, e deo lugar a immensos gracêjos.

Terminado este negocio, Simão dirigio-se novamente á sua propriédade.

— Então, Thomaz! vistes como te desembaracei do superfluo da tua bagagem? Toma cuidado agora do que tens sobre o corpo, porque hade passar-se algum tempo antes que mudes de fato! Quero que os meus escravos sejão cuidadosos, e que a sua roupa dure limpa, ao menos um anno.

Simão veio ter depois com Emelina, que estava assentada um pouco mais longe, acorrentada a outra mulher.

— Vejamos, minha cara, se estás um pouco mais alegre! lhe diz elle, dando-lhe uma pancadinha na barba com uma das suas horriveis garras.

O involuntario olhar de mêdo, de horrôr e de aversão que a rapariga lhe deitou, fez-lhe franzir as sobrancelhas, e irritou-o sobremodo:

— Basta d'esses ares de princeza, minha delambida!

Quéro que d'ora em diante tenhas um ar agradavel quando eu te fallar! tens entendido? E tu, velha bruxa, diz elle, dando um pontapé na mulata a quem Emelina estava acorrentada, faze-me favôr de acabar com as tuas carantonhas!

Escutem-me todos! continua-elle, recuando de dois ou tres passos, — olhem bem para mim!... bem fixamente... vamos!...

E batia ao mesmo tempo com o pé a cada pausa.

Todos os olhos se fixaram, como fascinados, sobre o verde-nêgro e penetrante olhar de Simão.

— Agora, diz elle, fazendo de seu pesado e enorme punho uma cousa parecida com um malho de ferreiro, vêem este punho? Apalpa isto! diz elle a Thomaz, deixando cahir o punho sobre sua mão. — Olha bem para esses musculos e para esses ossos! Pois asseguro lhes que se tornou assim como ferro, á força de bater e d'esmagar escravos! Ainda não encontrei um unico que eu não fosse capaz d'abater logo á primeira vez! ajunta elle, chegando o punho á cara de Thomaz, de modo que o fez recuar.

Não me fio nos seus malditos guardas! Sou eu mesmo que vigio, e advirto-os que não me escapa nada! É necessario que cada um faça a sua obrigação, e que me obedeça, prompta e direitamente como uma flecha, no mesmo momento em que fallo! É o unico meio de estarem bem comigo; porque em mim não ha ternura, quem a fez, pagou-a!

As mulheres, atemorisadas, não respiravão sequer, e todos os escravos havião escutado este discurso com ar abatido e desolado. Legree deixou-os depois d'esta amavel exortação, para ir beber um copo d'agua-ardente.

— É assim que eu começo sempre com os meus escravos, diz elle a um homem d'apparencia distincta que se achava junto d'elle durante o seu discurso; — o meu systema é de estreiar vigorosamente, quando não seja senão para os desenganar logo!

— Deveras! responde o estrangeiro, olhando para elle com a curiosidade d'um naturalista que examina pela primeira vez um animal desconhecido.

— Sim, por certo! Eu cá não sou d'esses seus bellos senhores d'engenhos, e de roças, que se deixão lograr pelos seus administradôres. Apalpe-me estas articulações, olhe para este punho! A carne que os cobre tem-se tornado tão dura como a pedra, á força de bater nos pretos.

O estrangeiro tocou com a ponta do dedo no terrivel instrumento.

— É duro, com effeito, diz elle, e supponho que o exer-

cicio que com elle tem feito deve-lhe ter tornado o coração tão duro como o punho?

— Por certo, eu lh'o afianço! respondeo Simão, dando uma gargalhada. A ternura não é o meu forte! Não é com chôros, gemidos, ou meiguices que os escravos me apanhão!

— Fez magnificas acquisições, pelo que vêjo? lhe diz o estrangeiro.

— É verdade. Ahi está Thomaz, por exemplo, que me dizem ser cousa maravilhosa; por isso tambem o paguei caro, porque tenciono fazer d'elle um contramestre, ou cousa que o valha. Uma vez que se lhe tirem da cabeça essas idéas de que está encasquetado, e que não são para pretos, será um sujeito de primeira qualidade. Fui logrado com aquella mulher amarella, que está para acolá; porque estou certo que é doentia!

Paciencia! será tratada segundo o seu merecimento! Com tanto que ella me dure um anno ou dois, já fico satisfeito!

Porque eu cá não sou de parecer que se devão economisar os escravos; faze-los trabalhar em quanto tiverem fôlego, e comprar outros depois, é o meu systema. Dá menos incommodo, e por fim, estou certo que sahe mais em conta!

E Simão ia engulindo copinhos d'agua-ardente uns atraz dos outros, á medida que desenvolvia os seus systemas.

— E quanto tempo durão geralmente os seus escravos? diz o estrangeiro.

— Não poderei dizer-lhe ao justo; é segundo a sua constituição. Os mocetões vigorosos podem durar de seis a sete annos; mas os pretos de refugo, como nós lhes chamâmos, esses nunca passão de dois ou tres annos. Ao principio, tinha o trabalho de os medicar quando estavão doentes, dava-lhes cobertores para d rmir, e não sei que mais, a fim de os conservar; mas vi que era uma asneira gastar o meu dinheiro, e ter um trabalho fastidioso, sem d'ahi colher quasi nenhum proveito. Agora o que faço é obriga-los a ir para diante, que

estejão doentes ou sãos, pouco me importa; morre um, vem outro! É mais commodo e mais vantajoso a todos os respeitos.

O estrangeiro virou-lhe as costas, e foi assentar-se ao pé d'um sujeito que tinha estado a ouvir a conversa.

— Não pense que todos os senhores de roças no Sul são assim! lhe diz elle.

— Estou persuadido d'isso, lhe responde o joven viajante.

— Aquillo é um homem vil, despresivel e brutal, como ha poucos! replicou o outro.

— E todavia, as vossas leis permittem que creaturas humanas sejão entregues ao poder despotico da sua vontade, sem a mais leve sombra de protecção! Por despresivel que seja, não pode negar que haverá outros como elle?

— Sem duvida, diz o primeiro interlocutôr; mas tambem não poderá negar que ha senhores d'escravos humanos e generosos?

— Concedo; mas, na minha opinião, elles é que são responsavis da brutalidade e das affrontas que soffrem esses desgraçados.

Se lhes retirasseis a vossa sancção, e a vossa influencia, o systema não duraria um dia! Se todos os senhores d'escravos fossem como aquelle, ha muito tempo que a desesperação se teria manifestado. É a vossa humanidade, é o respeito que inspiraes, que protege e autorisa a brutalidade dos outros.

Uma outra conversa tinha lugar ao mesmo tempo na extremidade opposta do navio entre Emelina e a sua companheira, a velha mulata.

— A quem pertencia antes? pergunta Emelina.

— O meu senhor chamava-se Mr Ellis, e morava na rua Oriental.

Talvez que conheça a casa?

— Tratava-a bem?

— Sim, a maior parte do tempo, em quanto não cahio doente.

Esteve doente durante seis meses, e n'esse tempo ninguem o podia supportar, não deixando pessoa alguma da casa descançar nem de dia, nem de noite. Uma vez que, não podendo comigo de cançada e de trasnoitada, adormeci um instante, ameaçou-me de me vender, posto que me tivesse promettido a libertade! mas pouco depois morreo.

— Não tinha parentes, ou amigos?

— Tinha meu marido, que é ferreiro, e que o senhor alugava ordinariamente. Fizerão-me partir tão depressa que não pude despedir-me d'elle, nem dos meus quatro filhos!

E a pobre mulher pôz-se a chorar.

É natural que aquelles que ouvem uma dolorosa narração procurem consolar d'algum modo a pessoa afflicta. Emelina estava n'esse caso; mas que poderia ella dizer-lhe, quando por um tácito accôrdo evitavão ambas de fallar do horrivel monstro a quem agora pertencião?

É verdade que a fé tem consolações mesmo para a hora de maior agonia. A mulata pertencia a uma Igreja methodista, a sua devoção era pouco esclarecida, mas era sincéra. Emelina tinha recebido uma melhor educação; mas não era por ventura uma terrivel prova para a fé do christão o mais firme, o vêr-se apparentemente abandonado de Deos, e victima d'uma tão despiedada crueldade? Como poderia deixar de se sentir abalada a confiança d'um dos pobres cordeiros do rebanho de Jesus-Christo, tão nôvo e inexperiente?

O vapôr, com a sua triste carga, remontou a sinuosa e turva corrente do Rio Vermelho até ao pôrto d'uma pequena villa, aonde Legree desembarcou com os seus escravos.

CAPITULO XXXI.

Tristes lugares.

« A terra está coberta d'espessas trévas,
e cheia de cavernas de violencia. »
Psalmo LXXIV.

Thomaz, e os seus companheiros, proseguião a sua viagem, arrastando-se penosamente atraz d'um carro, condusido por Legree, e aonde ião Emelina e a sua companheira, juntamente com o resto da bagagem.

O caminho que seguião era deserto e inculto, tão depressa passando por tristes solidões, plantadas de pinheiros aonde se ouvião os gemidos do vento, tão depressa atravessando sobre troncos d'arvores interminaveis pantanos, aonde se elevavão lugubres cyprestes, a que se suspendião ervas parasitas, formando funebres grinaldas. Quasi a cada passo, atravez dos troncos d'arvores, e da espessa herva dos pantanos, se apercebião as ondeantes rôscas d'horriveis serpentes, e se ouvião os seus silvos aterradôres.

Se este caminho parece triste e desolado ao viajante que por elle passa ao galope, e com a bolsa bem guarnecida, o que seria para o triste escravo, percorrendo-o a pé, carregado de ferros, e afastando-se cada vez mais de tudo o que ama?

Simão Legree parecia mui satisfeito, graças ás frequentes visitas que fazia a uma borracha com agua-ardente que tinha ao pé de si.

— Hola! vocês, diz elle, virando-se, e dirigindo a vista sobre os abatidos rôstos dos que o seguião, — cantem alguma cousa para nos alegrar, rapazes, vamos!

Os pobres escravos olharam uns para os outros; mas o *vamos* havia sido repetido com o acompanhamento d'uma chicotada, e era forçôso obedecer. Thomaz começou um hymno methodista:

Jerusalem, patria adorada!
Nome tão caro a meu peito!
Quando terá p'ra mim effeito
De tuas portas a entrada?

— Calla-te, velho preto maldito! lhe gritou Legree; julgas que te pedi me cantasses para nos alegrar uma das tuas infernaes drogras methodistas? Quero uma cousa bem alegre! ouviram rapazes? e é despachar!

Um dos pretos entôou então uma d'essas cantilenas, a que o pôvo chama a *desgarrada*, sem rima, nem sentido, berrando todos em côro, e fazendo os maiores esforços para se mostrarem alegres; porem nem os gemidos do desespêro, nem as ardentes palavras de ferverosas préces poderião expremir, como esse selvagem estribilho, a profunda dôr dos corações! Parecia a essas pobres creaturas, quasi mortas de fatiga, ameaçadas, carregadas de ferros, refugiarem-se no sanctuario impenetravel da musica, servindo-se d'essa linguagem para elevarem a Deos as suas préces.

Legree não entendia por certo o sentido d'essas palavras desgarradas que seus escravos entôavão em côro, ouvia-os berrar confusamente, e era o que elle queria, julgando-os contentes.

— Então, minha joia! diz elle a Emelina; virando-se para ella, e pondo-lhe a mão sobre o hombro, — estamos quasi chegados!

Quando Legree ralhava e vociferava, Emelina tremia de

mêdo; mas quando elle lhe tocava, ou lhe fallava ternamente, desejaria antes levar pancadas! A expressão do seu olhar inspirava-lhe uma repugnancia, um nôjo, que a fazia estremecer. Chegou-se instinctivamente para a mulata a que estava acorrentada, como se fosse sua mãi que a protegesse.

— Nunca trouxeste brincos? lhe pergunta elle, pegando na delicada orelha da rapariga com seus grosseiros dedos.

— Não, senhor; responde Emelina, tremendo, e de olhos baixos.

— Pois se fores boa rapariga, dar-te-hei um par quando chegarmos. Não tenhas mêdo, que não te farei trabalhar muito; viverás como uma senhora, e serás feliz, se quizeres ser boa rapariga!

As continuas visitas de Legree á borracha tinhão-no tornado inteiramente amavel. Foi n'esse momento que chegaram á roça. Essa propriedade tinha antes pertencido a um homem opulento e de gôsto, que a havia embellezado; mas sendo vendida, por sua morte, Legree comprou-a, só para d'ella tirar proveito, fazendo pouco caso dos embellezamentos.

O unido taboleiro de aveludada relva que outr'ora ornava a frente da casa, via-se agora coberto de malvas e d'ortigas. Em lugar dos lilazes e das roseiras que o esmaltavão, havião postes para atar os cavallos, e por toda a parte se encontravão baldes velhos, canas de milho, e toda a qualidade de porcarias. D'aqui e d'acolá um jasmineiro, ou uma madresilva dessecados, junto d'alguma columna quebrada. O grande e bello jardim d'outr'ora estava coberto de más hervas, do meio das quaes surgia uma planta exotica, abanando a sua solitaria e languida cabeça. As estufas tinhão todos os vidros quebrados, e sobre seus bancos apodrecidos vião-se ainda alguns vasos de flôres, cujos troncos e folhas meio dessecadas mostravão que havião sido plantas preciosas.

O carro seguia uma lameda cheia de pedras sôltas e de hervas, posto que coberta de arvores da China, cujas formas

graciosas e folhagem sempre verde tinhão só resistido n'esta triste habitação á negligencia e á brutalidade, semelhantes a esses corações generosos aonde a bondade tem raizes tão profundas que o mal e as tentações só servem a engrandece-la.

A casa tinha sido antigamente grande e bella, e era construida segundo o gôsto do Sul; uma grande varanda, sobre a qual davão todas as portas exteriores, a circumdava de todos os lados; mas tudo tinha um ar triste e abandonado. A maior parte das janellas estavão tapadas com taboas; outras tinhão os vidros quebrados, e as portas pendião, suspensas por um só gonzo, tudo em fim patenteava a mais grosseira negligencia.

Sobre o terreno, em todas as direcções, vião-se pedaços de madeira, de palha, de caixas velhas, de barris sem fundo. Tres ou quatro cães, d'aspecto feroz, despertados pelo ruido do carro, se precipitaram sobre os viajantes, e foi a custo que os esfarrapados escravos que os seguião os impediram de lançar-se sobre Thomaz e os seus companheiros.

— Vêem com quem têem a tratar? diz Legree, fazendo festas aos cães com uma horrivel satisfação, e virando-se para Thomaz e para os outros escravos, repetio: vêem com quem têem a tratar, se alguma vez lhes der na vontade de fugir? Estes amigos estão adestrados á caça dos pretos, que devorarão com tanta satisfação como a sua pitança quotidiana; temem pois conta com sigo, bem os avizo! Então, Sambo! ajunta elle, dirigindo-se a um pretalhão todo esfarrapado, cujo chapéo ja não tinha vestigio de bordas, e que se mostrava muito afavel, — como vai tudo por cá?

— Perfeitamente, senhor!

— Quimbo, diz Legree a outro preto, que fazia todos os esforços por attrahir a attenção de seu senhor, — não esquécestes o que te recommendei antes da minha partida?

— Não haja mêdo que o esquécesse, senhor!

Estes dois negros erão as personagens influentes da roça.

Legree, tinha-os adestrado á brutalidade e á crueldade, do mesmo modo que os seus cães de fila, e a pratica tinha-os tornado inteiramente semelhantes. Tem-se notado, e feito valer esta observação contra a raça Africana, que o guarda preto é sempre mais tyrannico que o branco. Isso acontece com todas as classes de opprimidos, que se tornão tyrannos logo que podem exercer sobre outros o que antes experimentaram.

Legree, como alguns potentados de que falla a historia, governava a sua roça por uma espécie de neutralisação das forças contrarias.

Quimbo e Sambo detestavão-se cordialmente um ao outro; todos os outros escravos os tinhão em horrôr, e por meio de habeis machinações, Legree estava certo de ser sempre informado por algum dos tres partidos de tudo que se passava em sua casa.

Ninguem pode viver absolutamente sem sociedade, por isso Legree encorajava nos seus dois satellites pretos certa familiaridade grosseira, que por vezes lhes custava cara; porque, á mais ligeira provocação, cada um d'elles estava prompto a lançar-se sobre o seu companheiro, logo que seu senhor lh'o ordenava, fazendo-se o instrumento da sua vingança.

Em quanto estavão assim de pé diante de Legree, poder-se-hião tomar por uma illustração viva d'essa verdade, que o homem embrutecido é inferior mesmo ao animal. As suas grosseiras e horriveis feições, os seus olhos cheios de maldade e de cubiça, as suas intonações barbaras e gutturaes, em nada parecidas com a voz humana, os seus esfarrapados vestidos, tudo isso estava em perfeito accôrdo com o mais da casa.

— Sambo, diz Legree, vai condusir essa gente ao seu acantonamento. Ahi está uma mulher *que destino para ti*, ajunta elle, separando a velha mulata de Emelina, e empurrando-a para o immundo preto; — bem sabes que te

tinha promettido uma mulher, e eu não falto á minha palavra.

A pobre mulata estremeceo, e recuando d'alguns passos, exclamou :

— Ah ! senhor ! eu sou casada, e deixei meu marido na Nova-Orléans ! ...

— Que imparta isso? terás outro aqui. Nada de resmungar ! diz Legree, levantando o chicote. — Tu, minha bella, diz elle a Emelina, vem comigo, que o teu lugar é outro !

Um sombrio e terrivel rôsto assomou por um instante a uma janella, e no momento em que Legree abria a porta, uma voz imperiosa se fez ouvir. Thomaz, que não perdia de vista Emelina, notou tudo isso, e ouvio Legree responder secamente :

— Cala-te ! pertenderias por acaso impedir-me de fazer o que tiver na vontade?

Thomaz não poude ouvir mais ; porque Sambo o levou comsigo ao acantonamento dos escravos. Esse acantonamento era a uma grande distancia da casa, e formava um alinhamento de cabanas, toscamente feitas, e d'uma apparencia miseravel. Thomaz sentio apertar-se-lhe o coração ao vê-las.

Havia sem duvida imaginado que não teria ahi a sua commoda cabana do Kentucky ; mas ao menos esperava um lugar em que podesse descançar, e lêr a sua Biblia, depois do trabalho.

Examinou umas poucas que estavão vasias, e aonde só havia uma pouca de palha humida e fedorenta deitada a um canto.

— Qual d'estas cabanas é para mim ? perguntou elle a a Sambo, com ar submisso.

— Não sei. Penso que poderemos entrar em qualquer d'ellas, e que ainda te poderás accommodar em alguma

parte, posto que em todas durma ja um tão grande numero de pretos, que não sei deveras como elles podem entrar lá dentro!

. . . . . .

Era ja tarde, quando os cançados habitantes d'essas immundas choças vierão em chusma, homens e mulheres, todos esfarrapados, embrutecidos, irritados pela miséria, e, por conseguinte, pouco dispostos a bem receber outros commensaes. Nenhum som agradavel ao ouvido se distinguia n'esta espécie d'aldêa; ouvião-se só vozes roucas e gutturaes junto de pequenas moendas de pedra, aonde cada um ia moer o trigo, ou o milho, que devia servir-lhe á sua refeição da tarde. Desde que amanhecia erão condusidos aos campos, aguilhoados incessantemente ao trabalho pelo ameaçadôr azorrague dos inspectôres, porque era a occasião da safra, e não se poupava meio algum de empregar, sem mesericordia, todas as fôrças dos trabalhadôres.

Colher algodão, dirá talvez alguem, não é trabalho tão custoso!

Tambem não é custoso sentir sobre a cabeça a gôta d'agua d'uma biqueira, e todavia, o peior tormento que a Inquisição imaginou foi essa gôta d'agua, cahindo lentamente, de momento em momento, com uma monotona sucessão, e sempre no mesmo lugar. O trabalho, que não é rude em si mesmo, torna-se insupportavel pela necessidade de n'elle continuar incessantemente, hora apoz hora, sem a mais pequena distracção.

Thomaz procurava debalde, entre essa chusma d'escravos que chegava a cada momento, um com quem sympathisasse; porem só via rôstos tristes, carregados, embrutecidos; mulheres enfraquecidas, acobardadas, mulheres que ja não parecião do seu sexo; o forte repellindo o fraco, o egoismo grosseiro e illimitado de seres humanos, a quem todo o bom sentimento é estranho, e que, tratados como brutos, cahiram quasi ao nivel dos brutos. O ruido das atafonas fêz-se ouvir

até mui tarde, porque o seu numero era diminuto em comparação dos esfaimados que d'ellas dependião; os fracos e os desfallecidos erão repellidos pelos fortes, e só lhes chegava a sua vez depois d'estes.

— Hogo! diz Sambo, approximando-se da mulata, e atirando-lhe com uma sacola de trigo aos pés, como diabo te chamas tu?

— Lucia, respondeo a mulher.

— Pois bem, Lucia, sabes que és agora a minha mulher? Por conseguinte, vae moer esse trigo, e prepara-me com a farinha a minha cêa, que começo a ter fome; ouvis-te?

— Não sou sua mulher, nem quero sê-lo! exclamou a pobre creatura, com a decidida e irritada coragem da desesperação; deixe-me socegada, é o que lhe peço!

— Ah! tu és recalcitrante! vaes vêr como eu sei ensinar os que me desobedecem! E levanta o pé, com ar ameaçadôr e terrivel.

— Pode matar-me, se quizer, e quanto mais depressa melhor será para mim! diz ella.

— Toma sentido, Sambo! porque se vaes arruinar a gente, di-lo-hei ao senhor! lhe diz Quimbo, que estava a moer o seu trigo, depois de haver repellido duas ou tres pobres mulheres, desfallecidas de fome e de cansaço, que esperavão a sua vez.

— E eu dir-lhe-hei que não deixas as mulheres moer o seu trigo, velho negro infernal! replica Sambo. Não te mettas com o que te não pertence!

Thomaz tambem tinha fome, depois d'uma tão longa e tão fatigante viagem, e sentia-se quasi desfallecer.

— Toma! lhe diz Sambo, atirando-lhe com um saco, que conteria um selamim de trigo, apanha, velho preto, e poupa-o, porque não terás outro toda esta semana!

Thomaz esperou muito tempo antes de poder chegar a alguma das atafonas, e quando em fim vio uma desoccupada,

compadecendo-se de duas pobres mulheres, que ainda não tinhão podido moer a sua ração, fê-lo em seu lugar, amassando e cosendo o seu pão, antes de pensar em si, apezar da sua prostração.

Era cousa nunca vista em semelhante lugar um acto de charidade; por isso a acção de Thomaz não poude deixar de sensibilizar algum tanto esses corações femenis, por endurecidos que fossem.

Thomaz, depois de haver moido e amassado tambem a sua pitança, foi para ao pé do fôgo, pondo-se a lêr ao clarão d'elle a sua Biblia, em quanto cozião os grosseiros bôlos; porque sentia a necessidade de reconfortar igualmente o seu espirito.

— Que é isso que está a lêr? lhe pergunta uma das mulheres a quem elle tinha obsequiado.

— É a Biblia, respondeo Thomaz.

— É a primeira vez que vêjo uma desde que deixei o Kentucky! diz a mulher.

— Pois foi creada no Kentucky? pergunta Thomaz, com curiosidade.

— Sim, e bem creada, eu lhe asseguro? Nunca pensei vêr-me redusida ao estado em que me acho! diz a mulher, suspirando.

— Mas que qualidade de livro é esse, em fim? pergunta a outra mulher.

— É a Biblia, ja o disse.

— A Biblia! que cousa é a Biblia?

— Como! nunca ouvio fallar da Biblia? replicou a primeira mulher. Ouvi lê-la algumas vezes á minha senhora no Kentucky; mas aqui só se ouvem maldições e ameaças!

— Lêa em voz alta! diz a outra mulher a Thomaz, vendo com que ar enternecido e grave elle percorria o livro.

Thomaz leo: « Vinde a MIM, vós todos que trabalhaes e soffreis, que eu vos darei o repouso de vossas almas. »

— Que bellas palavras! diz a mulher. Quem foi que disse isso?

— O Senhor! respondeo Thomaz.

— Tomára eu saber aonde elle se acha esse, senhor! replicou a pobre mulher, para ir ter com elle; porque parece-me que nunca conhecerei o descanço! Tenho dôres por todo o corpo, e arrepiamentos continuos, e apezar d'isso, é necessario não deixar o trabalho um só instante, aliaz Sambo me cobre de vergalhadas! Todos os dias, é mais de meia noite quando chego a poder metter um bocado na bôca, e apenas começo a fechar os olhos para descançar os meus pobres membros, fatigados e doloridos, toca a despertar, e é forçoso recomeçar o meu fadário! Se eu podesse encontrar esse senhor, eu lhe diria tudo isso!

— Elle está aqui comnosco, como em toda a parte, diz Thomaz.

Isso lá não acredito eu! bem vêjo que não ha nenhum bom Senhor aqui! Mas para que é perder tempo? Vamos descançar um pouco, que bem o precisâmos!

As mulheres forão para a sua cabana, e Thomaz ficou só junto do fôgo, que lançava sobre elle os seus avermelhados reflexos.

A lua, com a sua argentea fronte, percorria o azulado céo tranquilla e silenciosamente; os seus rayos, semelhantes ao olhar que Deos deita sobre as scenas de dôr e d'oppressão, cahião sobre esse pobre negro solitario, assentado, de braços cruzados, a lêr a sua Biblia.

— Estará Deos por ventura aqui? Ah! como seria possivel ao coração ignorante guardar inabalavel a sua fé diante do mal mais horrôrôso, diante da injustiça mais flagrante, sem cousa alguma que a reprima? Um combate terrivel se dava n'esse coração simples: o afflictivo sentimento da injustiça, a perspectiva d'um futuro de soffrimentos, o fim de todas as suas esperanças, agitando-se á sua vista pelas vagas da angustia, como o naufragado que, prestes elle mesmo

d'expirar, vê fluctuantes diante de si, empurrados pela sombria vaga, os cadavres de sua mulher, de seu filho, de seu amigo, de todos os que amava!

Seria por ventura cousa fácil para elle acreditar firmemente n'esse grande principio da Fé Christã : *Deos reina, e é o remuneradôr dos que a elle recorrem?*

Thomaz levantou-se com o coração afflicto e amargurado, e dirigio-se ás apalpadelas para o infecto lugar que lhe tinhão designado. O chão estava ja coberto dos cançados trabalhadores, e o viciado ar que ahi se respirava fê-lo quasi recuar. Mas o orvalho da noite era glacial, todos os seus membros lhe dôião, embrulhou-se pois na miseravel manta, em que consistia toda a sua cama, e estendeo-se sobre a putrida palha, para vêr se dormia.

Tal era o seu cansaço, que com effeito adormeceo, sonhando que se achava assentado em um dos bancos do jardim de Saint-Clair, junto do lago de Pontchartrain, e que Eva, com a sua doce e harmoniosa voz, com o seu olhar sério, lhe lia na Biblia estas palavras :

« Quando atravessares a pé os rios, serei comtigo, e as aguas não te afogarão ; quando andares sobre o fôgo, não serás queimado, porque eu sou o Eterno, o teu Deos, o Santo d'Israel, o teu Salvadôr. »

A voz que pronunciou estas palavras enfraqueceo gradualmente, ouvindo-se depois uma musica divina. Eva fixava sobre elle os seus bellos e penetrantes olhos, cheios de ternura ; calorosos e consoladôres rayos penetraram então a sua alma e vio-a, ao acompanhamento da celeste musica, elevar-se ao Céo, despregando as suas transparentes azas, d'onde scintillavão estrellas de ouro, e assim desappareceo!

Thomaz acordou depois d'este sonho. Mas seria por ventura sônho ? Admittimos que assim fosse ; porem quem poderá affirmar que o joven e doce espirito que, em sua vida havia sempre nutrido vehementes desêjos de consolar os af-

flictos, não podesse obtêr de Deos, depois da morte, a permissão de continuar o mesmo ministério?

Ah! como é dóce de crêr,
Qu'acaso, mui desvelados,
Hão d'os amigos finados
Nossas almas proteger!

CAPITULO XXXII.

Cassy.

Não precisou muito tempo para que Thomaz comprehendesse tudo o que tinha a esperar, ou a recêiar na sua nova posição. Trabalhadôr habil e activo, era igualmente, por habito e por principios, prompto e fiel. D'um caracter tranquillo e pacifico, esperava afastar de si, por uma incessante actividade, parte ao menos das misérias inherentes á sua condição. Os máos tratamentos de que era testimunha bastavão a opprimi-lo dolorosamente; porem resolveo proseguir a sua ardua tarefa com uma religiosa paciencia, appellando para aquelle que julga rectamente, e esperando que com o tempo se lhe apresentasse algum meio de livramento.

Legree tambem notava com satisfação a utilidade de que lhe podia servir Thomaz. Declarava-o um trabalhadôr de primeira ordem, e todavia Thomaz inspirava-lhe uma certa repugnancia, a antipathia natural que os máos experimentão para com os bons. Via perfeitamente, quando acontecia tratar com violencia e brutalidade aquelles cuja resistencia era impossivel, que Thomaz tinha ar de soffrer por isso; porque tal é o poder secreto da opinião, que ella pode fazer-se sentir, posto que se não exprima; e que mesmo

a tácita reprovação d'um escravo pode ser desagradavel a seu senhor.

Thomaz manifestava por differentes modos aos seus companheiros de soffrimento uma ternura e uma commiseração, que Legree ciosamente vigiava. Quando havia comprado Thomaz, era com o intento de fazer d'elle, pelo tempo adiante, um guarda em quem podesse confiar durante as suas curtas ausencias da roça. Ora, para ser o substituto provisorio de Legree, todas as necessarias condições reunião-se n'uma só : a dureza do coração. Thomaz não podia preencher essa condição, como o havia mostrado o ensaio que Legree tinha feito a esse respeito, algumas semanas depois da sua chegada á roça.

Uma manhã, quando os escravos reunidos se dispunhão a partir para os seus trabalhos, uma nova personagem attrahio a attenção de Thomaz : era uma mulher alta e esvelta, com mãos e pés delicados, e vestida com uma decencia e um gôsto desconhecidos geralmente entre os escravos. Mostrava ter d'uns trinta e cinco a quarenta annos, e seria impossivel esquécer as suas feições áquelle que uma vez as visse. Lia-se fácilmente em seu rôsto, que a historia de sua vida devia ser tão triste como curiosa. Sua testa elevada, suas sobrancelhas magnificamente desenhadas, seu naris aquilino e regular, sua bôca distincta, e os graciosos contôrnos da sua cabeça e do seu pescôço, mostravão claramente quanto outr'ora devia ter sido bella ! Mas a dôr, uma dôr longa, e silenciosamente supportada, havião deixado sobre esse bello rôsto profundos stigmas.

A sua côr era amarellada e doentia, suas faces magras, as suas feições angulosas, e todo o seu corpo desperecido.

Mas o que mais sobresahia n' ella erão os seus grandes olhos pretos, bordados de longas pestanas da mesma côr, que tinhão uma expressão de desvario e de desespêro ! Cada uma das suas feições, cada curva de seus flexiveis beiços, cada movimento de seu corpo, parecião exprimir uma indomavel al-

tivez, ao mesmo tempo que o mais profundo e triste abatimento, impresso em seu olhar, contrastava com essa nobreza, e esse orgulho de toda a sua pessoa.

D'onde tinha ella vindo, e quem era? Thomaz não o sabia.

O facto era que, ao romper do dia, essa estranha creatura, com o seu ar digno e impassivel, ia a seu lado para o rude trabalho do campo, como se a isso fôra affeita! Os outros escravos conhecião-na melhor, a julgar pelo piscar de olhos que mutuamente se dirigião, e pela alegria mal disfarçada que a sua presença causava n'essa cohorte de miseraveis esfarrapados.

— Ei-la com nosco tambem, em fim! diz um.

— Hi! hi! hi! diz outro, rindo. Vai conhecer o que é bom, bella senhora!

— Veremos como ella trabalha!

— Tomára ja saber se ella partilhará tambem esta tarde as chicotadas, como nós! exclama outro.

A mulher não deo attenção a esses dictos, e continuou o seu caminho com o mesmo ar de irritado desprêzo. Thomaz, que havia até então vivido entre pessoas de distincção, comprehendeo que ella devia infallivelmente ter pertencido a essa classe; mas como é que se achava redusida a um tal aviltamento? Todavia, ainda que durante todo o caminho Thomaz fosse a seu lado, não lhe dirigio uma só palavra indiscreta.

Durante o trabalho do dia, Thomaz não a perdeo de vista, maravilhado da habilidade e rapidez com que ella executava a sua tarefa, posto que conservando sempre o seu ar de dignidade! Thomaz havia notado tambem que a pobre mulata, comprada no mesmo leilão que elle, estava evidentemente doente, ouvindo-a frequentes vezes dirigir a Deos as suas préces, quando, não podendo comsigo, se achava prestes a desfallecer. Approximou-se d'ella em silencio, e, arriscando-se a ser vergalhado, metteo alguns punhados d'algodão, colhido por elle, no saco da pobre mulher.

— Não, não! não faça isso! olhe que o vai pagar caro! diz a triste creatura, surpresa d'este acto de generosidade.

No mesmo instante apparece Sambo, que parecia particularmente agastado contra a mulata, e agitando o seu chicote, exclama brutalmente:

Ah! Lucia, quer brincar comigo!

E ao mesmo tempo dá um pontapé na mulher, e corta o rôsto de Thomaz com uma terrivel chicotada.

Thomaz não disse nada, e continuou o seu trabalho; mas a desgraçada mulher, ja quasi desfallecida, cahio sem sentidos.

— Eu vou fazê-la tornar a si, diz o monstro, vou administrar-lhe um remédio efficaz!

E tirando um enorme alfinete da manga, enterrou-o até á cabeça na carne da pobre mulher, que deo um surdo gemido, e ergueo-se a meio.

— Vamos! de pé, e toca a trabalhar! se não ainda experimentarás cousa melhor!

A mulher pareceo por alguns momentos possuir uma força sobrenatural, trabalhando com uma desesperada actividade.

— Continua a trabalhar assim, lhe diz Sambo, aliaz esta noite receberás uma sóva tal, que te fará desêjar a morte!

— Desêjo-a desde ja, murmurou a pobre mulher.

Thomaz ouvio isso, bem como um momento depois exclamar:

O' senhor! até quando durará o meu tormento? Porque não me soccorres, Senhor?

Thomaz chegou-se de novo ao pé d'ella, e metteo-lhe no saco todo o algodão que tinha no seu.

— Pelo amôr de Deos, não faça tal! exclama a triste mulher, não sabe o que elles são capazes de lhe fazer?

— Tenho mais forças para supportar o castigo.

Esta transacção tinha-se feito com tal rapidez, que o argus não se havia d'ella apercebido.

Mas a extraordinaria mulher de que fallámos, que, estando collocada ahi perto, tinha ouvido, e presenceado tudo, fixou por um momento os seus penetrantes olhos pretos sobre Thomaz, e tomando depois uma grande quantidade d'algodão do seu cêsto, foi deita-la no d'elle.

— Não conhece ainda em que lugar está, lhe diz ella, sem isso não faria o que fez! D'aqui a um mez, eu lhe protesto que ja não terá compaixão dos outros, bastar-lhe-hão os seus proprios soffrimentos!

— Espero em Deos que assim não seja, senhora! diz Thomaz, dando instinctivamente á sua companheira d'escravidão o respeitoso titulo de que elle se servia quando fallava ás senhoras a quem antes tinha servido.

— Deos não visita estes lugares! replica a mulher, com amargura, continuando rápidamente o seu trabalho, e assomando-lhe novamente aos labios um amargo sorriso.

Porem o vigilante guarda tinha observado a sua acção, e n'um instante se achou ao pé d'ella, com o chicote levantado:

— Que! *vós* tambem quereis divertir-vos? Pois não sabe que agora está debaixo do meu poder? Faça attenção a si, aliaz fa-la-hei dansar como aos outros!

Os negros olhos da estrangeira brilharam de repente de tal modo, que parecião deitar faiscas, e com as ventas dilatadas, como o nobre corcel castigado injustamente por um brutal palafreneiro, endireitou-se, com os braços cruzados, diante de Sambo, e fixando-o com um scintillante olhar de desprêzo:

— Vil cão! exclama ella, ousa tocar-me! Lembra-te que basta eu querer pronunciar uma palavra, para te fazer flagellar, ou queimar vivo!

— Porque diabo está então aqui com os outros? diz Sambo, com ar mais submisso, e recuando de dois ou tres

passos. — Nunca foi minha tenção maltrata-la, Miss Cassy!

— Retira-te da minha presença! lhe diz a mulher.

Sambo obedeceo promptamente a esta peremptoria ordem, e ella continuou o seu trabalho com uma ligeirêza magica, que enchia Thomaz d'admiração. Antes do fim da tarde, ja o seu cêsto estava cheio, e acalcado, posto que por differentes vezes ouvesse repartido com Thomaz a sua colheita.

A' noite fechada, a fatigada tropa d'escravos dirigio-se, cada um com o seu cêsto á cabeça, para o armazem aonde o algodão era depositado, depois de pezada cada porção que os trabalhadôres trazião. Legree, que presidia a essa operação, recebia as informações dos guardas sobre a conducta dos escravos durante o dia.

— Esse Thomaz hade-nos dar que fazer! diz um d'elles. Surprehendi-o a metter algodão do seu cêsto no de Lucy, e se o senhor não fizer attenção a isso, será um exemplo pessimo para os outros escravos!

— Ah! elle é isso! exclama Legree. — É necessario dar uma lição ao maldito preto! não é assim, rapazes?

Os dois horriveis guardas responderam com um complacente riso, que lhes fez abrir as suas enormes bôcas até ás orelhas:

— Deveras, não ha ninguem como o nosso senhor para ensinar os pretos! O diabo mesmo lhe ficaria atraz! diz Quimbo, parecendo evidentemente querer lisongea-lo.

— O melhor meio é de o vergalhar até que elle abandône as suas idéas! diz Legree.

— Hade ser difficultôso!

— Mas não terá outro remédio! replicou Legree, mascando o seu tabaco.

— Ha ainda esta Lucy, continuou Sambo, que é a creatura mais insupportavel que tenho visto!

Toma sentido, Sam, vê lá não seja isso algum pequeno rancôr que nutras contra ella, por te não querer por marido!

— O senhor bem sabe que ella desobedeceo assim ás suas ordens!

— A sua resistencia ja teria sido vencida á força de chicotadas, diz Legree, se não houvesse tanto a fazer por agora; por conseguinte, é nécessario espassar o castigo, porque ella é fraca, e essses diabos de mulheres são capazes de se fazer matar antes do que ceder das suas teimas!

— Não hade ser o seu trabalho que avulte, replicou Sambo; foi Thomaz que fez a sua tarefa todo o dia d'hoje!

— Ah! deveras? Pois bem, será Thomaz que lhe administrará a correção! Será uma lição para elle, e estou certo que executará isso tão bem como vocês, meus diabos!

Os dois miseraveis pozerão-se a rir, com esse infernal riso que ia perfeitamente ao nome que Legree acabava de darlhes.

— Mas, senhor, é que o seu cêsto pezará a conta, estou certo, diz Sambo, porque Thomaz, e Miss Cassy, tiverão o cuidado de lh'o encher.

— Veremos isso! responde Legree, com tom significativo, — *sou eu que pezarei.*

Os dois monstros riram novamente ás gargalhadas.

— Então, ajunta elle, Miss Cassy trabalhou como os outros?

— Ella colhe o algodão mais depressa que o poderia fazer o proprio diabo do inferno, acompanhado de todos os seus diabretes!

— Parece-me, na verdade, que ella os tem todos no corpo! diz Legree.

E proferindo uma brutal blasfemia, dirigio-se á balança para proceder á terrivel operação para os pobres escravos.

Avançaram todos, um apoz outro, apresentando o seu cêsto, não á justa, mas á falsificada balança de Legree.

Legree marcava o pêso de cada um dos cêstos sobre uma pedra ardêsia, á ilharga do nome d'aquelle que o apresentava.

Thomaz, depois de vêr o seu cêsto pesado, e acceito sem

observações, olhou com anciedade para a pobre mulher a quem elle havia ajudado, e de quem era a vez de approximar-se da balança.

Veio, toda trémula de susto, e de doença, apresentar o seu cesto, que tinha o pêzo exigido; mas Legree, fingindo-se enfadado por falta que lhe encontrára, exclamou:

— Que! infernal preguiçosa, ainda estás em falta! põe-te de lado, que em breve receberás a recompensa!

A mulher, gemendo d'afflicção, foi assentar-se sobre uma taboa.

A pessoa que chamavão Miss Cassy, chegou tambem á balança, apresentando o seu cêsto, com ar arrogante e desdenhôso. Legree olhou para ella, com curiosidade e zombaria; mas ella fixando sobre esse olhar os seus penetrantes olhos pretos, pronunciou algumas palavras em Francez, que ninguem comprehendeo, excepto Legree, cujo rôsto tomou uma expressão infernal, levantando a mão para lhe bater; porem essa ameaça não a atemorisou, afastando-se d'elle com o mesmo ar altivo e de desprêzo.

— Vem cá, Thomaz! diz Legree, depois d'esta scena. — Deves lembrar-te que te disse não te haver comprado só para o trabalho ordinario? Desêjo proteger-te, e fazer de ti um guarda, e talvez um Intendente das minhas propriedades! Por isso quero que desde ja coméces a exercitar-te no emprêgo que te destino.

Pega n'essa mulher, e vai vergalha-la á minha vista. Hades ter visto bastantes vezes como isso se pratica, para que o faças como deve ser!

— Hade-me perdoar, senhor, respondeo Thomaz; mas espero que não me obrigará a tal.... não estou acostumado a isso.... e ser-me-hia impossivel executa-lo....

— Tu aprenderás mais d'uma cousa que não conheces, antes de sahir das minhas mãos! diz Legree.

E tirando do pé um grosseiro çapato, todo cravejado, deo com elle pela cara e por todo corpo de Thomaz.

— A inda continuarás a dizer que te é impossivel executar o que te ordeno?

— Sim, senhor! diz Thomaz, levando a mão á cara, toda ensanguentada; — estou prompto a trabalhar noite e dia em quanto tiver um fôlego de vida; mas fazer o que não é justo, não me é possivel, repito-o! Assim pois, senhor, *nunca* obterá isso de mim, *nunca!*

A voz de Thomaz era notavelmente doce e harmoniosa, ao dizer isto; o seu tom, e as suas maneiras tranquillas e respeituosas. Legree pensava que, depois da sua brutal correcção, elle se mostraria acobardado e submisso. Quando Thomaz pronunciou estas ultimas palavras, um arrepiamento correo por todo o corpo dos que as ouviram; a pobre mulher levantou as mãos ao céo, exclamando: Ah! senhor! tende compaixão de nós! — Todos olharam involuntariamente uns para os outros, sem ousarem sequer respirar, aterrados com o aspecto da tempestade que ia a rebentar.

Legree ficou por um momento callado, a colera lhe tolhia a voz.

— Que! exclama elle por fim, — tu, maldito animal preto, tu ousas dizer, na minha cara, que aquillo que eu ordeno não é justo! Que te importa, vil insecto, o que é justo, ou injusto? Ah! é necessario um exemplo terrivel! Quem pensas tu que és? julgas-te certamente alguma cousa, miseravel, para julgares as acções de teu senhor! Ah! é injusto vergalhar essa mulher?

— Sim, senhor, é injusto! diz Thomaz; a pobre creatura está doente e abatida; seria uma verdadeira crueldade batê-la, e não serei por certo eu que a commetterei! O senhor pode matar-me, se quizer; mas ser eu o seu verdugo, isso *nunca* o obterá de mim.

Thomaz pronunciou estas palavras d'um modo decisivo, posto que respeituoso.

Legree tremia de colera; seus olhos esverdenhados deitavão chamas; mas, semelhante aos animaes feroses e traidôres,

que brincão com a sua victima antes de a devorar, conteve-se por um momento.

— Bem! diz elle, com tom de amarga zombaria, ahi está um cão devoto, enviado do Céo para nos converter a nós outros peccadôres, um verdadeiro santo! Ouve lá, pedaço de velhaco! não te lembras que a tua Biblia diz: « Servos, obedecei a vossos amos? » Não sou eu por ventura teu amo e teu senhor? Não paguei eu mil e duzentos dollares por tudo o o que contem a tua maldita pelle preta? Não me pertences tu, corpo e alma? ajunta elle, dando um violento pontapé em Thomaz; — responde, infimo bicho da terra!

Posto que soffrendo a mais violenta dôr physica, e acabrunhado por esta brutal tyrannia, Thomaz sentio como um rayo de alegria e de triumpho apoderar-se da sua alma, ao ouvir esta ultima questão. Endireitou-se então, levantou os olhos ao Céo, e com as lagrimas e o sangue correndo-lhe pelas faces, exclamou:

— Não, não! a minha alma não lhe pertence, senhor! Não a comprou, nem podia compra-la! Ha um só que a comprou, que pagou por ella, e a quem só pertence!... Nada recêio, porque não lhe pode fazer mal algum!...

— Ah! eu não lhe posso fazer mal algum! diz Legree, com um riso infernal; — vamos a vêr isso! Olá! Quimbo, Sambo! vão dar nesse cão maldito uma sóva, de modo que elle não possa levantar-se ao menos durante um mez!

Os dois formidaveis pretalhões, cujos rôstos resplandecião de contentamento, e que se poderião tomar por fiéis imagens d'espiritos das trévas, apoderaram-se então de Thomaz, e levaram-no comsigo. A pobre mulher gemia e soluçava, não só por causa d'esta scena, mas pela idéa da sorte que a aguardava a ella mesma; todos os outros espectadôres se dispersaram silenciosamente.

CAPITULO XXXIII.

Historia de Cassy.

Era alta noite. A um canto d'um tilheiro, entre os fragmentos de machinas, de sacos d'algodão avariado, e de mil outros objectos inuteis, jazia Thomaz, gemendo, e todo coberto de sangue. A atmosphera estava carregada, e as myriadas de mosquitos que a obscurecião ajuntavão, com as suas picadas, um novo tormento áquelles que Thomaz soffria depois da sua flagellação. Mas de todos esses soffrimentos physicos que elle experimentava, o mais terrivel, o que se tornava insupportavel, era uma abrasadôra sêde, sem ter com que a mitigasse!

— Oh! meu Deos! dizia elle continuamente, Deos de bondade, digna-te abaixar os olhos sobre mim, e dar-me a victoria!

De repente distingue o ruido de ligeiros passos que se approximavão do tilheiro, e a luz d'uma lanterna!

— Quem quer que sejaes, exclama Thomaz angustiadamente, dai-me uma gôta d'agua, pelo amôr de Deos!

Cassy, que era ella, pôz a lanterna no chão, e enchendo um copo d'agua d'uma bilha que tinha trazido comsigo, levantou a cabeça de Thomaz, e poz-lh'o á bôca.

O copo foi cheio e vasado differentes vezes antes que a sêde fosse aplacada.

— Beba á sua vontade, lhe diz ella. Eu bem sabia o que havia acontecer; não é a primeira vez que eu venho aqui de noite estancar a sêde a desgraçados nas suas circunstancias!

— Deos lh'o pague, Miss? diz Thomaz depois de haver bebido.

— Não me chame Miss! Eu sou tambem uma miseravel escrava; mas mais despresivel que todas as outras! diz ella, com ar de amargura. — Agora, ajunta ella, arrastando para junto de Thomaz um enxergão coberto com um lençol molhado, procure, pobre homem, vêr se pode estender-se em cima.

Com muito custo, e ajudado por Cassy, Thomaz deitou-se sobre a enxerga, aonde, graças aos cuidados que as ágeis e experimentadas mãos da sua bemfeitôra lhe prodigaram, se achou mais alviado.

— É todo o confôrto que posso procurar-lhe! diz a mulher, depois de haver levantado a cabeça de Thomaz para a appôiar sobre um pouco d'algodão que havia arranjado em forma de almofada.

Thomaz agradeceo-lhe novamente a sua bondade; mas ella pareceo não escuta-lo, havendo-se assentado no chão, e abraçando os joelhos, assim ficou olhando fixamente no vago. A sua touca estava deitada para traz, e seus abundantes e encaracolados cabellos pretos corrião em desordem pelo seu singular e triste rôsto. Por fim pareceo acordar, dizendo a Thomaz:

— É inteiramente inutil, meu pobre homem, procurar... Mostrou grande coragem, é verdade, o direito estava do seu lado; mas, repito-lhe, é loucura resistir. Está entre as mãos do diabo, elle é o mais forte, e é forçôso ceder!

— Ceder! ah! a fraquêza humana e o soffrimento ja havião murmurado a mesma palavra aos ouvidos de Thomaz, que estremeceo ao ouvi-la! e eis que essa mulher irritada, d'um olhar tão estranho, de voz maviosa, lhe apparece como a tentação personificada, contra a qual havia interiormente até agora combatido!

— O' meu Deos! meu Deos! diz elle gemendo, como poderei eu ceder?

— Para que serve implorar a Deos, se elle não nos escuta? diz a mulher com voz firme. — Julgo que tal Deos não existe, e se existe, que é tambem contra nós! Tudo é contra nós, Céo e terra! Tudo nos arrasta ao inferno! como poderemos nós escapar-lhe?

Thomaz fechou os olhos, e estremeceo ao ouvir essas impias palavras.

— Você ainda não sabe isso, continúa ella; mas sei-o eu! Ha cinco annos que me vêjo espesinhada, corpo e alma, por esse monstro de Legree, e detesto-o como se pode detestar o diabo! Esta isolada roça, que lhe pertence, acha-se a dez milhas de distancia de outra qualquer habitação, e rodeada de pantanos; não ha um só branco que possa servir de testimunha em nosso favôr, no caso que elle queira queimar-nos vivos, fazer-nos em pedaços pelos seus esfaimados cães, ou flagellar-nos até á morte! Não existe para elle nenhuma lei, nem de Deos, nem dos homens, que possa impedi-lo de executar as suas barbaridades, e esse monstro é capaz de tudo! Se eu dissesse tudo o que tenho visto praticar aqui, faria arrepiar os cabellos, e estremecer d'horrôr a pessoa mais corajosa!... e não ha resistencia possivel, nem aquem appellar!...

Desêjava eu por ventura viver com elle, eu que fui delicadamente educada, com elle, meu Deos! a féra mais horrôrosa que existe sobre a terra?... E todavia ha cinco annos que sou sua victima, amaldiçoando a cada instante a existencia!...

Agora, que ja está farto de mim, foi buscar outra joven infeliz, bella e bem educada, como eu o fui, para me substituir!

— O' Senhor, ó meu Redemptôr Jesus-Christo, exclama Thomaz, elevando as mãos ao Céo, abandonar-nos-hias tu?

Mas Cassy, sem dar attenção ás angustiadas aspirações de Thomaz, continuou:

— E quem são esses miseraveis com quem você trabalha,

para que soffra por causa d'elles? Todos o devorarião, se podessem, tão cruel e depravada é a sua natureza!

— Pobres creaturas! diz Thomaz, o que é que poude torna-los assim? E quem me diz que, se eu ceder, não venha a ser como elles? Não, Miss; perdi tudo: mulher, filhos, um bom senhor, que me teria libertado, se tivesse vivido uma semana mais; perdi tudo *n'este mundo*, não quero perder tambem o Céo! não, não cederei ao mal!

— Mas não é possivel que Deos nos torne responsaveis d'esse mal! diz a mulher; os responsaveis são só aquelles que nos obrigão a commette-lo.

— Sem duvida, responde Thomaz; mas entretanto, tornar-nos-hemos máos como Sambo e Quimbo, e é o que eu quéro evitar.

Cassy olhou com admiração para Thomaz, e sentindo-se dominada por um novo pensamento, exhalou um profundo gemido, exclamando:

— Deos de misericordia! é exacto o que elle diz!...

E cahindo de joelhos, com a cabeça no chão, ficou assim por alguns momentos, no paroxysmo da dôr moral!

— Oh! pelo amôr de Deos, Miss!... diz Thomaz, com as lagrimas nos olhos.

Cassy levantou-se, procurando, por um violento esfôrço, tornar ao seu estado habitual.

— Se me fizesse favôr, Miss, lhe diz Thomaz, de procurar na algibeira da minha vestia, que deitaram para aquelle canto, a minha Biblia, e dar-m'a!

Cassy foi procurar o livro, e entregou-o a Thomaz, que abrindo-o em certo lugar marcado por elle, aonde se relatavão as ultimas scenas da vida d'aquelle, a cujos soffrimentos devemos a nossa salvação, disse-lhe:

— Se Miss quizesse agora ter a bondade de ler esta passagem, que é ainda mais consoladôra que a agua fresca que me subministrou...

Cassy pegou no livro com máo modo, e percorreo com a

vista a passagem indicada, lendo depois em voz alta, e com um accento particular, essa tocante narração de soffrimento e de gloria. Por vezes, durante a leitura, a voz tremia-lhe, ou faltava-lhe inteiramente; parava então, até poder dominar a sua emoção, continuando depois, com a mesma placidez e frieza com que havia começado. Mas quando chegou a essas divinas palavras: « Perdôa-lhes, Pai, que não sabem o que fazem! » deixou cahir o livro, e cobrindo o rôsto com as mãos, rebentou no mais afflictivo pranto.

Thomaz chorava igualmente, ouvindo-se-lhe murmurar fervorosas préces.

— Se podessemos sómente sentir sempre assim! diz Thomaz; mas o que nos é tão custoso, para elle era facilimo! Ah! Senhor! tende compaixão de nós!...

— Miss, ajuntou Thomaz, passado um momento, bem vêjo que é muito mais instruida que eu em tudo; mas ha uma cousa que o pobre Thomaz podiria ensinar-lhe: Dizia que Deos se tinha tornado contra nós, porque permitte que nos maltratem injustamente; mas veja o que soffreo seu proprio filho, o Senhor da Gloria!

Se soffrermos com resignação, como elle; se o não renegarmos, diz a Escriptura, elle tambem nos não renegará. Veja o que soffreram todos os discipulos de Jesus-Christo, os Santos Apostolos! E renegaram elles por isso a sua fé? Porque soffremos n'este mundo, nem por isso se pode dizer que Deos seja contra nós; porque bem sabe como a vida aqui é curta, e que ha outra muito mais duradoura!

— Mas para que nos mette elle em posições aonde não é possivel deixar de peccar? diz Cassy.

— Parece-me que sempre poderemos resistir ao peccado, querendo! respondeo Thomaz.

— A experiencia lh'o dira! replicou Cassy. — A fraca natureza não pode resistir a uma sequencia de barbaridades como aquellas que aqui ha a experimentar, e por fim céde-se, por melhores desêjos que hajão!

— Ah! Senhor! exclama Thomaz, — confio-vos a minha alma, e espero que me dareis forças para resistir á tentação!

— Tenho ouvido centos de vezes essas exclamações, essas préces, esses protestos; mas por fim a dôr faz tudo esquécer! É como essa pobre rapariga recem-chegada, Emelina; chóra, desola-se, e protesta que não hade ceder; mas quando estiver cançada de soffrer uma morte lenta, fallará d'outro modo!

— Pois eu asseguro-lhe que estou decidido a soffrer essa morte, lenta, ou prompta, porque estou certo que Deos me dará forças para a supportar! exclama Thomaz.

Cassy não respondeo nada; ficou immovel, com os olhos fixos, entregue a uma profunda meditação.

— Quem sabe? murmura ella, é talvez assim que se deva obrar! mas para aquelles que cederam, ja não ha esperança! Vivemos na infamia, e sômos despresiveis a nossos proprios olhos! A morte seria preferivel a uma tal vida; mas falta-nos a coragem para nos matar por nossas proprias mãos! Essa pobre rapariga tem a mesma idade que eu tinha antes de cahir no abysmo em que me acho! E todavia, eu tambem era bella, bem educada, e havia vivido na abundancia e no luxo! — diz ella, dirigindo-se a Thomaz.

Lembra-me ainda quando brincava em esplendidas salas, vestida ricamente, cariciada e festejada por todos. Quando tinha oito annos, fui para um convento de freiras, aonde recebi uma distincta e religiosa educação; mas tinha apenas quatorze, quando vierão buscar-me para me despedir de meu pai, que estava á morte. Poucos dias depois morreo, e quando se fez o inventario, conheceo-se que todos os seus bens não chegavão para pagar as dividas. Os crédores incluiram-me no inventario, porque minha mãi era escrava, e meu pai não tinha pensado em libertar-nos antes de morrer!

O sujeito encarregado da liquidação do espolio de meu pai,

que sempre me havia tratado polidamente, apresentou-me um dia um dos seus amigos, o mais bello homem que vi em minha vida. Fomos dar um passeio pelo jardim, eu, só e triste, e elle, procurando consolar-me com as maiores attenções. Disse-me que me havia conhecido antes mesmo que eu fosse para o convento, e que desde esse tempo me amava; que desejava ser o meu amigo e o meu protectôr, ficando em lugar do pai que eu acabava de perder. O facto era, posto que elle m'o não dissesse, que me havia comprado por dois mil dollares, e que eu era a sua propriedade!

Foi com grande satisfação que o subc, porque o amava ja com toda a força da paixão, como ao ente mais bello, mais nobre, mais generôso que ainda existio!

Deo-me por morada um palacio, mobilado com a maior magnificencia; numerosos criados, carruagens, cavallos, ricos enfeites de todas as qualidades, tudo, em fim, que o dinheiro podia procurar a um homem apaixonado e generoso me foi prodigado. Mas tudo isso só tinha valôr a meus olhos, considerando-o como prova do seu amôr; porque o amava mais que a Deos, e sacrificaria por elle gostosa corpo e alma!

Esperava que o amôr que nos unia fosse consagrado pelo matrimonio; porem quando alguma vez lhe fallava n'isso, elle tapava-me a bôca, dizendo-me: Não estamos nós casados diante de Deos, não sômos nós fiéis um ao ôutro? Que podem as leis dos homens ajuntar á nossa felicidade?

Com effeito, nunca houve amôr mais puro, união mais sincéra do que a nossa durante sete annos. D'esta união provieram dois filhos: o primeiro, que era um rapaz, chamou-se Henrique como seu pai, de quem elle era o retrato; o segundo, que era uma menina, chamou-se Eliza. Seu pai dizia que ella se parecia comigo; que eu era a mais bella mulher da Luisiana, e que se sentia vaidôso de mim, e de nossos filhos.

Mas tanta felicidade não podia durar muito!

Por este tempo, veio da Nova-Orléans um parente de Henrique a visita-lo, e a passar com nosco o verão.

Era um d'esses homens astutos e depravados que occultão a sua malvadez sob apparencias seductôras. Apezar da sua amabilidade para comigo, inspirou-me desde o primeiro instante, em que o vi, uma repugnancia invencivel, como presentindo o quanto me devia ser fatal!

Mas não aconteceo assim ao fraco Henrique, que em breve se vio por elle inteiramente dominado e transtornado.

O tempo que elle antigamente tão gostôso me consagrava, e a seus filhos era agora passado todo fora de casa, na companhia de seu parente, no jôgo, e na devassidão, não entrando que ás duas e tres horas depois da meia noite; e eu devorava comigo as minhas lagrimas e a minha dôr, não me sendo permittido por fim vê-lo sequer um instante! O seu indigno parente não lhe tinha inspirado só a paixão do jôgo, fez-lhe fazer conhecimento com uma d'essas seductôras creaturas, esponjas das fortunas, da honra, e da felicidade das familias, por quem Henrique inteiramente me abandonou, e a seus filhos. A sua fortuna, por immensa que fosse, não podia resistir muito tempo a estes dois escôlhos: ao jôgo, e ao amôr por uma mulher ávida e ambiciosa, sobre tudo com uma cabeça enthusiastica e imprudente como a de Henrique. Todas as suas propriedades e fazendas passaram uma a uma por este sorvedouro; por fim, os seus crédores penhoraram igualmente os seus bens moveis; e como eu e meus filhos faziamos parte d'elles, sendo escravos d'Henrique, fômos vendidos tambem em almoeda, em proveito d'esses crédôres! O nosso acquiridôr foi esse mesmo parente de Henrique, que então patenteou toda a torpêza de sua alma, declarando-me que era elle que havia condusido, passo a passo, Henrique á borda do abysmo, e ahi o tinha precipitado, só com o fim de possuir-me do modo que agora me possuia; porque me tinha amado apaixonadamente desde o primeiro instante em que me vira! O meu furôr não teve então limites, carreguei-o de mal-

dições, disse-lhe que me inspirava, e sempre me havia inspirado, um horrôr profundo, e que antes queria morrer do que viver com elle.

Faça como lhe parecer, me diz elle; mas declaro-lhe que seus filhos, que eu comprei para me servirem de refens, serão vendidos immediatamente, se não for rasoavel.

Eu amava meus filhos mais que a propria vida, e foi forçôso ceder... Que vida eu passei, ligada, corpo e alma, a um homem imperioso e deprevado, que eu não podia deixar de detestar! Mas os meus filhos erão o freio de que elle se servia para me dobrar a todas as suas vontades, maltratando-os, e ameaçando a cada instante de os vender, como com effeito fez, a pezar da minha submissão, e dos meus sacrificios!

Um dia que tinha sahido comigo a passeio, quando entrámos ja não encontrei meus filhos! O malvado disse-me tranquillamente que os havia vendido, e teve a barbaridade de me mostrar o prêço do seu sangue!...

O delirio da colera e do furôr se apoderou então de mim, amaldiçoei Deos e os homens, e julgo que elle chegou a ter mêdo; porque me disse para me acalmar, que era verdade ter vendido meus filhos, mas que podia ainda recupera-los, se eu me acalmasse, e fosse docil para o futuro.

Esta consoladôra esperança aplacou com effeito o meu transporte, e submissa esperei durante uma ou duas semanas que ella se realisasse.

Um dia que passava por diante da prisão da cidade, vêjo um grupo de gente á porta, e ouço os gritos e os chôros d'uma criança a quem açoitão. Páro tambem á porta da prisão, como curiosa, quando de repente vêjo o meu querido Henriquesinho, que havia escapado ás mãos dos algôzes que o retinhão, vir lançar-se nos meus braços, agarrando-se a mim, com o terrôr pintado em seu rôsto. Os verdugos vierão arrancar-m'o dos braços á força, e a pezar dos meus rogos, dos meus gemidos, da minha desesperação, lá o levaram, levando com elle parte dos meus vestidos que o menino

não tinha largado das mãos, para acabarem de executar n'elle a barbara sentença a que seu senhor o havia condemnado!...

Fugi como louca, perseguida pelos gemidos de meu filho, e quando cheguei a casa, corri á sala aonde se achava o meu tyranno, supplicando-o que impedisse o barbaro castigo que infligião a meu filho. Elle pôz-se a rir, dizendo-me que era o que elle merecia, para o ensinar a ser submisso. Pareceo-me então que alguma cousa se rompia na minha cabeça; uma vertigem se ajuntou ao meu furôr, e vendo sobre a mesa uma faca de trinchar, apoderei-me d'ella, e corri a crava-la no peito do meu algôz. Não sei o que se passou depois, porque perdi a rasão, e cahi sem sentidos.

Quando tornei a mim, achei-me n'um bonito quarto, mas não o meu. Uma velha preta era a minha enfermeira; o médico veio vêr-me, e prodigavão-me todos os cuidados, porque querião vender-me logo que estivesse bôa. Esse momento chegou, e posto que abatida, a minha saude havia-se restabelecido. Obrigavão-me a enfeitar-me todos os dias, para receber a visita dos differentes homens, que de chapéo na cabeça, e cigarro na bôca, vinhão examinar-me, e apreçar-me com os meus vendedôres; mas o meu ar triste e abatido a poucos agradava.

Ameaçavão-me de me flagellar, se não me mostrasse mais alegre e mais amavel... Por fim, veio um sujeito, chamado Stuart, que pareceo compadecer-se da minha sorte, pedindo-me que lhe contasse as minhas infelicidades. Depois de ouvir a triste historia da minha vida, comprou-me, e prometteo-me que faria a diligencia por encontrar, e resgatar meus filhos. Soube na estalajem aonde meu filho havia servido como criado, que o tinhão vendido para uma roça nas margens do rio Perola. Descobrio tambem aonde se achava minha filha; mas a senhora que a havia comprado não a quiz vender por preço algum.

O capitão Stuart, que me tratava com a maior bondade,

conduzio-me para uma bella chacra que possuia, e um anno depois tive d'elle um filho, que era o retrato do meu Henrique que tinha perdido. Amava-o com delirio; mas havia resolvido não deixar crescer nunca mais filho que tivesse! Duas semanas depois do seu nascimento, peguei na pobre creaturinha, abracei-a, inundei a com as minhas lagrimas, fiz-lhe beber laudano, e foi nos meus braços que o anjinho adormeceo para nunca mais acordar!...

Pensaram que tinha sido por engano que eu lhe tinha dado o laudano, quando tinha sido de proposito, como a melhor prova de amôr que podia dar-lhe, evitando-lhe assim os soffrimentos e horrôres da vida... Veio depois o cholera-morbus, e o capitão Stuart morreo da epidemia, bem como todos aquelles que desejavão viver, e eu, que tanto suspirava pela morte, fui poupada!... Tornei então a ser vendida, e passei d'um a outro senhor, até que ja envelhecida e doente, outra em tudo do que fui, este miseravel me comprou, e me condusio para este inferno, aonde me acho ha sete annos!...

Cassy havia contado a sua historia tão rapida e apaixonadamente, umas vezes dirigindo-se a Thomaz, outras a si mesma; havia tanta vehemencia e tanta força na sua expressão, que Thomaz esqueceo quasi por um momento os seus soffrimentos, e appôiando-se sobre o cotovello, não tirava os olhos d'ella, que percorria, como alienada, depois da sua narração, o tilheiro, com os seus cabellos fluctuando-lhe em tôrno do rôsto.

— Diz-me, exclama ella, parando diante de Thomaz, que ha um Deos!.... um Deos que lá do Céo vê tudo isto?.... Talvez assim seja! As freiras do convento aonde fui educada tambem fallavão d'um dia de Juizo em que tudo seria patente! Ah! que terrivel dia será esse!... Eu tambem era devota na minha mocidade; amava a Deos, e rezava todos os dias; mas agora sou uma alma condemnada, perseguida pelos demonios, que me atormentão noite e dia, que me excitão con-

tinuamente,... e talvez lhes faça a vontade !.... diz ella, estorcendo as mãos convulsivamente, e com os olhos esgazeados; sim, fa-lo-hei qualquer noite d'estas ! irá para onde ja devia estar, não me importa que me queimem depois viva !....

Uma longa e selvagem risada veio misturar-se aos profundos gemidos que Cassy exhalava, rolando-se pelo chão.

Este accesso de frenesim acalmou, passado um momento, e Cassy, no seu estado natural, veio perguntar a Thomaz se se achava melhor, e se queria mais agua. A sua maviosa voz contrastava notavelmente com os seus precedentes discursos.

Thomaz bebeo novamente a agua que ella lhe apresentou, olhando ao mesmo tempo com tristeza e compaixão para essa extraordinaria creatura.

— Ah ! Miss ! como eu desêjava vê-la dirigir-se áquelle que distribue as vivificantes aguas (1) !

— Dirigir-me a quem ?

— A'quelle, cujas palavras ha pouco me lia, ao Senhor !

— Lembra-me ainda da sua pacifica e doce imagem no altar do convento ! diz Cassy, com ar pensativo; mas *aqui não ha nada d'isso !* aqui só ha peccado, e mais peccado, soffrimento, e desesperção ! ajunta ella, com amargura.

Thomaz parecia querer ainda dirigir-lhe algumas palavras de consolação; mas ella impedio-lh'o com gesto imperativo :

Não quero que falle mais; procure dormir, que é o que precisa.

E pondo o copo com agua ao pé de Thomaz, e arranjando o melhor que poude a sua pobre cama, partio.

(1) Allusão ao Evangelho segundo S. João.

CAPITULO XXXIV.

As recordações.

A principal peça da casa de Legree era um vasto quarto, com uma grande cheminé, ornado d'um papel outr'ora rico, mas agora cahindo a pedaços. O ar que ahi se respirava era pestilento e glacial, apezar do fôgo da cheminé, aonde havia sempre uma cafeteira com agua quente para os *grogs* de Legree. Amaior desordem reinava por toda a parte: vião-se os cães deitados sobre os vestidos; os arreios dos cavallos, os chicotes, sobre todos os moveis; as aranhas percorrendo livremente as suas têas, como n'um palheiro.

Legree estava preparando um copo de ponche, ao mesmo tempo que grunhia por entre os dentes:

— Maldito Sambo, que foi a causa d'isso !... Aposto que o diabo do preto não poderá trabalhar durante uma semana, justamente agora que ha tanto a fazer!

— E é bem feito! diz uma voz por detraz da cadeira aonde elle estava assentado.

Era Cassy, que tinha entrado furtivamente durante o soliloquio de Legree.

— Ah! és tu, mulher infernal! ja te passou a mania?

— Sim, sou eu; porque assim é agora a minha vontade! diz Cassy tranquillamente.

— Mas hades fazer tambem a minha, aliaz serás tratada como os outros escravos, e irás trabalhar para o campo como elles!

— Antes quero isso que soffrer a tua horrivel presença, e estar debaixo das tuas garras!

— Porem estás debaixo das minhas garras, e não lhes podes escapar! Assenta-te pois no meu collo, e sê rasoavel! diz Legree, pegando-lhe na mão.

— Toma sentido, Simão Legree! tu tens mêdo de mim, e fazes bem, porque tenho o diabo no côrpo, e não sei aonde elle me condúzirá! diz Cassy, lançando-lhe um olhar terrivel.

— Parece-me que dizes a verdade! exclama Legree, empurrando-a com terrôr; mas tomando de repente outro ar:

— Porque não haveimos nós ser amigos como d'antes, Cassy?

Cômo d'antes!.... repete ella amargamente.

Uma subita emoção lhe tolheo a voz. Cassy havia sempre exercido sobre Legree a influencia que uma mulher de espirito, e apaixonada pode adquirir sobre um homem ignorante e brutal, se ella souber leva-lo.

O seu caracter tinha-se tornado recentemente mais irritavel, supportando com menos paciencia o jugo da sua horrivel escravidão, e tendo mesmo por vezes accessos de loucura furiosa. Era isso que a tornava um objecto de terrôr para Legree, que, como todas as pessoas grosseiras e ignorantes, experimentava um superstícioso horrôr para com os alienados. Quando Legree trouxe para casa Emelina, todas as quasi extinctas faiscas dos seus sentimentos de mulher se reanimaram no peito de Cassy, resolvendo proteger a innocente victima, e d'ahi procederam os arrufos, e as violentas disputas entre ella e Legree. Este, n'um accesso de furôr, jurou que a mandaria trabalhar com os outros escravos, se ella o não deixasse socegado; mas Cassy respondeo-lhe com altivez, que não lhe importava isso, e foi ella mesma de sua propria vontade para o trabalho, afim de mostrar a Legrée o pouco que recêiava as suas ameaças. Essa resolução de Cassy preocupou todo o dia a Legree; porque não podia subtrahir-se á influencia que ella exercia sobre seu espirito. Quando á volta do trabalho,

ella lhe apresentou a sua colheita d'algodão para a pezar como a dos outros escravos, elle sempre esperou vê-la mais submissa; mas, pelo contrario, o seu ar era ainda mais altivo e desdenhôso. O injusto castigo infligido a Thomaz augmentou ainda a sua exasperação, e era unicamente com o fim de exprobrar a brutal conducta de Legree que ella viera agora ter com elle.

— Desejava que te conduzisses mais rasoavelmente, Cassy! lhe diz Legree.

— És tu que me aconselhas de me conduzir rasoavelmente? tu, que vais arruinar um de teus melhores escravos, um trabalhadôr infatigavel, justamente no momento em que ha tanta precisão de braços, só para satisfazer o teu infernal génio?

— Fiz uma asneira, é verdade! respondeo Legree; mas que querias, se o diabo do preto é mais teimôso que uma mula, e era necessario submette-lo?

— Não será esse que tu submettas nunca!

— Verêmos isso! exclama Legree, ja em furôr. Seria a primeira vez que eu não podesse domar um preto!

Mas heide doma-lo, ou não lhe ficará inteiro um só ôsso do corpo!

N'esse momento abrio-se a porta, e Sambo, fazendo grandes zumbaias, veio apresentar a seu senhor uma cousa embrulhada n'um papel.

— Que é isso, cachorro?

— É um talisman, senhor!

— Um que?

— Uma cousa que as feiticeiras dão aos pretos, e que os preserva de sentir a dôr das vergalhadas. Thomaz tinha este ao pescôço quando o flagellamos por vossa ordem, senhor!

Legree era supersticioso, como a maior parte dos homens impios e cruéis. Abrio pois o papel com recêio, e tirou d'elle um dollar de prata, e uma madeixinha de cabellos louros,

que, como se estivessem vivos, se enrolaram nos dêdos de Legree.

Maldição! exclama elle, em furôr, batendo com o pé, e arrancando, todo trémulo, os cabellos d'á roda dos dêdos, como se elles o queimassem! D'onde vem isto? Tirem-no da minha presença! queimem-no! gritava elle, arremeçando os cabellos ao fôgo. Para que me trouxestes cá isso, preto infernal!

Sambo tremia como varas verdes, com a sua enorme boca aberta de admiração! Cassy, que ia a deixar o quarto, parou, contemplando Legree tambem com surprêza.

— Se me trouxeres outra vez cousas semelhantes, diz elle a Sambo, com o punho fechado, e no cumulo da exasperação, diz adeos á tua maldita pelle!

Sambo bateo promptamente em retirada, e Legree, levantando do chão o dollar, atirou com elle pela janella fóra, quebrando um dos vidros. Vergonhôso do mêdo que havia mostrado, foi assentar-se n'uma cadeira, com um copo de de ponche na mão, que bebia á longos tragos. Foi então que Cassy se escapou do quarto, e foi visitar o pobre Thomaz, como deixámos dito. Mas d'onde proviria esse furor de Legree! Que terião esses louros cabellos, para causarem um tal terrôr a um homem a quem todas as crueldades, todos os horrôres erão familiares? Para responder a estas questões será necessario, iniciar o leitôr na historia passada de Legree.

Por endurecido e réprobo que agora fosse esse impio, nem por isso deixou de ser outr'ora creado no sêio d'uma terna mãi, embalado ao som de doces canticos e de religiosos hymnos, e banhado nas santas aguas do baptismo. Na sua infancia, uma mulher, de louros cabellos, o havia conduzido, ao sôm do alegre repique dos sinos do domingo, ao templo sagrado, para ahi adorar, na assembléa dos christãos, o Deos do universo.

Foi na Nova-Inglaterra que o monstruoso Legree recebeo em seus primeiros annos uma educação desvelada e religiosa

de sua terna mãi; mas seu pai, homem de caracter duro e tyrannico, por quem a doce creatura experimentava um amôr tão profundo, como mal correspondido, tornou baldados os principios que ella com tanto amôr havia inculcado a seu filho. Legree, que havia herdado de seu pai o mesmo caracter fogôso e independente, e em quem os principios da bôa mãi não tinhão podido lançar raizes, fugio de casa, mui joven ainda, e embarcou n'um navio de piratas, para ir buscar fortuna sobre o inconstante Oceano. Uma unica vez, depois d'isso, veio á casa paternal. Sua mãi, que o amava como o unico fructo das suas entranhas, e que depositava n'elle todas as suas esperanças, tentou dissuadi-lo da infame carreira em que se achava engajado, e o seu bom anjo, que ainda de todo o não havia abandonado, fallou tambem a seu coração, que esteve por um momento irresoluto; mas o espirito do mal foi quem triumphou, tornando-o surdo ás vozes da sua consciencia e do seu coração. Deo-se com excesso á bebida e a todos os outros vicios, tornando-se cada dia mais brutal e selvagem. Uma noite em que sua mãi, na agonia do mais profundo desespêro, se lhe havia lançado aos pés, de joelhos, implorando a sua emenda, o barbaro empurrou-a com desprêzo, deitou-a no chão, desfallecida e meio morta, e correo ao seu navio, proferindo as mais horriveis imprecações! Legree não ouvio mais fallar de sua mãi senão uma noite em que, achando-se n'uma das suas orgias, vierão entregar-lhe uma carta, que elle abrio negligentemente, e aonde encontrou uma madeixa de cabellos louros encaracolados, que se lhe enrolaram nos dêdos quando elle lhe pegou. A carta dizia que sua mãi tinha morrido, e que, antes de morrer, o havia perdoado e abençoado.

Ha uma terrivel e profana magîa do mal que transforma os mais doces e santos objectos em phantasmas horrôrosos. Essa amante e pálida mãi, as préces da sua agonia, e o seu terno perdão, produziram no corrompido coração de seu filho o effeito da sentença que devia esperar no terrivel dia de Juizo

universal. Deitou ao fôgo cabellos e carta, e quando os vio arder, não poude deixar d'estremecer interiormente, com a idéa do fôgo eterno. Fez diligencia por esquécer tudo isso; mas nem a bebida, nem a devassidão, nem o ruido das suas pragas, e da algazarra dos seus companheiros, poderam apagar-lhe da memoria essas idéas. Muitas vezes, no meio d'uma d'essas noites, em cujo silencio a ruim alma se vê obrigada a escutar a voz da consciencia, pareceo lhe vêr o pálido rôsto de sua mãi por entre as cortinas de seu leito; sentia os seus louros cabellos enroscarem-se-lhe nos dedos; e coberto de suór frio, com os cabellos eriçados, fugia então da cama para escapar ao phantasma.

Vós que vos admirasteis de lêr no santo Evangelho, que Deos é todo amôr, não vêdes que para a alma perversa o perfeito amôr pode tornar-se a causa do seu continuo soffrimento?

— Aonde diabo iria elle encontrar aquillo? dizia Legree, despejando um enorme copo de ponche. — Os diabos me levem senão se parecia com... horrôr! Parecia-me haver esquécido tudo isso; mas ja vêjo que a maldita memoria conserva tudo de que não quereriamos lembrar-nos!... Todas estas idéas lugubres provêem de que me acho só aqui!... E porque diabo heide eu estar só?... Vou chamar Emelina que me venha fazer companhia!... Ella detesta-me, o diabo da macaca! mas não importa, eu a obrigarei a vir!

Sahio do quarto, e achou-se n'um vasto corredôr aonde havia antigamente uma bella escada em caracol para os andares superiores. Este corredôr estava agora todo obstruido de caixotes e de trastes velhos, e foi com difficuldade que Legree chegou ao pé da escada, d'onde vinha um ar frio e nauseabundo, como d'um jazigo.

Parou, ao ouvir uma voz inculta, mas pathética, que cantava um dos hymnos familiares dos escravos:

Ah! chôros, e mais chôros hão de haver,
Quando ante o Christo tudo comparecer!

— Que o diabo leve a rapariga, e mais os seus canticos!

Emelina! ó Emelina! grita elle.

Mas o escarnacedôr écho das paredes foi só quem lhe respondeo; e a voz continuou:

Os pais dos filhos eternamente
Hão de uns dos outros separar-se;
Aquelles para a Gloria docemente,
Estes no inferno hão de achar-se!

E cada vez resoava mais forte e mais claro o estribilho do cantico:

Ah! chôros, e mais chôros hão de haver,
Quando ante o Christo tudo comparecer!

Legree sentio um arrepiamento por todo o corpo, e gôtas de suor frio cahirem-lhe sobre as faces, parecendo-lhe haver apercebido no cimo da escada o phantasma de sua mãi, olhando para elle fixamente.

Tornou para o quarto, assentou-se ao pé do fôgo, dizendo comsigo:

— É necessario deixar socegado aquelle preto!... que necessidade tinha eu de tocar n'aquelle maldito papel?.. Creio, na verdade, que estou enfeitiçado! Não faço senão tremer, e arrepiar-me depois que... Mas aonde diabo iria elle buscar aquelles cabellos?... Não é possivel!... Estou certo de os haver deitado ao fôgo ha muitos annos, e de os ter visto queimar!... É cousa bem extraordinaria que cabellos resuscitem!...

Ah! Legree! havia uma virtude inherente a esses cabellos, e o poder divino servio-se d'ella para despertar o teu terrôr e os teus remorsos, para impedir que tuas cruéis mãos não martyrizassem um innocente!

— Holá! diz Legree, batendo com o pé no chão, e asso-

biando aos seus cães, — despertem vocês ao menos, para me fazerem companhia!

Mas os cães abriram a meio seus adormecidos olhos, e fecharam-nos outra vez.

— Vou chamar Sambo, e Quimbo, para que me dansem uma das suas infernaes dansas, a vêr se desterro assim estas horriveis idéas!

Pegou no chapéo, é foi á varanda, tocando n'uma buzina, meio de que se servia para chamar os seus dois satellites. Legree costumava, nas suas horas de bom humôr, chamar ao seu quarto essas dignas personagens, e depois de as embebedar com whisky, e com agua-ardente, divertia-se em vê-los cantar, dansar, ou baterem-se mutuamente, segundo a sua fantesia.

Quando, pelas duas ou tres horas da madrugada, Cassy tornou, depois de haver soccorrido o pobre Thomaz, e que ouvio os gritos, os selvagens uivos, os bravos, e as cantigas, acompanhadas pelo ladrar dos cães; que pela porta da varanda distinguio Legree, e os dois pretos, bebados a cahir, cantando, gritando, deitando por terra as cadeiras, e fazendo uns aos outros as mais horriveis carantonhas, e os mais comicos e indecentes accionados, disse comsigo: se poderia por ventura ser peccado livrar a terra d'um monstro semelhante?

Penetrou depois por uma passagem occulta na escada de que fallámos, e foi bater á porta do quarto de Emelina, no andar superior,

CAPITULO XXXV.

Emelina e Cassy.

Cassy, ao entrar, apercebeo Emelina assentada; pálida de mêdo, no mais recondito lugar do quarto. Quando ouvio bater á porta, foi mais morta que viva, que a pobre rapariga se decidio a abrir, indo logo esconder-se; mas, ao vêr que era Cassy, correo a ella, e lançou-se-lhe nos braços, dizendo-lhe:

— Ah! como desejava que viesse, minha bôa amiga!... Tinha tanto mêdo que fosse elle!... Não pode imaginar a bulha que têem feito lá por baixo toda a noite!

— Tenho-a ouvido bastantes vezes, para saber o que é! responde Cassy.

— Ah! minha Cassy! se podessemos fugir d'aqui! Não seria possivel achar um refugio em qualquer parte que fosse, embora devessemos atravessar os pantanos, affrontar as serpentes, e todas as outras féras selvagens, que me farião menos mêdo do que esta a que estâmos sujeitas?

— A sepultura é o unico lugar de refugio que poderemos ter! respondeo Cassy tristemente.

— Ja ensaiou alguma vez?

— Vi differentes tentativas de outros, e sei o que d'ahi resulta!

— Mas que nos faria elle, se tentassemos fugir, e nos apanhasse? pergunta Emelina, fixando os olhos nos de Cassy, e respirando apenas.

— Devia antes perguntar-me o que é que elle não faria, diz Cassy. Pois não sabe que elle passou a maior parte da

sua vida entre os mais terriveis piratas das Indias Orientaes? Não poderia dormir mais, se eu lhe contasse tudo o que tenho aqui visto praticar, e o de que elle se gaba de haver feito, quando está de bom humôr! Ouvi aqui gritos e gemidos taes, que não me sahiram dos ouvidos e da imaginação durante semanas e mezes!

Ha uma arvore lá ao pé do abarracamento dos escravos, cujo tronco está todo queimado e ennegrecido, vendo-se um montão de cinzas ao pé; pergunte a alguem d'aqui o motivo d'isso, e vêrá se lhe respondem!

— Mas que é, meu Deos?

— Não lh'o direi; porque me horrôriza só de o pensar!...

Deos sabe o que teremos a vêr ainda, se esse pobre homem que hontem foi flagellado continuar a resistir-lhe!

— É horrivel! exclama Emelina, pálida como a morte. O' Cassy! que farei eu?

— O que eu fiz: sujeitar-se á necessidade, ainda que odiando o barbaro....

— Queria obrigar-me a beber da sua horrivel agua-ardente, eu que não lhe posso supportar sequer o cheiro!

— Tambem eu a detestava, e agora não posso passar sem ella; porque é o unico remédio para esquécer um pouco o que aqui se soffre!

— Mas minha mãi recommendou-me de não tocar nunca em semelhante cousa.

— Sua mãi recommendou-lhe! exclama Cassy com amargura.

De que serve ás mãis recommendar qualquer cousa a suas filhas, quando ellas não podem ter outra vontade que a do senhor que as comprar? Aconselho-lhe que se acostume a beber agua ardente, que não tem outro remédio, e é a melhor cousa que pode fazer!

— Ah! Cassy, tenha compaixão de mim!

— E de que lhe servirá a minha compaixão? De que servio ella á minha pobre filha, que não sei aonde pára, e que terá

seguido as minhas pizadas, como o farão suas filhas, porque a maldição dura sempre ?

— Oxalá que eu não tivesse nascido ! exclama a pobre Emelina.

— Esse desêjo formo-o eu a cada instante, diz Cassy ; não sei mesmo porque não tenho ainda posto fim á minha existencia !...

— Mas é um crime matar-se pelas suas proprias mãos !

— Não é mais crime do que a nossa vida, e as nossas acções de todos os dias. Todavia, quando me lembra do que as freiras me ensinaram quando era pequena, não posso deixar de receiar a morte ! Se ella fosse o fim de tudo, então....

Emelina virou a cabeça, e tapou o rôsto com as mãos.

Em quanto tinha lugar esta conversa no quarto de Emelina, Legree no andar inferior, succumbindo ao excesso do seu deboche, havia adormecido profundamente. Legree não estava acostumado a embebedar-se a esse ponto : a sua grosseira e forte natureza reclamava, e podia supportar uma dose de bebidas espirituosas capaz de extenuar e de destruir inteiramente uma constituição mais delicada. Mas a excessiva circunspecção que fazia a base do seu caracter impedia-o de ceder muitas vezes á sua paixão ao ponto de perder o juizo.

Essa noite porem, com os febris esforços que fez para banir as terriveis imagens de remorso, e de maldição, que se despertavão n'elle, tinha-se deixado ir mais longe do que costumava ; por isso, apenas despedio os dois pretos, deitou-se sobre um banco, e adormeceo profundamente.

Ah ! como é que a alma perversa ousa penetrar n'esse tenebroso mundo do somno, cujos incertos limites estão tão perto das assustadôras e mysteriosas scenas da retribuição !

Legree teve um pesadêlo, em que lhe pareceo vêr uma mulher, coberta d'um véo, approximar-se d'elle, e por-lhe sobre o hombro uma mão fina e macia, mas fria como o

marmore! Legree julgou reconhecer essa mulher, mesmo assim coberta do véo, e estremeceo de horrôr e de mêdo ! Sentio essa madeixa de louros cabellos, que elle sacrilegamente havia queimado, enroscarem-se-lhe nos dêdos, e depois á roda do pescôço, que elles cerravão, cerravão, ao ponto de ja não poder respirar! Ouvia ao mesmo tempo vozes murmurar a seus ouvidos cousas que lhe fazião arrepiar os cabellos ! Achou-se depois transportado ao pé d'um profundo abysmo, agarrando-se aos arbustos e aos espinhos que crescião no seu orificio, para repellir angustiadamente negras mãos que o empurravão, bem como a implacavel Cassy, que, com o seu diabolico sorriso nos labios, ajudava a precipita-lo. Apercebeo então pela segunda vez a mysteriosa apparição da mulher, que levantando o seu véo, Legree reconheceo n'ella sua mãi, olhando para elle tristemente durante um momento, e desapparecendo depois como uma sombra! Trémulo de horrôr e de susto, larga das mãos os seus frágeis sustentaculos, e vai cahir no fundo do abysmo , ao som de gritos , de gemidos, e de infernaes risadas!

Legree despertou então, com os cabellos eriçados, e nadando em suôr frio.

Os rosados reflexos da auróra penetravão ja tranquillamente no quarto ; a estrella d'alva, immobil no meio da progressiva claridade, abaixava sobre o homem criminoso o seu fulgurante, santo, e solemne olhar.

Oh ! com que frescura, com que placidez, com que magnificencia, nasce cada novo dia ! como se dissesse aos homens insensatos ! « Eis ahi mais um dia ! aproveita-o, lembrando-te da gloria eterna !» Não ha paiz, não ha lugar aonde esta voz se não faça ouvir ; mas o homem ousado e perverso fecha os ouvidos, e não a quer escutar ! Legree levantou-se, blasfemando, e cada vez peior. Que lhe importava a elle o ouro e a purpura do sol nascente, milagre que todas as manhãs se renova ? Que lhe importava essa estrella santa e distinguida das outras pelo Filho de Deos, designando-a como

o emblêma da sua pessoa ? Mais bruto do que os brutos, a primeira cousa que fez Legree, quando se levantou a cambalear, foi de beber um grande copo d'agua-ardente.

— Passei uma noite infernal ! diz elle a Cassy, que acabava de entrar no quarto.

— Terá muitas iguaes dentro em pouco tempo ! responde ella secamente.

— Que quéres dizer com isso, negregada mulher ?

— Sabe-lo-ha ! replicou Cassy no mesmo tom. — Tenho só um conselho a dar-lhe :

— Vai-te para o diabo !

— É de deixar socegado Thomaz, proseguio Cassy, ao mesmo tempo que arranjava o quarto de Legree.

— Que te importa isso ?

— Que me importa ? com effeito, isso não devia importar-me !

Se quer pagar mil e duzentos dollares por um escravo, para o inhabilitar a servir logo depois d'alguns dias, só para contentar o seu máo génio, e isso no momento em que ha mais necessidade de braços, está no seu direito ! quanto a mim, fiz o que pude para o aliviar.

— Que é que fizeste ? Para que te mettes com o que não deve importar-te ?

— Por certo que não devia por differentes vezes ter-lhe poupado milhares e milhares de patacas, para receber por isso o agradecimento que recebo ! O que sei é que, se continuar assim, a sua colheita será muito inferior á dos seus visinhos, e que perderá as suas apostas !

Legree, como muitos outros cultivadôres, só tinha uma ambição : apresentar no mercado a mais bella colheita do anno, e havia mesmo feito diversas apostas com seus visinhos que seria elle que apresentaria, como sempre, a melhor e a mais abundante colheita. Cassy, que lhe conheceo o fraco, havia tocado a corda sensivel.

— Pois bem ! diz Legree, deixa-lo-hei com a sóva que ja

apanhou, com tanto que me peça perdão, e seja mais submisso d'ora em diante.

— É o que elle não fará, pode estar certo.

— Não o fará?

— Não, por certo, repito-lhe! diz Cassy.

— Tomára que me dissesse o motivo, minha senhora? diz Legree, com um riso de desprêzo.

— Porque fez o que devia, e ninguem o obrigará a fazer o contrario.

— Ah! deveras? Veremos isso!

— O que fará é perder as suas apostas, impossibilitando-o de trabalhar.

— Pois eu posso consintir que um negro me resista? Hade ceder, e hoje mesmo!

— Está enganado, Simão; ainda não conheceo pretos d'aquella qualidade! Pode mata-lo de pancadas, pode queima-lo a fôgo lento; mas não obterá d'elle o que a sua consciencia lhe repugna!

— Veremos! Aonde está elle? diz Legree, dispondo-se a sahir.

— No tilheiro aonde se limpa o algodão.

Legree sahio, perseguido por preoccupações que lhe não erão ordinarias; os horriveis sonhos da noite passada, confundidos com as prudentes suggestões de Cassy, affectavão-no singularmente.

Resolveo que ninguem seria testimunha da sua entrevista com Thomaz, e que, se não podesse submette-lo pelas ameaças, reservaria a execução da sua vingança para tempo mais opportuno.

A solemne claridade da auróra, a angélica gloria da estrella d'alva tinhão-se revelado aos abatidos olhos do prostrado Thomaz, parecendo-lhe ouvir uma consoladôra voz que lhe dizia:

« Sou o descendente e a posteridade de David, a brilhante estrella da manhã! »

Os indirectos conselhos de Cassy, longe de lhe abater a alma, tinhão-na relevado, como a animação d'uma voz celeste. Ignorava se o nascente dia seria o ultimo da sua vida, e seu coração, repassado de solemne contentamento e de santas aspirações, batia tranquillamente, com a idéa que talvez ja em breve contemplar aquelle que era toda a sua esperança, e o seu appôio n'este mundo; que o brilhante thrôno, circumdado de arco-iris radyosos; que os córos de anjos, trajando brancas e immaculadas vestes; que as corôas, as palmas, as harpas de ouro, podião apresentar-se a seus olhos antes que o sol nascente estivesse no seu occaso! Por isso a voz do seu perseguidôr, que vinha vê-lo, não o fez estremecer.

— Então! como vai isso? lhe diz Legree, dando-lhe um pontapé.

Eu bem te tinha avisado que era necessario ter conta comigo!

Aposto que a lição te servio, e que ja estás mais brando? Não te hades achar agora muito disposto a regalar um pobre peccadôr com um dos teus edificantes sermões! que dizes?

Thomaz não respondeo.

— Vamos! de pé, animal! diz Legree, dando-lhe outro pontapé.

Vendo os esforços que Thomaz no lastimôso estado em que se achava, fazia por levantar-se, Legree proseguio, com um diabolico sorriso:

— Que diabo tens tu esta manhã? Apanhaste por ventura algum defluxo, ou soffres de reumathismo?

Thomaz poude, em fim, com muito custo levantar-se, fixando seu senhor com um olhar tranquillo.

— Ah! tu podes levantar-te! diz Legree, medindo-o dos pés á cabeça. — A cousa não foi então tão mal como parecia? Pôe-te agora de joelhos, Thomaz, e pede-me perdão das tuas asneiras d'hontem!

Thomaz não se mecheo.

— De joelhos, miseravel! diz Legree, dando-lhe uma chicotada.

— Não me é possivel obedecer-lhe, senhor; porque fiz o que devia, e farei o mesmo em qualquer outra occasião. Nunca commetterei crueldades, aconteça o que acontecer!

— Sim? Mas é que não sabes ainda o que te pode acontecer, mestre Thomaz! A sóva que levaste não foi nada, foi apenas uma amostra do pano! Que dirás tu, quando te vires atado a uma arvore, com um bom fôgo á roda de ti, que te irá queimando pouco a pouco?

— Sei perfeitamente, senhor, que é capaz de fazer as cousas as mais horriveis, diz Thomaz, endireitando-se com dignidade, e cruzando as mãos; mas quando tiver destruido o meu corpo, não poderá fazer-me mais nada, e fica então a ETERNIDADE!

A ETERNIDADE! Ao pronunciar esta palavra, a alma do pobre preto experimentou um profundo estremecimento, e sentio-se penetrada d'uma força e d'uma luz sobrenaturaes. O malvado estremeceo tambem, como se sentisse a picada d'um escorpião!

Legree rangeo os dentes, mas o furôr e a raiva lhe embargaram a voz.

Thomaz, pelo contrario, sem recêio algum, fallou com firmêza, e mesmo alegremente:

— Senhor! lhe diz elle, visto que me comprou, serei seu escravo fiel; dar-lhe-hei todo o trabalho das minhas mãos, todo o meu tempo, todas as minhas forças; mas sobre a minha alma nenhum homem pode ter direito. Ella pertence só a Deos, cujos mandamentos seguirei, e não outros. Desengane-se, senhor! Eu não tenho mêdo de morrer, de qualquer modo que a morte se me apresente, porque a olho só como o fim dos meus tormentos!

— Veremos, na occasião, até aonde chegão as tuas fanfarrices! diz Legree enraivecido.

— Não são fanfarrices, porque serei soccorrido!

— Quem diabo pretendes tu que te soccorra? diz Legree com desprêzo.

— O Senhor Omnipotente! diz Thomaz.

— Vai-te da minha presença, maldito negro! exclama Legree, dando-lhe um murro, que o deitou por terra.

No mesmo instante, uma mão fria e doce pegou na de Legree. Virou-se, e apercebeo Cassy, cujo frio e penetrante olhar lhe despertou as terriveis imagens do seu sônho da noite precedente, sentindo os mesmos arrepiamentos de horrôr que então experimentára.

— Obrará sempre como um louco? lhe diz Cassy em Francez. — Deixe esse pobre homem socegado a fim de restabelecer-se, para lhe ser util pelo seu trabalho, e não pretenda dominar as suas idéas; porque e inutil, ja lh'o disse!

Dizem que o crocodilo, e o rhinocerós, posto que porvidos d'uma coiraça á prova de bala, têem todavia um lugar vulneravel; nos homens violentos e impios, esse ponto vulneravel é um terrôr supersticioso.

Legree deixou pois Thomaz, resolvido a não contentar por em tanto o seu odio e a sua vingança.

— Faze o que te parecer, diz elle a Cassy, com ar contrafeito.

Quanto a ti, diz elle, dirigindo-se a Thomaz, poupar-te-hei por agora, porque precizo de todos os braços dos meus escravos; mas podes estar certo que eu não esquéço cousa alguma, e que em tempo conveniente faremos as contas sobre a tua maldita pelle preta!

— O teu dia de dar contas tambem hade vir! exclama Cassy, lançando um terrivel olhar sobre Legree, quando elle partio.

Como se acha, meu pobre homem? diz ella a Thomaz.

— O Senhor Deos enviou o seu anjo, e fechou por em quanto a bôca do lião! respondeo Thomaz.

— Por em quanto, diz bem, replicou Cassy; porque agora que lhe jurou pela pelle, é como se tivesse um cão de fila

suspenso á garganta, chupando-lhe o sangue, e estrangulando-o pouco a pouco até o vêr môrto! Conheço perfeitamente o monstro!

CAPITULO XXXVI.

Liberdade.

Deixemos por um momento pai Thomaz entregue, pois que não podemos impedi-lo, nas mãos dos seus algôzes, para nos informarmos do que foi feito de Jorge e de sua mulher depois que os deixámos, ja um pouco mais tranquillos, n'uma herdade perto do caminho.

Tom Locker, apezar dos seus gritos e das suas blasfemias, foi deitado n'uma boa cama, e entregue aos maternaes cuidados da tia Dorcas, que o achou quasi tão commodo e tão agradavel a tratar, como o seria um bufalo, ou um touro bravio.

Que se figure uma mulher alta, e d'um ar digno e recolhido, com a sua touca de cassa lisa, deixando a descoberto uma alta e bella testa, ornada de dois madeixas de prateados cabellos; com olhos pardos e meditativos, com um lenço de cambraia branca cruzado sobre o peito, e que vai d'uma parte á outra sem se sentir, como o faria uma sombra, e eis em resumo a tia Dorcas.

— Com trezentos diabos! exclama Tom Locker, deitando energicamente aos pés a coberta da cama.

— Vejo-me obrigada a dizer-te, Thomaz, que não deves servir-te de taes expressões, diz a tia Dorcas, arranjando pacientemente a cama, e cobrindo Locker.

— Vamos, minha avósinha, não tornarei a dize-lo, se poder.

Mas este maldito calôr é capaz de fazer perder a paciencia a um santo!

Dorcas tirou o cobertôr da cama, e arranjou tudo do melhor modo possivel, ajuntando algumas exortações aos seus cuidados materiaes.

— Desejava, amigo, que não tornasses mais a praguejar, e que pensasses sériamente na tua vida passada!

— Para que diabo quer você que eu pense n'isso? Os diabos me levem se não é a ultima cousa em que eu desêje pensar!

E ao dizer isto, começou a remecher-se na cama, e a pôr tudo outra vez n'uma desordem completa.

— Aposto que o tal Jorge e a mulher estão aqui tambem? diz elle, um instante depois, e de máo humôr.

— Estão, com effeito; mas que importa isso? diz Dorcas.

— Era melhor que elles partissem quanto antes!

— Fa-lo-hão, sem duvida, respondeo Dorcas, continuando tranquillamente a fazer a sua meia.

— Que tomem sentido, porque temos correspondentes em Sandusky, que visitarão os vapôres de transporte! Não me importa dize-lo agora! Tomára eu que elles escapem, ainda que não seja senão para fazer enraivecer esse maldito cobarde de Marks, que o diabo leve!

— Thomaz! diz Dorcas, levantando o dedo, como se faz ás crianças.

— Escute, tia velha, se me quer rolhar a boca d'esse modo, sou capaz de estallar!... Mas quanto á rapariga, mulher do mulato, diga-lhe que se disfarce, porque o seu signalamento está dado em Sandusky.

— Pensaremos n'isso, diz tranquillamente Dorcas.

Como nos separamos aqui de Tom Locker, o leitôr não ficará descontente de saber: que, havendo passado mais de tres semanas em casa dos quakers, sahio d'ahi melhorado

não só physica, mas moralmente. Em lugar de continuar a sua antiga vida de caçadôr d'escravos, estabeleceo-se n'uma das novas colonias, aonde os seus talentos como caçadôr acharam occupação na caça dos ursos, dos lobos, e dos outros animaes feroses, adquirindo n'isso um nome notavel no paiz; mas fallava sempre respeitosamente dos quakers.

— Excellente gente! dizia elle. Querião converter-me; mas não era possivel, apezar dos seus carinhos, e dos bons bocados que me fazião papar!

Como Thomaz Locker havia avisado que os fugitivos erão esperados todos em Sandusky, julgou-se prudente separa-los. Jim e sua mãi partiram primeiro, e Jorge, Eliza, e seu filho, duas noites depois, conduzidos n'uma sege particular até Sandusky, e alojados sob um hospitaleiro tecto, em quanto não podião effectuar a sua ultima tentativa d'evasão, a passagem do lago.

A noite estava quasi passada, e a matinal brilhante estrella da liberdade começava ja a fulgurar a seus olhos. Liberdade! magica palavra! serás tu por ventura só uma flôr de rhetorica? Mas então porque é que tantos milhões de homens têem em todos os tempos sacrificado por ti as suas vidas, e a sacrificarão ainda até ver-te inteiramente triumphante?

A liberdade, tão chara e tão gloriosa a uma nação, pode por ventura deixar de o ser ao homem em particular?

Que é a liberdade d'uma nação, senão a liberdade dos individuos que a compoêm? Que é a liberdade para esse môço, que lá vêdes com os braços cruzados sobre seu vasto peito, em cujas veias corre um sangue Africano, e cujos olhos chammejantes fazem estremecer? Que é a liberdade para Jorge Harris? Para vossos páis a liberdade era o direito de se constituirem em nação livre; para elle, que não tem patria, é o direito de ser homem racional, e não um bruto irracional; é o direito de chamar a sua mulher a sua inseparavel companheira, e de a proteger contra a violencia dos homens;

é o direito de proteger e de educar seu filho; é o direito de ter um lar que possa chamar seu, uma religião sua, uma moralidade sua, e não sujeita á vontade de outro homem.

Todos estes pensamentos se agitavão e fervião na alma de Jorge, quando, com a cabeça appôiada sobre a mão, seguia com a vista sua mulher occupada a disfarçar-se em homem, afim de poder escapar mais seguramente a seus tyrannos perseguidôres.

— Vamos agora ao cabello! exclamou ella, sacudindo as suas bellas e lustrosas transas. É pena, Jorge, diz ella a seu marido, sacrificar tudo isto!

Jorge sorrio tristemente, mas não respondeo nada.

Eliza, virando-se para um espelho, armada d'uma tesoura, fez cahir uma apoz outra as suas bellas transas e engraçados caracoes.

— A's mil maravilhas! exclama ella, quando se vio com o cabello cortado como um rapaz. — Agora uma demão d'escôva e de pente para os deitar para o lado, e fico um perfeito taful da moda!

— Então! diz ella a seu marido, rindo e córando ao mesmo tempo, não me achas um bonito rapaz?

— Seja de que modo for, és sempre bella, minha Eliza!

— Porque estás tão sério? lhe diz ella, lançando-lhe os braços ao pescoço. Dizem que estâmos só a vinte e quatro horas de jornada do Canadá, isto é, que um dia e uma noite unicamente nos sepára da felicidade!

— O' Eliza! diz Jorge, apertando-a sobre o peito. — É essa idéa que me faz estremecer; é o recêio de poder talvez ainda naufragar, vendo-me tão perto do pôrto!

— Confia em Deos, como eu confio, meu Jorge!

— Pois será possivel que vejamos o fim de nossos longos annos de soffrimento? Será possivel que possâmos chamar-nos livres?

— Sim, se-lo-hemos, estou certa! respondeo Eliza, levantando os olhos ao Céo, e correndo-lhe pelas faces lagrimas de

esperança e d'enthusiasmo. — Tenho o presentimento que é este o ultimo dia da nossa escravidão!

— Acredito-te, Eliza, e preciso acreditar-te! exclama Jorge, pondo-se de pé, com ar nobre. — Mas apressemo-nos; a sege deve estar prompta, Mrs Smith ja terá disfarçado Henrique.

N'esse momento abrio-se a porta, por onde entrou uma mulher de certa idade, e de ar respeitavel, dando a mão a Henrique, vestido de menina.

A criança olhou para sua mãi todo espantado!

— Pois não me conheces, Henrique? diz Eliza, estendendo-lhe os braços.

— Vamos, Eliza! diz Jorge; bem sabes que é necessario separar-te d'elle por algum tempo?

— Ah! como isso me custa! mas em fim é forçôso resignar-se!... Dá-me cá o meu capote, Jorge, e ensina-me como é que os homens costumão traça-lo!

A sege tinha chegado, e os fugitivos apressaram-se de partir, depois de se despedirem affectuosamente da bôa familia que lhes havia dado asylo.

Os disfarces erão inteiramente conformes aos conselhos de Tom Locker. Mrs Smith, mulher respeitavel, habitando no Canadá o lugar aonde os fugitivos se dirigião, consintio em passar momentaneamente por tia de Henrique. Quando a sege chegou ao caes do embarque, os dois cavalheiros, isto é, Eliza e seu marido, desceram promptamente, dando um o braço a Mrs Smith, e outro fazendo embarcar a bagagem.

No momento em que Jorge tomava os bilhetes da passagem, ouvio um homem dizer a outro:

— Tenho bem examinado todas as pessoas que têem entrado para bordo, e estou certo que não veio nenhum d'elles.

O que dizia isto era o caixa do navio, e aquelle a quem elle se dirigia era o nosso antigo conhecimento Marks, que, com

a preciosa perseverança que o caracterisava, tinha vindo até Sandusky, procurando a quem poderia devorar (1).

— É apenas possivel distinguir a mulher de qualquer outra branca, diz Marks, e o homem é um mulato de côr mui clara, e marcado com um ferro quente em uma das mãos.

A mão com que Jorge tomava os bilhetes, e o dinheiro que n'ella tinha tremeram algum tanto; mas virou-se tranquillamente, olhou com indifferença para o sujeito que fallava, e dirigio-se vagarosamente para o lado do navio aonde Eliza o esperava.

Mrs Smith, e Henrique ficaram na camara das senhoras, aonde todas as que ahi se achavão admiraram á porfia a belleza da menina de cabello preto encaracolado.

No momento em que a sineta do barco annunciou a partida, Jorge teve a satisfação de vêr Marks ir para terra, e quando se vio d'elle separado por uma grande distancia, desabafou, dando um grande suspiro, como se lhe houvessem tirado de sobre o peito um pêzo enorme.

O tempo era magnifico; as azuladas vagas do lago Érié agitavão-se e fulguravão com os rayos do sol; uma fresca briza soprava de terra, e o majestoso navio ia cortando ufano o seu caminho nas limpidas aguas.

Que somma d'inexplicaveis sensações contem o coração do homem! Quem poderia advinhar, vendo Jorge a passear pelo navio ao lado do seu timido companheiro, tudo o que fervia em seu peito? Não ousava acreditar na incomparavel felicidade que se approximava a cada instante, tremendo interiormente que algum acaso a fizesse ainda desapparecer.

Mas o vapôr parecia que voava, as horas fugião, e por fim appareceram aos olhos dos viajantes as felizes margens da colonia Britanica, a cuja encantadôra vista a escravidão se desvanece, como as trévas na presença do radioso sol,

(1) Allusão espiritual ao que se diz do demonio na primeira epistola de S. Pedro, capitulo V.

qualquer que fosse a lingua que a tivesse declarado legitima, qulaquer que fosse a nação que a tivesse confirmado!

Quando o vapôr se approximou da aldêa de Amersthocon (Canadá) Jorge achava-se de pé sobre a coberta, dando o braço a sua mulher. A respiração tornou-se-lhe difficultosa, e os olhos cobriram-se-lhe d'um véo; apertou em silencio a delicada mão appôiada sobre seu braço, quando ouvio a sineta annunciar a chegada ao pôrto, e que vio o navio parado. Sabendo apenas o que fazia, Jorge ajuntou ápressa a sua bagagem, e o pequeno grupo dos seus companheiros de viagem, para irem para terra quanto antes. Quando ahi chegaram, demoraram-se tranquillos e silenciosos junto do caes em quanto o navio se não afastou; mas depois, os dois ternos espôsos, trémulos d'emoção, havendo-se abraçado, e abraçado seu filho, que não comprehendia o excesso d'estas affectuosas demonstrações, cahiram de joelhos na praia, e ahi elevaram ao Altissimo a expressão de seus corações, trasbordando de jubilo e de reconhecimento!

Era como da Immortalidade
O bom Anjo mensageiro,
Dizendo á alma, fagueiro,
Eis em fim a Liberdade!

Os nossos amigos, conduzidos por Mrs Smith, chegaram em breve á hospitaleira morada do bom missionario, que a charidade christã ahi collocou para ser o pastôr dos opprimidos peregrinos que incessantemente vêem buscar asylo sobre essas margens amigas.

Quem poderá descrever o jubilo d'esse primeiro dia de liberdade?

O *sentido* da liberdade não é elle mais elevado e mais delicado que os cinco outros? Mover-se, fallar, respirar, sahir e entrar á sua vontade, e sem perigo; a doce tranquillidade de que goza o homem livre, á sombra de leis que garantem os

imprescriptiveis direitos que Deos deo ao homem, quem poderá descrever o effeito que tudo isso produzio n'um coração como o de Jorge? Como era bello, como era dôce a contemplar por uma mãi o rôsto de seu filhinho adôrmecido, tornado aïnda mais charo pela lembraça dos perigos a que escapou! A felicidade que trasbordava da alma dos dois espôsos não lhes permittia dormir um instante.

E todavia esses dois espôsos não possuião um palmo de terra, não tinhão um tecto que podessem chamar seu, não tinhão mesmo um real, porque havião gastado tudo na sua viagem; erão como os passarinhos do ar, ou as flôres do campo, mas a liberdade compensava tudo isso!

O' vós que roubais ao homem a sua liberdade, que terriveis contas tereis que dar áquelle que fez d'ella a base da felicidade humana!

CAPITULO XXXVII.

A victoria.

Percorrendo o duro caminho da vida, qual de nós deixou de sentir em certas horas, em certas occasiões, que seria mais fácil e mais agradavel morrer do que viver?

Diante mesmo d'uma morte cheia d'angustia e de soffrimento o martyr acha um estimulante no horrôr do seu supplicio; sente uma emoção, um fervôr, que lhe faz supportar essa crise terrivel, com a esperança da gloria e do repouso eterno que depois d'isso vai gozar.

Mas viver, soffrer todos os dias uma humilhante e amarga escravidão; sentir relaxar-se cada um dos seus nervos, cada

um de seus sentimentos ; apagar-se pouco a pouco cada uma das suas faculdades ; soffrer o longo martyrio do coração retalhado, d'onde a vida foge, perdendo gôta a gôta todo o seu sangue, e tudo isto injustamente, eis a verdadeira prova da origem divina do homem !

Em quanto Thomaz se achou diante do seu perseguidôr, em quanto ouvio as suas ameaças, e que julgou chegada a sua ultima hora, o coração batia-lhe corajosamente no peito, a parecia-lhe cousa facil supportar todos os tormentos, porque via o Céo aberto, e Jesus-Christo estender a mão para ahi o receber.

Mas quando Legree partio, e que a emoção do momento se acalmou, foi então que sentio as dôres de seus membros dilacerados ; foi então que vio claramente o abandôno e a degradação da sua triste vida !

Muito tempo antes que as suas feridas estivessem cicatrizadas, Legree ordenou que Thomaz fosse conduzido ao jornaleiro trabalho do campo, como os outros escravos ; começando para elle desde então um longo martyrio, inventado pela mais feroz vingança. Quem tiver conhecido a dôr physica deve saber que irritabilidade ella causa; por isso Thomaz ja se não admirava do azedume de caracter de seus companheiros, porque a placidez da sua alma, até então illuminada por uma consoladôra alegria, achava-se ja substituida por uma profunda tristeza. Havia concebido a esperança de poder achar algum momento em que podesse lêr a sua Biblia ; mas Legree não conhecia a significação da palavra descanço. Não havia nem domingo, nem dia de festa, nem horas de repouso ; era necessario trabalhar incessantemente sob os olhos de vigias inexoraveis !

Ao principio Thomaz ainda lia alguma passagem da Biblia, ao clarão do fôgo, á noite quando entrava na sua choça ; mas depois do cruel tratamento que tinha soffrido, vinha sempre morto de fatiga, com a cabeça perturbada, e sem poder distinguir uma letra, a pezar dos seus esforços ; não tinha outro

recurso senão de estender seus doloridos membros junto de seus companheiros d'infortunio !

Não é pois de admirar que a paz de coração, e a confiança em Deos, que até então o tinhão confortado, fossem substituidas pelas duvidas, e pela angustia. O mais sombrio problema d'esta vida tão fertil em mystérios apresentava-se incessantemente ao seu pensamento : as almas oppressas e perdidas, o mal triumphando, e Deos silencioso ! Durante semanas e mezes, Thomaz sustentou esta lucta interior, com a alma envôlta nas trévas e na tristêza. Pensava na carta que Miss Ophélia havia escripto aos seus amigos do Kentucky, e era essa a sua unica consolação !.... Mas as suas vagas esperanças desvanecião-se de dia em dia, não vendo chegar ninguem para o resgatar, e no fundo da sua alma surgia por vezes o amargo pensamento, que Deos o havia esquecido, e que de balde era servi-lo fiélmente ! Via de tempos a tempos Cassy, e por vezes havia tambem apercebido o triste rôsto d'Emelina atravez dos vidros da sua janella ; mas nunca lhe havia sido possivel fallar-lhes.

Uma noite em que, abatido e desalentado, se achava assentado no chão junto dos tissões aonde se cozia a sua miseravel cêa, procurou reanimar o fôgo, deitando sobre os tissões alguns ramos sêcos, e tirou da algibeira a sua velha Biblia, a vêr se podia lêr algumas d'essas passagens que outr'ora confortavão seu espirito atribulado, algumas d'essas palavras dos patriarchas, e dos sabios, que desde os mais antigos tempos têem inspirado coragem e paciencia aos homens. Mas teria por ventura a Biblia perdido a sua antiga virtude, ou seria antes que seu coração triturado se tinha tornado incapaz de sentir o contacto d'essa poderosa inspiração ? O caso é que metteo o livro na algibeira sem o ler, exhalando um profundo suspiro ! Uma brutal risada veio distrahi-lo das suas tristes reflexões : era Legree que estava diante d'elle.

— Então, meu velho, ja vês que a tua religião não serve de nada ?

Estava certo que eu havia fazer sahir essa loucura da tua ouca cabaça !

Esta amarga zombaria foi mais sensivel a Thomaz, que o frio, a fome, ou a nudez ; mas não respondeo nada.

— Conduziste-te como um tôlo desde o principio, porque tinha bôas intenções a teu respeito quando te comprei, e poderias substituir Sambo e Quimbo ! Em lugar de seres castigado, eras tu que castigarias os outros, sem contar que, de vez em quando, beberias o teu copo de ponche, ou d'agua-ardente, quando estivesse satisfeito de ti ! Mas tudo pode ainda remediar-se ; arrepende-te das tuas asneiras, deita ao fôgo esse velho engrimanço, e reune-te á minha Igreja !

— Que Deos me preserve de tal ! exclama Thomaz com fervôr.

— Mas bem vês que Deos zomba de ti ! Se houvesse um Deos, consintiria elle por ventura que cahisses nas minhas mãos ?

Acredita, Thomaz, que a religião foi inventada para apanhar os tôlos, sou eu que t'o digo ! Adora-me antes a mim, que sou alguma cousa ao menos, e que posso alguma cousa !

— Ha um só Senhor a quem eu adore, em que crêa, e a quem serei fiél até ao fim, embora elle me abandône ! respondeo Thomaz, com firmêza e dignidade.

— Tanto peior para ti, estupido infernal ! diz Legree, cuspindo-lhe na cara , e dando-lhe um ponta-pé. Mas eu te farei ceder, deixa estar ! terás em breve noticias minhas !

E ao dizer isto, Legree partio, com os olhos chammejantes.

Quando a alma se acha prestes a succumbir sob um pêzo com que não pode, procura desembaraçar-se d'elle por um supremo esfôrço ; por isso as mais cruéis angustias precedem muitas vezes a alegria e a coragem. Foi o que aconteceo a Thomaz. Os impios sarcasmos de Legree abateram por um momento seu espirito um pouco desanimado ; mas eis que,

estando assim de cabeça baixa ao pé do fôgo, entregue ás suas desoladôras reflexões, parece-lhe vêr descer d'uma nuvem o homem Deos, com a sua corôa d'espinhos transformados em rayos de gloria, que olhando para elle compassivamente, lhe diz : « O que vencer terá assento a meu lado sobre o meu thrôno, como eu, depois de haver vencido, o tive á direita de meu Pai. »

Thomaz prosternou-se, a esta visão, e assim ficou por muito tempo em extasis. Quando tornou a si, o fôgo estava apagado, a fria humidade da noite tinha repassado os seus vestidos; mas a sua mortal angustia havia desapparecido, e, com a alegria em que sua alma exuberava, ja não sentia nem fome, nem frio, nem degradação, nem o desespêro das suas frustradas esperanças d'este mundo, trocadas por outras muito mais lisongeiras ! Levantou os olhos para essas silenciosas estrellas, imagens dos espiritos angélicos, olhando sempre fixamente para o homem, e rompeo a solidão da noite, entôando o hymno de triumpho, que em dias mais felizes havia muitas vezes cantado, mas nunca com uma tão profunda emoção :

O sol cessará de brilhar,
A terra deixará d'existir;
Mas quando minh'alma partir,
Feliz mansão hade achar!

. . . . . .

Os que conhecem a vida religiosa das populações escravas sabem quanto são frequentes entr'elles factos semelhantes aos que acabâmos de contar. Nós mesmos lhe ouvimos narrações d'esse género as mais tocantes. Os psycologistas fallão d'um estado da alma em que essas affeições e a imaginação predominão de tal modo que obrigão os sentidos a servi-las, e a dar uma forma sensivel ás suas concepções interiores. Quem dirá o que o espirito creadôr pode fazer das capacidades da nossa frágil natureza, ou os meios que elle pode escolher para relevar, ou confortar as almas desoladas ? Se o pobre escravo es-

quécido do mundo crê que Jesus-Christo lhe appareceo, e lhe fallou, quem poderá contradize-lo? Não annunciou elle por ventura que em todos os séculos a sua missão seria de consolar os corações afflictos, e dar a liberdade aos captivos, e aos opprimidos pelos tyrannos?

Quando o crepusculo da manhã veio acordar os adormecidos escravos, para recomeçarem a sua penosa vida, houve *um* d'esses infelizes que, posto que esfarrapado, e tiritando de frio e de fome, partio alegre e satisfeito; porque, mais solida que a terra, a sua fé no Eterno era inabalavel!

Ah! Legree! vem agora medir-te com elle! A angustia, a dôr, a degradação, todos os tormentos que imaginares, servirão só de aproximar a feliz hora por que elle suspira!

Desde esse momento uma inalteravel paz se apoderou do coração do opprimido, que se tornou o templo da presença permanente do seu Salvadôr. Cessaram as saudades terrestres; cessaram os recêios, as esperanças, e os desêjos! A vontade humana, submettida, algum tempo, a tantos soffrimentos e tantas luctas, estava agora em perfeita harmonia com a vontade divina. O fim da viagem n'este mundo parecia-lhe tão proximo, a bemaventurança eterna tão visivel, que os mais acerbos tormentos d'esta vida não erão nada para elle!

Todos se aperceberam d'esta mudança: havia recuperado a sua antiga alegria, e a sua actividade, bem como uma paz interior, que nem as injurias, nem os insultos erão capazes de perturbar.

— Que diabo aconteceria a Thomaz? diz Legree a Sambo; ainda ha poucos dias estava triste e abatido, e ei-lo agora alegre e ligeiro como um passaro fóra da gaiola!

— Não sei o que possa torna-lo assim, senhor! responde Sambo; talvez conte fugir!

— Tomára eu vêr isso! diz Legree, com um riso feroz.— Seria um bom divertimento! que te parece, Sambo?

— Ah! por certo! respondeo o infernal satellite. — Como seria bonito vê-lo enterrar no lôdo, e agarrar-se aos espinhos,

com os cães ás pernas! Não sei como não arrebentei de rir essa vez que fômos á caça de Molly, quando ella se escapou. Parecia-me que os cães a farião em migalhas antes que chegassemos a arrancar-lh'a dos dentes! Ainda traz os signaes da sua expedição!

— Não percas de vista o diabo do preto, Sambo, e apenas vires que elle tenta alguma cousa, avisa-me.

Esta conversa tinha lugar no momento em que Legree montava a cavallo para ir á cidade visinha; mas quando voltou á tarde, deo-lhe na cabeça ir inspeccionar o acantonamento dos escravos, a vêr se tudo estava em ordem.

Fazia um luar admiravel, a graciosa folhagem da arvore da China desenhava-se sobre a relva, e o ar tinha essa suave transparencia, que é quasi um sacrilégio perturbar. Legree ao approximar-se das cabanas ouvio que alguem ahi cantava. Era cousa bem extraordinaria em taes lugares! por isso parou para escutar. Uma harmoniosa voz de tenôr cantava estas estrophes:

Quando a sânha do malvado
Contra mim se despregar,
Firme sempre m' hade achar,
Como intrépido soldado!

Quando da mansão d'amôr
Eu vir os tectos dourados,
Que serão p'ra mim cuidados?
Que será p'ra mim o terrôr?

Que m'importão os tormentos,
Que m'importa a tempestade,
Se a Divina Majestade
Eu heide vêr por momentos?

— Ah! ah! exclama Legree; — é isso o que elle pensa! Espera, velho preto maldito, que eu te vou fazer o acompa-

nhamento! Chega-se então pé ante pé ao lugar aonde estava Thomaz, e corta-lhe d'improviso o rôsto de chicotadas, dizendo-lhe:

— Isto é para te ensinar a não estares par'ahi a berrar a estas horas em que devias estar deitado! Vamos! marcha para o teu chiqueiro!

— Sim, senhor! diz Thomaz submissamente, mas com um ar risonho, entrando logo na cabana.

Quando Thomaz desappareceo, e que seu senhor se dirigio para casa, uma d'essas rapidas centelhas que algumas vezes a consciencia despede n'uma alma perversa e tenebrosa atravessou o espirito de Legree. Comprehendeo que Deos estava entre elle e a sua victima, e blasfemou contra Deos! Esse homem submisso e paciente, que nem as injurias, nem as ameaças, nem os barbaros e injustos castigos podião alterar, despertou na alma de seu perseguidôr uma voz que dizia, como a dos demonios conjurados por Jesus: « Que ha de commum entre ti e nós, Jesus de Nazareth? Viestes por ventura para nos atormentar antes do tempo? »

O coração de Thomaz trasbordava de compaixão e de sympathia pelos pobres infelizes que o rodeiavão. Os trabalhos da vida parecião ja não pezar sobre elle; o que desejava ardentemente era aliviar os soffrimentos dos outros, repartindo com elles a paz e a alegria de que seu coração estava cheio. As occasiões de o fazer erão raras, é verdade; mas se ellas se apresentavão, tanto á ida, como á vinda do trabalho, elle não as perdia.

Ao principio, essas pobres creaturas, gastas e embrutecidas pelas privações, e pelos máos tratamentos, não podião comprehende-lo; mas elle não descorçôou, e essas attenções, continuadas durante semanas, fizeram vibrar n'esses corações dessecados cordas até então silenciosas. Insensivelmente, esse homem singular, paciente e silencioso, sempre prompto a ajudar os outros, mas que não pedia o auxilio de ninguem; que, quando se distribuião os viveres, era o ultimo, e rece-

bia a mais pequena parte, repartindo mesmo assim com os necessitados; — esse homem, que, nas noites frias, cedia o seu unico e esburacado cobertôr a alguma pobre mulher, tremendo de febre; esse homem que no campo enchia da sua colheita o cêsto do fraco, expondo-se ao terrivel risco do seu não ter o pêzo exigido; esse homem que, perseguido injusta e incessantemente pelo commum tyranno, nunca se ajuntava ao côro de maldições e d'invectivas que lhe dirigião; esse homem, dizemos, adquirio em breve sobre seus companheiros uma extraordinaria influencia.

Quando acabou a sáfra, e que os escravos poderam dispôr do seu domingo, muitos d'elles vinhão pedir-lhe que lhes f l-lasse de Jesus-Christo, e terião, sem duvida, formado entre si uma communhão religiosa, se Legree lh'o tivesse permittido.

Mas quem poderá descrever o contentamento, a felicidade d'alguns d'esses pobres parias, para quem a vida só tinha sido uma custosa viagem a um ignoto e obscuro paiz, quando ouviram fallar d'um Redemptôr cheio de compaixão, e d'uma pátria celeste? Todos os missionarios têem constatado, que não ha raça humana que receba o Evangelho com tanto ardôr e tanta docilidade como a raça Africana. A confiança e a fé que elle requer são-lhe mais naturaes que a qualquer outra, e tem-se visto muitas vezes entr'elles uma semente de verdade, cahida por acaso nos corações os mais ignorantes, produzir ahi fructos, d'uma abundancia, e d'uma qualidade que envergonharião os que fazem profissão d'uma cultura mais apurada!

A pobre mulata, cujos soffrimentos havião quasi apagado a sua fé simples, sentio a sua alma relevada pelos hymnos, e pelas passagens da Escriptura santa que murmurava a seus ouvidos esse humilde missionario, quando ia, ou quando vinha do trabalho no campo; e mesmo o perturbado espirito de Cassy se acalmava sob essa dôce e discreta influencia.

Excitada ao furôr e á desesperação pelas cruéis angustias

da sua existencia, Cassy tinha por muitas vezes jurado que havia vingar, por suas proprias mãos, sobre seu oppressôr, todas as injustiças, e todas as crueldades de que tinha sido testimunha e victima.

Uma noite em que tudo dormia na cabana, Thomaz ficou espantado de aperceber Cassy que, pelo buraco que lhe servia de janella, lhe fazia signal de vir ter com ella.

Thomaz deixou a sua cabana, serião duas horas depois da meia noite, e dirigio-se, guiado por um luar quasi semelhante ao dia, ao quarto de Cassy, cujo olhar o fez estremecer, elle que ja nada temia!

— Venha, pai Thomaz, diz ella, pondo a sua delicada mão sobre o braço do preto, e arrastando-o, como se essa mão fosse de aço, — venha, que tenho uma noticia a dar-lhe!

— Que é, Miss Cassy? perguntou Thomaz, anciosamente.

— Gostaria de obter a sua liberdade, Thomaz?

— Obte-la-hei, Miss, quando Deos determinar.

— Sim; mas pode esta mesma noite obte-la, se quizer! diz Cassy, com energia. — Siga-me!

Thomaz hesitou.

— Venha! continuou ella em voz baixa, fixando sobre elle seus fulgurantes olhos pretos; — siga-me! elle dorme, — dorme profundamente! Metti no seu rhum quantidade sufficiente de laudano para que não possa acordar tão depressa; mas não bastante, porque o não tinha, para nunca mais acordar! Se tivesse á minha disposição essa quantidade de laudano necessaria, não o teria chamado. A porta de traz está aberta; tenho prompto o cutello, e tudo está preparado para a nossa fuga com segurança, depois da morte do monstro. Teria sido eu mesma que lh'a d'esse, se a minha mão não fosse tão fraca!

Venha pois, avie-se!

— Nem por dez mil mundos, Miss Cassy! diz Thomaz, parando, e fazendo diligencia para a retêr.

— Mas pense em todas essas pobres creaturas! diz Cassy.

Poderiamos procurar-lhes a todas a liberdade; nós refugiar-nos-hiamos nas alagôas, ou em alguma ilha aonde podessemos viver tranquillos; porque tudo é melhor do que a vida que aqui levâmos.

— Não, diz Thomaz, com firmêza; não; nunca do crime pode provir cousa alguma bôa. Quereria antes cortar a minha propria mão, do que servir-me d'ella para um tal fim!

— Pois bem! falo-hei eu, e não terei remorsos d'isso! diz Cassy, virando as costas para partir.

— O' Miss Cassy! exclama Thomaz, retendo-a, — pelo amôr do nosso bom Salvadôr, que morreo por nós, não venda assim ao demonio a sua preciosa alma! Nosso Senhor Jesus-Christo não aconselhou a vingança; mas que soffressemos, confiados na justiça divina, que mais tarde, ou mais cêdo hade ser feita.

— Esperar! exclama Cassy, — não tenho por ventura esperado ja bastante tempo? não tenho quazi o juizo perdido, e o coração dessecado á força d'esperar por essa justiça divina que nunca chega? Quantos centos de creaturas tem aquelle monstro atanazado? Não, as victimas clamão por vingança! a sua hora está chegada, e livrarei a terra d'esse flagello!

— Não! não! diz Thomaz, amparando-se das delicadas mãos de Cassy, fechadas convulsivamente; não, pobre alma illudida, não commetterá esse crime! O nosso Salvador só derramou seu proprio sangue, e derramou-o por seus inimigos. Ah! Senhor! ensinai-nos a seguir os vossos passos, e a amar os nossos inimigos!

— Amar! exclama Cassy, amar taes inimigos! a carne e o sangue revoltão-se contra semelhante idéa!

— Sim, Miss, é verdade; mas lembre-se, que elle pode dar-nos a força (olhando para o Céo) e que é essa a nossa *victoria!* Quando podemos amar, e rogar por todos, e em todos os tempos, a batalha está acabada, e a victoria é nossa, graças a Deos!

E esse negro rôsto, com os olhos elevados ao Céo, resplandecia de satisfação interior.

Eis a tua victoria, ó raça Africana! tu, a ultima escolhida entre as nações, chamada a supportar a corôa d'espinhos, as flagellações, o suor de sangue, e a agonia da cruz; pelos teus soffrimentos, pelas tuas dôres, serás tu que reinarás com Jesus-Christo, quando elle vier estabelecer o seu reinado sobre a terra!

O profundo fervôr dos sentimentos de Thomas, a doçura da sua voz, as suas lagrimas cahiram como um refrigerante orvalho sobre o turbado espirito da pobre mulher.

A ardente chamma do seu olhar foi substituida por uma terna expressão; abaixou os olhos, e Thomaz sentio os seus musclos relaxarem-se, quando ella proseguio n'estes termos:

— Não lhe disse eu que o maligno espirito me perseguia? O' meu pai! desejaria implorar a auxilio Divino, mas não sei como! Nunca mais rezei desde que meus filhos forão vendidos! O que acaba de dizer é verdade; mas o meu coração atribulado só sabe odiar, e blasphemar!

— Pobre alma! diz Thomaz, enternecido. — Satanaz contava comtigo, mas será frustrada a sua esperança! Pedirei por vós, Miss Cassy, e o Senhor hade ouvir-me! Espere, Miss Cassy, confie n'aquelle que é o consoladôr dos afflictos!

Cassy ficou silenciosa; mas as lagrimas corrião-lhe em fios pelas faces.

— Cassy! diz Thomaz, com alguma hesitação, e depois de fixar os olhos sobre ella durante alguns momentos, — se fosse possivel fugir d'aqui, aconselhar-lhe-hia que o fizesse, levando em sua companhia a pobre innocente Emelina; mas sem derramar sangue para isso.

— Fugiria tambem com nosco, meu pai?

— Não, respondeo Thomaz. — Te-lo-hia feito antes; mas o Senhor encarregou-me d'uma missão junto d'estas

pobres almas. Ficarei para a cumprir, e levarei a minha cruz até ao fim. Para vós, é differente; este lugar é-lhe perigôso, e faria bem deixa lo, podendo.

— O unico caminho aberto para nós é o da sepultura! diz Cassy; não ha ave, não ha bicho que não tenha o seu ninho, ou a sua toca; as serpentes, e os crocodilos têem um lugar aonde repousem, só para nós não ha asylo! No fundo das alagoâs, nos antros mais reconditos, os ferozes cães de Legree nos procurarão, e nos acharão! Tudo é contra nós, gentes e animaes! para onde fugir?

Thomaz ficou silencioso por um momento; mas disse depois:

— Aquelle que protegeo Daniel na fossa dos liões, que guardou illesos os meninos na fornalha ardente, que atravessou a pé as aguas, e ordenou aos ventos de acalmar-se, é sempre o mesmo, e proteger-vos-ha, *estou certo!* Tente, que eu não cessarei de pedir a Deos por vós!

Porque extraordinaria faculdade de nosso espirito uma idéa, que por muito tempo nos pareco impraticavel, e que desprezámos como uma pedra sem valôr, se offerece ella de repente a nossos olhos, brilhando como um diamante precioso?

Cassy havia muitas vezes passado horas inteiras a imaginar planos de fuga, mas que todos lhe parecião impraticaveis; porem agora, a combinação a mais simples, a mais realisavel em todos os detalhes, se offereceo a seu espirito, admirando-se de a não ter ja posto em pratica!

— Tentarei, meu pai! exclama ella, subitamente illuminada.

— *Amen!* diz Thomaz. — Deos a ajude!

CAPITULO XXXVIII.

O estratagema.

A agua-furtada da casa que Legree habitava era, como a maior parte das aguas-furtadas, um lugar escuso, aonde se guardão os trastes velhos, e mais cousas inuteis da casa.

A opulenta familia que havia habitado esta casa no tempo do seu esplendôr possuia uma rica mobilia, cuja mór parte havia sido vendida, ficando ainda muitos trastes sem valôr nos quartos desoccupados, e na agua-furtada, aonde estavão igualmente dois ou tres immensos caixotes, que outr'ora tinhão servido ao transporte dos moveis.

Os rayos do sol, passando difficilmente atravez do embaciado vidro d'uma estreita trapeira, vinhão dar sobre essas gothicas e elevadas cadeiras desmanteladas, sobre essas mesas côxas cobertas de pó, que havião conhecido melhores tempos. Era, em fim, um d'esses lugares que a imaginação se representa frequentado pelas bruxas, e pelas almas do outro mundo, e não faltavão legendas entre os supersticiosos pretos que confirmavão essa supposição. Alguns annos antes, uma preta, que havia incorrido no desagrado de Legree, ahi tinha sido prêza durante muitas semanas, e os pretos fallavão em segredo dos horrôres que com ella se tinhão praticado na sua prisão, d'onde sahio só o seu cadaver para ser enterrado.

Dizião que desde então ouvião-se todas as noites na agua-furtada estrondosos ruidos, imprecações e gemidos que fazião arrepiar os cabellos ! Legree prohibio quo se fallasse de semelhante cousa, sob pena dos mais sevéros castigos ; mas

nem por isso o terrôr que inspirava a agua-furtada havia diminuido. Cassy lembrou-se de aproveitar a superstição, que tanto império tinha sobre o espirito de Legree, para effeituar o seu livramento, e o da sua companheira d'infortunio.

O seu quarto ficava justamente por baixo d'essa agua-furtada. Um dia, sem consultar Legree, tomou a resolução de transportar todos os moveis do seu quarto de cama para outro, mui distante. Os escravos que ella empregava n'esta mudança corrião, e fazião grande alarido, quando Legree entrou do seu passeio.

— Que diabo d'historia é esta, Cassy? exclama elle.

— Não é nada; é que desêjo dormir em outro quarto, respondeo ella, com máo modo.

— E porque, faz favôr de me dizer?

— Porque assim me convem.

— Mas, com trezentos diabos! quero saber o motivo?

— Desêjo poder dormir um instante na noite, o que me não era possivel fazer no quarto que deixo.

— O que é te impedia ahi de dormir?

— Dir-lh'o-hei, se tem n'isso muito gôsto! respondeo sêcamente Cassy.

— Falla, mulher do diabo! diz Legree.

— Talvez que isso não lhe faça impressão; mas eu não posso ouvir todas as noites por cima da minha cabeça o ruido infernal, os gemidos, as blasfemias que ha lá por cima, apenas dá meia noite, e que continuão até ao amanhecer!

— Dizes que ouves isso na agua-furtada! a não ser a tua imaginação que se figura essas cousas, que diabo pode ser?

Cassy fixou os seus penetrantes olhos pretos nos de Legree com uma expressão que o fez estremecer.

— Com effeito, Simão, que poderá isso ser? Talvez que o saibas!

Legree proferio uma horrivel praga, e levantou o chicote que trazia na mão sobre Cassy; mas ella escapou-lhe, fugindo para a porta, d'onde lhe disse.

— Se queres saber se fallo verdade, dorme lá uma noite n'esse quarto, e verás!

E ao dizer isto, fugio, fechando a porta á chave.

Legree esbravejou, ameaçou de arrombar a porta; mas fazendo provavelmente melhores reflexões, dirigio-se com ar inquiéto para a sua sala. Cassy bem vio que tinha acertado, e desde então não cessou de trabalhar com a maior habilidade e efficacia para a execução do seu plano. Havia introduzido n'um buraco feito no sobrado da agua-furtada o gargallo d'uma garrafa, por onde o vento passava, simulando lugubres e lamentaveis gemidos, e quando o vento soprava mais violentamente, esses gemidos transformavão-se em gritos, que podião facilmente passar por gritos de desesperação e d'horrôr a orelhas crédulas e supersticiosas.

Os escravos ouviram por vezes esse ruido, esses gemidos sobrenaturaes, o que fez reviver em toda a sua força a antiga legenda da agua-furtada. Um terrôr supersticioso se amparou de todos os habitantes da casa, e posto que ninguem fallasse d'isso diante de Legree, elle mesmo não escapou á influancia d'essa pavôrosa atmosphera.

Não ha ninguem tão profundamente supersticioso como o impio : o christão sente-se protegido pelo Pai omnipotente e sabio em quem crê, e cuja presença substitue a ordem e a luz ao mysterioso desconhecido; mas para o homem que desterrou Deos de seu coração, o mundo invisivel é verdadeiramente, como diz o poéta hebreu : « A região da obscuridade, e a sombra da morte. » A vida e a morte são para elle cheias de espectros pavôrosos, de vagos terrôres.

O elemento moral, que ha muito tempo dormia em Legree, foi d'algum modo despertado pelas suas relações com Thomaz; mas despertado unicamente para se vêr logo repellido pela pessima determinação da vontade. Não podia deixar de estremecer cada vez que ouvia uma palavra de fé, e de amôr, um hymno, uma prêce; mas essa impressão produzia n'elle unicamente um terrôr supersticioso.

A influencia de Cassy sobre esse homem era d'uma natureza singular. Elle era o seu senhor, o seu tyrano, e o seu algôz; sabia perfeitamente que podia fazer d'ella tudo o que quizesse; mas é certo que, mesmo o mais brutal dos homens, não poderia viver sob a incessante influencia d'uma mulher enérgica sem por ella ser dominado. Quando a havia comprado, era, como lhe ouvimos dizer, uma mulher delicadamente educada, que elle tratou com a brutalidade propria do seu caracter. Mas quando o tempo, a desesperação, e as degradantes influencias endureceram seu coração de mulher, accendendo ahi paixões mais violentas, ella chegou a dominalo até um certo ponto. Legree tyranisava-a, sim; mas ao mesmo tempo tinha mêdo d'ella!

Esta influencia tinha-se tornado mais forte e mais invencivel depois que uma meia loucura tinha dado a todas as suas palavras, e a todos os seus actos um caracter singular, mysterioso e desordenado.

Um dia ou dois depois do que acabamos de referir, Legree achava-se assentado na velha sala junto do fôgo, cuja vacillante chamma lançava em tôrno d'elle incertos clarões. Era uma noite tempestuosa, uma d'essas noites que fazem surgir uma multidão de vagos sons n'uma velha casa arruinado. As janellas tremião, as portas batião contra as paredes, o vento gemia, silvava, descendo pelas cheminés, lançando de momento a momento no quarto baforadas de cinza e de fumo, como se uma legião de espectros estivesse prestes a apparecer! Legree tinha passado algumas horas a fazer as suas contas, e a lêr os jornaes, no em tanto que Cassy, assentada ao pé da cheminé, olhava para o fôgo com ar sombrio. Legree deixou o jornal que tinha na mão, e pegando n'um velho livro que Cassy havia lido durante parte da noite, pôz-se a percorrê-lo. Era uma d'essas compilações d'historias de crimes horrôrosos, de legendas pavôrosas, d'apparições sobrenaturaes, cujas phantasticas e grosseiras estampas exercem uma extraordinaria fascinação sobre os que começão a sua leitura.

Legree percorria-o com ar de desprêzo e d'indifferença, mas continuava a lê-lo página apoz página; até que por fim deita o livro ao chão, proferindo uma horrivel blasfemia.

— Tu não crês na apparição das almas do outro mundo, não é verdade, Cassy? diz elle, pegando na tenaz para atiçar o fôgo; estava persuadido que não eras tão tôla que tivesses mêdo de semelhante cousa!

— Que te importa o que eu penso? respondeo Cassy.

— Quando andava embarcado, tambem me querião fazer engulir essas pêtas; mas para cá não pegavão!

Cassy, assentada n'um canto, fixava sobre elle o seu olhar intenso.

Seus olhos tinhão esse singular brilhantismo que fazia sempre estremecer Legree.

— Esses ruidos que ouvistes lá por cima erão provavelmente os ratos, e o vento entrando pelas frestas da janella! proseguio elle.

Os ratos fazem ás vezes uma bulha diabolica, como eu mesmo ouvi no porão dos navios; e o som do vento pode figurar as vozes e as lamentações mais extrordinarias!

Cassy sabia que o seu olhar produzia sobre Legree um effeito magnético; por isso não lhe respondeo, continuando só a olhar para elle com a sua expressão indefinivel e sobrenatural.

— Vamos, falla, mulher! não pensas como eu? ajuntou Legree.

— Os ratos podem por ventura descer as escadas, atravessar um corredôr, abrir uma porta fechada á chave, e com uma cadeira encostada a ella? diz Cassy; — podem vir direitos á sua cama, descobri-lo, e pôr-lhe em cima do peito uma mão glacial, assim?...

Os fulgurantes olhos de Cassy ficavão sempre pregados nos de Legree em quanto fallava, e elle, como se estivesse sob a influencia d'um pezadêlo, não podia destacar os seus dos

d'ella até ao momento em que, sentindo o contacto d'essa mão fria como marmore, se deitou para traz com horrôr.

— Não é possivel que tal acontecesse, mulher! exclama elle. Pois tu vistes, e ouvistes isso realmente? dize, Cassy!

— Dorme uma noite no mesmo quarto, e saberas!

— Todos esses rumôres vinhão da agua furtada?

— Quaes rumôres?

— Os de que acabas de fallar.

— Eu não disse nada!... respondeo Cassy, com um sorriso amarello.

Legree pôz-se a passeiar pela sala, com ar inquiéto.

— É necessario que faça examinar isso esta noite mesmo! Vou carregar as minhas pistolas.

— É justamente o que eu desêjo, que durmas n'esse quarto, e que te sirvas das tuas pistolas contra esse inimigo, que hade ter muito mêdo d'ellas!

Legree bateo com o pé, e blasfemou.

— Não blasfemes, que podem ouvir-te!... Escuta!...

— Que é? exclama Legree, tremendo.

Um velho relojo de parede Hollandez, que estava a um canto da sala, começou a dar meia-noite.

Legree não disse palavra, nem fez um movimento. Um vago terrôr se tinha apoderado d'elle, no em tanto que Cassy, fixando-o sempre com o seu olhar penetrante e ironico, contava as horas.

— Meia-noite! é a hora!... vamos ver!...

E abrindo a porta que dava para o corredôr, ficou attenta a escutar.

— Ouça! diz ella devagarinho para Legree, alevantando o dedo.

— É o maldito vento!... responde Legree.

— Simão! chega aqui, diz Cassy em voz baixa, pegando na mão de Legree para o levar ao pé da escada dos andares superiores; — poder-me-has dizer tambem o que significa *isto?* Escuta!...

Um grito horrivel sahido da agua-furtada retumbou em toda a casa! Os joelhos de Legree entrechocavão-se, ficando pálido como a morte!

— Porque não prepara as pistolas? diz Cassy, com uma risada que fez gelar o sangue nas veias de Legree. — Era agora o bom momento de ir vêr o que é!

— Não serei eu que tenha essa curiosidade!

— E porque? Pois tambem tem mêdo de defunctos? Venha!

E ella começou a subir a escada, sempre com o seu riso diabolico.

— Vamos, siga-me! lhe grita ella, virando-se.

— Creio, deveras, que és o proprio diabo! diz Legree. Desce, feiticeira maldita! Vamos, desce, Cassy! não quéro que subas!

Mas Cassy não fez caso d'essas ordens, e continuou a subir.

Ouvio abrir as portas que conduzião á agua-furtada; uma baforada de vento veio apagar-lhe a luz que tinha na mão, ouvindo ao mesmo tempo gritos terriveis e sobrenaturaes!

Legree correo como louco para a sala, aonde, poucos minutos depois, entrou tambem Cassy, pálida, mas tranquilla e sevéra como um espirito vingadôr.

— Parece-me que ja não poderá duvidar agora? diz ella.

— Que os diabos te levem, maldita!

— Que mal fiz eu em ir fechar as portas lá por cima, visto que tu não querias fazê-lo? Mas que tem essa agua-furtada que te mette tanto mêdo?

— Que te importa?

— Por certo que não me importa; mas agora ja sabes porque mudei de quarto?

Prevendo a tempestade que se ameaçava, Cassy tinha aberto d'antemão a trapeira da agua-furtada, bem como as portas, e o vento, engolfando-se por ahi, produzio todos esses atterradôres effeitos.

Isto pode dar uma idéa do estratagema de que Cassy se servia para effeituar o seu livramento. Legree, depois d'esta scena, antes quereria metter a cabeça entre as fauces d'um lião, que subir á agua-furtada. Cassy, quando tudo durmia em casa, acumulava ahi, pouco a pouco, e com o maior cuidado, provisões sufficientes para algum tempo, bem como a maior parte do seu fato, e do de Emelina, espreitando a occasião favoravel de executar o seu projecto.

Affagando Legree, e aproveitando um dos seus raros momentos de bom humôr, Cassy obteve d'elle a permissão de o acompanhar á cidade visinha, situada nas margens do Rio Vermelho. Com uma memoria quasi sobrenatural, notou cada volta do caminho, fazendo mentalmente o calculo do tempo que lhe seria necessario para o percorrer a pé.

Agora que tudo está disposto para a acção, não deixará de ser curioso espreitar o que se passa por traz dos bastidôres, antes da representação do drama.

Era perto da noite, e Legree ainda não tinha entrado d'uma excursão que havia feito a uma herdade visinha. Depois d'alguns dias, Cassy e elle erão os melhores amigos do mundo.

N'este momento Cassy acha-se no quarto de Emelina, occupada a fazer duas pequenas trouxas de roupa.

— É o que basta, diz Cassy; — agora ponha o chapéo, Emelina, e partâmos, que é o momento favoravel!

— Mas ainda podem vêr-nos, diz Emelina.

— É justamente o que eu quéro, respondeo friamente Cassy.

Pois não sabe que, em todos os casos, nos hão de perseguir?

Eis aqui o plano, faça bem attenção! — Sahimos pela porta de traz, e corremos do lado das cabanas. Sambo e Quimbo, vêndo-nos infallivelmente, correm atraz de nós, que nos dirigimos então ás alagôas. Elles não podem ahi perseguir-nos, antes de terem participado a nossa fuga a Legree, de soltar os cães, e de preparar o mais necessario á caçada; em quanto

reina toda essa barafunda, nós entrâmos no regato que corre por de traz da casa, e seguimos o váu até nos acharmos em frente da porta de traz. É o unico meio dos cães não terem fáro de nós; e entretanto que tudo está fóra de casa á nossa busca, nós entrâmos por essa mesma porta de traz, e vamos esconder-nos na agua-furtada, aonde ja tenho preparada uma boa cama dentro d'um dos grandes caixotes; porque não sei o tempo que teremos a passar ahi, visto que elle revolverá Céo e terra para vêr se nos apanha.

Hade convocar naturalmente alguns dos seus amigos das outras roças para assistirem á grande caçada, que durará mais d'um dia, e espero que se hão de divirtir!

— Ah! Cassy, como tudo está bem imaginado! Era necessaria uma cabeça como a sua para traçar um plano semelhante! diz Emelina, exultando d'alegria.

Cassy, com o ar resoluto e frio d'um heróe guerreiro, deo a mão a Emelina, dizendo-lhe:

— Partamos!

As duas fugitivas sahiram de casa, sem serem apercebidas, dirigindo-se, segundo o plano, para o lado das cabanas, e d'ahi ás alagôas. Como Cassy o havia previsto, uma voz lhes gritou que parassem; mas não era nem Sambo, nem Quimbo, era o proprio Legree que as perseguia, proferindo horriveis imprecações. Ao ouvir essa voz, o fraco coração d'Emelina acobardou-se, e agarrando no braço de Cassy, exclamou:

— Ah! Cassy, sinto-me esmorecer!

— Se esmoreces, mato-te! diz Cassy, tirando da cintura um punhal, que fez brilhar aos olhos da rapariga.

Esta vista reanimou-a, seguindo a heroina, que se introduzio n'um tão profundo e sombrio labyrintho, que Legree não se atreveo a persegui-las ahi sem auxilio.

— Bem, diz elle, com um sorriso brutal, as velhacas cahiram na ratoeira! Agora estou seguro d'ellas, e hão de se arrepender!

Olá! Sambo, Quimbo, venha tudo! grita Legree, ao ap-

proximar-se das cabanas, justamente no momento em que os negros vinhão do trabalho. Ha duas fugitivas nas alagôas !

Cinco dollares para quem as apanhar ! Soltem os cães ! que venha Tigre, a Fera, e todos os outros !

Estas noticias produziram o maior alvorôço. Muitos dos escravos vieram logo offerecer os seus serviços, já com a esperança de obter a recompensa, já excitados por esse baixo servilismo, que é um dos mais tristes effeitos da escravidão. Todos corrião d'uma parte, e d'outra :

Uns trazião lampiões, outros archotes, outros ião soltar os cães, cujos selvagens latidos contribuião para o tumulto da scena.

— Atiraremos nós sobre ellas, senhor, se as não podermos apanhar d'outro modo ? diz Sambo, a quem Legree acabava de entregar uma espingarda.

— Atira sobre Cassy, se quizeres; é tempo de a mandar para o inferno, aonde ella ja devia estar ; mas poupa a rapariga ! respondeo Legree. — Aviar, rapazes !

Cinco dollares para aquelle que m'as trouxer, e um copo d'agua-ardente para cada um de vocês, qualquer que seja o resultado !

Toda a chusma, guiada pelo fogaréo dos archotes, com *hurras,* e gritos selvagens, se dirigio ás alagôas, seguida de longe de todos os criados da casa, que tinha ficado inteiramente deserta, quando Cassy e Emelina ahi entraram pela porta de traz. Os gritos dos que as perseguião ainda se fazião ouvir, e olhando pelas janellas, viram-nos dispersar-se sobre os limites dos pantanos.

— Veja ! dizia Emelina, mostrando-os a Cassy, começou a caçada ! olhe como as luzes correm por todos os lados ! não ouve o ladrar dos cães ? Não dava um chavo pela nossa pelle, se nos apanhassem !.... Vamos depressa esconder-nos !

— Não precisa apressar-nos, diz tranquillamente Cassy, a

caçada durará toda a noite, e temos tempo de subir ; entretanto, diz ella, com um ar resoluto, tirando uma chave da algibeira da casaca, que Legree tinha deitado sobre uma cadeira, é nécessario que tenhâmos algum dinheiro para pagar a nossa passagem.

Abrio a gaveta d'uma commoda, que ella conhecia, e tirou um masso de notas do Banco, mettendo-o rápidamente na algibeira.

— Ah ! isso não ! diz Emelina.

— E porque ? respondeo Cassy ; quer que morrâmos de fome nas alagôas, ou que não tenhamos com que chegar aos Estados livres? O dinheiro é a nossa salvação, minha filha !

— Mas é furtar ! diz Emelina, com tristeza.

Furtar ! repetio Cassy, com um desdenhôso sorrizo ; os que roubão corpo e alma não têem nada a dizer-nos ! Cada um d'estes bilhetes foi roubado a pobres creaturas esfaimadas ! Que elle *ouse* fallar-me de roubo !.... Mas venha, que é tempo de subirmos ao nosso esconderijo, aonde nada nos faltará; teremos mesmo alguns livros para passar o tempo. Pode estar certa qne não irão procurar-nos lá, e quando o tentassem, eu os farei arrepender !

Quando Emelina entrou na agua-furtada, vio que uma das immensas caixas estava voltada do lado da parede. Cassy accendeo uma pequena lanterna, e entrou na caixa, aonde se achava uma bôa cama, e todas as mais provisões, arranjadas com tanto discernimento por ella ; e suspendendo a lanterna a um prego, diz para Emelina :

— Então como acha a nossa morada ?

— Com tanto que elles não venhão revistar tambem aqui ! diz a recêiosa Emelina.

— Esteja descançada, que tanto Legree, como os seus satellites, antes quererião ser fusillados que subir a este, para elles, pavôroso lugar !

Emelina, mais tranquillisada, deitou-se sobre a cama, e

perguntou a Cassy o que queria ella dizer, quando a ameaçou de a matar.

— Queria inspirar-lhe assim corajem ; porque sem isso estariamos agora nas mãos d'esse miseravel !

Emelina estremeceo a essa idéa. Ambas ficaram silenciosas por um momento : Cassy pegou n'um livro francez, e pôz-se a ler; Emelina, fatigada por tanta emoção, adormeceo. Mas foi em breve despertada pelos gritos e a bulha que fazião os que entravão, depois da sua frustrada expedição

— São os caçadôres que voltão, d'orelha cahida por não terem feito nada ! diz Cassy tranquillamente. Ah ! meus amigos, podem recomeçar quantas vezes quizerem a sua caçada, que terão sempre o mesmo resultado !

— Não falle tão alto, que nos podem ouvir ! diz Emelina.

— Tanto melhor, se nos ouvirem ; mais mêdo terão de approximar-se d'aqui ! respondeo Cassy.

O silencio restabeleceo-se por fim em toda a casa ; e Legree, amaldiçoando a sua má estrella, foi deitar-se, esperando ser mais feliz no dia seguinte.

CAPITULO XXXIX.

O martyr.

Não julgues de Deos olvidado
O justo que no mundo soffrer;
Por cada tormento passado,
Séculos de gloria hade ter !

Por mais longa que seja a viagem, sempre tem o seu termo ; por mais sombria que seja a noite, sempre lhe succede a aurora. A eterna e inexoravel fuga dos instantes conduz o

máo a uma noite sem fim, e o justo a um dia eterno. Acompanhámos até agora o nosso humilde amigo no valle da escravidão : primeiramente em risônhas campinas aonde reinavão a felicidade e a indulgencia; depois, separando-se de tudo o que é charo ao coração do homem, e parando por um instante n'um rico oasis, aonde mãos generosas cobrião as cadeias de flôres; seguimo-lo ainda, quando o seu ultimo rayo d'esperança se desvaneceo, e que mais bellas, e até então desconhecidas estrellas brilharam no seu firmamento, por cima das espessas trévas que o envolvião.

Agora, a estrella d'alva lá desponta sobre a montanha, e as mais dôces brizas lhe annuncião o bello dia que vai em breve apparecer !

A fugida de Emelina e de Cassy irritou sobremodo o caracter ja tão brutal de Legree; e, como era d'esperar, o seu furôr cahio sobre a indefensa cabeça de Thomaz; porque havia notado com que alegria elle ouvio essa noticia, bem como que não se tinha ajuntado aos seus perseguidôres.

Se a inflexibilidade do nosso humilde amigo, quando alguma deshumana acção lhe era ordenada, não tivesse feito recêiar a Legree de perder um tempo precioso, te-lo-hia sem duvida obrigado a acompanha-lo. Thomaz ficou pois na retaguarda com alguns outros, cujo caracter elle ja havia melhorado com as suas lições e o seu exemplo, pedindo a Deos de proteger as fugitivas.

Quando Legree tornou, contrariado do máo exito da expedição, sentio augmentar ainda mais o odio que nutria contra Thomaz, o unico escravo que em sua vida havia resistido á sua despotica vontade.

— Não posso supporta-lo ! exclama Legree, n'essa mesma noite, quando se achou só no seu quarto. Não *me pertence elle* por ventura ? Não posso eu fazer d'elle o que me parecer ?

Quem m'o empediria, tomára saber ?....

E Legree brandio o seu formidavel punho fechado, como se quizesse esmagar algum objecto invisivel.

Mas Thomaz era um escravo fiél, e de grande valôr, e posto que Legree o odiasse, essa consideração retinha-o. No dia seguinte, resolveo conter-se ainda, e de convidar alguns dos seus visinhos, para fazerem uma montaria em regra, cercando toda a alagôa. Se obtivesse um bom resultado, não diria nada; mas, se as suas esperanças de apanhar as fugitivas ficassem de todo baldadas, era sua tenção obrigar Thomaz a confessar o que sabia a esse respeito, empregando para isso todos os meios de que elle podia, e era capaz.

Dizeis que o interesse do senhor é uma salva-guarda para o escravo,; porem o homem que, arrastado pelo frenezim d'uma vontade perversa, seria capaz de vender sua alma ao diabo para satisfazer as suas paixões, terá elle escrupulo de destruir o objecto que lhe pertence, embora esse objecto seja de valôr?

A montaria organisou-se com effeito no dia seguinte, e Cassy, pela trapeira da agua furtada, vio partir a esperançosa e alegre expedição.

— Ah! meu Deos! exclama ella, bem sei que somos todos peccadôres; mas que fizemos nós mais que as outras creaturas para merecermos um tratamento semelhante?... Se não fosse por sua causa, minha pobre filha, iria apresentar-me a elles, e abençoaria a mão que me matasse com um tiro! De que me servirá a liberdade? Restituir-me-ha ella meus filhos, ou tornar-me-ha ella o que eu era d'antes?

Emelina, com a sua innocente simplicidade, tremia de mêdo, por vezes, ao contemplar o sombrio rôsto de Cassy.

Embaraçada, e sem saber o que dizer-lhe, pegou-lhe na mão com ternura, querendo leva-la á bôca para a beijar.

— Deixe-me! diz Cassy, retirando a mão, forçar-me-hia a ama-la, e estou decidida a não amar mais ninguem n'este mundo!

— Pobre Cassy, diz Emelina, desterre esses sentimentos!

Se Deos permittir que sejâmos livres, talvez ainda descubra sua filha! Em todo o caso, eu procurarei substitui-la; porque, por certo, ja não tornarei mais a vêr a minha pobre mãi!

Esta ternura infantil commoveo Cassy, que, assentando-se junto de Emelina, lhe passou um braço á roda da cintura, cariciando com o outro os seus cabellos, no em tanto que a terna menina admirava pela primeira vez a magnificencia de seus olhos pretos, então molhados de lagrimas.

— O' Emelina! diz Cassy, — soffri, por causa de meus filhos, fome e sêde; a minha vista enfraqueceo-se á força de chorar, o meu coração dessecou-se; mas se Deos permittisse de ainda os encontrar, este coração dessecado reanimar-se-hia, e seria todo ternura e reconhecimento para com elle!

— Deos é pai, minha bôa Cassy, espere e confie n'elle! diz Emelina.

A montaria durou muito tempo, e foi com um sentimento de ironico triumpho que Cassy vio Legree apear-se do cavallo, todo abatido e cançado.

— Quimbo! diz Legree ao seu infernal ministro, depois de se estender sobre um canapé na sala do primeiro andar, — vai buscar-me Thomaz; porque estou certo que não é estranho a tudo isto, e que sabe para onde as malditas mulheres escaparam.

Sambo e Quimbo, posto que inimigos um do outro, nutrião o mesmo odio contra Thomaz, lembrando-se do que outr'ora Legree havia dito, que talvez elle ainda viesse a ser o Intendente geral da roça, substituindo-o na sua ausencia. Foi pois com o maior prazer que correram a executar a ordem de seu senhor.

O coração de Thomaz não augurou nada bom d'esta mensagem, porque advinhou logo para que era chamado; porem sentio-se assaz corajoso para preferir a morte a trahir as duas infelizes, cujos planos elle não ignorava, e seguio Quimbo.

— Vais vêr o que é bom! lhe dizia o horrivel pretalhão

pelo caminho, — o senhor está levado do diabo, por tu teres ajudado a fugir as mulheres!

Estas palavras não fizerão impressão em Thomaz; porque uma voz lhe repetia : « Não recêies aquelles que só podem matar teu corpo, mas que nada podem sobre a alma ! »

— Sabes, Thomaz, exclama Legree furioso, apenas o vio entrar na sala, deitando-lhe as garras ao pescôço, com os dentes rilhados, n'um paroxysmo de raiva, que resolvi dar cabo da tua maldita pelle ?

— Não duvido, senhor ! diz Thomaz tranquillamente.

— Não exagéro, Thomaz ! *estou inteiramente decidido a faze-lo*, se não me disseres o que sabes a respeito das duas fugitivas.

Thomaz ficou silencioso.

— Ouves-me ? grita Legree, batendo com o pé, e bramindo como um lião furioso.

— *Não tenho nada a dizer, senhor!* replicou Thomaz, com seriédade e firmêza.

— Pois ousas *mentir* d'esse modo, vil hypocrita ?

Thomaz não respondeo.

— Falla ! grita Legree, com voz de trovão, e esmurrando-o pela cara, — dize o que sabes !

— Sei, sim, senhor, mas não d.... nada.... *quero antes.... morrer.*

Legree estava suffocado de raiva, mas contendo-se um instante, agarrou em Thomaz pelo braço, e chegando a cara á d'elle, disse-lhe, com uma expressão terrivel :

— Escuta, Thomaz, tu julgas poder zombar de mim, por que já uma vez escapastes incolume ; mas agora desengana-te, que estou resolvido a fazer o sacrificio do dinheiro que me custastes; ou hades ceder, ou *mato-te !*

Thomaz levantou os olhos sobre seu senhor, e respondeo :

— Se o senhor precizasse da minha vida para o salvar, sacrificar-me-hia gostôso por isso ; mas peço-lhe de não carregar mais a sua consciencia com um crime inutil; porque

os tormentos não me farão ceder, e quanto mais depressa der cabo do meu corpo, melhor será para a minha alma !

Esta aspiração, semelhante a uma musica celeste ouvida no meio d'uma tempestade, suspendeo por um instante o furôr de Legree. Olhou para Thomaz, com ar espantado, e o silencio foi tal, que se ouvio o tic-tac do velho relojo, que contava lentamente os ultimos segundos concedidos á essa endurecida alma para se arrepender.

Esse momento foi bem curto. Depois d'um momento d'hesitação, depois d'uma palpitação mais humana, o espirito do mal apoderou-se d'elle com uma violencia sete vezes maior, e Legree, escumando de raiva, deitou por terra a victima com um murro formidavel. . . . . .

. . . . . .

Scenas de sangue e de crueldade revoltão nossos ouvidos, e nosso coroção. O que o homem tem a coragem de fazer, não ha homem que tenha a coragem de o ouvir ! O que um homem, nosso irmão, o que um christão, nosso irmão, poude soffrer, não poderia ser repetido diante de pessoa alguma sensivel ! E todavia, ó minha patria, essas barbaridades commettem-se á sombra das tuas leis ! O' Christo ! a tua Igreja vê-o, e fica muda !

Mas houve antigamente um homem, cujos soffrimentos transformaram em symbolo de gloria, de honra, e de immortalidade, um instrumento d'ignominia e de supplicio ; e aonde predomina o seu espirito, nem as flagelações, nem o sangue, nem os tormentos podem offuscar a gloria dos ultimos combates do christão.

Estaria elle abandonado esse ser amante e corajoso, em quanto debaixo do velho tilheiro o matavão de pancadas e de ultrajes ?

Não, junto d'elle havia um ser, invisivel a outros olhos que aos seus, que o encorajava !

O tentadôr tambem ahi estava presente, cégo pela sua furiosa e despotica vontade, e dizendo-lhe que evitasse o sup-

plicio, trahindo a innocencia. Mas o bravo e fiél coração ficou sempre firme, appoiando-se na *Rocha Eterna*. Como seu divino prototypo, elle bem sabia que a sua morte era necessaria para salvar a outros.

— Ja está quasi môrto, senhor, diz Sambo, commovido pela paciencia da victima.

— Continua a bater-lhe até que cêda! bate, bate com mais força! vociféra Legree. — Hade dizer o que sabe, ou hade morrer!

Thomaz abrio os olhos, e olhou compassivamente para o seu algôz.

— Infeliz creatura! perdôo-te de todo o meu coração!

E dizendo isto desfaleceo.

— Parece-me que está acabado! diz Legree, approximando-se do corpo de Thomaz. — Sim, está tudo acabado! d'esta vez ja não tornará a abrir a bôca!

Sim, Legree; mas quem fará callar essa bôca na tua alma, incapaz d'arrependimento, incapaz d'esperança, e aonde ja está ateado o fôgo em que ella hade arder para sempre?

Todavia, Thomaz não estava ainda môrto. As notaveis palavras que elle havia pronunciado, e o fervôr das suas préces, tocaram o coração dos embrutecidos pretos, cruéis instrumentos do seu supplicio, e apenas Legree se afastou, procuraram vêr se o podião reanimar, como se fosse um beneficio para elle viver!

— É horrivel o que fizémos! diz Sambo a Quimbo, — espero que não seremos nós os responsaveis!

Lavaram-lhe as feridas, preparam-lhe uma cama com o algodão de refugo que para ahi estava, indo um d'elles mesmo pedir a Legree uma gôta d'agua ardente, dizendo-lhe que êra para reconfortar as suas forças, e vindo deita-la, gôta a gôta, na bôca de Thomaz.

— O' Thomaz, perdôa-nos, que fômos bem horriveis para comtigo!

— Perdôo-lhes de todo o meu coração! murmurou Thomaz fracamente.

— O' Thomaz! dize-nos quem é esse Jesus de quem tu fallavas, e que te inspirava tanta coragem!

Estas palavras reanimaram o seu desfalecido espirito; em poucas phrases, cheias d'energia, disse-lhes a vida e a morte d'esse ser que, sempre presente, posto que invisivel, tem todo o poder de salvar os que a elle recorrem.

Esses homens, ha pouco ainda tão barbaros, choravão ambos enternecidos.

— Porque é que nunca nos fallaram d'isso? exclama Sambo. — O' Senhor Jesus, tem piedade de nós, porque agora queremos ser outros!

— Pobres creaturas! diz Thomaz, — feliz de mim, se a minha morte contribue a salva-los! Ah! Senhor, ouve as minhas ultimas précés! Salva esses infelizes!

As suas préces forão ouvidas.

CAPITULO XL.

O joven senhor.

Dois dias depois, um joven cavalheiro, dirigindo elle mesmo o cavallo d'um ligeiro carrinho, entrava na lameda que ia ter á casa de Legree. Deitando com vivacidade as rédeas sobre o pescôço do cavallo, saltou a terra, perguntando pelo dôno da roça. Era Jorge Shelby, e para explicar a sua apparição em semelhante lugar, precizâmos tornar um pouco atraz.

Por um deploraval acaso, a carta de Miss Ophélia a Mrs Shelby tinha ficado um mez ou dois sem lhe chegar á mão.

Quando Mrs Shelby recebeo essa carta, achava-se tratando de seu marido em perigo de vida, e por conseguinte não poude logo dar os passos necessarios á liberdade de Thomaz. Seu filho Jorge, que era agora um homem, secundava-a no arranjo dos complicados negocios de seu marido. Miss Ophélia tinha tido o cuidado de indicar a morada do advogado de Saint-Clair, a quem Jorge escreveo, para lhe perguntar noticias de Thomaz. A morte de Mr Shelby, que aconteceo poucos dias depois, trouxe comsigo uma tal complicação de negocios, que não foi possivel por então occupar-se d'outra cousa.

Mr Shelby testimunhou a sua confiança na capacidade de sua mulher, deixando-lhe a exclusiva direcção da sua fortuna, o que lhe occasionou um augmento d'occupações.

Mrs Shelby, com a energia que a caracterisava, e ajudada por seu filho Jorge, pôz brevemente em ordem os complicados negocios de seu marido. O letrado aquem elles havião escripto na Nova-Orléans, respondeo que ignorava inteiramente a sorte de Thomaz depois que tinha sido vendido em leilão; e como esta resposta não podia satisfazer seus affectuosos senhores, Jorge resolveo ir elle mesmo informar-se da sorte do seu bom amigo Thomaz, e procurar-lhe a liberdade em qualquer parte que elle estivesse, e custasse o que custasse.

Depois de muitos mezes d'infructuosas indagações, Jorge encontrou por acaso na Nova-Orléans um homem que poude dar-lhe os esclarecimentos que desejava. Munido de avultada somma, o nosso joven heróe embarcou pois no vapôr do Rio Vermelho, decidido a resgatar o seu velho amigo.

Legree recebeo-o com certa hospitalidade grosseira.

— Sube, lhe diz Jorge, que tinha comprado na Nova-Orléans um escravo chamado Thomaz, que antigamente pertenceo a meu pai, e que eu agora desejava recuperar.

O rôsto de Legree anuviou-se, e respondeo com voz irritada :

— Comprei, com effeito, um individuo d'esse nome, e oxalá que o não tivesse comprado! É o miseravel mais insolente que ainda vi! Excitadas por elle, fugiram-me ultimamente duas escravas, que valia cada uma d'ellas mais de mil dollares!

Confessou elle mesmo que as tinha aconselhado a isso; mas obstinou-se, como um perro, a não dizer para onde ellas tinhão fugido, apezar da tremenda sóva que lhe fiz dar!

Deixei-o como um cão que é, e não sei se morreo, ou não!

— Aonde está elle, que quéro vê-lo! grita impetuosamente Jorge, cujo rôsto e olhos inflammados parecião deitar chammas

— Está debaixo do tilheiro, diz um moléque que segurava o cavallo de Jorge.

Legree deo um ponta-pé no rapaz, em quanto Jorge corria ao lugar indicado

Dois dias havião decorrido depois da fatal noite, e Thomaz, cujas fibras estavão todas enfraquecidas, achava-se estendido por terra, quasi sem soffrer, n'um profundo entorpecimento; porque os laços que ligavão a alma a esse vigoroso corpo custavão a romper-se.

Durante as tenebrosas horas da noite, essas pobres creaturas desoladas privavão-se do repouso, que tão necessario lhes era, para virem ás escondidas dar alguma demonstracção d'affecto áquelle que tantas lhes havia prodigado.

Esses pobres discipulos não tinhão que dar, é verdade, senão uma pouca d'agua fria; mas essa dádiva era do coração!

Desgraçados e ignorantes pagãos, cujo tardio arrependimento o amôr e a paciencia da victima havião despertado, deixavão cahir as suas lagrimas sobre esse rôsto insensivel, e ajoelhados ao pé d'elle, elevavão as suas préces ao Senhor, cujo nome ha pouco ignoravão, e que a alma, ávida de consolação, nunca implora de balde.

Cassy tambem, expondo-se a ser descoberta, deixou o seu esconderijo, para vir visitar Thomaz na noite precedente; e impressionada pelas ultimas palavras d'esse homem affectuoso, chorou e orou ferverosamente a seu lado.

Quando Jorge entrou no tilheiro, sentio-se quasi desfalecer.

— É posssivel, Senhor! é possivel! exclama elle, ajoelhando ao pé de Thomaz. Meu pobre, meu velho amigo!

O moribundo reconheceo sem duvida essa voz; porque agitou levemente a cabeça, e com o sorriso nos labios, repetio as palavras do Cantico:

« Jesus pode tornar o leito da morte mais consoladôr que as mais fôfas almofadas. »

Jorge, debruçado sobre o seu pobre amigo, derramava copiosas lagrimas sobre esse placido rôsto.

— Pai Thomaz! desperte! falle-me uma vez sequer ainda! Sou o seu *sinhosinho* Jorge! não me reconhece?

— Sinhosinho Jorge! diz Thomaz, com voz extincta, e abrindo os olhos, como tresvaliado.

Esta idéa esclareceo-se pouco a pouco; o seu vago olhar tornou-se fixo e brilhante; todo o seu rôsto se illuminou d'uma subita alegria, juntou as suas ja quasi geladas mãos, e as lagrimas correram de seus olhos.

— Bemdito seja o Senhor! é elle! é elle! eis o que precisava! não me esqueceram! Isso reanima a minha alma, e reconforta o meu velho coração! Agora ja posso morrer!

Bemdito sejas, Senhor!

— Não morrerá, pai Thomaz, não quéro que morra! Vim para o libertar, e para o conduzir ao centro da nossa familia! diz Jorge impetuosamente.

— Ah! sinhosinho Jorge, veio demasiado tarde! É o Senhor que veio libertar-me, e me leva para a sua morada, que ainda vale mais que a do Kentucky!

— Pobre pai Thomaz ! exclama Jorge, soluçando.

— Não chore a minha sorte, nem me chame *pobre !* Fui pobre, sim, fui desgraçado ; mas agora sou a mais rica, sou a mais feliz das creaturas, pois que vou gozar da felicidade, e da gloria eterna !

Jorge, absôrto pela energia d'estas palavras, contemplava o seu velho amigo em silencio.

Thomaz ajuntou, apertando-lhe a mão :

— Não diga a Chloé em que estado me encontrou... diga-lhe sómente que o Senhor me chamou, e que não podia desobedecer-lhe ! E os meus pobres filhos ! a minha pequenita, sobre tudo !.... diga-lhes que tive sempre o coração retalhado de saudades... e que lá os espero vêr a todos ! Apresente os meus respeitos ao meu senhor, e á minha bôa senhora, e a todos da casa ; porque a todos amo cordialmente....

N'este momento Legree appareceo á entrada do tilheiro, com ar carregado, e affectando indifferença.

— Satanaz infernal ! exclama Jorge indignado, é uma consolação pensar que um dia o diabo te fará pagar as tuas obras !

— Ah ! não diga isso ! não diga isso ! murmurou Thomaz, apertando-lhe a mão ; é uma pobre e miseravel creatura endurecida, de quem peço a Deos tenha compaixão !

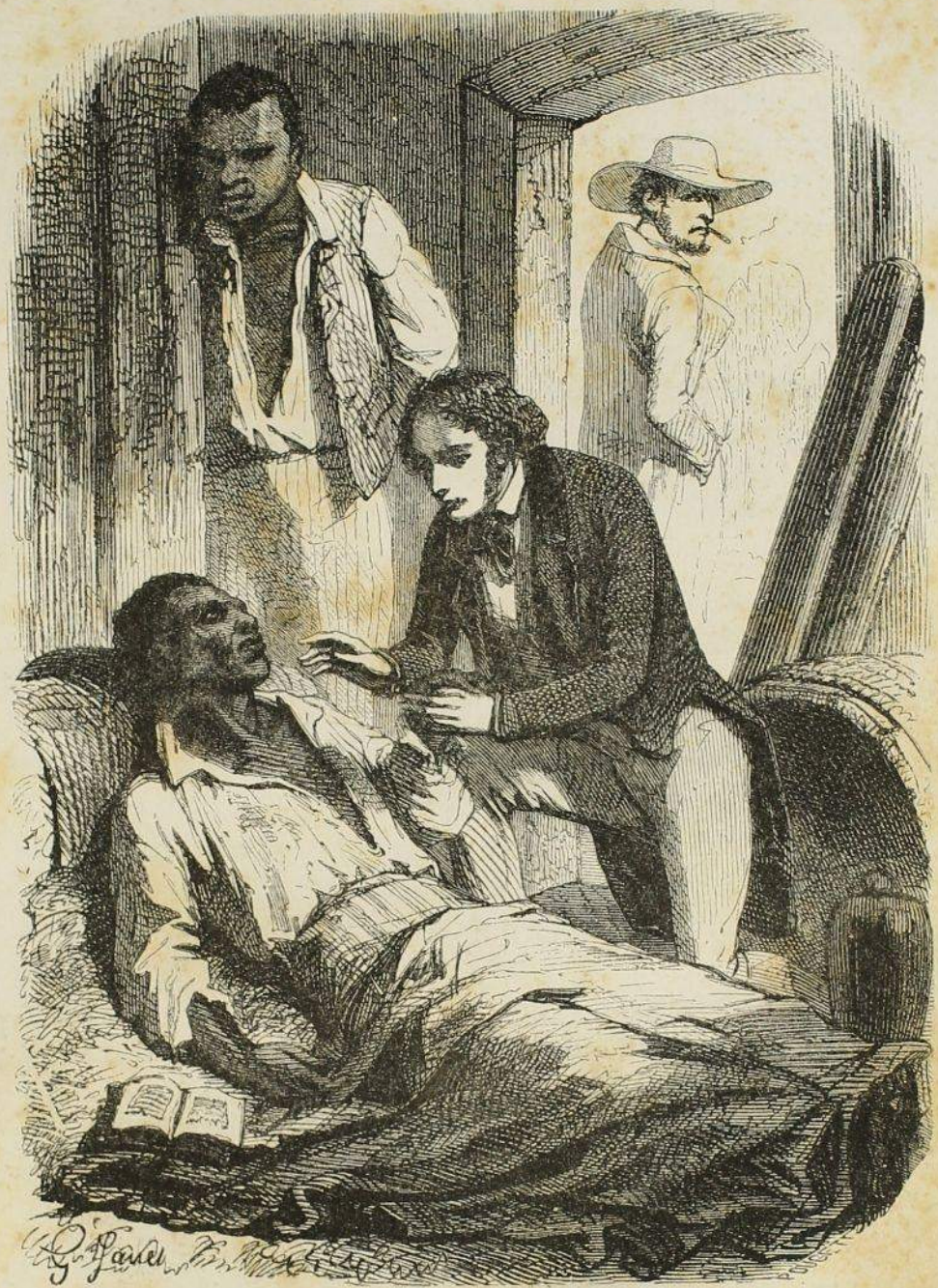
As momentaneas forças, que a alegria de vêr ainda seu joven senhor tinha procurado, desvaneceram-se rápidamente. Uma completa prostração se apoderou d'elle ; os olhos fecharam-se, e o rôsto tomou essa expressão sublime que annuncia a partida para o outro mundo. A respiração tornou-se lenta e difficultosa, seu vasto peito arquejava ; mas a expressão de suas feições era a de um triumphadôr.

— Quem... quem... poderá separar-nos do amôr de Jesus-Christo ? diz Thomaz, com voz apenas intelligivel.

E sorrindo, adormeceo para sempre !

Jorge ficou immovel, penetrado d'um religioso respeito.

Esse abandonado e immundo tilheiro parecia-lhe um sanc-



T. II. p. 282.

E sorrindo, adormeceo para sempre !

tuario, e quando fechou os olhos do môrto, um unico pensamento, o que o seu velho amigo havia exprimido, se apresentou a seu espirito: Que grande cousa é ser Christão! Ao voltar-se apercebeo Legree, que havia presenceado essa scena, com ar sombrio. Esta tocante morte tinha aplacado a juvenil impetuosidade de Jorge; por isso a presença d'esse homem só lhe inspirou agora repugnancia, desejando afastar-se d'elle o mais breve possivel.

Fixando pois o seu limpido olhar sobre Legree, disse-lhe simplesmente, designando o morto:

— Já tirasteis d'elle todo o proveito que esperaveis! quanto quer agora pelos seus despojos mortaes? Quero levar comigo o seu corpo, e enterra-lo decentemente.

— Não vendo pretos mortos! diz Legree grosseiramente; pode enterra-lo como lhe parecer.

— Rapazes, diz Jorge com authoridade a dois ou tres pretos que contemplavão o corpo de Thomaz, ajudem-me a leva-lo até á minha sege, e procurem-me uma enxada.

Um d'elles correo a buscar a enxada, no em tanto que os dois outros ajudavão Jorge a transportar o corpo.

Legree não se oppôz á execução d'essas ordens pelos seus escravos, continuando a assobiar com indifferença.

Jorge embrulhou o corpo no seu capote, e antes de partir disse a Legree, com uma indignação, que lhe custava a conter:

— Ainda lhe não exprimi o meu pensamento sobre esta sua atrocidade, porque não é agora o tempo, nem o lugar para isso; mas espero que justiça será feita, e que responderá pelo sangue innocente que barbaramente derramou! Proclamarei por toda a parte este assassinio, e denuncia-lo-hei ao primeiro magistrado que encontrar.

Legree respondeo, dando uma risada de deprêzo:

— Como é que hade provar esse assassinio? Aonde estão as testimunhas?

Jorge reconheceo a inutilidade da sua ameaça; porque não

havia um só branco na roça de Legree, e que os tribunaes do Sul não admittem o testimunho dos pretos.

— Grande cousa, na verdade, é a morte d'um preto! diz Legree, com desprêzo.

Esta exclamação de desprêzo pôz fôgo á polvora; porque a prudencia nunca tinha sido a virtude dominante do joven Kentuckyano: uma tremenda bofetada deitou Legree quasi por terra. Parecia, ao vêr a colera que inflamava os olhos do joven heróe, o proprio S. Jorge triumphando do dragão!

Ha homens a quem decididamente não deixa de ser salutar uma bofetada; porque a applicação d'esse espicifico cura-os immediatamente da sua arrogancia.

Legree era d'essa espécie; por isso soffreo submisso, elle tão insoffrido e tão orgulhoso para os que não lhe podião resistir, esta correcção do joven cavalheiro, alevantando-se do chão tranquillamente, e sacudindo-se, não abrindo a bôca até que elle desappareceo.

Jorge fez abrir a cova junto d'um outeirinho, coberto d'arbustos, á entrada da roça.

— Quer que lhe tiremos o capote? perguntaram os pretos, quando a cova esteve prompta.

— Não; emterrem-no com elle. É a unica cousa que posso dar-te, meu pobre Thomaz!

Jorge pagou aos pretos o seu funebre serviço, e despedio-os; mas elles, hesitando em partir, disseram-lhe:

— Se o senhor quizesse comprar-nos, servi-lo-hiamos fielmente; porque é tão custoso viver aqui! Ah! senhor, compre-nos!

— Não me é possivel! diz Jorge, custando-lhe a desembaraçar-se d'elles.

E essas pobres creaturas tornaram, tristes e silenciosas, para o seu purgatorio.

— Tomo-te por testimunha, ó Deos eterno! diz Jorge, ajoelhando sobre a sepultura do seu pobre amigo, — tomo-te por testimunha, que desde agora farei tudo que estiver em

meu poder para livrar a minha patria do flagello da escravidão!

Não ha lousa, nem tumulo que signale o lugar aonde repousa o nosso amigo; mas elle não preciza d'isso! O seu Salvador sabe perfeitamente aonde o seu corpo descança, quando vier o dia de o revestir da eterna gloria!

Não o choreis; porque nem uma tal vida, nem uma tal morte são para lamentar-se. A sua gloria não lhe vem das riquêzas, nem do poder; mas do seu amôr, e da sua resignação.

Felizes os que com elle se assemalharem, porque é para esses que está escripto: « Felizes os que chorão, porque elles serão consolados! »

CAPITULO XLI.

Historia authentica d'um phantasma.

As historias de phantasmas e de almas do outro mundo circulão agora mais que do custume entre os escravos de Legree por alguma razão particular. Dizião-se uns aos outros devagarinho, que se ouvião pelo meio da noite passos e vozes na agua furtada!

Debalde se fechavão á chave todas as portas, o phantasma, prevalecendo-se dos privilégios de que em todos os tempos os phantasmas têem gozado de passar pelos buracos das fechaduras, passeava livremente por toda a parte durante a noite, d'um modo atterradôr!

Graças ao habito que têm os pretos, e mesmo alguns brancos, de fecharem os olhos, e de cobrirem a cabeça, quando

ouvem alguma cousa que os atterrôriza, o phantasma adquiria todos os dias proporções mais gigantescas.

A historia d'estas apparições tinha chegado aos ouvidos de Legree, e o mystério mesmo que d'isso se fazia tinha augmentado a sua apprehenção. Bebia mais agua-ardente que de costume, parecia impávido, e blasfemava mais do que nunca. Todavia, os seus sônhos erão terriveis, e cada dia o seu máo génio se tornava por isso peior. No dia em que morreo Thomaz, foi á cidade visinha, depois da partida de Jorge, para se distrahir, e veio de lá tarde, cançado e extenuado de deboche, indo-se logo deitar, depois de haver bem fechado todas as portas.

Que insensato é aquelle que fecha as portas para se resguardar dos espiritos, quando traz comsigo um que elle não ousa encarar; um espirito, cuja voz não pode ser abafada mesmo pelo conflicto das paixões terrestres, e que se faz ouvir, como o fará a trombeta do ultimo Juizo!

Legree, depois de fechar por dentro a porta do seu quarto, encostou-lhe uma cadeira, pôz um candieiro accêso á sua cabeceira, bem como um par de pistolas carregadas; examinou os fechos das janellas, dizendo, antes de se metter na cama:

— Que venha agora o diabo, com todos os seus sequazes, a vêr se mette mêdo!

Dormio, porque estava cançado... dormio profundamente; mas um pezadêlo parecia suffoca-lo: manifestava um sentimento de horrôr, de apprehensão, por um objecto terrivel que suspendião sobre a sua cabeça! Era a mortalha de sua mãi, que Cassy tinha nas mãos, e lhe mostrava! Ouvia um confuso ruido de vozes e de gemidos, e fazia esforços por acordar, e levantar-se. Por fim despertou, todo coberto de suores frios, e assim mesmo despertado, vio a porta do seu quarto abrir-se pouco a pouco, a entrar alguem, que elle não poude distinguir, e que, chegando-se ao leito, apagou a luz!

Legree não podia fazer um movimento, nem proferir uma palavra! A' escassa luz da lua que entrava pelos vidros da janella, vio... uma cousa branca approximar-se do seu leito, e depois de ficar um instante a olhar para elle, com olhos como brazas escandecentes, pôr-lhe sobre a testa uma mão de marmore, dizendo-lhe por tres vezes, com voz mysteriosa e sepulchral: « Vem! vem! vem! » desapparecendo depois como havia entrado!

Legree, quando poude recobrar o uso das suas faculdades, correo á porta, para vêr se ella se tinha aberto; mas achou a cadeira encostada a ella, e tudo no mesmo estado em que o tinha deixado antes de se deitar! Cahio então sem sentidos.

Legree deo-se á bebida com excesso, a vêr se desterrava essas visões, e em breve correo a noticia de que se achava perigosamente doente. Os excessos havião desenvolvido n'elle essa terrivel doença que parece projectar sobre a vida presente as sombras da retribuição futura. Ninguem podia supportar o horrivel espectaculo do quarto aonde elle jazia enfêrmo e abandonado: os seus gritos, as suas blasfêmias, os seus sustos das terriveis apparições, enchião a todos de pavôr! Pouco antes de morrer, gritava ainda que afastassem o branco, inexoravel e sevéro phantasma, que repetia a seus ouvidos: « Vem! vem! vem! »

Por uma singular coincidencia, na mesma noite em que Legree teve essa visão, achou-se pela manhã o portão da casa aberto, e alguns pretos affirmaram ter visto dois phantasmas brancos descer pela lameda, dirigindo-se á estrada.

Era quasi manhã quando Cassy e Emelina pararam ao pé d'um grupo d'arvores, ja não mui longe da cidade. Cassy estava inteiramente vestida de preto, á moda das creoilas hespanholas; um chapéo, coberto d'um espesso véo, lhe occultava o rôsto. Tinhão convencionado que, durante a sua fuga, Cassy se faria passar por uma senhora hespanhola, e Emelina por sua criada.

Bem educada, e havendo vivido, desde a sua infancia, na mais alta sociedade, Cassy, pela sua linguagem, pelas suas maneiras, e por toda ella, achava-se em harmonia com o papel que pretendia representar.

Parou, á entrada da cidade, n'uma loja de correiro, aonde comprou uma rica malla de viagem, que fez trazer comsigo; e assim acompanhada pelo homem que trazia a malla á cabeça, e por Emelina, que trazia differentes trouxas, dirigiose a uma hospedaria, como uma viajante de distincção.

A primeira pessoa que encontrou, depois da sua chegada, foi Jorge Shelby, que ella tinha apercebido da sua trapeira na agua-furtada de Legree, quando elle tinha ido enterrar Thomaz, e com quem por isso sympathisou.

O ar, e as maneiras distinctas de Cassy, o dinheiro que ella parecia ter em abundancia, não permittião ás pessoas da hospedaria conceber a mais leve suspeita a seu respeito. Os donos das hospedarias, em toda a parte, a que olhão é á despeza, e á opulencia dos viajantes; Cassy bem o sabia, quando fez ampla provisão de dinheiro.

Ao anoitecer, vieram annunciar a partida do vapôr, e Jorge Shelby, com a polidez natural a todo o Kentuckyano, ajudou Cassy a ir para bordo, procurando-lhe igualmente um commodo camarote.

Sob pretexto de doença, Cassy não sahio do seu camarote durante todo o tempo da viagem sobre o Rio Vermelho, guardando sempre ao pé de si a sua joven e fiel criada.

Quando chegaram ao Mississipi, Jorge, sabendo que a senhora estrangeira tencionava continuar a sua viagem pelo rio acima, e em attenção á sua delicada saude, offereceo-se para lhe tomar os lugares no outro vapôr, aonde elle mesmo ia tomar o seu.

Eis pois toda a companhia, sã e salva, a bordo do excellente vapôr o *Cincinnati*, remontando o rio.

A saude de Cassy era melhor; ja ficava sobre a coberta com os outros passageiros, ja comia á mesa commum, e ha-

via mesmo quem admirasse a sua extraordinaria belleza *d'outr'ora!*

A primeira vez que Jorge a vio pareceo-lhe reconhecer n'ella umas feições que não lhe erão estranhas, e não cessava de a contemplar, ao ponto que tão persistente attenção tornou-se incommoda, e mesmo suspeita a Cassy, que suppoz Jorge instruido da sua historia. Resolveo pois não lhe occultar nada, e confiar-se inteiramente á nobreza do seu caracter.

Jorge estava preparado a sympathisar cordialmente com qualquer pessoa que houvesse escapado ás garras de Legree. Com o corajôso desprêzo das consequencias, que caracterisa a sua idade, e a sua patria, assegurou a Cassy que a protegeria, bem como a sua interessante companheira, de todas as suas forças e de todos os meios á sua disposição.

O camarote visinho ao de Cassy era occupado por uma senhora franceza, Mme de Thoux, e por sua filha, uma bella menina de doze annos.

Esta senhora, tendo ouvido dizer que Jorge era natural do Kentucky, pareceo desejosa de fazer o seu conhecimento, e as graças da menina serviram de intermediario á desejada alliança.

Jorge vinha frequentes vezes assentar-se á porta do quarto de Mme de Thoux, e Cassy, do seu camarote, podia ouvir a sua conversa.

Mme de Thoux fazia a Jorge as mais minuciosas questões sobre o Kentucky, que ella dizia haver antigamente habitado. Conhecerá por ventura nas suas visinhanças um sujeito chamado Harris? lhe pergunta ella.

— Ha um individuo d'esse nome, homem ja de idade, que mora não mui distante da casa de meus páis; mas com quem nunca tivemos grandes relações.

— É um grande propriétario d'escravos, creio eu? diz Mme de Thoux, n'um tom que denotava mais interesse do que ella queria mostrar.

— Sim, senhora ! responde Jorge, surpreso.

— Ouviria dizer... talvez possa dizer-me se elle possue ainda um mulato chamado Jorge ?

— Ja não o possue, porque lhe escapou, fugindo para o Canadá ; mas conheci perfeitamente Jorge Harris, pois que elle casou com uma criada de minha mãi.

— Escapou ! exclama Mme de Thoux. — Ah ! graças te sejão dadas, Senhor !

Jorge, cada vez mais surpreso, olhava para ella curiosamente. Mme de Thoux cobrio o rôsto com as mãos, e rebentou em chôro.

— É meu irmão ! diz ella.

— Como, senhora ! diz Jorge, admirado.

— Sim, diz Mme de Thoux, relevando nobremente a cabeça, e enxugando as lagrimas ; — sim, senhor, Jorge Harris é meu irmão !

— É possivel ! diz Jorge, recuando a cadeira em que estava assentado, para vêr melhor Mme de Thoux.

— Elle era ainda uma criança, quando me venderam para o Sul. Fui comprada por um homem bom e generôso, que me levou para as Indias Occidentaes, aonde me libertou, e me desposou. Morreo ha um anno, e agora que me achava livre inteiramente, tornava ao Kentucky, com o fim de resgatar meu irmão.

— Agora me recordo perfeitamente de lhe ouvir fallar d'uma irmã Emilia, que havia sido vendida para o Sul ! diz Jorge.

— Com que qualidade de mulher casou elle ? pergunta Mme de Thoux.

— Com uma rapariga encantadôra, amavel, religiosa, um verdadeiro thesouro ! Foi minha mãi que a educou com tanto disvélo como se fôra sua propria filha.

— Foi em sua casa que ella nasceo ?

— Não ; meu pai comprou-a em uma das suas viajens á Nova-Orléans, para a dar a minha mãi, teria ella então oito,

ou nove annos, pouco mais ou menos. Meu pai nunca quiz dizer quanto lhe tinha custado, mas ultimamente, examinando alguns dos seus papeis velhos, encontrei o contracto d'essa venda, pelo qual vi que meu pai tinha dado por ella um preço exorbitante, por causa da sua extraordinaria belleza.

Jorge virava as costas a Cassy, e não vio com que profunda attenção ella escutava estes detalhes ; porem quando acabou de fallar, sentio batarem-lhe no braço, e vio Cassy, pálida e trémula d'emoção, que lhe perguntava :

— Sabe a quem seu pai a comprou ?..,

— Um homem, chamado *Simmons*, era, creio eu, o principal interessado n'este negocio ; ao menos o seu nome figura no contracto.

— Ó' meu Deos ! exclamou Cassy, cahindo sem sentidos no chão.

Admirados d'este incidente, cuja causa ignoravão, Jorge e Mme do Thoux prodigaram a Cassy todos os cuidados que o seu estado exigia. Jorge, no ardôr de seu zêlo, quebrou copos e garrafas, e todas as outras senhoras que se achavão na sala, ouvindo dizer que uma das viajantes tinha tido um desmaio, correram ao quarto, interceptando o ar, e causando mais embaraço do que alivio á doente, como quasi sempre acontece.

Quando a pobre Cassy recobrou os sentidos, virou-se para a parede, chorando e soluçando como uma criança.

Talvez hajão mãis que a comprehendão ! O seu coração trasbordava de jubilo com a idéa de vêr em breve sua filha, como com effeito vio algum mezes depois, quando....

Mas não antecipêmos !

CAPITULO XLII.

Resultados.

A nossa historia está quasi terminada. Jorge Shelby, vivamente commovido por este romantico incidente, não menos que por seus naturaes sentimentos d'humanidade, teve o cuidado de remetter logo a Cassy o acto de venda de Eliza. A data e os nomes concordavão perfeitamente com os factos que lhe erão conhecidos, e não deixaram duvida alguma sobre a identidade de Eliza como sua filha. O que se precisava agora era saber o caminho que os fugitivos havião levado.

Mme de Thoux e Cassy, unidas pela singular semelhança de seus destinos, dirigiram-se ao Canadá, e começaram a visitar ahi as differentes localidades que são ordinariamente o asylo dos escravos fugitivos. Em *Amherstberg* encontraram o missionario em casa de quem Jorge e Eliza havião sido hospedados á sua chegada ao Canadá, o qual as informou que a familia por quem procuravão tinha partido para Montréal.

Havia ja cinco annos que Jorge e Eliza erão livres.

Jorge constantemente empregado na officina d'um respeitavel machinista, ganhava sufficientemente com que prover ás necessidades da sua familia, que havia augmentado d'uma filhinha.

Henriquesinho, agora um bello môço, frequentava as aulas d'um collegio nas visinhanças, e fazia rapidos progressos nos seus estudos.

Depois de ouvir, com o mais vivo interesse, a narração de

Mme de Thoux e de Cassy, o digno Pastôr d'*Amherstberg* consentio em acompanha-las a Montréal á procura de Jorge.

Approximemo-nos agora, em companhia d'estas diversas personagens, d'uma modesta casinha nos arrebaldes de Montréal.

Era sol posto, e um alegre fôgo brilha na cheminé; a mesa, coberta d'uma branca toalha, está preparada para a cêia.

N'um canto do quarto vê-se uma outra mesa, coberta d'um tapete verde, sobre a qual se achão differentes cadernos, tinteiro, e por cima d'essa mesa uma estantesinha cheia de livros escolhidos. É o lugar aonde Jorge consagra á cultura da sua intelligencia os momentos de descanço de que pode dispôr.

N'esse momento justamente acha-se elle assentado á sua banca, fazendo um extracto da *Bibliotheca de familia.*

— Vamos, Jorge, deixa agora os teus livros, que ja bastante tens trabalhado todo o dia; e vamos tomar o nosso chá!

A pequenina Elizasinha vem arrancar-lhe o livro da mão, e assentar-se sobre seus joelhos.

— Ah! és tu, meu anjo? diz Jorge, deixando o seu trabalho.

— Bem! minha filha! obtiveste o que eu não pude obter! diz Eliza rindo graciosamente, ao mesmo tempo que fazia as fatias para o chá.

É sempre a mesma interessante Eliza d'outr'ora, sómente um pouco mais idosa, e mais forte; mas infinitamente mais feliz, e mais contente.

— Então, Henrique, como vai a tua arethimetica? diz Jorge, pondo a mão sobre a cabeça de seu filho.

Henrique tinha perdido os seus longos e annelados cabellos; mas conservava sempre os seus bellos e intelligentes olhos, que se animaram, respondendo a seu pai:

— Não vai mal, meu pai, e o professôr está contente de mim.

— Bem, meu filho, adquire a instrucção que teu pai não poude ter !

N'esse momento ouvio-se tocar á porta, e Eliza foi vêr quem era. Ao ouvir a alegre exclamação : « Ah ! sois vós ? » seu marido correo tambem á porta, e recebeo affectuosamente o bom Pastôr d'*Amherstberg*, bem como as duas senhoras que o acompanhavão.

O honrado Pastôr tinha preparado durante o caminho um pequeno programma para o desenrêdo d'esta interessante peça, e as duas senhoras tinhão promettido de se conformar a elle inteiramente.

O excellente homem, convidando as suas duas companheiras de viagem a assentar-se, tirou o lenço da algibeira, assôou-se, limpou a bôca, e ia começar o exordio do seu discurso, quando Mme de Thoux, não podendo conter-se, se lançou ao pescôço de Jorge, exclamando:

— Ah ! Jorge ! pois não me conheces? não conheces tua irmã ?

Cassy, sabendo melhor dominar-se, tinha-se assentado, e teria sem duvida executado fielmente o seu papel, sem a Elizasinha, que se apresentou diante d'ella, semelhante inteiramente á sua filha, quando a vio pela ultima vez. A pequenita olhava para ella com olhos espantados, quando Cassy, tomando-a nos braços, e apertando-a contra o peito, exclamou :

— Minha filha querida ! sou a tua mãi !

O bom Pastôr obteve com difficuldade um momento de silencio, e pronunciou o discurso que tinha preparado para a sua abertura da sessão. A sua eloquencia produzio effeito, porque passado um momento todo o auditorio chorava e soluçava, de modo a satisfazer o amôr proprio de qualquer oradôr antigo, ou moderno.

Ajoelharam todos, e o excellente homem entôou o hymno d'acções de graça; porque ha emoções tão profundas, e tão tumultuosas, que a alma só pode tranquillizar-se,

trasbordando-as no sêio de Deos, que é a fonte de todo o amôr!

Quando se alevantaram, os membros d'esta familia, por tanto tempo dispersos, recomeçaram a abraçar-se, e a dirigir novas jaculatorias áquelle que, depois de tantos perigos, e por tão estranhas vias, os tinha assim reunido.

Dentro em pouco tempo Cassy mudou inteiramente.

A vaga expressão do desespêro foi substituida por uma doce confiança; todos os sentimentos, todas as affeições de familia, reverdeceram em seu coração. Amava a netinha de preferencia a sua filha, porque via n'ella a imagem perfeita do objecto por tanto tempo chorado, tal qual era quando lh'o roubaram. Este anjinho foi um laço de flôres que unio a mãi á filha. Cassy, gozando d'uma atmosphera toda de paz, e de contentamento, e pela influencia de sua dôce e piedosa filha, tornou-se uma verdadeira christã, bem como a mais terna das mãis.

Mme de Toux fez conhecer a Jorge a prospera posição em que se achava pela morte de seu marido, querendo repartir com elle, e a sua familia a immensa fortuna de que podia dispôr.

— Da-me unicamente os meios de me instruir, Emilia, como sempre desejei, que nada mais precizo, respondeo Jorge.

Depois de madura deliberação, convieram que a familia toda viria passar alguns annos em França, para aonde partiram immediatamente, trazendo em sua companhia Emelina.

Jorge seguio durante quatro annos os cursos d'um collegio, e adquirio, graças ao ardôr do seu trabalho, solidos conhecimentos.

As continuas mudanças politicas da França determinaram a familia a vir de novo procurar asylo n'este paiz.

Os sentimentos e as vistas de Jorge, depois de acabada a sua tardia educação, far-se-hão melhor conhecer na seguinte carta que elle recentemente dirigio a um dos seus amigos:

« Não sei ainda o que farei para o futuro. É verdade que, em consequencia da minha côr branca, e da de toda a minha familia, poderia, como me diz, estabelecer-me aqui, sem ninguem conhecer a minha origem; mas, para lhe dizer a verdade, não é esse o meu desêjo.

« As minhas sympathias não são em favôr da raça de meu pai, mas sim da de minha mãi. O que fui eu aos olhos de meu pai? — O que seria um bonito cãosinho, ou um cavallinho! No em tanto que para minha mãi, fui um filho, e como *um filho*, por ella tratado e considerado; e posto que a não visse desde o momento em que cruelmente nos venderam, cada um para seu lado, estou certo que nunca deixou de amar-me. Quando penso em tudo o que soffri; quando penso na acerba dôr de minha pobre mãi, no momento em que a venderam no mercado da Nova-Orléans, e a separaram de seus filhos, não é de admirar que diga, posto que sem rancôr, que não tenho nenhum desêjo de me fazer passar por Americano.

« É com a raça opprimida e algemada do Africano que meu coração sympathisa, e por vezes sinto que a minha côr seja tão branca!

« Suspiro do fundo do coração por uma nacionalidade Africana; desejava vêr uma nação de pretos existir forte e independentemente, para a adoptar por minha; mas aonde poderei encontra-la? Não é por certo em Haïti, nação sem força e sem moral, macaqueando os vicios e os decrépitos costumes d'outras nações, em lugar de imitarem as virtudes d'algumas!

« Sobre a costa d'Africa, vêjo uma Republica, formada de homens escolhidos, que, por sua energia e por sua intelligencia, se têem ja, em muitos casos, elevado acima do nivel da escravidão. Depois de algum tempo de fraquêza, e dos tempos criticos de todos os comêços, essa Republica tem-se tornado uma nação distincta, e ja é reconhecida pela França, e pela Inglaterra. É para lá que eu desêjo ir, é da Republica de Liberia que pretendo fazer a minha nação.

« Bem sei que vou achar todos contra mim; mas escutem-

me antes de me attacar. Durante a minha estada em França, segui, com o mais vivo interesse, a historia da minha raça na América. Segui, em todos os seus detalhes, a lucta entre os abolicionistas e os colonisacionistas; e, de longe, pude julgar melhor as razões, e a justiça de cada partido.

« Concedo que essa Republica de Libéria tenha servido de capa para tudo, e que os nossos oppressôres mesmo d'ella se aproveitem. Têem pretendido fazer da Republica de Libéria um obstaculo á nossa emancipação; mas para mim a questão é esta: Não ha por ventura um Deos que domina todos os planos dos homens? Não seria possivel mesmo que elle se servisse dos seus designios contra nós para fundar por elles uma nação para nós? Basta um dia para que uma nação se alevante independente! Eis uma que entra na carreira, abraçando todos os problemas da vida republicana, e da civilisação; não preciza fazer descobertas, basta-lhe applicar as que se achão feitas.

« Unâmos pois as nossas forças, e vejâmos o que se pode fazer d'esse vasto continente Africano, que agora nos abre os braços, chamando-nos a nós, e a nossos filhos.

« As vagas da civilisação hão de vir a fecundar as suas margens, e essa raça organizará poderosas republicas, que crescerão como a vegetação dos tropicos, e durarão nas idades futuras.

« Direis talvez que abandôno os meus irmãos escravos; mas enganai-vos! Que Deos de mim se esquéça, se eu me esquéço, ou esquécer d'elles um só momento! Porem que posso eu fazer aqui em seu favor? Poderei eu por mim só quebrar os seus ferros? Mas deixe-me unir a uma nação, que em breve terá voto no conselho das nações, e talvez então possa servir-lhes d'alguma cousa! Uma nação pode, melhor que um individuo, discutir, censurar, implorar, ou defender a causa da sua raça.

« Se a Europa vier a ser um dia uma confederação de nações livres, — como espero em Deos que acontecerá; — se

um dia a escravidão, e todas as injustas e oppressivas desigualdades sociaes desapparecerem; se todas as outras nações, imitando a França e a Inglaterra, reconhecerem a nossa independancia, — appellaremos então para o grande congresso dos póvos, e ahi advogaremos a causa da nossa raça injustamente opprimida. Alem de que, é impossivel que a América, livre e esclarecida, não queira em breve tirar do seu escudo a vergonhosa nodôa que a deshonra á face das nações, e que é uma prága tanto para ella, como para os seus escravos.

« A nossa raça, me direis vós, tem o mesmo direito de se confundir na Republica Américana que o Irlandez, o Allemão, o Suisso, ou outro qualquer. Sem duvida, que *deveriamos* ser livres de nos confundir, e fazer parte da nação, segundo o nosso valôr individual, sem se olhar á casta, ou á côr; e aquelles que nos negão esses direitos, trahem os seus proprios principios sobre a igualdade humana. Por certo que era aqui particularmente que nos devião deixar gozar da nossa liberdade; não nos assiste para isso só o direito commum, assiste-nos o direito d'uma raça opprimida a quem se deve alguma reparação. Mas eu não quéro nada d'isso; quéro ter um paiz, uma nação inteiramente minha. Julgo que a raça Africana é dotada de qualidades, que a luz do christianismo e da civilisisação deve desenvolver, e que, differentes das da raça Anglo-Saxonia, podem talvez ser-lhe moralmente superiores.

« Os destinos do mundo forão confiados ás mãos da raça Anglo-Saxonia durante um periodo de luctas, e de esforços.

« A sua inflexivel energia e o seu vigôr erão bem adaptadas a essa missão; mas, como christão, espero o predominio d'uma outra era; e as convulsões actuaes dos póvos são a meus olhos como as dôres do parto, annunciando o proximo nascimento da paz, e da fraternidade universaes.

« Tenho esperança que o desenvolvimento, ou progresso da civilisação na Africa, será essencialmente christão; porque se a raça Africana não é dominadôra, é ao menos magnanima, affectuosa, e sabe perdoar. Arrancados dos fogos da

oppressão, é-lhes necessario ligar mais estreitamente seus corações a essa sublime doutrina de amôr e de perdão, que fará a sua força, e que espalharão por todo o continente Africano.

« Quanto a mim, confesso a minha fraquêza a esse respeito : o sangue que corre em minhas veias é por mais de metade sangue quente e vivo do Saxonio ; mas tenho constantemente a meu lado, na pessoa de minha encantadôra mulher, um eloquente prégadôr do Evangelho. Se me afasto um pouco, a sua doçura traz-me logo ao caminho direito, fazendo-me lembrar a vocação christã, e a missão da nossa raça. Patriota christão, instituidôr do christianismo, eis em que qualidade eu me quéro apresentar na minha patria, na patria da minha adopção, na esplendida Africa! É a ella que em meu coração se applicão muitas vezes essas bellas palavras da prophecia :

« É por isso, porque fostes abandonado e vilipendiado, ao ponto que ninguem entrava as tuas portas, que te exaltarei para sempre, e numerosas gerações serão de ti vaidosas. »

« Vai sem duvida tratar-me d'enthusiasta, e dizer-me que não faço bem attenção ao que emprehendo ; mas asseguro-lhe que tenho calculado bem tudo, e que não obro sem reflexão. Não vou para Libéria como para um chimérico Elysêo ; mas como para um campo de trabalho.

« Qualquer que seja a sua opinião a respeito dos meus projectos, não me retire a sua confiança, e acredite que o meu coração ficará sempre fiel á minha patria, e aos meus amigos.

« JORGE HARRIS. »

Algumas semanas depois de haver escripto esta carta, Jorge, sua mulher, seus filhos, sua irmã, e sua mãi, partiram para a Africa ; e, senão nos enganâmos, ainda se ouvirá fallar d'elle um dia!

Das outras personnagens da nossa historia, não temos nada de bem particular a dizer, senão uma palavra a respeito de

Miss Ophélia e de Topsy, e um capitulo de adeos, consagrado a Jorge Shelby.

Miss Ophélia, com grande surprêza d'essa grande associação deliberante, que na Nova-Inglaterra se chama *a familia*, levou com sigo Topsy, quando foi para o Vermont. *A familia* ao principio não vio de bom grado essa inutil addição a seu estabelecimento domestico, tão bem regulado; mas Miss Ophélia tinha obtido taes successos na educação de Topsy, que em breve familia e vísinhos forão d'ella amigos enthusiastas.

A sua devoção sincera, a sua actividade e intelligencia fizeram com que fosse mais tarde escolhida para superior d'uma communidade religiosa de missionarias enviada ás costas d'Africa, aonde prestou os importantes serviços que d'ella se esperava.

CAPITULO XLIII.

O liberrtadôr.

Jorge Shelby tinha escripto a sua mãi, annunciando-lhe o dia da sua chegada. Não tinha tido a coragem de lhe fallar da morte do seu velho amigo, reservando para mais tarde essa triste noticia.

No dia annunciando, tudo estava em rumôr em casa de Mrs Shelby, á espéra do joven senhor.

Mrs Shelby havia feito pôr a mesa para a cêia na sala principal, ricamente adornada, e Chloé havia-se esmerado para este banquete, com que se queria festejar a chegada de Jorge e de Thomaz.

Chloé, com um vestido de chita novo, um avental branco bem engomado, um turbante bem alto, e bem variegado, com o seu negro e lustroso rôsto, resplandecendo de sa-

tisfação, multiplicava ao infinito os seus minuciosos cuidados, com o pretexto unicamente de poder fallar mais tempo com sua senhora.

— Agora está tudo como elle gosta, não é verdade, minha senhora? A que horas diz elle que chegará?

— Não sei; porque me escreveo só duas linhas, dizendo-me que chegaria esta noite, se fosse possivel.

— E não lhe disse nada do meu pobre homem? replicou Chloé.

— Não me falla absolutamente de nada; diz só que nos contará as particularidades da sua viagem, quando chegar.

— Ahi está como elle é! sinhósinho Jorge quer sempre fazer surprêsas!

No mesmo momento o rodar d'uma sege se fez ouvir.

— É sinhosinho Jorge! exclama mãi Chloé, correndo á janella.

Mrs Shelby foi até ao portão, para receber mais depressa em seus braços o filho querido. Mãi Chloé, que a tinha acompanhado, esperava impaciente que outra pessoa descesse tambem da sege.

— Pobre mãi Chloé!... diz Jorge, parando com emoção, e tomando entre as suas a preta e grosseira mão de Chloé, teria dado tudo o que possuo para o trazer comigo; mas, infelizmente, ja tinha partido para um melhor mundo!...

Mrs Shelby deo um grito d'afflicção; mas Chloé não disse nada. Entraram todos na sala aonde estava preparado o banquete, de que agora bem pouco dispostos estavão a gozar! Chloé ia partir para a sua cabana, quando Mrs Shelby a reteve, pegando-lhe na mão, e fazendo-a assentar ao pé de si.

— Minha pobre Chloé! lhe diz ella.

Chloé appôiou a cabeça ao hombro de sua senhora, e rebentou a chôrar e a soluçar.

— Ah! senhora perdôe-me, mas tenho o coração partido!...

— Bem o sei, diz Mrs Shelby, cujas lagrimas corrião tambem em abundancia; — bem o sei, e não sou eu que poderei consola-lo; mas pode-o Jesus-Christo, o Consoladôr de todas as afflicções...

Seguio-se um momento de silencio, em que só se ouviram chôros e soluços. Emfim, Jorge, assentando-se tambem ao pé da pobre afflicta creatura, pegou-lhe na mão, e contou-lhe, com a mais tocante simplicidade, a triumphante morte de seu marido, repetindo-lhe as suas mensagens de amôr.

Um mez depois d'esta scena, todos os escravos da casa Shelby se achavão reunidos uma manhã no grande vestibulo para ouvir uma importante communicação que seu joven senhor tinha a fazer-lhes.

Em breve Jorge appareceo no meio d'elles, com um rôlo de papel na mão, começando a distribuir a cada um a sua carta d'alforria, depois de lh'a ler em alta vez, no meio das lagrimas, dos gemidos, e das acclamações de todos.

Muitos d'elles não querião acceitar essas cartas d'alforria, pedindo-lhe com as mãos postas que os conservasse.

— Meus amigos, diz Jorge, quando poude obter um momento de silencio, — nenhum de vós me deixará, se quizer. Precizo para a cultura da minha plantação os mesmos trabalhadores que antes; mas sómente, como desde agora sois homens e mulheres livres, pagar-vos-hei o vosso trabalho por aquillo que convencionarmos. A vantagem principal que pretendo procurar-vos é de não poderdes ser vendidos, no caso que eu venha a morrer, ou a quebrar no meu negocio.

Quero continuar a fazer valer as minhas propriedades, e mostrar-vos, com o exemplo, o que sem isso talvez vos fosse difficultoso aprender, isto é, a fazer um bom uzo dos direitos que vos dou, tornando-vos homens livres.

Espero que vos conduzireis sempre bem, e que sabereis aproveitar as minhas lições; porque eu nunca deixarei de pedir a Deos de me conservar fiél aos meus devêres, e exacto a ensi-

nar-vos os vossos. E agora, meus amigos, agradacei a Deos o beneficio da liberdade!

Um velho patriarcha preto, cuja carapinha se tinha tornado branca ao serviço da casa Shelby, e que era cégo, levantou então ao Céo as suas trémulas mãos, dizendo: Dêmos todos graças ao Senhor!

Todos se ajoelharam espontaneamente. Nunca *Te Deum*, acompanhado da melhor orquesta, subio ao Ceo mais ferverosa e alegremente que a oração d'esses corações simples e honrados.

Quando se alevantaram um d'elles entôou o hymno methodista, cujo estrebilho era:

Eis o anno do Jubilêo
Que liberdade nos deo!

— Tenho ainda a dizer-vos uma palavra, ajunta Jorge, impondo silencio aos agradecimentos que de toda a parte lhe dirigião; — vós todos vos lembrais, sem duvida, ainda do bom velho Pai Thomaz?

Jorge fez-lhe então em poucas palavras a narração da sua morte, bem como da sua terna despedida aos seus antigos companheiros, ajuntando depois:

— Foi sobre a sua sepultura, meus amigos, que eu tomei diante de Deos a resolução de não possuir mais um só escravo, afim de não fazer correr a pessoa alguma o risco de se vêr separado da sua familia e dos seus amigos, e de morrer como elle! Assim pois, cada vez que vos alegrardes da vossa liberdade, lembrai-vos que é a elle que a deveis, e provai-lhe o vosso reconhecimento pela vossa affeição para com sua mulher e seus filhos.

Pensai na vossa liberdade, cada vez que virdes a *Cabana do Pai Thomaz*, e fazei por imita-lo nas suas virtudes!

FIM.

TABOA DE MATÉRIAS.

CAPITULO XVIII.
Experiencias, e opiniões de Miss Ophélia. 1

CAPITULO XIX.
Topsy. 49

CAPITULO XX.
Kentucky. 71

CAPITULO XXI.
A herva desséca-se, a flôr murcha-se. 77

CAPITULO XXII.
Henrique. 87

CAPITULO XXIII.
Presagios. 97

CAPITULO XXIV.
A joven Evangelista. 405

CAPITULO XXV.
A morte. 112

CAPITULO XXVI. 129

CAPITULO XXVII.
Reunião. 139

CAPITULO XXVIII.
Os abandonados. 158

CAPITULO XXIX.
O armazem d'escravos. 168

CAPITULO XXX.
A viagem. 182

CAPITULO XXXI.
Tristes lugares. 190

CAPITULO XXXII.
Cassy. 201

CAPITULO XXXIII.
Historia de Cassy. 211

CAPITULO XXXIV.
As recordações. 223

CAPITULO XXXV.
Emelina e Cassy. 231

CAPITULO XXXVI.
Liberdade. 240

CAPITULO XXXVII.

A victoria. 247

CAPITULO XXXVIII.

O estratagema. 260

CAPITULO XXXIX.

O martyr. 271

CAPITULO XL.

O joven senhor. 278

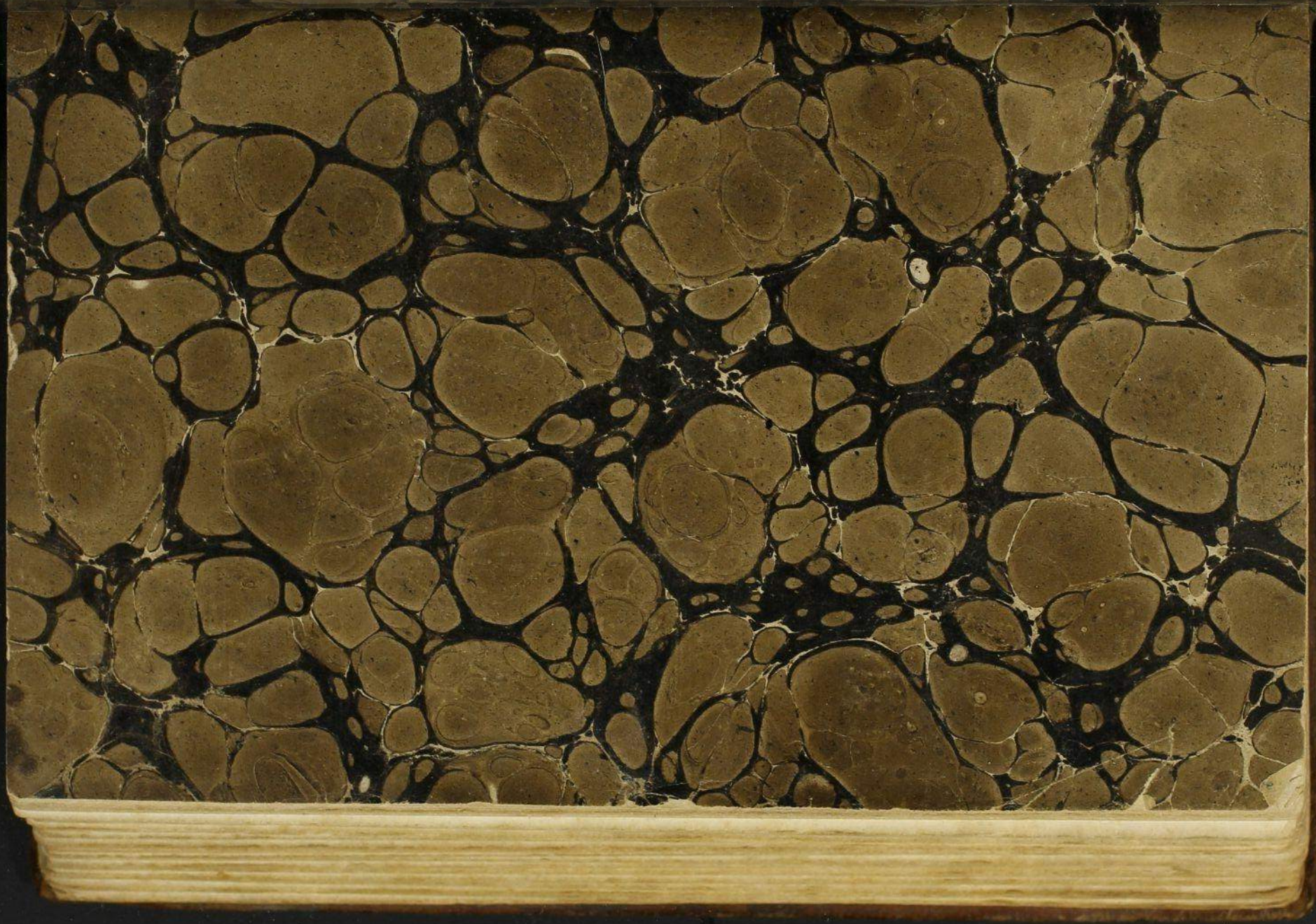
CAPITULO XLI.

Historia authentica d'um phantasma. 285

CAPITULO XLII.

Resultados. 292

CAPITULO XLIII.

O libertadôr. 300

008313